AS PUPILLAS DO SNR. REITOR

CHRONICA DA ALDEIA

POR

JULIO DINIZ

PORTO
TYP. DO JORNAL DO PORTO
31—RUA FERREIRA BORGES—31

1867

transferencia d'ellas para o poder do comprador, ou pelo facto de serem postas á sua disposição.

Art. 1:570—Os gastos da entrega da cousa vendida serão por conta do vendedor, não havendo estipulação em contrario.

Art. 1:571—A entrega dos bens immoveis e dos direitos reputa-se feita, logo que o vendedor entrega ao comprador o respectivo titulo, abonando-lhe o goso da cousa ou do direito, não havendo estipulação em contrario.

Art. 1:572—Se o vendedor deixar de fazer a entrega, por causa que lhe seja imputavel, ao tempo e no logar convencionado, poderá o comprador requerer a entrega da cousa, com perdas e damnos, ou a rescisão do contracto.

Art. 1:573—Se a venda fôr feita com espera do preço, poderá o vendedor exigil-o com os interesses da mora, se não fôr pago no praso convencionado; mas não poderá pedir a rescisão do contracto.

Art. 1:574—O vendedor não é obrigado a entregar a cousa vendida, sem que o preço lhe seja pago, salvo se houver convenção em contrario.

Art. 1:575—O vendedor deve entregar a cousa vendida no estado em que estava ao tempo do contracto, e bem assim todos os seus fructos, rendimentos, accessões e titulos, se outra cousa não foi estipulada.

Art. 1:576—Se a cousa fôr vendida em razão de certo numero, pêso ou medida, poderá ser o contracto rescindido pelo comprador, havendo na entrega falta consideravel ou excesso, que não possa separar-se sem prejuizo da cousa; mas se o comprador quizer manter o contracto, poderá exigir a reducção do preço em proporção da falta, assim como o deve augmentar em proporção do excesso.

Art. 1:577—Sendo o contracto rescindido, em conformidade das disposições do artigo precedente, será o vendedor obrigado a restituir o preço, se o tiver recebido, e a satisfazer todas as despezas, que o comprador tiver feito com o contracto.

Art. 1:578—Se a mesma cousa fôr vendida pelo mesmo vendedor a diversas pessoas, observar-se-ha o seguinte: se a cousa vendida fôr mobiliaria, prevalecerá a venda mais antiga em data; se não fôr possivel verificar a prioridade da data, prevalecerá a venda feita ao que se achar de posse da cousa.

Art. 1:579—Em qualquer dos casos mencionados no artigo precedente, responderá o vendedor pelo preço, que tenha recebido indevidamente, e por perdas e damnos, além da responsabilidade penal em que tiver incorrido.

Art. 1:580—Se a cousa vendida fôr immobiliaria, prevalecerá a venda primeiramente registada, e, se nenhuma se achar registada, observar-se-ha o que fica disposto no artigo 1:578.

AS PUPILLAS DO SNR. REITOR

AS PUPILLAS DO SNR. REITOR

CHRONICA DA ALDEIA

POR

JULIO DINIZ

PORTO
TYP. DO JORNAL DO PORTO
31—RUA FERREIRA BORGES—31

1867

AS PUPILLAS DO SNR. REITOR

CHRONICA DA ALDEIA

I

José das Dornas era um lavrador abastado, sadio e d'uma tão feliz disposição de genio, que tudo levava a rir; mas d'esse rir natural, sincero, e despreoccupado que lhe fazia bem, e não do rir dos Democritos de todos os tempos—rir sceptico, forçado, desconsolador, que é mil vezes peior do que o chorar.

Em negocios de lavoura dava, como se costuma dizer, sota e az ao mais pintado. Até o snr. Moraes Soares teria que aprender com elle. Apesar dos seus setenta annos, desafiava em robustez e actividade qualquer rapaz de vinte. Era-lhe familiar o canto matinal do gallo, e o amanhecer já não tinha para elle segredos não revelados. O sol encontrava-o sempre de pé, e em pé o deixava ao esconder-se.

Estas qualidades, juntas a uma longa experiencia adquirida á custa de muito sol e muita chuva em campo descoberto, faziam d'elle um lavrador consummado, o que, diga-se a verdade, era confessado por todos, sem estorvo de malquerenças e murmurações.

Diz-se que—quem mais faz menos merece, e que mais vale quem Deus ajuda do que quem muito madruga, e não sei que mais—; será assim; mas d'esta vez parecia que se desmentira o ditado ou pelo menos que o facto das madrugadas

não excluira o auxilio providencial, porque José das Dornas prosperava a olhos vistos. Alli por fins de agosto era um tal entrar de carros de milho pelas portas do quinteiro dentro! S. Miguel mais farto poucos se gabavam de ter. Que abundancia por aquella casa! Ninguem era pobre com elle; louvado Deus!

Como homem de familia, não havia tambem que pôr a bocca em José das Dornas. Em perfeita e exemplar harmonia vivera vinte annos com sua mulher, e então, como depois que viuvára, manifestou sempre pelos filhos uma sollicitude, não revelada por meiguices—que lhe não estavam no genio—mas que, nas occasiões, se denunciava por sacrificios de fazerem hesitar os mais extremosos.

Eram dous estes filhos—Pedro e Daniel.—Pedro, que era o mais velho, não podia negar a paternidade. Vêr o pae era vêl-o a elle;—a mesma expressão de franqueza no rosto, a mesma robustez de compleição, a mesma excellencia de musculatura, o mesmo typo, apenas um pouco mais elegante, por que a idade não viera ainda exagerar a curvatura de certos contornos e ampliar-lhe as dimensões transversaes, como já no pae acontecia. Conservava-se ainda correcto aquelle vivo exemplar do Hercules esculptural.

Pedro era, de facto, o typo da belleza masculina, como a comprehendiam os antigos. O gosto moderno tem-se modificado, ao que parece, exigindo nos seus typos de adopção o que quer que seja de franzino e delicado, que não foi por certo o caracteristico dos mais perfeitos homens de outras éras.

A organisação talhára Pedro para a vida de lavrador e parecia apontal-o para succeder a seu pae no amanho das terras e na direcção dos trabalhos agricolas.

Assim o entendera José das Dornas, que foi amestrando o seu primogenito e preparando-o para um dia abdicar n'elle a enxada, a fouce, a vara, a rabiça e confiar-lhe a chave do cabanal, tão repleto em occasiões de colheita.

Daniel já tinha condições physicas e moraes muito differentes. Era o avêsso do irmão e por isso incapaz de tomar o mesmo rumo de vida.

Possuia uma constituição quasi de mulher. Era alvo e louro, de voz effeminada, mãos estreitas e uma saude vacillante.

O sangue materno girava-lhe mais abundante nas veias, que o sangue, cheio de força e vida, ao qual José das Dornas e Pedro deviam aquella invejavel construcção.

Votar Daniel á vida dos campos seria sacrifical-o. Aper-

tava-se o coração do pobre pae, ao lembrar-se que os soes ardentes de julho ou os tufões regelados de dezembro haviam de encontrar sem abrigo aquella debil creança, que mais se dissera nascida e creada em berços almofadados e sob cortinados de cambraia, do que no leito de pinho e na grosseira enxerga aldeã.

E desde então, desde que pensou n'isto, uma ideia fixa principiou a laborar no cerebro d'aquelle pae extremoso e a monopolisar-lhe as poucas horas que o trabalho não absorvia.

De vez em quando o encontravam os amigos devéras preoccupado, o que, sendo n'elle para estranhar, excitava curiosidades e receios e desafiava interrogações.

O reitor foi um dos que mais se importou com a preoccupação do nosso homem.

Era este reitor um padre velho e dado, que ha muito conseguira na parochia transformar em amigos todos os freguezes. Tinha o Evangelho no coração—o que vale muito mais ainda do que tel-o na cabeça.

A qualidade de egresso não lhe tolhia o ser liberal de convicção. Era-o como poucos.

—Ó homem de Deus—disse pois o reitor um dia, resolvido devéras a sondar as profundezas d'aquelle mysterio—que tens tu ha tempos a esta parte? Que empreza é essa em que me andas a scismar ha tantos dias?

—Que quer, snr. padre Antonio? Um homem de familia tem sempre em que cuidar; tem a sua vida e tem a dos filhos.

Foi a resposta que obteve.

—Ora essa!—insistiu o padre—Bem alegre te via eu, e em tempos mais azados para tristezas, e bem alegres vejo muitos com bem outras razões para o contrario. Mas tu! Que mais queres? Tens bons haveres para deixar a teus filhos; mas, quando os não tivesses, sempre eram dous rapazes; e deixa lá, José; um homem é outra cousa que não é uma mulher; onde quer se arranja; toda a terra é sua; em toda a parte encontra que fazer e qualquer trabalho lhe está bem. Agora os pobres, que vejo por ahi com um rancho de raparigas, coitadinhas, que ficam mesmo ao desamparo de todo, se a sorte lhes roubar o pae... esses sim, é que não sei como podem ter um momento de alegria; e comtudo encontral-os nas festas, que é um louvar a Deus.

—É assim, snr. reitor, eu sei que os ha por ahi mais infelizes do que eu, mas...

—Mas então, quem tem saude e a quem Deus não falta com o pão nosso quotidiano, só deve erguer as mãos ao céo, para lhe tecer louvores. Mareia tu a tua vida; que teus filhos não são nenhuns aleijados para precisarem de pedir esmola.

—Graças a Deus que não são, snr. reitor. O Pedro, sobre tudo, não me dá cuidados. O Senhor fel-o robusto e fero; é um homem para o trabalho; e quem póde trabalhar não precisa de outra herança. Pelo trabalho—e com a ajuda de Deus—fiz eu esta minha casa, que não é das peiores, vamos; elle, com menos custo, a póde agora augmentar, se quizer. Mas o Daniel já não é assim. Aquillo é outra mãe—o Senhor a chame lá. Um dia de ceifa é bastante para m'o matar. É a sorte d'elle que me dá cuidado.

—Então é só isso? Ora valha-te Deus! É verdade. O pequeno é fraquito e de certo não póde com o trabalho do campo, mas... para que queres tu o dinheiro, José? Acaso não terás alguns centos de mil reis ao canto da caixa para pôr o rapaz nos estudos? Não pódes fazer d'elle um lavrador? fal-o padre, lettrado, ou medico, que não ficarás pobre com a despeza.

José das Dornas, ao ouvir assim formulado o conselho do reitor, sorriu com a visivel satisfação, que sempre experimentamos vendo que um dos nossos pensamentos favoritos merece a approvação d'alguem, antes de lh'o revelarmos.

—N'isso mesmo pensava eu. Já me lembrou mandal-o estudar, mas tinha cá certos escrupulos.

—Escrupulos! Valha-te não sei que diga! Pois ainda és d'esses tempos? Que escrupulos pódes ter em mandar ensinar teus filhos? Fazes-me lembrar um tio meu, que nunca permittiu que as filhas aprendessem a lêr; como se pela leitura se perdesse mais gente do que pela ignorancia.

—Não é isso, snr. padre Antonio, não é isso o que eu quero dizer; mas custa-me dar a meus filhos uma educação desigual. Vê, vossa senhoria? São irmãos, e, mais tarde, o que tomar melhor carreira e se elevar pelo estudo ha de desprezar o que seguir a vida do pae, a ponto de que os filhos d'um e d'outro quasi nem se conhecerão: é o que mais vezes se vê. Não é uma injustiça que faço a Pedro a educação que dér a Daniel?

—Homem de Deus, não ha desigualdade verdadeira, senão a que separa o homem honrado do criminoso e mau. Essa sim, que é a estabelecida por Deus, que, na hora solemne, extremará os eleitos dos réprobos. Educa bem os teus filhos,

em qualquer carreira em que os encaminhes; educa-os segundo os principios da virtude e da honra, e não os distanciarás, acredita: porque, cumprindo cada um com o seu dever, serão ambos dignos um do outro e promptos apertarão as mãos, onde quer que se encontrem. E no sentido mundano, julgas tu que fazes mais feliz Daniel, por o elevares a uma classe social acima da tua? Ai, homem, como vives enganado! O quinhão de dôres e de provações foi indistinctamente repartido por todas as classes, sem privilegio de nenhuma. Ha infortunios e miserias que causam o tormento dos grandes e poderosos e que os pobres e humildes nem experimentam, nem imaginam sequer. Grande nau, grande tormenta: has de ter ouvido dizer. Sabes que mais, José?—concluiu o reitor—manda-me o rapaz lá por casa, que eu lhe irei ensinando o pouco que sei do latim, e deixa-te de malucar.

Com estas e identicas razões foi o bom do padre convencendo José das Dornas, que nada mais vehementemente desejava do que ser convencido—e, decorridos oito dias, via-se já Daniel passar, com os livros debaixo do braço, caminho da casa do reitor.

II

—O' ti' Thomazia—dizia, ao vêl-o passar, uma velha que, sentada ao soalheiro, fiava, resava padre-nossos e cabeceava com somno—o pequeno do José das Dornas anda agora nos estudos?

—Pois não sabe que o pae o quer pôr a padre?—respondeu a visinha da porta de cima, ao passo que desenredava uma meada e fazia soltar á dobadoura os mais inharmonicos gemidos.

—Toma que te dou eu! A coisa vai de grande então!

—Bem se diz: mais anda quem tem bom vento, do que quem muito rema. Verá você, ti' Custodia, que o Pedro, que se mata com trabalho, ha de ter sempre vida de galés, sem nunca levantar cabeça; e o pelém do irmão é que ha de pimpar de senhor e dar as leis em casa.

—Uma cousa assim! Já agora havia mister d'um senhor abbade ou conego na familia! Ora este mundo sempre está!

—E então veja que padre aquelle! A mim não me engana a pinta. É de boa raça. Não tem dúvida nenhuma.

—Sahe ao lado da mãe, visinha. Lembra-se do tio d'elle? —o Joaquim do Morgado. Que menino!

A inflexão com que este—que menino!—foi pronunciado, era altamente significativa. É de crêr que o referido Joaquim do Morgado, cunhado de José das Dornas, deixasse indeleveis recordações entre as mulheres da sua época.

—Se me lembra! Aquillo era uma cousa por maior. Bastava dar-lhe um bocado de tréla, que elle ahi estava. Nanja eu, commigo nunca elle fez farinha.

E, dizendo isto, desviava a cara e abaixava-se para apanhar o novello que deixára cahir, emquanto a visinha fazia um gesto e resmoneava um áparte inintelligivel, que ambos pareciam contrariar a ultima asserção da velha e pôr em dúvida a sua apregoada isenção d'outros tempos.

—Nem commigo, ti' Thomazia—disse, em tom já elevado, esta do áparte—nem commigo, que elle bem sabia com quem se mettia.

D'esta vez, gesto e áparte pertenceram á outra interlocutora e tinham a mesma significação.

É certo porém que o Daniel ia andando com o seu latim e, dentro em pouco tempo, já papagueava os substantivos e os adjectivos com uma incrivel e surprehendente velocidade.

José das Dornas divertia-se excessivamente a ouvil-o. As declinações ditas pelo filho em voz alta «lá lhe cahiam no gôto», como elle dizia; e já procurava imital-o nas suas horas de bom humor, que, segundo já affirmamos, eram numerosas.

—Diz lá, rapaz, diz lá. Então como é? Como é? *Altrotoro, altrotoro, altrotoro. O' tranca, ó tranca, ó trinque,* ai *diabos, diabos, diabos*. Ah! ah! ah! Ora diz lá, rapaz, diz lá.

E Daniel principiava a repetir as lições, acompanhado das gargalhadas de José das Dornas, que, sem o saber, ia demonstrando com o exemplo um grande preceito de instrucção, tantas vezes recommendado:—o de vencer, pelo estimulo do agradavel, o fastio que acompanha o estudo. De facto, a facilidade, com que Daniel retinha já as enfadonhas lições da arte do padre Pereira, era em parte devida á maneira porque lh'as amenizavam estes gracejos do pae; quanto mais arrevezados eram os nomes, com mais vontade os decorava Daniel, para despertar com elles a estranheza e hilaridade paternas.

Que estrondosas gargalhadas se não deram na noite em que Daniel repetia em voz alta a declinação do relativo *Qui* e seus compostos.

—Ora essa!—dizia José das Dornas—que vem cá a ser isso? *Qui, qui, qui, qui*... Ai que o snr. reitor quer ensinar-me ao filho a lingua dos cevados!

E toda a familia desatava a rir, e Daniel mais que todos.

E assim procedia o menino Daniel nos seus estudos, com grande aprazimento do reitor, que muita vez dizia ao pae, em tom confidencial:

—Sabes que mais, José? O rapaz é esperto e era até um peccado desvial-o do estudo, para que tem tanta quéda. Olha que me estudou as linguagens em oito dias!

José das Dornas não podia avaliar ao certo o genero e grau de difficuldade que vencera o filho; mas entendeu, lá de si para si, que fôra alguma cousa de heroico e n'esse dia não pôde deixar de olhar para o rapaz como se elle tivesse no rosto o que quer que fosse de estranho—a auréola dos predestinados para grandes cousas.

—E então, snr. reitor—perguntou elle um dia ao mestre—o pequeno vai bem?

—Optimamente. O Sulpicio para elle é já como uma agua de unto. Qualquer dia passo-o para o Eutropio e dentro em pouco para o Cornelio.

Estas successivas passagens do Sulpicio para o Eutropio e do Eutropio para o Cornelio impressionaram profundamente José das Dornas.

Lá lhe pareceu aquillo uma façanha gymnastica admiravel.

—Faremos d'elle um padre, snr. reitor?

—Que dúvida! E um padre ás direitas.

Ora aqui é que o bom do parocho se enganava, como, pouco tempo depois, elle proprio reconheceu.

Foi o caso que, ahi por volta d'um anno depois que Daniel principiára os seus estudos—tinha elle então doze para treze annos—começou o reitor a observar que o rapaz lhe vinha um pouco mais tarde para a lição. Ao principio, eram cinco, dez minutos, um quarto de hora de differença. Depois cresceu a demora a vinte, vinte e cinco minutos, meia hora, e o padre pôz-se a parafuzar.

—Já me não vai parecendo bem a historia. Dar-se-ha caso que o rapaz me ande por ahi a garotar? Se eu o sei! E então que ia tão bem! Deixa-o vir, que eu sempre hei de querer saber o que isto é. Nada, não vamos assim á minha vontade. Deixa-o vir.

Se bem o pensou, melhor o fez. Chegou o pequeno, todo

offegante e suádo, como quem viera ás carreiras, e o reitor, fitando-o com um olhar severo e penetrante, disse-lhe, antes de lhe dar as bençãos, que elle, de chapéo na mão, lhe pedia:

—Olha cá, Daniel; d'onde vens tu a estas horas?

O rapaz fez-se vermelho como um lacre, e não atinou com a resposta. Ficou-se a coçar na cabeça, a encolher-se, a engulir em sêcco, a rosnar não sei o quê, e... mais nada.

—Anda, que eu desconfio que me vaes sahindo garoto e, se assim é, tens que vêr commigo. *Grandessissimo* brejeiro! Teu pae manda-te para o estudo ou para andares jogando a pedra com a outra canalha?

—Eu não andei jogando a pedra, não senhor!—exclamou Daniel, com uma tão eloquente vivacidade que, sem possivel illusão, attestava que elle não mentia.

—Então que fez vocemecê até estas horas?

Nova confusão no rapaz.

—Eu hei de saber; hei de mandal-o vigiar, e depois direi a seu pae.

Nos quinze dias que se seguiram a esta scena, Daniel foi pontual ás horas da escóla. O reitor estava satisfeito com a emenda do rapaz e lisongeado, lá muito para si, com o seu poder persuasivo e a conversão que operára com uma simples admoestação.

Ao fim das duas semanas encontrou-se por acaso com José das Dornas e já se não lembrava até de lhe fazer queixa do filho, que assim entrára obediente no bom caminho do dever. José das Dornas, porém, é que se mostrava preoccupado. Quanto mais o padre lhe gabava a habilidade de Daniel, tanto mais o bom do homem parecia constrangido, limitando-se a soltar uns inintelligiveis monosyllabos em signal de approvação.

—Que tens tu, José? a modo que te estou estranhando! —exclamou o reitor, já um pouco impaciente.

—É que, snr. padre Antonio, eu... a fallar a verdade... queria dizer-lhe uma cousa.

—Pois diz, homem; diz para ahi. Então déste agora em fazer ceremonias commigo?

—Eu sei o grande favor que o snr. reitor me faz, ensinando o pequeno...

—Bem, bem, adiante. Deixemo-nos agora d'isso. Se eu o ensino, é porque quero e gósto. O que estimo é que elle aproveite, como de facto aproveita; o mais são historias.

—Pois muito agradecido. Mas dizia eu... sim... custa-me a explicar...

—Com S. Pedro! Falla, homem, diz lá o que tens a dizer.

—É que o rapaz a modo que é fraquito, e então...

—E então, o quê?

—Tenho medo que, estudando de mais, me adoeça por ahi, e...

—Mas elle estuda de mais?

—Não, senhor; mas... sim... queria eu dizer, que talvez fosse bom que o snr. reitor o demorasse menos na aula. Digo eu isto, mas se vir que...

—Sim, sim, mas então... vamos a saber, então elle demora-se muito?

—Não digo que seja muito. Tudo é necessario. Bem sei; mas... quero eu dizer... para quem é fraco, como elle... Como sahe ás duas horas e vem só ás trindades... e ás vezes é noite fechada...

O reitor ficou como se lhe cahira o coração aos pés, ficou...—diga-se a phrase, visto que a authorisou quem podia —ficou desapontado. Das duas horas ás trindades, e á noite cerrada ás vezes, quando elle lhe entrava em casa ás tres e lhe sahia pouco depois das cinco! Tinha assim o padre de modificar duplamente o seu juizo—emquanto ao rapaz e emquanto a si—descrendo da conversão do primeiro e do seu proprio poder de cathequese. Este sacrificio, em duplicado, custou-lhe e conservou-o por algum tempo mudo. Esteve para contar ao pae a historia toda, mas calou-se. Tinha um coração generoso a final de contas, e comprehendeu que a revelação iria affligir o velho.

—Tens razão, homem—limitou-se, pois, a dizer.—Tens razão. O rapaz ha de sahir mais cedo. Eu olharei por isso. Mais alguns dias só, para chegar cá a um ponto que eu quero, e depois será como dizes.

E lá comsigo dizia o bom do padre:

—Deixa estar, meu Danielsinho, que eu hei de saber para onde tu me vaes, depois que te mando embora. Deixa estar, deixa, que me não tornas a enganar, meu menino.

E foi para casa com firme resolução de elucidar este negocio.

III

No dia seguinte deu Daniel a lição do costume, e ás cinco horas recebeu ordem de se retirar,—ordem, cuja execução, como era natural, não se fez esperar muito.

Elle a voltar costas, e o reitor a pôr o chapéo na cabeça para lhe ir na pista.

A tarefa não era facil; basta lembrarmo-nos da agilidade de Daniel, natural á sua idade, e comparal-a com os já tropegos movimentos do velho padre, que, com a pressa que levava, impellia diante de si todas as pedras soltas do caminho.

Foi seguindo direito pelas ruas que o conduziam a casa de José das Dornas, e perguntando a quantos conhecidos encontrava, sentados pelas portas ou debruçados nas janellas, se tinham visto passar o pequeno. Por muito tempo foram as respostas affirmativas, o que satisfazia o reitor, pois indicava-lhe que, até áquelle ponto, o rapaz não se havia extraviado, deixando de seguir o caminho de casa.

Chegou, porém, a um largo, onde desembocavam differentes ruas e azinhagas, e as cousas mudaram então de face.

O reitor, continuando a seguir o seu systema de indagações, tomou a direcção que devia mais promptamente conduzir o pequeno Daniel aos lares paternos.

Á porta d'uma casa terrea, que havia na esquina, dobava uma velha, a qual, ao vêr aproximar-se o reitor, ergueu-se, com toda a cortezia, da cadeira em que estava sentada.

—Muito boas tardes, tia Bernarda. Diga-me, viu passar por aqui o pequenito do José das Dornas?

—Nosso Senhor venha na companhia de v. s.ª Pois nada, não senhor, snr. reitor. O rapazinho passava d'antes por aqui todas as tardes; mas haverá cousa de quinze dias, ou tres semanas, que já o não tenho visto.

O reitor pôz-se a coçar na orelha. O delicto principiava a fazer-se evidente.

—Esta agora!—murmurava elle devéras zangado, e depois accrescentou mais alto:—E eu que me esqueci de lhe dar um recado para o pae! Diacho!

—Se v. s.ª quer, eu mando lá a minha neta.

—Nada, não; obrigado. A cousa tambem tem tempo. Fique-se com Deus, tia Bernarda, e agradecido.

—Nanja por isso, meu senhor.—E a velha fez nova reverencia.

—Temos historia—dizia o reitor franzindo o sobr'olho e tomando por outro dos caminhos que communicavam com o largo.—Perguntemos aqui,—e parou junto d'um alpendre rustico, debaixo do qual estava sentado um velho quasi paralytico, que procurava nos raios do sol o calor que lhe escasseava nos membros, já regelados pela idade.

—Boas tardes, tio Bonifacio—disse o reitor, elevando a voz e parando defronte d'elle.

—Snr. padre Antonio, um criado de v. rev.^{ma}

—Sabe-me dizer, tio Bonifacio, se o pequeno do José das Dornas passou ha pouco tempo por aqui?

O velho, já meio surdo, fez repetir a pergunta em tom mais elevado, e, depois d'um momento de silencio, durante o qual pareceu interrogar a memoria, já pêrra e enfraquecida:

—Sim, senhor, vi—respondeu, acenando affirmativamente com a cabeça.—Vi, sim, senhor. Passou aqui com os bois, ha meia hora.

—Com os bois!... Ai, esse é o Pedro. Fallo no pequeno, no Daniel.

—Ah!... nada... esse... ah! sim, sim... um que anda nos estudos?

—Esse mesmo.

—Sim, pelos modos que, agora n'este instante passou elle, a correr, para o lado dos açudes.

—Obrigado, tio Bonifacio.

—O mafarrico do rapaz que terá que fazer para o lado dos açudes?—dizia o padre comsigo, tomando a direcção indicada. Effectivamente, pelo novo caminho que seguia, iam-lhe dando informações de Daniel, accrescentando de mais a mais que, havia cousa de duas semanas, era elle certo por alli todas as tardes.

O reitor dava-se a perros, para atinar com o motivo de semelhante rodeio.

—Em nome do Padre, do Filho e do Espirito Sancto! Para que virá o rapaz dar esta exquisita volta!

De certo ponto por diante falharam-lhe as informações, porque o sitio tornava-se quasi despovoado.

A tarde ainda estava longe do seu fim; mas umas nevoasitas começavam a levantar-se dos campos e lameiros e o reitor, que tinha o seu rheumatico a attender, já ia perdendo grande parte d'aquelle fogo com que encetára a pesquiza.

No meio de um estreito e alagado caminho, que seguia tortuosamente por entre dous campos de centeio, parou e entrou a reflectir:

—O rapaz sumiu-se. Para o ir procurando assim á tôa e a estas horas do dia, não estou eu. Vão lá atraz do homem da capa preta. Quem sabe onde o diabrete foi dar agora comsigo? O pae que o procure, que tem obrigação d'isso. O melhor é retirar em boa ordem, antes que venha o frio da noite.

Já se preparava para seguir o prudente conselho, que a si proprio acabava de dar, quando lhe despertou a attenção um assobiar agudo e vibrante, cujo timbre lhe era tão conhecido como a toada da cantiga que executava.

—Olá!—disse o reitor, parando, equilibrado sob duas alpondras no meio do lamaçal do caminho.—Moiros na costa, ou eu me engano muito!

Pôz-se a escutar de novo e cada vez mais parecia confirmar suas suspeitas, acabando de se convencer de todo quando, ao assobiar succedeu uma voz infantil que elle logo reconheceu por a do discipulo, cantando, ainda na mesma toada, que era a de uma musica popular, as seguintes coplas:

Morena, morena,
Dos olhos castanhos,
Quem te deu, morena,
Encantos tamanhos?

Encantos tamanhos
Não vi nunca assim.
Morena, morena,
Tem pena de mim.

Morena, morena,
Dos olhos rasgados,
Teus olhos, morena,
São os meus peccados.

São os meus peccados
Uns olhos assim.
Morena, morena,
Tem pena de mim.

Morena, morena,
Dos olhos galantes,
Teus olhos, morena,
São dous diamantes.

São dous diamantes
Olhando-me assim.
Morena, morena,
Tem pena de mim.

Morena, morena,
Dos olhos morenos,
O olhar d'esses olhos
Concede-me ao menos.

Concede-me ao menos
Não sejas assim.
Morena, morena,
Tem pena de mim.

—Temos o homem—disse o reitor, depois de ouvir a cantiga e enfiou resoluto pela rua adiante. Mas, tendo dado alguns passos mais, parou como se mudasse de tenção.

—Nada, não convém que me veja. É preciso espial-o, sem que elle dê por isso.

Feita esta reflexão, passou um rapido exame ao terreno e retrocedeu. Dobrou novamente a esquina da viella em que se introduzira; costeou o campo do lado direito, até se lhe deparar uma cancella rustica, que não lhe oppôz a minima resistencia, e, occulto pelo centeio, caminhou, o mais prudentemente que pôde, até ao logar correspondente áquelle d'onde partia a voz e d'ahi por diante até descobrir a caça que procurava. Não levou muito tempo a realisar o seu intento.

Eis a scena que viu o reitor, acocorado entre o centeio, com a bengala fixa no chão, mãos apoiadas na bengala, e queixo apoiado nas mãos.

IV

Defronte do campo, d'onde, com as melhores intenções d'este mundo, o reitor estava espionando, e separado apenas d'elle pela estreita e humida rua, de que já fallamos, estendia-se um tracto de terreno inculto, muito coberto de tojo e de giestas e d'essa espontanea vegetação alpestre, que, no nosso clima, enflora ainda os montes mais áridos e bravios.

Dispersas por toda a extensão d'este pasto, erravam as

ovelhas e cabras d'um numeroso rebanho, de que eram unicos guardadores um enorme e respeitavel cão de pastor e uma rapariguita de, quando muito, doze annos de idade.

Até aqui nada de notavel para o reverendo parocho.

Mas o que o maravilhou foi o grupo que formavam, n'aquelle momento, a pequena zagala, o cão e o nosso conhecido Daniel, por via de quem o bom do padre emprehendera tão trabalhosa excursão.

A pequena, sentada junto d'uma pedra informe e musgosa, folheava com attenção um livro, dirigindo, de tempos a tempos, meios sorrisos para Daniel, que, deitado aos pés d'ella, debruços, com os cotovellos fincados no chão, e o queixo pousado nas mãos, parecia, ao contemplar embebecido os olhos da engraçada creança, estar divisando n'elles todos os dotes mencionados na canção da *morena*, que lhe ouvimos cantar.

Jaziam ao lado dos dous uma roca espiada e os livros de Daniel.

Completava o grupo o cão, enroscado junto do pequeno estudante com desassombrada familiaridade e denunciando assim que o conhecimento entre elles, e por conseguinte de Daniel com a pastora, não era já de muito recente data.

Este grupo, apesar de toda a sua belleza artistica, realçada pelas meias tintas do crepusculo e por o fundo alaranjado do céo, sobre que se desenhavam os rendados das arvores ao longe, não agradou de maneira alguma ao reitor, que, com um franzir de sobr'olho, mostrou claramente a contrariedade que elle lhe fazia experimentar.

Esteve para surgir d'entre o centeio e mostrar-se, aos enlevados personagens d'este idilio infantil, severo e terrivel, como o vulto gigante do Adamastor, nas estancias do grande epico.

Pôde, porém, conter-se e constrangeu-se a observar a scena com mal reprimido desagrado.

A pequena, que estivera por muito tempo inclinada sobre o livro, como a luctar com alguma difficuldade de leitura, que procurava vencer por si, acabou por fazer um gesto de impaciencia, e, apontando com o dedo a palavra da dúvida, collocou a pagina diante dos olhos de Daniel, perguntando-lhe:

—Isto que quer dizer?

Daniel olhou por algum tempo para o livro, e a final respondeu:

—*Cataclismo.*

—E que vem a ser cataclismo?

Daniel ficou embaraçado. A fallar a verdade, elle não sabia bem o que era cataclismo. Não teve coragem para o dizer francamente e titubeou:

—Cataclismo... sim... cataclismo é... sim... Eu sei o que é... agora para t'o dizer é que... Cataclismo...

O reitor, apesar da posição critica em que estava, não deixou de se zangar lá comsigo, ao vêr um discipulo seu não poder desenredar-se de taes difficuldades philologicas.

Margarida, que era este o nome da pequena, adivinhou a causa da hesitação de Daniel e delicadamente lhe pôz fim, olhando outra vez para o livro e continuando a estudar em silencio.

D'ahi a pouco voltou, porém, a consultar o seu pequeno mestre.

—E isto? Como se lê?

—*Metempsychose*—foi a resposta de Daniel.

—E o que vem a ser?

D'esta vez ainda o embaraço de Daniel era maior. Nunca elle soubera o que fosse metempsychose, e, como pela segunda vez se via pilhado em falso, perdeu a paciencia. Sahiu-se dos apertos, como alguns professores em casos analogos.

—Ora, isso é uma cousa que leva muito tempo a explicar.

Margarida resignou-se a não entender.

Uma terceira interrogação. D'esta vez foi a palavra *pragmatica* que a originou.

Daniel estava em maré de infelicidades. Esta acabou de o impacientar. Tirando o livro compromettedor das mãos da sua discipula, disse com certo despeito mal encoberto:

—Deixa-te de estudar, Margarida; não estou agora para isso.

—Mas depois... ámanhã...

—Ámanhã? Que tem? Socega que não te castigo. E demais inda tens muito tempo. Não vês que eu só venho de tarde?

—Mas...

—Mas... agora não quero que estudes, quero que cantes.

—Ora cantar! Que hei de eu cantar?

—A cantiga da *morena*.

—Eu não gosto d'ella.

—Não?

—Eu, não.

—Então de qual gostas mais, Guida?—perguntou Daniel, dando á pergunta e sobretudo áquella familiar alteração do nome de Margarida, uma musica de affectuoso galanteio, que não deixaria ficar mal ninguem.

—A da *Cabreira* é muito mais bonita.

—Já me não lembra bem. Pois então canta a da *Cabreira*.

—Agora não.

—Agora sim; e porque a não has de cantar agora?

—A minha irmã Clara é que a sabe cantar bem, eu não.

—Ora adeus, ella é ainda uma creança—disse Daniel com um soberbo gesto de homem.—Eu quero-a ouvir a ti.

—Eu julgo que nem a sei.

—Sabes, sabes, ora vamos a vêr.

—Olhe... eu canto, mas...

E Margarida pôz-se então a cantar e com uma voz tão sonora e agradavelmente infantil, que, se o reitor estivesse despreoccupado, n'uma posição mais commoda e disposto a julgar com imparcialidade, confessaria que era excellente. Mas, na ausencia d'estas condições de juizo desapaixonado, foi um critico como quasi todos.

—Ahi vai o que ella cantava, em uma d'essas singelas e monotonas melopeias de quasi todas as nossas chacaras populares:

Andava a pobre cabreira
O seu rebanho a guardar,
Desde que rompia o dia
Até a noite fechar.

De pequenina nos montes
Não tivera outro brincar,
Nas canceiras do trabalho
Seus dias vira passar.

—Assim como tu—disse Daniel.

Margarida sorriu, fazendo com a cabeça um movimento affirmativo, e continuou:

Sentada no alto da serra,
Pôz-se a cabreira a chorar.
Porque chorava a cabreira,
Ides agora escutar:

«Ai! que triste a sina minha,
«Ai! que triste o meu penar,
«Que não sei de pae nem mãe,
«Nem de irmãos, a quem amar.

«De pequenina nos montes
«Nunca tive outro brincar.
«Nas canceiras do trabalho
«Meus dias vejo passar.

Mas, ao desviar os olhos,
Viu cousa que a fez pasmar.
Uma cabra toda branca
Se lhe fôra aos pés deitar.

—Assim, pouco mais ou menos—disse Daniel, pousando a cabeça nos braços encruzados sobre as urzes do chão.

Margarida proseguiu:

Branca toda, como a neve,
Que nem se deixa fitar,
Coberta de finas sedas,
Que era cousa singular!

E, maliciosamente, com um sorriso de travessura infantil, passou os dedos por entre os cabellos de Daniel.

Nunca a tinha visto em antes
No seu rebanho a pastar,
E foi a fazer-lhe festa...
E foi para a afagar...

E continuava a correr as mãos pela cabeça de seu joven companheiro, que sorria.

Eis vai a cabra fugindo
Pelos valles sem parar;
Ia a cabreira atraz d'ella,
Mas não a pode alcançar.

E andaram assim tres dias
E tres noites, sempre a andar!
Até que ás portas de uns paços
A final foram parar.

Chorava o rei e a rainha
Ha dez annos, sem cessar,
Que lhe roubaram a filha
N'uma noite de luar.

E dez annos são passados
Sem mais d'ella ouvir fallar.
Eis chega a cabreira á porta,
Á porta se foi sentar.

«Ai que bonita cabreira...

E Margarida, ao cantar este verso, não pôde conservar-se séria, vendo Daniel levantar os olhos para ella.

«Que lá em baixo vejo estar!
«E uma cabra toda branca,
«Que nem se deixa fitar.

«Meus criados e escudeiros
«Ide a cabreira buscar.»
Isto dizia a rainha,
Este foi o seu mandar.

Foram buscar a cabreira
E a cabra de a acompanhar
Até ás salas dos paços
Onde o rei as viu chegar.

«Pela minha c'rôa de ouro
«Eu quero agora apostar
«Que é esta a filha roubada
«N'uma noite de luar.»

Milagre! quem tal diria!
Quem tal podéra contar!
A cabrinha toda branca
Alli se pôz a fallar.

A seguinte quadra foi cantada tambem por Daniel, e sem offensa da harmonia:

«Esta é a filha roubada
«N'uma noite de luar,
«Andou sete annos no monte
«Quem nasceu para reinar!»

O resultado da intervenção de Daniel foi acabarem os dois a rir, com grande risco de deixarem incompleta a cantiga.

A rogos do seu companheiro, Margarida, passados alguns momentos, concluiu:

Que alegrias vão nos paços
E que festas sem cessar!
A filha ha tanto perdida,
No throno os paes vão sentar.

E vem damas para vestil-a
E vem damas p'r'a calçar
E as mais prendadas de todas
Para as tranças enfeitar.

Vão procurar a cabrinha...
Ninguem a póde encontrar:
Mas...

Foi olhando para Daniel que a pequena Guida terminou:

Mas um anjo de azas brancas
Viram aos céos a voar.

E assim acabou a ultima quadra da chacara e, por algum tempo, as duas creanças se conservaram caladas, como se quizessem seguir ainda, até ás derradeiras vibrações, as notas melodiosas d'aquella voz, ao desvanecerem-se no espaço.

Daniel foi o primeiro a romper o silencio.

—Então vês como a soubeste até ao fim? E cantaste-a tão bem!

—Ora!

—Mas é noite, Guida. Repara. Olha que são horas de tu ires juntando o gado.

E accrescentou, suspirando melancolicamente:

—D'aqui a pouco estou eu de volta com o meu latim! E que lição tamanha me marcou o padre para ámanhã!

—Então de que tamanho é?

—Olha; vai vendo—disse Daniel, abrindo a Selecta e mostrando a Margarida as folhas que o reitor lhe marcára para estudar.—É esta lauda... e esta... e esta, até aqui.

—E então isso que diz?

—Conta a vida lá d'uns generaes antigos, que fizeram

guerras e mortes e que quasi sempre se matavam a si, quando os não matavam a elles.

—E para que é preciso que saiba essas historias quem quer ser padre?

—Eu sei lá. Mas que estás tu a dizer? Padre! padre! Não me falles em ser padre, Guida. Elles cuidam que eu quero mesmo ser padre. Estou querendo.

—Então?

—Ora, quando chegar a occasião eu lh'as cantarei. Ainda está por nascer o barbeiro que me ha de abrir a corôa. O tio João das Bixas disse-me no outro dia—a rir, já se sabe—que já tinha em casa uma navalha afiada para isso; eu fui-lhe dizendo que bem deixava então navalha para o barbearem em morto.

—Mas o seu pae mata-o!...

—Meu pae? Deixa-te d'isso. Meu pae não ha de querer fazer-me padre á força.

—Mas o snr. reitor?

—O snr. reitor não é cá chamado. Que se metta com a sua vida. Ora é muito boa!

—E porque não quer ser padre, Danielsinho?

—Olhem que pergunta! Não quero ser padre, porque não quero, porque gosto de ti e porque, a final de contas, hei de vir a casar comtigo.

—Ora!

—Hei de sim. Verás.

E, dizendo isto, passou familiarmente o braço pelo pescoço da pequena Guida e pousou-lhe na fronte um beijo, que ainda nem sequer a fazia córar.

O reitor estava escandalisado e estupefacto por quanto vira e ouvira.

Tivesse assistido, em pessoa, ao apparecimento do Anti-Christo, que não se maravilhára tanto.

Esta scena inoffensiva, esta ecloga entre duas creanças parecia-lhe mais abominavel, do que a outro qualquer as mais impudicas aventuras d'aquelle heroe, que Byron immortalisou com o nome de D. Juan, nome, já antes d'elle, de pouco austera memoria.

Ao chegar a seus attonitos ouvidos a vibração sonora do beijo, que terminou o dialogo, o padre estremeceu como se acabasse de escutar um silvo de serpente cascavel, e não pôde reprimir uma interjeição desapprovadora, bastante audivel,

para ser percebida por todos os personagens da scena que descrevemos.

—Não ouviste, Guida? Que foi aquillo?—disse Daniel, já meio erguido, e olhando com certa inquietação em redor de si.

—Não é nada—respondeu esta—pouco mais a sangue frio.

Mas, n'este tempo, já o cão se havia levantado e ladrava furiosamente na direcção do logar onde o reitor estava escondido.

—Aqui, Gigante, aqui!—bradava-lhe em vão Margarida.

—O que estará acolá no centeio, para o cão ladrar assim?—perguntou Daniel, já sem pinta de sangue.

E o cão ladrava cada vez mais, e parecia prompto para arremetter contra um inimigo occulto.

O reitor, como é de prever, começava a achar-se muito pouco á vontade.

—Aqui, Gigante!—continuava a pequena, já cansada de bradar. Mas Daniel, assustado, valeu-se do cão, como instrumento de exploração e defeza, e soltou uma palavra imprudente:

—Busca, Gigante, pega!

Não foi preciso mais nada.

O Gigante galgou de um salto o estreito caminho, que o separava do campo, onde o reitor cada vez suava mais com a imminencia do perigo, e, rompendo por entre o centeio, veio pousar triumphantemente as patas dianteiras sobre os hombros do pobre velho, que julgou vêr a morte na figura d'este monstruoso cão.

Como esses bonecos, que fazem as delicias dos pequenos feirantes do S. Miguel e do S. Lazaro, no Porto, e que, ao abrir-se a caixa, que os contém, são repentinamente expellidos por uma mola interior, o parocho, ao toque magico do agigantado quadrupede, ergueu-se de subito sobre os calcanhares, e meio suffocado pelo susto, e com as faces enfiadas, bradou para Daniel:

—Chama este cão, rapaz endemoninhado! Elle mata-me!

Daniel é que não lhe podia valer, tão embasbacado ficou com a inesperada apparição do seu mestre. A mulher de Loth por certo não se conservou tão immovel, depois do fatal momento, em que cedeu á sua irresistivel curiosidade.

A pequena Margarida é que salvou a situação—como me parece que se costuma dizer em politica.—Armou-se da maior

severidade, que lhe era possivel, e com uma inflexão de voz imperiosa, pronunciou um—«aqui, Gigante!»—que foi promptamente obedecido.

O reitor estava salvo, mas ainda não senhor seu, e devéras chufado com as circumstancias ridiculas, que acompanharam a sua descoberta. Ora, como sempre acontece, estas circumstancias inhabilitavam-o para assumir o caracter severo, grave e pedagogico, necessario a quem se propõe a dar uma reprehensão, ou a fazer uma prática de moral.

Com muito bom senso renunciou, pois, o reitor a este projecto, e, sem dar palavra, virou costas e abandonou o logar d'esta aventura, interiormente quasi tão pouco satisfeito comsigo como com o seu discipulo.

Daniel, passados alguns momentos mais de silencioso pasmo, desatou a rir, a rir, a rir, d'esse expansivo e contagioso rir de creança, que não tem outro igual. Esqueceu o que para elle havia de estranho e sério em tudo aquillo, e as consequencias que poderia ter, para só se lembrar da carantonha que fazia o reitor, a gritar que lhe acudissem, do susto que apanhára, do aspecto sorumbatico que levava ao partir, e por isso tudo ria a bandeiras despregadas.

Vejam lá se o padre não fez bem em adiar o sermão para occasião mais opportuna.

Porém, Margarida? Essa é que se não ria. Um certo instincto de delicadeza, innato em quasi todas as mulheres, não sei que vaga presciencia de infortunio, que algumas, de creança, possuem, parecia-lhe estar dizendo que tudo aquillo, sem saber porque, lhe poderia vir a ser funesto.

E emquanto que Daniel ria, ella, coitada, não se pôde conter, e começou a chorar.

—Que tens tu, Guida? Isso que é?—perguntou-lhe Daniel, já sério e meio sensibilisado—Porque choras assim?

—Deixe-me. Não sei bem... mas sinto uma tristeza... e tamanha... tamanha!... Vamos. É tarde, vou juntar o gado.

—E eu ajudo-te.

—Não. Vá para casa e corra bem, antes que o snr. reitor chegue lá primeiro.

—Pois elle irá?...

—Ande... corra.

Foi então que Daniel reconheceu que Margarida podia ter alguma razão em não levar o caso a rir, e que não devia ser para elle uma cousa de todo insignificante a apparição do

padre alli Por isso disse adeus á sua companheira, e deitou a correr para casa.

V

No dia seguinte, que era um domingo, vestia-se o reitor na sachristia, para celebrar a missa conventual. Entre as diversas pessoas, que assistiam a este acto, avistou elle o nosso conhecido José das Dornas, e a lembrança do occorrido na vespera surgiu-lhe outra vez ao espirito, acompanhada de todas as circumstancias desagradaveis, que se deram então. Durante a noite, havia o padre, a sós com o seu travesseiro, tomado uma resolução. Foi pensando n'ella que, n'um momento em que José das Dornas se aproximou mais do logar, em que elle se apparamentava, lhe disse:

—Logo, depois da missa, espera-me lá fóra, no adro, que temos que conversar.

José das Dornas fez um signal de assentimento, e entrou para a capella.

Nada occorreu durante a missa, que exija especial referencia. Foi dita pelo reitor com todas as formalidades do ritual, e escutada pelo auditorio, e principalmente por José das Dornas, com respeitosa attenção.

Acabada ella, formaram-se differentes grupos pelo adro, do qual uma frondosa alameda fazia, n'aquella época do anno, um dos logares mais appeteciveis da terra; José das Dornas trocou meia duzia de palavras com alguns conhecidos seus. Fallou no tempo, no aspecto das searas, nas mudanças da lua, e, pouco a pouco, foi ficando cada vez mais desacompanhado, porque os aldeãos iam dispersando, attrahidos pela lembrança do jantar, que os esperava.

Finalmente achou-se de todo só e pôz-se, de mãos nos bolsos, a passear no adro. No entretanto ia fazendo suas conjecturas sobre os motivos que levariam o reitor a mandal-o esperar, e sobre a natureza da conversação que ia ter com elle.

Estas conjecturas porém não lhe offereciam solução que o satisfizesse e, muito razoavelmente, acabou o homem por se decidir a esperal-a do entretenimento que não podia tardar.

De facto não tardou. O reitor sahiu a final da sachristia,

e dirigiu-se immediatamente para José das Dornas, que se descobriu ao avistal-o.

—Está á vontade, José, está á vontade. Ora... nós temos que fallar a respeito do teu pequeno.

—Então é preciso comprar-lhe mais alguns livros? O que v. s.ª vir que...

—Nada, nada. A cousa agora é muito differente.

—Então?

—É que... Ora escuta, José. Lembras-te de que eu te disse, aqui ha tempos, que o rapaz havia de ser padre?

—Se lembra? Muito bem. E eu disse...

—Bem, bem. Pois... se queres que te falle a verdade... parece-me que o melhor... é dar-lhe outra arrumação.

José das Dornas parou e pôz-se a olhar boquiaberto para o reitor.

—Então... o pequeno não tem memoria para os estudos?

—Tem, tem, e até de mais. Mas... ouve cá: Esta vida de sacerdote quer vocações decididas. Não as havendo, é um grande erro abraçal-a, e um grande peccado constranger ninguem a seguil-a contra vontade.

—Credo! Pois quem diz menos d'isso? Mas então, acha o snr. reitor que o rapaz não terá quéda?...

—Hum, hum... — murmurou o reitor—Parece-me que não tem grande quéda, não.

—Valha-me Deus, mas... porque julga v. s.ª isso?—e queira perdoar se sou confiado em perguntar.

—Cá por certas cousas.

—E eu que até me parecia que o pequeno fôra mesmo talhado para a vida!

—Tambem eu o julgava.

—O seu gosto era ajudar á missa.

—Olha lá se o vês agora?

—Até pelos seus brinquedos. Olhe que não havia para elle como armar igrejinhas e prégar sermões.

—Isso agora... emquanto a gostos e brinquedos... parece-me que houve sua mudança ultimamente.

—Então?

O reitor hesitava em revelar a verdade inteira a José das Dornas; por isso, a esta pergunta, começou ainda a titubear, e respondeu evasivamente:

—Sim... creio que já se não entretem muito com igrejinhas...

—Ah! pois sim... mas... é que agora tem já outras canceiras... Os estudos...

—Ah!... os estudos... É o que me lembra.

—Olhe, snr. reitor, continuava José das Dornas, um tanto incredulo a respeito da mudança de inclinação do filho—eu, finalmente... sim... como o outro que diz... não sei lá as razões que tem v. s.ª para pensar d'essa fórma... mas a mim, está-me a parecer, que v. s.ª se engana.

O reitor tinha attingido os limites da sua grande paciencia. Esta dúvida de José das Dornas, ainda que formulada a medo, acabou de resolvel-o a ser mais explicito.

—E se eu te disser, José das Dornas—exclamou elle, parando e voltando-se para o seu interlocutor—se eu te disser que o teu filho Daniel, apesar dos seus doze, ou treze annos, que será a idade d'elle, tem já na aldeia a sua conversada?

José das Dornas parou, como fulminado.

O reitor continuou o seu caminho.

—Que diz, snr. reitor?!—exclamou a final José das Dornas, atrazado já uns cinco ou seis passos, e na mesma posição em que o deixára a revelação.

—O que sei!—respondeu o reitor, com um eloquente laconismo.

—Em nome do Padre, do Filho, e do Espirito Sancto!—Está o mundo rôto!—Pois o rapaz... O' snr. reitor, palavra, que, se fosse outra pessoa que m'o dissesse, eu não acreditava.

—E se eu te affirmar que vi, com os meus olhos, o teu Daniel, sentado no monte ao pé da rapariga, cantando juntos, lendo juntos, e affirmando-lhe o rapaz que nunca ha de ser padre, pois queria casar com ella?

—Ora, ora, snr. reitor, essa é demais. Ha de perdoar, mas essa...

—E se eu te disser que elle lhe deu um beijo?—accrescentou o padre, em tom confidencial.

—Um beijo!

—E se eu te disser que elle, todos os dias, me sahe da aula ás cinco horas, e passa o resto da sancta tarde junto da pequena?

—Ora o rapazinho!

—Então já vês que não convém fazel-o padre. Para dar maus exemplos, temos cá infelizmente bastantes. E quando o panno é assim em amostra, que fará a peça inteira!

—Mas que lhe havemos de fazer agora?

—Se te guiares pelos meus conselhos, ahi tens um plano: deixa-te de ordenar o rapaz. Pega n'elle e remette-m'o quanto antes para um collegio, onde lhe não deixem pôr o pé em ramo verde. Fal-o depois medico... advogado... o que quizeres e que a elle não repugne.

—Então quer dizer que o mande para Coimbra?

—Para Coimbra?... Eu sei?... Homem, a fallar a verdade, semente d'esta em Coimbra, é para dar uns fructos por ahi além. Para o Porto, onde elle possa estar sob as vistas dos parentes que lá tens, vai muito melhor. Põe-m'o a cirurgião. Elles hoje, dizem, que sabem de lá como de Coimbra, e olha que é uma boa carreira. O nosso João Semana está velho, e, morrendo elle, não temos por aqui mais ninguem. Mas é preciso tractar já d'isso. Impõe-me o rapaz d'aqui para fóra, se queres fazer d'elle alguma cousa de geito.

—Mas, ó snr. reitor, e quem era a cachopa?

—Isso agora é que já não é da tua conta. Faz o que eu te digo, e deixa o resto.

E, n'estes termos, se separaram os dous, tomando cada um a direcção de casa.

José das Dornas ainda esteve por algum tempo impressionado com o que lhe acabára de dizer o reitor.

Ha noticias d'uma digestão demorada e laboriosa, como a de certos alimentos.

Emquanto ella dura, o espirito não se acha á vontade e como que se agita sob a influencia de uma incómmoda sensação; mas, pouco a pouco, opera-se um intimo trabalho assimilador, acalma-se a especie de febre digestiva, que acompanhára aquella elaboração mental, e tudo entra na ordem. A noticia, que nos impressionára, perde emfim quanto se nos havia figurado ter de estranho; sentimo-nos mais livres, e em mais felizes disposições para encararmos os factos.

Assim aconteceu com José das Dornas: o que, ao principio, lhe avultára como calamidade, acabou por se transformar em uma cousa naturalissima e engraçada até; o que lhe parecera desmoronamento d'um bello edificio em construcção, convenceu-se em pouco tempo que não passava d'uma reforma preparatoria para um futuro melhor; e de carrancudo e pesaroso, que ficára ao principio, acabou por se tornar prazenteiro e quasi risonho.

—O rapaz sahe-me da pelle do diabo! Com que, já tinha tambem a sua conversada! Havia mister! Ah! ah! ah! E o rei-

tor atrapalhado! Ah! ah! ah! Agora é que eu lhe acho graça! E como elle soube dizer que não havia de ser padre, porque queria casar! Ora o rapazinho! Esperto é elle! oh lá! Mas como diabo o ouviu o reitor? A fallar a verdade... o pequeno tem razão. Eu, que tão bem me dei com aquella sancta, que está no céo, como havia de obrigar um filho meu a não gosar de uma felicidade como a minha? Deixar o rapaz... Quer casar?... Faz elle muito bem. Deus lhe depare uma boa cachopa, que seja mulher de casa... Mas quem seria a tal? Isso é que o padre não diz. Pois hei de sabel-o. Sempre mandarei o pequeno para o Porto... E que dúvida? Nas terras grandes é que se fazem os homens... Ha de ser cirurgião, se quizer. O reitor lá n'isso diz bem. O João Semana está acabado... Padres não faltam... e, com a esperteza do Daniel, era uma pena não fazer d'elle outra cousa... Ai, o rapazinho que é os meus peccados! Ah! ah! ah! Sume-te! Já tem o sangue na guelra. Madruga!

E, com este monologo e as mais fagueiras disposições de animo, chegou José das Dornas a casa, e jantou com appetite. Á mesa lançava, ás furtadellas, maliciosos olhares para o filho mais novo, o qual, sentindo-se sob imminente pronuncia, não levantava os seus. O pae a custo podia suster o riso, ao observal-o.

VI

E ainda bem não tinha decorrido uma semana, depois do que referimos, já o pequeno Daniel era transportado para o Porto na melhor egua da casa, em conformidade com o plano traçado pelo reitor.

O rapaz chorou muito ao partir. O pae sensibilisou-se, mas foi dominando a sua commoção, conforme pôde.

Daniel entrou na cidade invicta com poucas disposições de se lhe affeiçoar. Matavam-o saudades da terra, da familia, e mais que todas as da sua pequena Guida, de quem nem ao menos lhe tinha sido possivel despedir-se, pois nem para isso lhe haviam dado ensejo.

Desde a tarde, em que fôra surprehendido pelo reitor no innocente colloquio, que tanto escandalisou o bom do parocho, nunca mais a tornára a vêr, nem d'ella ouvira fallar. Sómente, ao despedir-se do seu mestre, este lhe disse, afagando-o nas

faces, e sorrindo affavelmente:—«Vai, que eu continuarei com a lição da tua discipula.»—Daniel não pôde responder e partiu. Mas, ao vêr sumirem-se atraz de si as copas das arvores, a cuja sombra o esperava talvez Margarida, burbulhavam-lhe as lagrimas dos olhos. Pobre creança!

E Margarida?... Essa mais pungentes sentia ainda as saudades. Sempre assim acontece. Em todas as separações, tem mais amargo quinhão de dôres, o que fica, do que o que vai partir. A este esperam-o novos logares, novas scenas, novas pessoas; sobretudo espera-o o attractivo do desconhecido, que d'antemão lhe absorve quasi todos os pensamentos. Vai experimentar outras sensações, e, á força de distrahir os sentidos, é raro que não acabe por distrahir o coração. Mas ao que fica... lá estão todos os objectos, que vê, a recordarem-lhe as venturas, que perdeu; alli, as flôres que colheram juntos, para as trocar depois; acolá, a arvore, a cuja sombra se sentaram; além, o ribeiro, que arrebatou na corrente as petalas, desfolhadas um dia, do bem-me-quer fatidico, que os amantes interrogam; o tronco, onde se gravaram unidas as iniciaes de dous nomes; o canto dos passaros, que tantas vezes escutaram; o ponto da perspectiva, mais procurado pelas vistas de ambos... Oh! ha bem mais alimentos para as saudades assim! E depois, o que se ausenta vai esperançado n'isto mesmo, em que a affeição, que deixa, lhe será fielmente mantida até á volta; que evitarão o esquecimento das promessas feitas tantas testemunhas que as presenciaram e que, sem cessar, as recordarão; os que ficam antevêem que, longe de tudo que possa fallar-lhe d'ellas, pouco a pouco se varrerão essas promessas da memoria do auzente, e, ao dizer o adeus da despedida, um amargo presentimento lhes segreda que dizem adeus a uma illusão.

Ora é preciso saber que Margarida se sentia triste, profunda e inconsolavelmente triste, sem que lhe acudisse á ideia tudo quanto havemos dito. Porém, a nós, é-nos licito analysar aquelle tenro coração de creança, affeiçoado para o sentimento, e dotado de delicadissimos instinctos, como o de poucos. Alma votada á melancolia e que se habituára a sentir, sem se estudar!... não ha para mim mais sympathica especie de soffredores! Os martyres, que se analysam, e nos fazem resenha e inventario dos seus tormentos; esses que, todos os dias, desenvolvem em estylo imaginoso a physiologia do proprio coração, indagam a theoria do padecer, que, dizem elles, os tortura, e o fazem, com uma profundeza de vistas, verdadeiramente philosophica... esses martyres... para fallar a verdade, não creio

muito n'elles. Quem soffre devéras, tenho eu para mim, acha-se com pouca vontade de esquadrinhar os mysterios do soffrimento e não se põe com grandes philosophias a esse respeito. Eu julgo mais natural e sincero fazer como a pequena Margarida depois da partida de Daniel: subindo todas as tardes ao outeiro silvestre, onde tantas vezes elle se viera sentar tambem, sentia cerrar-se-lhe o coração de tristeza, e... desatava a chorar. Não sei que moda anda agora de se não considerar o chôro, como a mais eloquente expressão do pesar! Eu por mim, é dos signaes em que deposito mais fé.

Era bem justificada esta saudade de Margarida. A sua curta biographia a fará comprehender.

Guida era o unico fructo do primeiro matrimonio de seu pae, cuja morte recente acabára de a fazer orphã de todo. Entregue ao dominio de uma madrasta, que não desmentia, pela sua parte, a fama que de ordinario acompanha este pouco sympathico nome, tivera a experimentar, nos maus tractamentos recebidos e na frieza ou declarada aversão, com que lhe dispensavam os poucos cuidados de que se via objecto, toda a amargura de uma existencia sem carinhosas affeições, esse tão necessario alimento ao coração das creanças. Arredada de proposito de casa, e passando dias inteiros nos montes, a acompanhar o gado, habituou-se de pequena á vida da solidão —e é sabido que habitos de melancolia se adquirem n'esta escóla.—Foi, pouco a pouco, contrahindo um caracter triste e sombrio, que é o traço indelevel que fica d'uma infancia, á qual se suffocaram as naturaes expansões e folguedos, em que precisa de trasbordar a vida exuberante d'ella. Por isso se affeiçoára a Daniel, o unico que a viera procurar á sua solidão, e offerecer-se como o suspirado companheiro das suas horas infantis. Vêl-o desapparecer agora, era assistir ao desvanecimento da mais grata das suas illusões, da mais intensa das suas alegrias; e a sensibilidade nascente da pobre creança recebia uma nova tempera n'esta separação dolorosa.

VII

Mas deixemos as lagrimas, e as intimas e não ostentosas tristezas de Margarida, e vamos chamar ao primeiro plano da scena um personagem que, contra os seus direitos de primo-

genitura, temos até agora deixado occulto na penumbra dos bastidores.

Fallamos de Pedro, o filho mais velho de José das Dornas.

Pedro, mais idoso do que seu irmão cinco annos, teve uma infancia mais trabalhosa que a d'elle, mas bem menos digna de menção no romance. Votado, como já disse, aos trabalhos da lavoura, as horas, que tinha de ociosidade, empregava-as a dormir, somno que as fadigas do dia faziam digno de inveja.

Por certo que os leitores não quereriam que eu lhes referisse aqui as pequenas diversões d'aquella vida de rapaz de aldeia. Seria uma fastidiosa enumeração de jogos e de frequentes luctas com os companheiros, por varios motivos pueris. Isto até quasi aos dezesete annos. Emquanto que Daniel estudava o latim e se distrahia já da aridez das regras da syntaxe, conversando a sós no monte com Margarida, Pedro trabalhava, dormia ou brincava no terreiro com os rapazes da sua idade, sem sentir outras aspirações, e achando-se até pouco á vontade junto das mulheres, com quem nem sabia conversar.

Não eram porém definitivas estas disposições de espirito em Pedro, como se vai já mostrar. Aos dezoito annos operou-se a revolução.

Isto não quer dizer que a febre da adolescencia principiasse a fazer circular nas veias do moço lavrador esse sangue inflammado, que devora como uma occulta lavareda; que elle tivesse d'essas tristezas subitas, d'esses devaneios e não sei que phantasiar mal distinctas felicidades, d'esses arroubamentos, d'esse amor ideal, sem objecto, que é o mais puro e espontaneo culto do coração humano. Nada d'isso. A natureza não afinára a alma de Pedro para as subtilissimas vibrações d'esta ordem. Esta quinta essencia da sensibilidade não lhe fôra concedida. A gente da aldeia não conhece os prenuncios do amor, que os poetas teem apregoado no seu lyrismo, a ponto, de se acreditar por ahi na universal realidade d'elles; sendo forçoso confessar que muita gente ha, que nunca na vida sentiu os taes vagos e erraticos symptomas, a que me refiro, e que comtudo amam ou amaram devéras. Se serão os bem, se os mal organisados, não me atreverei a decidir, mas que os ha isso sustento eu. E Pedro era dos taes.

Querem saber como principiou n'elle a transformação a que alludo? Tudo veio naturalmente, sem aquella intensidade

de phenomenos precursores que, á imitação dos medicos, poderiamos talvez chamar criticos.

Um dia foi convidado para um serão. Acceitou contra vontade. Lá divertiu-se mais do que julgava e voltou contente, dormindo a somno solto depois. D'ahi por diante não faltava a nenhumas d'essas assembleias campestres: fiadas, esfolhadas, espadelladas, ripadas; lá ia a todas com a sua viola, traste indispensavel aos *dandys* da localidade.

Habituou-se por lá a conversar com as raparigas e, dentro em pouco, era mestre em trocadilhos e conceitos amorosos. Aventurou-se uma vez a cantar ao desafio; a musa auxiliou-o, e d'alli em diante foi-lhe concedida a palma n'esse genero de certames.

Com taes predicados não lhe podiam escassear aventuras de amores; e não lhe escassearam.

Mas, em todo este tempo, e apesar de todas as occorrencias, continuava dormindo as suas noites placidamente e de um somno só; dando assim uma excellente lição a esses amantes Wertherianos, que, por as mais pequenas cousas, perdem o somno e o appetite. Elle não. Os seus arrufos, as suas contrariedades não chegavam a esses excessos. Com o amor dá-se o mesmo, que com o vinho.—Perdoem-me as leitoras o pouco delicado da confrontação; mas bem vêem, que ambos elles embriagam. É portanto licito comparal-os.—Diz-se de certas pessoas que—*teem o vinho alegre*—d'outras que—*o teem triste —estupido—bulhento* — conforme dá a alguns a embriaguez para a hilaridade, a outros para o sentimentalismo, a outros para a modorra, etc. etc. Pois com o amor é o mesmo. Amantes ha que celebram os seus amores, e até as suas infelicidades amorosas, sempre em estylo de anacreontica—esses teem o amor alegre; outros que, quando amam, embora sejam ardentemente correspondidos, suspiram, procuram os bosques solitarios, que enchem de lamentos, e as praias desertas, onde carpem com o alcyão penas imaginarias—teem estes o amor sombrio; a outros serve-lhes o amor de pretexto para espancarem ou esfaquearem quantas pessoas imaginam que podem ser-lhes rivaes ou estorvos, e, n'esses accessos de furia, chegam a espancar e esfaquear o objecto amado—são os do amor bulhento e intractavel; ha-os que emmudecem e embasbacam diante da mulher dos seus affectos, que em tudo lhe obedecem, que a seguem como o rafeiro segue o dono, e experimentam um prazer indefinivel em adormecer-lhe aos pés—pertencem aos do amor impertinente e estupido. Poderia ir muito

longe esta classificação, se fosse aqui o logar proprio para ella.

Basta porém que diga que o amor de Pedro das Dornas pertencia á primeira cathegoria;—tinha de facto elle o amor alegre.

Pedro cantava sempre; tudo lhe servia de thema a uma serie de quadras improvisadas, de que fazia uso para alentar-se no trabalho. É verdade que talvez isto fosse porque Pedro não tinha ainda encontrado o verdadeiro amor, aquelle que, dizem, uma vez só na vida se experimenta. Em todo o caso, era o que succedia com elle.

Mas o reitor estava sempre a prégar-lhe:

—Pedro, tu andas-me por ahi muito á solta! Vê lá onde vaes cahir.

—O' snr. padre Antonio, a gente tambem precisa de se divertir um bocado.

—Pois sim, mas tudo se quer em termos e que não venham depois as lagrimas e os arrependimentos!

—Eu não hei de fazer cousa, que...

—Sim, sim... Sabes o que eu te digo? O melhor, rapaz, é procurares o que te faça arranjo, e então que seja devéras. Casa-te e deixa-te de andar desnorteado, e n'essa vida airada, que raro dá para bem.

—Ora, snr. reitor, ainda tão novo, hei de já tomar canceiras de familia?

—Queira Deus que, conservando-te assim como estás, as não acarretes mais pesadas ainda.

Não obstante os conselhos do reitor, Pedro não se sentia com grande vocação matrimonial. Todas as suas affeições eram ephemeras, e d'aquellas, em cujo futuro o proprio que as sente não acredita, mas—lá vem uma vez que é de vez—diz o ditado; e, com Pedro, não estava esta fórmula da sabedoria popular destinada a ser desmentida.

Vejamos como foi isto. Ia Pedro nos vinte e sete annos já—era então um rapaz vigoroso e sadio, de bellas côres e musculos invejaveis. Andava certa manhã occupado a cortar o milho em um campo, propriedade da casa, o qual ficava situado na margem do pequeno rio, que atravessava a aldeia em continuados meandros.

Proximo, havia uma ponte de pedra de dous arcos—construcção já antiga, mas bem conservada ainda; o rio era n'esse logar pouco fundo, e deixava á flôr d'agua, as maiores das

pedras espalhadas pelo seu leito, permittindo assim passagem, a pé enxuto, d'uma para outra margem.

De joelhos sobre estas poldras, como por lá lhes chamam, desde o arco até alguma extensão no sentido contrario ao da corrente, um bando de lavadeiras molhava, batia, ensaboava, esfregava e torcia a roupa, ao som de alegres cantigas, interrompidas ás vezes por estrepitosas gargalhadas; outras estendiam-a pelos córadouros visinhos e algumas, mais madrugadoras, principiavam a dobrar, a que o sol da manhã havia já seccado.

Pedro, do campo onde trabalhava, via estas raparigas, conhecidas suas quasi todas, mas sem que o vêl-as o distrahisse da tarefa em que andava empenhado.

Á medida, porém, que, proseguindo na sua ceifa, se aproximava mais da beira do campo immediata ao rio, como o adiantado do trabalho lhe concedia mais vagares, pôz-se a reparar com attenção para uma das lavadeiras e a achar certo prazer na contemplação.

Era uma rapariga de cintura estreita, mãos pequenas, fórmas arredondadas, vivacidade de lavandisca, digna effectivamente das attenções de Pedro e até d'outro qualquer, mais exigente do que elle.

As mangas da camiza alvissima, arregaçadas, deixavam vêr uns braços bem modelados, nos quaes se fixavam os olhos com insistencia significativa. Um largo chapéo de panno abrigava-a do ardor do sol e fazia-lhe realçar o rosto oval e regular d'uma maneira muito vantajosa.

De quando em quando, levantava ella a cabeça e sacudia, com um movimento cheio de graça, uma trança mais indomavel, que, desprendendo-se-lhe do lenço escarlate que a retinha, parecia vir afagar-lhe as faces animadas, beijar-lhe o canto dos labios, effectivamente de tentar.

Em um d'estes movimentos frequentes, reconheceu que era observada, se é que um certo instincto, peculiar das mulheres bonitas, lh'o não fizera já adivinhar.—Sabendo-se observada, conjecturou que era admirada tambem—conjectura que por mulher alguma é feita com indifferença e muito menos por Clara—era o nome da rapariga—porque, diga-se o que é verdade, tinha um tanto ou quanto de vaidosa.

Lisongeada, pois, com a descoberta, sentiu Clara desejos de se fazer apreciar mais do que pelos olhos, de cujo conceito ella não podia já duvidar.

Elevou para isso a voz e n'uma toada conhecida, n'uma

d'essas eternas e popularissimas musicas da nossa provincia, das que mais espontaneamente entôam as lavadeiras nos ribeiros e as barqueiras aos remos, cantou a seguinte quadra:

Ó rio das aguas claras,
Que vaes correndo p'r'o mar.

Na pausa que, segundo as exigencias da musica, se faz ao fim dos dous versos, Margarida torceu a roupa que estava lavando, e lançou, com disfarce, os olhos para o logar, onde Pedro a escutava; depois concluiu:

Os tormentos que eu padeço,
Ai, não os vás declarar.

Pedro effectivamente estava recebendo com prazer o timbre agradavel d'aquella voz feminina; sentiu em si uma commoção estranha, visitou-o a musa rustica, e, atirando-se com vontade ao trabalho, elevou tambem a voz, já tão conhecida por todos os frequentadores de arraiaes e esfolhadas, e respondeu:

Não declara que não póde,
E não tem que declarar.

Na pausa olhou tambem para o lado onde estava Clara, a qual ria occultamente com as suas companheiras, que eram todas ouvidos. A luva fôra levantada e principiava o certame. O momento era solemne! Pedro terminou:

Pois quem, como tu, é bella,
Não póde ter que penar.

Um murmurio de approvação se levantou do conclave feminino.

A reputação de Pedro não fôra desmentida d'esta vez ainda. Ora Clara não era menos repentista. Tinha fama de nunca haver cedido o passo n'estas pugnas incruentas, mas renhidas. É verdade que, no caso presente, o contendor era de respeito; mas ella aventurou-se e não fez esperar a resposta:

O que eu peno ninguem sabe,
Ninguem o póde saber,

Porque eu peno e não me queixo,
Em segredo sei soffrer.

Novos signaes de approvação das mulheres, os quaes estimularam a emulação de Pedro. Elle respondeu:

Pois o soffrer em silencio
É um dobrado soffrer;
Melhor é contarmos tudo
A quem nos possa entender.

Esta quadra ainda produziu mais effeito, do que as precedentes—graças á insinuação que n'ella se fazia, e tendencias que mostrava para dar novo caracter ao desafio.

Clara acceitou a direcção que lhe era indicada assim, e respondeu:

A quem me possa entender
Tudo eu quizera contar;
Mas os amigos são raros,
Não sei onde os encontrar.

E logo Pedro:

Encontra-os a cada canto
Quem os quizer procurar;
E um dos mais verdadeiros
Aqui te está a escutar.

Chegadas as cousas a este ponto, o combate prolongou-se por bastante tempo, sustentado de parte a parte com igual denodo e pericia. No entretanto a roupa ia-se lavando e o milho achava-se quasi todo ceifado. Os contendores, cada vez mais proximos, pareciam cada vez mais de coração empenhados na lucta. Mas tudo tem um fim n'este mundo.

Com as respectivas tarefas, terminou a justa, ficando ambos os campeões vencidos um por o outro, pois ambos se reconheciam já sériamente apaixonados.

Pedro passou as cannas do milho para o carro, Clara metteu a roupa na canastra e pozeram-se a caminho. Encontraram-se na ponte e travaram então um dialogo em prosa, que foi a confirmação de quanto, em verso, tinham dito já. E

d'ahi se originou uma affeição mutua, que, desde o principio, assumiu em Pedro um caracter mais grave e promettedor de bons resultados, do que as antecedentes.

O reitor, que andava sempre com os olhos em cima do rapaz, disse-lhe dias depois:

—Lembra-te dos meus conselhos, Pedro. Não vás mais longe. Fica por onde estás, que não ficas mal.

Pedro já lhe não oppôz os costumados argumentos anti-matrimoniaes. Calou-se. É que d'esta vez a cousa era mais séria e que demais Pedro ia nos vinte e sete annos, e por isso começava a sorrir-lhe mais affavelmente o remanso do matrimonio.

Mas, para justificarmos a opinião do reitor a respeito da nova inclinação de Pedro, digamos quem era esta Clara, que assim de repente pozemos diante do leitor, sem prévia apresentação.

VIII

Clara era a filha do segundo matrimonio do pae d'aquella mesma Margarida ou Guida, cujos amores infantis tanto haviam já dado que entender ao reitor.

O pae de Margarida fôra pela primeira vez casado com uma prima, que nada mais lhe havia trazido em dote, além d'uma affeição illimitada e d'um coração excellente.

Durante a vida de sua primeira mulher viveu elle sempre, á custa de muito trabalho, pelo officio de carpinteiro, não podendo até mandar aprender a lêr á filha, unico fructo d'esta primeira união, pois que de pequenina a teve de occupar no trabalho.

A mãe de Margarida morreu, porém, deixando-a de idade de cinco annos. Seu pae, como já dissemos, deu-lhe em pouco tempo uma madrasta, e, na opinião do mundo, fez um optimo negocio o carpinteiro

De facto, a sua segunda mulher trouxe-lhe um dote avultado, e, dentro de alguns dias, viam-o abandonar a ferramenta do officio e entregar-se todo ao fabrico e administração das suas novas terras, tornando-se um dos mais consideraveis lavradores dos arredores. Mas a prospera fortuna do

recente lavrador converteu-se em tormento e desventura para a desamparada creança.

A madrasta, em pouco tempo mãe d'uma outra rapariga, ciosa de toda a affeição e caricias paternas, que Margarida podésse disputar a sua filha, aborrecia-a e procurava sempre pretextos para a trazer por longe.

D'ahi, a causa d'aquella solidão em que a fomos encontrar, quando pela primeira vez nos appareceu. Margarida chorava sósinha ou abaixava a cabeça resignada. Tinha um caracter docil e submisso, e não se atreveria a protestar, nem sequer por uma d'aquellas espontaneas e irreflectidas revoltas, tão proprias da infancia atribulada.

Com a morte do pae aggravaram-se ainda mais estas tristes circumstancias. Livre da unica repressão que podia coagir a completa má vontade que tinha á sua enteada, aquella mulher, d'um genio violento, acabou por desprezal-a de todo. A cada passo lhe lançava em rosto a pobreza de condição em que nascera, clamando que o pão que lhe dava a comer era um roubo que fazia a sua propria filha.

Margarida ouvia-a; humilhavam-a estas contínuas e injustas recriminações, mas até as lagrimas procurava occultar, com medo que déssem causa a novas iras. Limitava-se a resar muito a Nossa Senhora para que a levasse para si.

A pobresinha olhava para o futuro e via-o cerrado, sem um unico raio de luz em que fitasse os olhos, para atravessar com mais animo as trevas completas do seu presente.

Uma só compensação experimentava a triste e desarrimada creança, em troca de tantas dôres e constante supplicio: —era a amizade de sua irmã.

Clara não herdára da mãe durezas de coração nem violencias de genio. Affavel no meio das suas alegrias de infancia, compadecia-se já pelo que via soffrer á irmã, e, admirando aquella resignação de martyr, que ella bem se conhecia incapaz de mostrar em occasião alguma da vida, principiou a olhar para Margarida com um certo respeito, que, pouco a pouco, degenerou em prestigio e lhe cultivou no coração uma veneração sem limites.

Muitas vezes as rudezas da mãe para com a irmã faziam-a chorar tambem, e, a occultas, vinha pedir perdão a esta, d'um tractamento, de que ella bem percebia ser a causa involuntaria.

Margarida, da sua parte, sentia-se grata ao generoso affecto de Clara, e em pouco tempo ficou sendo esse laço o uni-

co, pelo qual ella parecia prender-se ainda ao mundo, que tão despovoado d'estas seducções lhe andára sempre.

Pequenos episodios, na apparencia insignificantes, corroboraram, em uma e outra, estes sentimentos e influiram na sorte futura das duas irmãs, que, ainda creanças, se diziam já amigas inseparaveis.

Em uma noite de inverno, a mãe de Clara deitára-se ás nove horas com a filha; e por um requinte de crueldade estupida, obrigára Margarida a conservar-se a pé serandando, até concluir uma certa tarefa que lhe marcára; e, ao deixal-a só, dirigiu-lhe estas palavras, cheias de humilhação para a pobre rapariga:

—Minha rica, quem veio a este mundo, sem meios de levar melhor a vida, não deve perder o costume de trabalhar, nem ganhar outros, com que, ao depois, não possa. Fica a pé e tem-me essa obra acabada.

Margarida não tentou uma só queixa ou súpplica, em seu favor. Calou-se e obedeceu.

Era, como disse, no inverno; fazia um frio excessivo. A lareira estava apagada já; da parede defumada pendia uma candeia, cuja luz bruxuleante era a unica a illuminar o recinto. O vento assobiava nas innumeras fendas da porta da cosinha e entrava em correntes impetuosas pelo tubo da chaminé, indo inteiriçar os membros regelados da desditosa creança, que, só a custo, podia já suster a roca e torcer o fio, para terminar o trabalho. O silencio da noite era interrompido por mil ruidos sinistros, proprios para amedrontar as imaginações supersticiosas, como sempre, mais ou menos, são as da gente do campo.

Margarida, n'aquelle momento, sentiu mais amarga, que nunca, a sua orphandade e o seu desamparo. Chorou, chorou a ponto de se suffocar, e pediu á Virgem que se compadecesse d'ella.

Lembrou-se então de quando a mandavam sósinha para o monte, e d'aquellas raras entreabertas de felicidade que lhe fizera sentir a companhia do pequeno Daniel.

As saudades d'esses dias nunca mais a deixaram. Com ellas vivia sempre, com ellas se achava só, quando, olhando para o passado, lhe pedia uma recordação de prazer, em paga de tanta tristeza que, no presente, lhe offerecia a vida, de tantas sombras, com que lhe vinha o futuro.

N'esta noite pensou tambem em Daniel; pensando n'elle, e n'aquelles breves momentos que vivera, esquecida do

infortunio, na solidão dos montes, chegou a illudir-se, a imaginar-se transportada lá; e esqueceu o frio e o medonho da noite,—que um e outro lh'os fizera desvanecer a vara magica da phantasia;—e insensivelmente parou-lhe a mão que fiava, descahiram-lhe os braços, vergou a cabeça melancolica, e o pensamento perdeu-se em uma longa e abstracta contemplação, que, sem transição apreciavel, terminou n'um somno profundo. Encontraram-se e confundiram-se os ultimos devaneios da vigilia, com os primeiros sonhos em que fluctuavam ridentes as mesmas imagens, phantasiadas ou recordadas n'aquella.

Clara não podéra, porém, adormecer com a ideia do sacrificio, imposto á irmã. Do leito, onde se deitára com a mãe, ouvia o som do soluçar de Margarida, e isto era um martyrio para ella. A boa rapariga pedia a Deus que olhasse por a pobre desvalida da irmã, que já não tinha nenhum amparo, e, resando assim, chorava ainda mais do que ella. Cedo, porém, um alto e pausado respirar deu-lhe a certeza de que a mãe havia já cahido no somno.

Clara não hesitou mais.

Com todas as precauções possiveis, deixou-se escorregar de mansinho entre o leito e a parede, collocou sobre os hombros uma capa de baeta que encontrou á mão, e, com muita cautela, passou-se para a cosinha, onde Margarida já tinha adormecido. Clara não a acordou. Tirou-lhe subtilmente a roca da cinta, e, depois de a agazalhar com uma manta do leito, agachou-se ao lado d'ella e pôz-se, por sua vez, a trabalhar.

Eram duas horas da noite e a tarefa estava terminada. Margarida dormia... sonhava ainda.

N'este instante, um som, que julgou partir da alcova, fez receiar a Clara que a mãe tivesse acordado; por isso, mal teve tempo de correr a metter-se no leito, procurando não excitar a desconfiança materna e não pôde chamar a irmã, para a fazer deitar.

Passados alguns momentos, Margarida despertou. Ao lembrar-lhe que adormecera com o trabalho mal principiado ainda, apertou-se-lhe o coração, e a pobre creança juntou as mãos de desesperada. Mas que espanto ao vêr espiada a roca e fiadas as estrigas que lhe haviam dado por tarefa!

A sua primeira ideia foi que tinha sido aquillo um milagre da Senhora, a quem se havia encommendado, e cujo auxilio fervorosamente supplicára. Tinham-lhe contado a lenda

d'aquella freira, que, abandonando um dia a ermida da Virgem, de quem era devota, cega por uma paixão mundana, voltára mais tarde ás portas do claustro, coberta de arrependimento e vergonha; e, quando esperava encontrar recriminações e opprobrios, soube que ninguem lhe tinha dado pela falta, porque a Senhora se compadecera d'ella, e revestindo a sua imagem, viera todos os dias fazer o serviço da clausura.

Margarida acreditou em outro milagre d'esse genero, e com estas ideias se foi deitar, rendendo expansivas acções de graças á Virgem, por tão miraculosa intercessão.

Mas, pouco a pouco, a verdade foi-lhe apparecendo mais distincta, e pela madrugada acabaram de confirmal-a alguns vestigios evidentes de Clara ter estado junto de si n'essa noite, e emquanto ella dormia; denunciou-a um lenço que deixára cahir na pressa com que voltára á alcova.

N'essa manhã, pois, Margarida aproximou-se da irmã, e beijou-a com effusão.

—Obrigada, Clarinha. Deus te ha de recompensar essa bondade.

—Se achas que mereço alguma recompensa, porque m'a não dás tu mesma, Guida?

—Eu, meu coração? Que recompensa pódes esperar de uma pobre?

—Que não queiras muito mal a minha mãe, por tanto que te mortifica, e que... me tenhas um pouco de amizade.

—Querer mal a tua mãe, douda! e posso eu querer mal a quem me dá o pão, de que me sustento, o tecto e os vestidos que me cobrem? Que eu nada d'isto tenho, Clarinha.

—Não me digas isso.

—A minha amizade, pedes-me tu! e um pouco de amizade, disseste! E, a não ser a ti, a quem queres que eu vá dar toda esta que Deus me pôz no coração, para dar? De tua mãe recebo eu a esmola do pão e do abrigo, agradeço-lh'a, e rogo a Deus por ella; a ti, devo-te mais; devo-te a esmola da consolação e do conforto; por isso te estremeço e quero, Clarinha. E tu duvídal-o?

—Esmola! esmola! Que palavra! De quem recebes tu esmolas em casa de teu pae, Guida?—perguntou Clara, com uma viva expressão do nobre orgulho que lhe estava no caracter.

Margarida sorriu melancolicamente a esta exaltação da irmã, e respondeu:

—Esta casa não é de meu pae, é de minha...

Ia a dizer madrasta, mas conteve-se, receiando dar á palavra uma entonação menos affectuosa.

Clara saltou-lhe ao pescoço, e, por um d'aquelles impulsos irresistiveis da sua indole generosa e expansiva, exclamou, beijando-a nas faces:

—Guida, Guida, esta casa ainda ha de ser minha, e então veremos se me fazes a desfeita de lhe não chamares tua tambem.

D'outra vez, tinha ido Margarida vender fructa ao mercado. Com uma inacreditavel exigencia havia-lhe a madrasta marcado, de antemão, qual devia ser o preço da venda, não lhe permittindo baixal-o, e obrigando a pequena, ao mesmo tempo, a que não voltasse para casa sem a ter realisado.

Os maus tractos e asperas reprehensões esperavam infallivelmente Margarida n'aquelle dia, vista a exorbitancia dos preços estabelecidos e uma tão grande affluencia de fructa na praça, que barateára o genero. A rapariga chorava e lamentava-se, emquanto os compradores sorriam ao ouvir o preço excessivo que ella pedia pela fructa.

N'isto appareceu Clara, que, por acaso, atravessava a feira n'aquelle momento. Viu a irmã assim afflicta, e approximou-se d'ella.

—Que é isso, Guida? Tu choraste?

—E admiras-te ainda de me vêres chorar, Clarinha?

—Mas... diz-me, porque foi isto?

Margarida contou-lhe tudo.

Clara ficou a olhar para o chão, pensativa.

—E de tanta gente rica que ha por ahi, ninguem terá alma de pagar mais cara, alguns vintens, esta fructa, para fazer bem a uma pobre rapariga?

E, dizendo isto, Clara corria com os olhos a feira, como se a procurar essa alma generosa para que appellava.

O acaso fez com que descobrisse um velho, que, n'aquelle momento, atravessava o logar, fazendo provisão de fructa, e parecendo não regatear muito.

—Ai—disse Clara, ao encarar com elle—o meu padrinho, o snr. conego Arouca! Queres tu vêr, Guida, como eu te vendo a fructa?

—Que vaes fazer, Clarinha?

—Escuta.

E, immediatamente, arrebatando a canastra das mãos da irmã, Clara correu a collocar-se no caminho do velho conego, quando este proseguia no seu feirado.

—Muito bons dias, meu padrinho, deite-me às suas bençãos.

—Tu por aqui, Clarita? Deus te abençoe, rapariga. Então que fazes tu?

—Sou muito pouco afortunada, meu padrinho. Sabe?

—Sim, pequena? Então porquê? Não encontraste noivo ainda?

—Ora. Está a mangar. Não é isso.

—Então?

—Trago á feira uma canastra cheia de fructa, e ainda não encontrei compradores.

—E o defeito é da fructa, ou de quem a vende?

—Ha de ser de quem a vende, que lá a fructa... essa boa é.

—Boa, sim; mas cara...

—Ora essa! meu padrinho. Nós cá não somos mais do que as outras. Vendemos pelo mesmo preço, que ellas vendem.

—Ora deixa cá vêr a fructa. Então quanto queres tu por isso? Um dinheirão.

Este exame era simplesmente por formalidade, pois o conego tinha resolvido, de si para si, ser o feirante de toda a fructa, embora fosse dura como pedra, e cara como o açafrão.

—Se fôr para o meu padrinho, o que quizer—respondeu Clara.

—Está bom. Não é má de todo. Passa-m'a ahi para a canastra do criado, emquanto eu faço contas.

E, ao passo que a afilhada cumpria a ordem recebida, elle mexia e remexia nos bolsos do collete, d'onde tirou não sei que moeda em ouro, que quadruplicava o preço da fructa, e passou-a para as mãos de Clara, dizendo:

—Ahi tens; o que crescer é para um lenço.

—Então muito obrigado, meu padrinho. E deite-me as suas bençãos.

—Vai com Deus, rapariga, e faz visitas á tua gente—respondeu o conego, dando-lhe a mão a beijar.

Clara voltou a correr para junto de Margarida, bradando-lhe:

—Vê, vê, não te afflijas. Fructa vendida, e uns crescimos para tremoços.

Margarida agradeceu-lhe com um olhar, orvalhado de lagrimas de gratidão.

Assim continuou este viver por muitos annos mais, até que a mãe de Clara adoeceu. Durante a molestia, foi

Margarida sua desvelada e incansavel enfermeira, colhendo sempre, em paga dos seus carinhos, modos rudes e asperos, expressões inequivocas da aversão que nunca deixára de sentir por ella. A heroica rapariga não afrouxava por isso na affectuosa caridade com que a tractava.

A doença aggravou-se, e a morte foi declarada inevitavel.

N'este momento solemne, como que se abrandou o coração e fallou a consciencia da moribunda, mostrando-lhe a injustiça do seu procedimento para com Margarida.

Á hora da morte, chamou-a junto de si, e, apertando-lhe as mãos, disse-lhe entre soluços:

—Guida—pela primeira vez lhe deu este nome affectuoso—perdôa-me! Deus alumiou-me o espirito. Só agora conheço a minha maldade e as tuas virtudes. Perdôa-me, minha filha, e sê generosa até ao fim. Clara fica só, é ainda muito creança. Lembra-te que ella é tua irmã, aconselha-a, e estima-a, olha-me por ella. Perdôa-lhe o ser filha de... tua madrasta.

Foram as derradeiras palavras que disse.

Margarida cahiu, suffocada de chôro, junto do leito da morta. Não lhe restava no coração a menor sombra de resentimento contra aquella que a fizera tão infeliz. Eram sinceras, como poucas, as lagrimas d'esta orphã.

Passado tempo, sentiu que um braço a levantava. Voltou-se: era o reitor que olhava para ella commovido.

—Muito bem, Guida, muito bem!—exclamou o velho com enthusiasmo—Essas lagrimas são generosas, são verdadeiras joias da tua boa alma. Ellas devem ser de grande allivio para a d'aquella, cujo maior peccado n'este mundo foi o muito que te fez padecer.

E, d'ahi por diante, ficou o reitor tendo em subido conceito a Margarida.

IX

Depois da morte da madrasta, a sorte de Margarida tomou uma feição mais favoravel.

Vivendo na companhia da irmã, nunca mais teve de supportar aquellas humilhações continuadas, que a faziam córar.

Antes, no modo por que era tractada em casa, parecia

ser ella a senhora de tudo, e Clara, a que recebia o beneficio; contra estas apparencias só a sua modestia protestava.

Clara possuia um coração excellente, mas faltava-lhe cabeça para superintender nos negocios da casa; por isso, pedira a Margarida que os gerisse ella e lhe deixasse ir gosando a appetecida liberdade dos seus dezoito annos.

O parocho, que ficára tutor das duas orphãs, sanccionou e dirigiu com os seus conselhos esta disposição de cousas.

Mas um tal systema de viver não podia bastar por muito tempo a Margarida. Havia no caracter d'esta rapariga um fundo de dignidade pessoal que lhe não deixava acceitar a vida placida, que cordialmente a irmã lhe talhára.

Habituára-se muito cedo ao trabalho e com elle contava.

—Se o desprezo agora—dizia ella a si mesma, pensando n'isto—quem sabe se um dia, ao procural-o, elle me fugirá?

Sentia-se joven, com forças e coragem; envergonhava-se da ociosidade. Entre os projectos, que formou então, um lhe sorria sempre mais que todos.

Margarida tinha uma educação pouco vulgar para a sua condição. Varias circumstancias haviam gradualmente concorrido para lh'a aperfeiçoar. Daniel fôra, como sabemos, o seu primeiro mestre, e, quando outra razão não houvesse, as saudades que a vista e a leitura dos livros ainda lhe causavam, lembrando-lhe aquelle tempo, leval-a-iam a procural-os com prazer. Seguira-se a Daniel o reitor, conforme ao que promettera ao discipulo. Vendo o padre a inclinação da sua pupilla pela leitura, fazia-lhe, de quando em quando, alguns presentes de livros, depois de os passar pela critica dos seus rigidos principios moraes, e julgal-os salutares. Margarida lia-os com ardor, e, pouco a pouco, costumou-se a lêl-os com reflexão tambem. Não sendo muito abundantes as bibliothecas da terra, era obrigada a relêr, mais do que uma vez, os mesmos livros—o que é sempre uma vantagem para a instrucção colhida n'elles.

Além do interesse crescente que ia encontrando na leitura, um motivo mais occulto lhe alimentava esse ardor—motivo que ella propria quasi ignorava, ou pelo menos não dizia a si.—Como que d'esta fórma se aproximava de Daniel. Das duas intelligencias de creança, que se tinham visto a par, como duas aves que brincam na relva, uma levantára vôo e subira; que admirava que a outra, saudosa, ensaiasse as forças para a acompanhar? para, ao menos, a não perder de

vista de todo? Ha d'estes motivos occultos das nossas acções, que passam desconhecidos.

O que é certo é que a sêde de saber devorava Margarida. O habito da meditação, que adquirira, permittia á sua intelligencia tirar grandes riquezas da pequena mina em que trabalhava.

Um acontecimento favoreceu ainda estas tendencias.

Um dia, acolheu-se á aldeia, a viver uma vida de privações e de miseria, um d'estes desgraçados, a quem as ondas do mundo arrojam naufragos e quebrantados á praia. Era um homem que, sahindo, creança ainda, d'aquella mesma aldeia, entrára, sob os sorrisos da sorte, na vida das cidades. A instrucção, a riqueza, as honras, tudo o rodeára do prestigio que parece assegurar a felicidade. Se elle a sentiu então, não o sei eu;—um dia, porém, como o Job da Escriptura, viu a mão da desgraça baixar sobre a sua cabeça, prival-o das riquezas, da dignidade e da familia, e deixal-o só; só, ao declinar da vida, só, quando já não ha no coração fogo para alimentar esperanças; vigor no braço para arrotear caminhos novos!

Este homem sacudiu então a poeira dos seus sapatos á porta das cidades, onde sonhára meio seculo, e veio, tendo por unico arrimo a consciencia, procurar o tecto que, nu, o abrigára na infancia e quasi o recebia na velhice, como de lá sahira,—tecto que nem já era seu.

É uma historia vulgar a d'este homem. Insistir n'ella seria contar ao leitor cousas sabidas.

A quem reservará a sorte o privilegio de ignorar uma historia assim?

Era, pois, um desgraçado. Isto bastava para que, ao seu lado, visse, olhando-o compadecido, o rosto de Margarida, e, animando-o, os sorrisos de Clara.

O infortunio chamou, para junto do leito de miseria d'este velho desanimado, estas duas mulheres. Ao lado de todas as cruzes apparecem d'estes vultos compassivos.

Com que havia de recompensar a devoção heroica de duas juventudes á velhice empobrecida, quem nada tinha que dar?

Não lhe exigiam ellas a recompensa, é certo; mas pedia-lh'a a alma.

Dos amigos, que tivéra, só lhe restavam quatro; e esses lhe valeram. Eram quatro livros...

Talvez os leitores já estivessem imaginando que este ho-

mem trouxera ainda quatro amigos para a adversidade, sem serem livros. Custa-me desenganal-os; mas não trouxe.

Foi n'estes livros que Margarida encontrou novos alimentos para a leitura. Não sei bem ao certo quaes eram elles.

Estas leituras, dirigidas agora pela critica esclarecida e o são juizo do pobre velho, valeram immenso a Margarida, que, dentro em pouco, chegou a uma cultura intellectual, a que nunca tinha aspirado.

Por isso, na occasião de formar projectos, para se dignificar a seus proprios olhos pelo trabalho, sorria-lhe principalmente a carreira do ensino. Ensinar era aprender, ensinar era amar; e estas duas necessidades d'aquelle espirito generoso, aprender e amar, se satisfaziam assim.

Cultivar intelligencias e cultivar affeições!... que futuro! A alma, no intimo apaixonada, de Margarida exultava, só com a ideia.

Restava obter o consentimento de Clara, e que tactica não seria necessaria para isso!

—Clarinha—disse-lhe pois um dia Margarida—vou pedir-te um favor!

—É possivel!—exclamou Clara, sincéramente admirada—É esta a primeira vez que me pedes um favor, Guida. Repara bem.

—Tanto mais razão para m'o concederes, filha; não é verdade?

—Assim me pedisses mil, Guida, para todos te conceder tambem. Ora diz.

—Sabes? eu não me dou com esta vida de senhora, em que tu me tens. Que queres, minha filha? isto de trabalhar é habito que se ganha de pequeno e se não perde mais...

—Mas, então?—disse Clara pondo-se séria, como se suspeitasse vagamente, o que a irmã lhe ia dizer.

—Queria que me deixasses trabalhar.

—Mas não trabalhas tu tanto, mais do que eu, Guida? Podia eu, sem ti, olhar por estas cousas de casa, de que não entendo, de que não quero entender? Só se queres vir lavar ao ribeiro commigo. Ora! Guida, estas mãos delgadas já não foram feitas para isso.

—O que dizes que eu tenho que fazer, Clarinha, não é trabalho que occupe muitas horas, como sabes. Resta-me ainda tanto tempo!... Olha que os dias são muito grandes.

—Mas que queres tu a final?

—Sabes?... uma cousa que eu desejava... uma cousa que

me faria andar alegre até!... não desejas tu vêr-me andar alegre? não me ralhas tu pelas minhas tristezas?

—Mas vamos a vêr o que tu querias; o que é que te daria essas alegrias grandes? Alguma loucura grande tambem.

—Não é, não. Olha... se eu tivesse umas poucas de creanças para ensinar...

Clara não a deixou continuar:

—Tu, tu, minha irmã! ensinares tu as filhas dos outros?! Viveres de educar os filhos alheios!

—O' orgulhosa! então isso é alguma vergonha? Anda lá, que se o snr. reitor te ouvia...

—Mas que se diria de mim, Guida? Sempre tens cousas! Repara bem, que se diria de mim?

—Que és uma boa alma, Clarinha, tu que repartes commigo a tua casa, o teu...

—Guida!—exclamou Clara, interrompendo-a com um tom de reprehensão.

—E que se dirá de mim, se me não concederes o que te peço? o que se terá já dito?

—Que és muito boa em não me abandonares, em me dares conselhos, em me perdoares as minhas doudices.

—Mas não é tambem por o que dirão, que eu te peço isto, não; é, porque o coração me leva a pedir-t'o.

—Guida, por amor de Deus! Perde essa ideia! É uma desfeita que me fazes.

—Não é, minha filha, não é. Pois bem, pergunte-se ao snr. reitor e se elle disser que...

—Ora, o snr. reitor, sim! Basta ser pedido teu para elle o approvar.

—Estás sendo muito má—disse Margarida afagando-a.

Depois de alguma lucta, foi resolvido consultar o parocho, ficando cada uma com a liberdade de pleitear a sua causa.

Clara tinha alguma razão em suspeitar da imparcialidade do juiz. O parocho, tutor das duas raparigas, costumára-se a admirar o bom senso e intelligencia superior de Margarida a ponto de confiar mais n'ella, do que em si proprio.

Decidiu pois a demanda a favor da irmã mais velha, excitando contra si um amúo de Clara, que durou tres dias. Era extensão excepcional nos despeitos da boa rapariga; mas é que d'esta vez sempre se tractava de Margarida, e em taes assumptos Clara era intolerante.

Em resultado de tudo isto, passados dias, começou Margarida a sua tarefa de educação, á qual se entregava com

amor. As creanças affluiam-lhe, attrahidas por aquella suavidade de maneiras, que constituia um dos mais fortes attractivos do seu caracter.

Esta phase mais bonançosa da existencia de Margarida já não conseguiu porém modificar-lhe o caracter pensativo e suavemente melancolico, que a infancia opprimida lhe fizera contrahir. Adquirira já o habito da tristeza e das lagrimas, e este, como todos os habitos, não se perde facilmente.

No meio, pois, das recentes felicidades da sua vida, ella propria por muitas vezes se surprehendia a chorar.

—Não é isto uma offensa a Deus?—dizia então comsigo—Porque choro eu? Não tenho a amizade de Clara, amizade extremosa, como ainda a não recebi de ninguem? Eu devo estar alegre e bemdizer ao Senhor, que não desvia de mim os seus olhares de misericordia.

Em um momento de expansiva conversação, Clara disse-lhe um dia, vendo-a assim triste:

—Não me dirás tu, Guida, o que hei de fazer para te vêr rir e estar alegre?

—Olha, Clarinha, a gente é como as flôres, que umas nascem com côres vermelhas que alegram, outras, com côres escuras que entristecem. Olha tu as violetas e os suspiros. Que te digam porque nasceram assim e porque, crescendo na mesma terra e sendo alumiadas pelo mesmo sol, não teem as côres brilhantes da rosa.

—Bem respondido, sim, senhora; d'aqui em diante hei de chamar-te sempre a minha violeta.

—Creança! E tu, Clarinha, nunca te sentes triste?

—Triste porque? Que tenho eu a desejar para ser feliz de todo?

—Tens razão. Tu... nada.

—E tu?—perguntou Clara, fitando os olhos na irmã.

—Eu...

E Margarida sem responder ficava mais triste ainda do que até alli.

Clara impacientou-se.

—Olha, Guida. Ha muito que ando com vontade de te dizer uma cousa; mas... como que até me chega vergonha de te fallar n'isto. Eu não entendo nada d'estes enredos de justiça; mas... lembra-me, em vida de minha mãe, ouvir-te dizer muitas vezes, que... nada d'isto era teu e... que d'ella recebias tu... a... a...

A esmola do agazalho, que me dava; e era... e é assim.

—E era e é assim, Guida! Eu não sei lá como os homens fazem essas cousas. Mas se eu sou agora, como dizes, a senhora de tudo, não quero mais ouvir-te fallar d'este modo. Quero que olhes, como teu, tudo o que me pertence; que me não tornes a dizer essa palavra tão feia, que ainda agora te ouvi. D'outro modo, fico de mal comtigo; isso fico. Já o merecias, por te estares a cansar com trabalho, sem precisão.

Margarida sorriu.

—E quando, para o futuro, vier alguem tomar parte comtigo n'estes mesmos bens, pensará assim como tu?

—Alguem!... como alguem?

—Sim; julgo que não estás para freira, Clarinha.

—Ai, e pensas n'isso já? Pois bem, se assim fôr, hei de escolher quem seja digno de ser teu amigo, Guida, ou então...

—Está bom, está bom. Dá cá um beijo e não fallemos mais n'isso. Farei tudo como dizes.

E a tristeza de Margarida não terminava ainda.

No entretanto o reitor ia-se afeiçoando todos os dias mais ás suas pupillas.

Á mais velha dizia:

—Toma-me conta em Clara. É rapariga e amiga de brincar. Faz com que te confie todos os seus segredos. Serve-te do poder que tens sobre ella para a guiares, minha filha. Dá-lhe parte do teu juizo.

E, por outro lado, dizia a Clara:

—Olha lá, rapariga. Tu anda-me com juizinho; ouviste? É bom rir e estar alegre, mas em termos, em termos. Segue os conselhos de tua irmã e faz por imital-a.

E, comsigo só, dizia, ao lembrarem-lhe as duas:

—Excellentes corações! Deus lhe dê na terra a felicidade, que eu lhes desejo e de que são dignas. A Clarita bem está... Tem dos bens da fortuna, não lhe faltarão arrumações; mas a pobre Margarida... Se ao menos, por felicidade, tiver um cunhado, que seja homem de bem!...

X

Foi por isso que o reitor, ao perceber um dia a inclinação reciproca de Clara e de Pedro das Dornas, exultou com a descoberta.

Amigo das duas familias e conhecedor da boa indole de

Clara, e dos sentimentos generosos de Pedro, elle só antevia venturas na projectada união.

Em relação aos dotes, não havia entre os noivos grande desigualdade e, em vista d'isto, não era provavel que, da parte de José das Dornas, surgissem difficuldades sérias.

Por outro lado, a boa alma do noivo tranquillisava o reitor, em relação á sorte de Margarida; elle a saberia estimar como ella merecia. Esta consideração, sobre tudo, fazia o contentamento do padre. D'ahi, aquelle conselho dado a Pedro— conselho, que encontrou este em muito boas disposições para o observar.

Passados dias, procurou o reitor o seu amigo José das Dornas e communicou-lhe que Pedro estava resolvido a casar, e lhe pedira para servir de embaixador em sollicitar o consentimento paterno.

Como tinha conjecturado, o projecto passou sem opposição da parte de José das Dornas, que antes ficou muito contente com a novidade. Sómente pediu o adiamento da época dos esponsaes, para quando chegasse do Porto Daniel, que devia, n'aquelle anno, terminar a sua formatura na escóla de medicina da cidade invicta.

Clara tinha, em antes d'isso, respondido ao parocho, perguntando-lhe este se acceitava o pedido de Pedro, que desejaria consultar a irmã. Approvou o padre esta attenção delicada e esperou-se pela resposta de Margarida, de quem não havia grandes impedimentos a receiar. Estava Margarida a lêr, quando Clara foi ter com ella.

Era já então uma sympathica figura de mulher a de Margarida. Não se podia dizer um typo de belleza irreprehensivel, mas havia em toda aquella physionomia um ar de affabilidade e de meiguice tal, que nem avultavam essas pequenas incorrecções, só reveladas a um exame minucioso e indifferente; mas a primeira, a grande, a invencivel difficuldade era conservar esta precisa indifferença ao vêl-a. Os olhos, sobre tudo, negros como poucos, sabiam fixar-se com tanta penetração e bondade, que só a contemplal-os, esquecia-se tudo o mais. Não possuia um d'esses typos fascinantes, que attrahem as vistas; era facil até passar por ella, desattendendo-a; mas, fitada uma vez, o olhar deixava-a com pena, e a memoria conservava-a com amor. A bocca tomava-lhe naturalmente uma expressão de triste meditar, entreabrindo-se-lhe, de quando em quando, os labios por uma d'essas mais profundas inspirações, que dissimulam um suspiro.

Clara aproximou-se da irmã sem ser presentida e sentou-se junto d'ella.

O grupo gracioso, que ambas formavam assim, tentaria qualquer artista que o visse.

A apparencia jovial de Clara fazia realçar, pelo contraste, o vulto melancolico de Margarida. N'aquella, tudo eram reflexos d'uma desanuviada alegria interior; n'esta, diffundia-se incessantemente uma d'essas meias sombras, como as que produzem as pequenas nuvens brancas que, sem offuscar inteiramente a luz do sol, lhe mitigam comtudo um pouco o resplandor dos raios.

Clara tomou as mãos da irmã, sem romper o silencio.

—Que tens tu, Clara?—perguntou-lhe Margarida—Não sei que te leio hoje nos olhos. Desconfio que me vaes dizer alguma cousa.

—E vou.

—E parece ser de importancia, ao que vejo; estás tão séria!—accrescentou Margarida, sorrindo.

—É que é devéras sério e muito sério, o que te vou dizer.

—Então?

—Querem-me casar.

—Ah!

—E olha, Guida, eu julgo que o meu noivo é um bom rapaz... mas... sempre queria saber o que tu pensas d'elle, e se merece a tua approvação.

—A minha!? E tambem te é precisa, filha?

—É, sim; podéra não. Já o disse ao snr. reitor e elle concordou.

—Sois todos muito bons para commigo. Mas que te hei de eu dizer? Que te diz o coração?

—Ora, o coração...

—O coração, sim. Porque não? Quando é bom, como é o teu, deve-se sempre ouvir; e... quer-me parecer que já o consultaste, antes de mim.

—Fallo a verdade: E certo que já.

—E que te disse elle?

—Aconselha-me a... a que sim.

—Que mais queres?

—Que tambem me aconselhes.

—O mesmo que o coração, já se sabe.

—Não, senhora; com franqueza, aquillo que pensares.

—E quem é o noivo?

—O Pedro do José das Dornas.

—Ah!... Por certo que é bom casamento. Com quanto pouco conheça ainda esse rapaz, ouço dizer que é honrado, trabalhador, e... demais a mais está bem e...

—Então, approvas?

—Se te fosse necessaria a minha approvação, dir-te-ia que estimo até muito que se faça esse casamento; e que sejas feliz.

Clara abraçou-a com effusão, e correu a dar parte ao reitor do resultado da entrevista.

Margarida ficou só.

O que acabára de ouvir da bocca da irmã deixára-a pensativa. A ideia de que á vida de Clara em breve se ia associar a de uma pessoa estranha, não podia deixar de lhe fazer sentir graves preoccupações pelo destino d'ella e seu.

Era um problema proposto á solução do futuro, e Deus só sabia como o futuro o teria de resolver. Clara ia entrar na vida de familia; ia cedo transformar em amor de esposa e de mãe todos aquelles thesouros de sentimento que, até então, a ella só confiára, a ella, a Margarida, á desvallida da sorte, á orphã e esquecida sempre, e talvez que, d'alli em diante, ainda mais esquecida e mais desamparada de affectos! Ao pensar n'isto, não podia evitar certa angustia de coração. Era mais uma affeição que lhe roubavam! Pois nem esta lhe pertencia? E depois, como seria considerada pelo marido de Clara? Humilhações, podéra-as supportar de sua madrasta, mas receiava não ter já resignação bastante para as receber de mais ninguem.

É certo que o bom nome de Pedro a tranquillisava; mas quantas decepções sobre os melhores caracteres humanos, nos prepara uma intima convivencia com elles?—quantos defeitos occultos, ignorados do mundo, a vida de familia faz evidentes, a ponto de tornar inevitaveis discordias, que aos olhos do vulgo nunca se justificam?

A corrente d'estes pensamentos tomou porém, d'uma maneira gradual, um diverso curso. O nome da familia de Pedro não era desconhecido para Margarida.

Andava-lhe associada a mais grata recordação da amargurada infancia da orphã. Quem em tão pequeno numero contava os corações, que haviam sympathisado com o seu, que muito era se recordasse com saudade do pequeno estudante de latim, que, de tão longe, vinha sentar-se ao pé d'ella e fallar-lhe com um affecto, que até então desconhecera?

Desde que as apprehensões do reitor haviam occasionado a partida de Daniel, nunca mais Margarida lhe fallára. Via-o todos os annos, quando elle vinha passar as férias á aldeia, e não podia occultar a si propria a affectuosa attenção com que ainda então o observava.

Mas, pelos seus novos habitos de vida, Daniel distanciára-se d'aquella que conhecera em creança; nem d'ella talvez se lembrasse já. Margarida pensava agora no acaso, que os aproximava assim, e não podia, sem uma vaga inquietação de espirito, vêr, no futuro, a possibilidade de uma entrevista com elle.

Os caracteres concentrados, como o de Margarida, alimentam-se ordinariamente de uma ideia fixa...,—quantas vezes d'uma illusão?—que fórma o segredo inviolavel da sua existencia inteira. Abre-lhes ella as portas de um mundo imaginario, para onde se refugiam dos embates do mundo real, que impressionam dolorosamente a sua delicada sensibilidade. Quando os encontrarmos sós, estes melancolicos devaneiadores, acreditemos que lhes povôam a solidão fórmas invisiveis, creadas á poderosa evocação da sua phantasia; o silencio, em que os virmos cahir, dissimula-lhes mysteriosos dialogos na linguagem desconhecida e intraduzivel d'esse phantastico mundo. É uma singular loucura procurar distrahil-os, chamando-os á consideração das cousas reaes. A mais doce consolação, a mais festiva alegria d'aquellas almas, é aquillo mesmo que se nos figura tristeza.

Deixem-os assim. Não queiram erguer-lhes a fronte, que involuntariamente se inclina; não tentem illuminar-lhes com um sorriso a physionomia, sobre a qual se derrama uma serena gravidade; não se esforcem por lhes tirar dos labios comprimidos uma palavra qualquer; o fogo de vida, que parece tel-os abandonado, deixou sómente a superficie para mais intenso se lhes concentrar no coração.

Margarida tinha tambem o seu pensamento secreto, que, em momentos assim, acariciava com amor.

Este pensamento de longe lhe viera, ha muito lhe era companheiro. Assim como nas trevas da noite os olhos involuntaria e quasi irresistivelmente se fixam no mais pequenino ponto luminoso, que lhes surja do seio da obscuridade; assim se voltava o pensamento de Margarida para o unico raio, que lhe luzira debil d'entre as sombras da sua existencia passada. A candida affeição de Daniel era este raio; através das diversas phases da sua vida a acompanhára sempre a imagem d'elle,

modificando-se conforme a natureza dos sonhos em cada uma. Aos vinte e dous annos, que Margarida contava agora, recebera essa imagem toda a vida, de que um coração juvenil anima as suas creações mais queridas.

De facto, não fôra sem uma certa commoção de suspeitosa natureza, que a imagem de Daniel adolescente viera, por mal percebidas gradações, afugentar das reminiscencias da boa rapariga a do pequeno Daniel, que ella conhecera outr'ora; não foi sem intimas turbações de animo que, de envolta com as memorias suaves d'esse curto passado, a phantasia lhe começou a misturar vagas aspirações para um futuro que, agradavelmente e melancolicamente tambem, agitava o coração da ingenua scismadora.

Era bem triste, depois de sonhos assim, acordar na amarga realidade do presente desencantado, mas era inevitavel. O destino decidira d'outra sorte.

—Vamos—dizia Margarida a si mesma.—Que mulher sou eu? Quando precisava de dobrada força para o trabalho, ainda me ponho a pensar... não sei em que. Pensar!... É um luxo, com que não podem os pobres—accrescentava, sorrindo amargamente.—É um prazer de ricos e ociosos. A nós, sahe-nos muito caro cada minuto desperdiçado a pensar assim.

—Clara vai casar—scismava ella depois.—É forçoso que me separe d'ella. Bemdito seja Deus, que me inspirou esta divina ideia de viver pelo trabalho; d'elle só e com elle deve ser agora principalmente o meu viver. É custoso, porque queria devéras a esta pobre creança, mas é necessario. Um dia podia vir a causar-lhe involuntariamente mal, se ficasse.—Hei de partir.

XI

Procedia-se, com toda a actividade, nos preparativos do casamento contractado.

José das Dornas não cabia em si de contente. A formatura de um dos seus filhos, e a perspectiva do vantajoso casamento do outro eram para isso motivos de sobejo.

Accrescentem agora que o anno tinha sido fertil, que o enxoframento das suas vinhas promettia excellentes resultados, e poderão julgar se tinha ou não razão o robusto lavrador

para andar satisfeito e para cantar, a miudo, a sua cantiga favorita:

> Papagaio, penna verde,
> Não venhas ao meu jardim:
> Todas as penas acabam,
> Só as minhas não tem fim.

Depois de haver superintendido em todos os aprestes, que se faziam na casa, para receber o novo adepto da sciencia hippocratica, José das Dornas, cedendo áquella irresistivel necessidade, tão geral em todos nós, de transmittir aos outros parte das nossas alegrias, communicando-lhes a narração d'ellas, sahiu e transportou-se á loja do snr. João da Esquina, ponto de reunião da mais escolhida sociedade da terra.

—Ora viva o snr. José das Dornas! passasse muito bem, é o que eu estimo—disse o merceeiro do fundo da loja, onde, em pé sobre um banco de pau, se occupava a despendurar vélas de cebo, para satisfazer a requisição d'um freguez.

—Deus seja aqui—respondeu José das Dornas, sentando-se familiarmente em um dos bancos, que havia por fóra do mostrador.

—Muito calor, snr. José—observou o merceeiro, adiantando-se.

—De morrer—accrescentou o lavrador, tirando o chapéo e passando o lenço pela cabeça escalvada.

—Então que se diz de novo?—perguntou o outro, pagando-se da importancia do genero, que acabava de aviar.

—Que se ha de dizer? Que se vive, como Deus quer, e cada um póde. Os velhos, como eu, com os seus achaques.—Tal foi a resposta de José das Dornas, morto já por encontrar uma transição natural para fallar do filho, sem quebra da modestia paterna.

—Então já sabe que o padre Custoias é que préga este anno o sermão da Senhora do Amparo?—disse João da Esquina, que sempre que perguntava o que ia de novo, é porque tinha alguma cousa a responder.

—Sim?—exclamou, com affectada admiração José das Dornas, a quem, n'aquelle momento, a noticia importava muito mediocremente.

—É verdade. E a philarmonica é que vai tocar.

—Então a festa é de espavento!

—A confraria tem em cofre perto de cem mil reis.

—Está feito!

—E, diga-me, snr. José, que lhe parece da péga do nosso reitor com os do Amparo? Não acha que é um despotismo?

—Eu sei? Olhadas as cousas de certo modo, o homem não deixa de ter alguma razão.

—O quê, senhor, o quê?—exclamou indignado o merceeiro.—Não tem razão nenhuma. Não me diga isso. Ora... pois falle a verdade. De quem é a cera das promessas, que fazem á Senhora? Não é d'ella? A quem compete então o direito de a vender? Á confraria, que é a sua procuradora. Isso é claro como agua.

—Pois sim... não digo menos d'isso... mas... os direitos parochiaes... emfim, não sei, não sei—murmurava José das Dornas, ancioso por dar de mão ao assumpto, sobre-delicado para elle, que tinha amizades nos dous partidos, muito fóra do seu proposito n'aquella occasião.

—Que direitos, que direitos? tórtos lhes chamo eu. Eu bem sei o que aquillo é... Lembra-se do que o reitor de Cisnande fez aos do Martyr? pois temos outra aqui.

—Homem—insistia José das Dornas, devéras impaciente por não vêr aproximar-se a conversa do topico desejado, antes afastando-se cada vez mais d'elle.—Não diga isso do padre Antonio; você bem sabe que o quinhão do nosso abbade é o quinhão dos pobres. Mas... eu d'essas cousas não entendo, nem quero entender; parece-me comtudo que era bom que andassem n'isso com prudencia e aconselhados por quem possa dizer alguma cousa a tal respeito.

—Então o juiz da confraria é algum tolo? Olhe que o João Semana é homem para fazer frente ao abbade se...

Como já tivemos occasião de dizer, João Semana era, por aquelle tempo, o unico facultativo da freguezia, e lisongeiramente conceituado na opinião pública da terra.

Desde que José das Dornas ouviu pronunciar o nome do velho cirurgião, alegrou-se por lhe parecer preparar-se a indole da conversa n'um sentido favoravel ao assumpto, que elle mais pretendia tractar; por isso, logo se apressou em observar:

—João Semana é homem fino, bem sei. Mas é tambem amigo velho do abbade; são amigos de tu e por isso duvido que queira deixar ir as cousas ao mal. De mais a mais, está velho e...

A conjuncção devia ser a ponte, de passagem, para o assumpto suspirado; mas o merceeiro cortou-lh'a no principio.

—Velho, sim, mas robusto como poucos rapazes. Olhe vocemecê que aquella alminha já ás cinco horas da manhã tem visitado mais de sete ou oito doentes.

José das Dornas julgou ainda este terreno favoravel para lançar os alicerces da ponte, que queria construir.

—Isso lá é assim; bem precisa de quem o ajude; e, dentro em pouco...

João da Esquina ainda d'esta vez lhe baldou a tentativa.

—Mas diz você que elle é amigo do abbade? tambem eu sou; mas isso não quer dizer nada, o que é de direito...

—Pois sim; eu não digo menos d'isso; mas emfim... um cirurgião tem o tempo tão occupado!... ainda se meu filho...

—Uma quarta de assucar—bradou uma rapariga, que, n'esta occasião entrava na loja, e por esta fórma, uma vez mais, impediu que José das Dornas realisasse o seu intento.

Quando a fregueza se retirou, elle proseguiu com uma constancia digna de melhor sorte:

—Mas ainda se meu filho...

O tendeiro porém, que, com a transacção que operára, tinha deixado escapar o fio da conversa, julgou que se tractava de Pedro e perguntou:

—Então quando casa elle com a Clarita do Meadas?

—Veremos; provavelmente breve; chegando do Porto o outro rapaz.

—Olhe que foi bem bom arranjo, snr. Zé—continuou o tendeiro com impertinente falta de percepção.—Só o campo dos Bajuncos é uma tal peça de lavra.

—E sobretudo é boa cachopa a rapariga; lá isso é. Pois... quando vier o outro... teimava o lavrador.

De novo um feirante veio interromper o discurso ao pobre do pae, que se vingou mandando-o interiormente ao diabo. Já ia desesperando de conseguir a realisação do seu innocente proposito, quando o reitor, passando por a porta da loja, lhe perguntou:

—Então vem hoje o homem ou não?

—Eu espero que sim, snr. reitor—disse José das Dornas, levantando-se e descobrindo-se.—Pelo menos não recebi ainda noticias em contrario.

—Vê se me mandas avisar, logo que chegue, que o hei de querer ir vêr.

—Não ha de haver dúvida.

—Adeus.

E o padre continuou o seu caminho, cortejando amavel-

mente, com um movimento de bengala, João da Esquina, que apesar de partidario dos do Amparo, não acolheu friamente a saudação. Mas a final, graças ás palavras do padre, tomou a conversa o rumo desejado de José das Dornas.

—Com que, temos cirurgião novo cá na terra? Ora Deus o ajude—disse João da Esquina.

—Emquanto o João Semana viver, ha de custar a afreguezar-se o rapaz—observou o pae, trahindo no gesto porém um convencimento contrario, ao que em palavras exprimia.

—Deixe lá. Ha gente para ambos. A terra já vai dando para dous, graças a Deus. E o rapazinho sahiu esperto?

—Lá isso, diga-se o que é verdade, não é agora por ser meu filho, mas todos o confessaram. Creança era elle ainda, que já o reitor se espantava da memoria do rapaz. E se você visse, snr. João, o livro que elle escreveu? Chamam-lhe lá these, ou não sei quê. Pelos modos, sem escrever aquillo, não podem ter as cartas de examina. Eu tenho um, que elle me mandou. Como sabe, eu d'aquillo nada entendo, mas bem vejo que é obra acabada e bem feita. Deixe estar que lh'o hei de trazer, para vêr.

—Eu d'isso pouco sei dizer; não é a minha especialidade.

Não estamos habilitados para declarar aqui qual fosse a especialidade do snr. João da Esquina.

—Pois sim, bem sei;—continuou o pae—mas sempre lá ha de encontrar cousa que perceba. O João Semana tambem tem um que o Daniel lhe mandou, e disse-me que está cousa aceiada; e o snr. reitor affirmou-me que bem se conhece que o rapaz não se esqueceu do latim, porque em... geographia, parece-me que foi geographia que elle disse, n'isto que ensina a escrever com letras dobradas, não tem nada que se lhe note.

—Bom é isso—replicou o tendeiro, já um pouco distrahido a sommar as parcellas do seu livro de assentos.

José das Dornas continuou:

—Quer saber, snr. João? Olhe que, pelos modos, o rapaz até lá provou... Já sei que se vai admirar, mas olhe que é facto, assim o leu no fim do livro, o snr. reitor, até lá provou... que não ha doenças.

João da Esquina interrompeu effectivamente a sua tarefa, para fitar no interlocutor uns olhos espantados.

—Que não ha doenças?!

—E' verdade—respondeu o lavrador, saboreando em delicias a estupefacção do seu visinho.

—Essa agora!—dizia este ainda no mesmo tom de espanto—Mas como se entende isso?

—Assim, como eu digo.

—Ó snr. José das Dornas, então que é este rheumatismo que me não deixa mexer?

—Não sei. Diz elle que é outra cousa; lá lhe dá um nome, mas é tão arrevezado, que me não ficou.

—Que não ha doenças! Essa lá me custa a engulir! Então para que andou o rapaz a estudar, e o que vem fazer para cá, se não ha doenças? Faz favor de me dizer?

—Elle não disse que...

Mas João da Esquina estava muito offendido nas suas crenças, para o deixar continuar:

—Que não ha doenças! Sempre é uma, a fallar a verdade! Não, não ha! Que diabo viu elle então lá no hospital? Ora essa! E que disseram os... os mestres a isso?

—É o que eu estou morto por lhe perguntar. Mas o snr. João admira-se? e então se eu lhe disser que elle provou tambem que um homem é a mesma cousa que um macaco?

João da Esquina fechou com impetuosidade o livro dos assentos.

—Irra! Está a caçoar commigo, snr. José? Elle podia lá dizer semelhante cousa!

—Pergunte-o ao snr. reitor, que assim o explicou; pergunte, se não acredita.

—Eu não, pois... Macaco! Então eu sou macaco? Então vocemecê é macaco? Então elle é macaco? Então nós somos... Ora, isso não póde ser.

—Você, snr. João, cuida que elles entendem as cousas assim como nós. Isso tem lá outro sentido.

—Outro sentido! Que diabo de sentido ha de ter? Todos sabem o que é um homem, todos sabem o que é um macaco. Não vejo que outro sentido seja. Macaco!.. Irra! Não, essa agora é que me não entra cá.

—Elle, salvo seja—observou José das Dornas, rindo—aquelles diabos parecem ás vezes mesmo gente, lá isso parecem; o snr. João nunca os viu?

—Vi, vi; tenho visto muitos.

—Olhe que fazem cousas! que, fóra a alma, já se sabe...

—Pois sim; mas o... mas a cauda?

—Ah! lá isso...—respondeu o lavrador embaraçado.

—Ora então, ahi tem—disse João da Esquina com um ar triumphante, capaz de fulminar Lamarck.

—Deixe vêr se me lembro de outras que elle provou...

—Não, essa já não é má! Mas, ó snr. José, devéras elle disse?...

—Ora essa, visinho! Palavra, que sim.

—Macacos! o rapaz não estava em si de certo. Macacos! Mas então que queria elle dizer a final? Pois nós somos macacos, snr. José? ora diga?

—Não sei. Elles lá o lêem, lá o entendem.

—Vão para o diabo. Bem me importa a mim o que elles lêem e o que elles entendem. Não está má essa! Macacos!

Durante este soliloquio de João da Esquina, fazia José das Dornas por lembrar-se de mais outra das proposições, que publicamente sustentára seu filho, perante o jury escolar.

—Ah! é verdade—exclamou a final.—Esta tambem lhe vai fazer móssa. Já estou vendo... Diz que sustentou lá tambem que a gente, verdadeiramente, devia andar com as mãos pelo chão.

O gesto do tendeiro foi tão violento, que José das Dornas accrescentou, como correctivo:

—Elle não diz isto bem assim, mas lá por umas outras palavras, que eu não tinha entendido, mas que o snr. reitor explicou.

João da Esquina conservava sobre José das Dornas um olhar desconfiado.

—Vai-me parecendo que o snr. José tem estado, mas é, a caçoar commigo.

—Ó homem! Com a verdade com que eu fallo, assim Deus salve a minha alma.

—Então com que havemos de andar a quatro como, com sua licença, as cavalgaduras?

—Não; elle tanto não quer dizer.

—Não quer? mas se elle diz....

—Sim, mas elle não diz...

E os dous olhavam-se embaraçados. José das Dornas não podia resignar-se a tirar a consequencia, um tanto dura, formulada pelo tendeiro; mas tambem não lhe occorria escapúla razoavel. João da Esquina aguardava em vão a resposta.

A final, José das Dornas sahiu-se d'entre as duas pontas dilemmaticas d'este «diz e não diz», graças á evasiva costumada em casos taes.

—Homem, elles lá sabem o que querem dizer na sua.

—Eu julgo que não é necessario ser grande doutor para

entender isso. Mas que ande quem quizer com as mãos pelo chão, que eu por mim...

—Outra—continuava José das Dornas.—Disse que ha muito pouca differença entre um... um alimento ou elemento, diz que é a comida que a gente come, e um veneno.

João da Esquina já não podia espantar-se mais; limitou-se a observar com ironia:

—Pois, quando elle vier, cozinhe-lhe vocemecê um guizado de cabeças de phosphoros com rozalgar, a vêr como elle se dá. Se é a mesma cousa... Sempre ao que ouço! Estes medicos de agora!

—Emfim, mostrou muita outra cousa o rapaz e de que eu agora me não lembro. Pelos modos deixou-os todos maravilhados.

—Se lhe parece que não!... sendo todas d'esse jaez.

Para os leitores, alheios a certas noções de sciencia e que se sintam tentados, como o snr. João da Esquina, a duvidar da veracidade de quanto José das Dornas referira, devo eu, em bem do caracter sizudo do honrado lavrador, accrescentar aqui, á maneira de nota elucidativa, que, informando-me com pessoa competente, soube que as proposições que tanto impressionaram o tendeiro, tinham seus fundamentos em varias opiniões e theorias philosophicas, mais ou menos á moda.

Daniel, com o amor do extravagante, natural a quem deixa aos vinte annos os bancos das escólas, affeiçoára-se áquellas proposições que, formuladas, podessem apparentar-se mais paradoxaes, não hesitando em levar ás ultimas consequencias os principios systematicos de algumas escólas e seitas.

Esta vulgar tentação da juventude não lhe grangeou grandes creditos no conceito de João da Esquina, a cujo bom senso repugnavam as asserções, que, pelo relatorio de José das Dornas, lhe vieram assim, nuas e cruas, ao conhecimento.

Assim que o lavrador voltou costas, João da Esquina murmurou com os seus botões:

—Nada, para mim não serve o doutor. Se elle diz que não ha doenças, que ha de cá vir fazer? E depois, póde pôr-me em dieta de vidro moido e cebolla albarrã ou outra cousa assim e mandar-me correr a quatro pelos montes. Nada. Quero-me com o João Semana, que é homem sério, e não tem d'estas exquisitices da moda.

XII

Ao deixar José das Dornas, na tenda do seu visinho da Esquina, o reitor, apoiado na grossa bengala de canna, companheira fiel das fadigas de muitos annos, foi seguindo pelos caminhos pouco commodos da sua parochia, e entrando nas casas mais pobres, onde levava a esmola e o conforto de doutrinas evangelicas, que tão singelamente sabia prégar.

Era esta para elle tarefa habitual.

Sentava-se com familiaridade á cabeceira do jornaleiro doente, elle proprio lhe arrefecia os caldos, lhe temperava os remedios e lh'os ajudava a tomar; guiava com os seus conselhos e ensinava com o exemplo os enfermeiros, que, entre a gente pobre dos campos, são quasi sempre os mais pequenos da familia, aquelles que, pela idade, representam ainda uma parte pouco productiva de receita; porque os outros reclamam-os as exigencias imperiosas do trabalho.

No cumprimento d'esta obra de misericordia, atravessou o reitor quasi toda a aldeia, e, com o coração apertado pelos infortunios que vira, e desafogada a consciencia pelo bem que fizera, continuava placidamente a sua tarefa abençoada.

Depois de muito andar e de muito consolar miserias, parou algum tempo por baixo das faias, que assombravam um largo terreiro, e sentou-se com o fim de ganhar forças para proseguir.

Emquanto descansava, foi dar balanço ás algibeiras, que trouxera bem providas de casa. Este balanço foi desanimador para os projectos ulteriores do velho. A esmola, essa sublime gastadora, que nunca abandonava a direita do parocho n'estas visitas pastoraes, havia-lhe esgotado o capital, sem que elle désse por isso.

O reitor mostrou-se mortificado; não que lamentasse o dinheiro, gasto assim; mas porque estava longe de casa, e tinha ainda mais infelizes a soccorrer.

Poucas cogitações financeiras de um ministro de estado, perante um *deficit* do orçamento, valem as do parocho n'aquella occasião. Apertando entre o indicador e o polex o labio inferior e com o olhar immovel, proprio das profundas abstracções de espirito, conservou-se por bastante tempo irresoluto,

entre o proseguir a sua visita com as mãos vazias, e o transferir para outra vez o complemento d'ella.

Nem um, nem outro alvitre lhe agradava porém.

De vez em quando, tornava a procurar nas algibeiras, a vêr se lhe passára desapercebida alguma pequena moeda, que o tirasse de maiores difficuldades. Mas nada lhe valia a pesquiza.

Em fim levantou-se; radiava-lhe a physionomia com um ar de resolução, como se a final lhe occorrera o pensamento desejado; e foi já com andar firme e decidido, que continuou o seu caminho, murmurando comsigo mesmo não sei que palavras pouco perceptiveis, acompanhadas ás vezes de certa mimica de mãos.

Depois de trezentos passos, pouco mais ou menos, dados assim, achou-se o reitor defronte d'uma casa branca, cujas funcções eram bem indicadas pelo ramo de loureiro, que lhe pendia á porta e pelo côro de vozes, e ruido de gargalhadas e juras, que vinham do interior d'ella.

O padre tomou a direcção d'esta casa.

Não o surprehendeu o espectaculo que presenciou, porque o esperava.

Uns poucos de lavradores e de homens de officio, sentados á volta d'uma banca de madeira, e todos formidavelmente munidos de grandes copos de vinho, estavam recebendo alli simultaneas as commoções da beberronia e do jogo de parar. Cada um d'elles seguia de olhos attentos as evoluções d'um baralho de cartas, moído e sebento, que um banqueiro, igualmente dotado d'esta ultima qualidade, executava com a prestidigitação de consummado artista; o ardor do ganho, e a reciproca desconfiança que os animava, rompia ainda através dos densos nevoeiros que pareciam toldar aquellas vistas avinhadas.

Havia um consideravel monte de cobre e alguma prata, no meio da mesa, e montes parciaes, mais ou menos bem providos, ao lado de cada jogador. A cada sorte, que se decidia entre um silencio e anciedade de suspender quasi a respiração, seguia-se um vozear infernal, composto de exclamações de jubilo dos felizes e de pragas dos sacrificados.

O reitor assomou ao limiar da porta, em um d'esses momentos de tumulto. Discutia-se, quasi tão desordenadamente como nas mais importantes sessões dos nossos parlamentos, a legalidade e inteireza d'uma final mão de jogo.

A correr parelhas com a pouca moderação das palavras,

só a das libações do vinho. Os copos vasavam-se e enchiam-se com uma rapidez pasmosa, e o taberneiro, a cada um que se despejava assim, traçava um signal a giz na porta vermelha da cozinha.

O apparecimento do reitor fez sensação.

O primeiro movimento dos circumstantes, ao darem por elle, foi o de esconderem as cartas e o dinheiro; mas, na impossibilidade de o fazer a tempo, levantaram-se e, com um ar de embaraço, tiraram o chapéo e abaixaram os olhos.

Houve um momento de silencio, empregado por o reitor em reconhecer os delinquentes, e durante o qual estes não ousaram levantar os olhos.

—Não é o regedor, soceguem—disse em fim o reitor ainda do limiar da porta—e pena é que o não seja, para vos meter a todos na cadeia.—E, adiantando-se na taberna, continuou: —Sancta vida esta! Assim é que é ganhar o reino do céo! Sim, senhores! Aqui estão uns poucos de sanctos varões, que empregam bem o seu tempo! Respeitaveis e exemplares patriarchas, de quem muito se póde esperar como educadores da familia! Sim, senhores!—E, mudando para um tom mais severo: —Vossas mulheres estafam-se com trabalho, para dar um pouco de pão negro aos filhos e a vós esta vida regalada, não é assim? Ainda agora encontrei o teu pequeno, Manoel, que pedia esmola pela porta dos visinhos; não tens vergonha?—A tua mulher, Francisco, estava ha pouco de cama e teve de mandar á cidade a filha mais nova com uma canastra de hortaliça, com que ella mal podia; ia a vergar, a pobre pequena!—Achas isto bonito?—O teu irmão, João, ainda não ha tres dias, que foi pedir emprestado, chorando, ao José das Dornas, dinheiro para pagar ao mestre da fabrica, em que traz o filho na cidade; talvez tu não tivesses para lh'o emprestares?—Não ha muito que o pobre José da Maia se me queixou a mim, de que tu, Damião, ainda lhe não tinhas pago por inteiro o preço d'aquelles bois, que lhe compraste. Mas que importam estas pequenas cousas? Que importa lá a miseria, que vai por casa, se não falta o dinheiro para vinho e para o jogo. Isso é o que se quer! E tu—accrescentou, voltando-se para o taberneiro que, de traz do mostrador, assistia calado a toda esta scena—tu vaes engordando á custa d'estas miserias todas. Passam fome as mulheres, e as creanças, para te encher as gavetas e a barriga! O' Sancto Deus!—e tanta desgraça, que por ahi vai, e tanta gente sem pão para comer!

—Essa é boa! O meu officio é vender vinho, vendo-o; faço o meu dever—resmungou o taberneiro despeitado.

—Fazes tambem o teu dever, enchendo com outro tanto de agua as pipas do vinho que vendes? e permittindo em tua casa estes costumes prohibidos pelos homens e amaldiçoados de Deus?—estes jogos infernaes, que teem levado tantas cabeças á forca, e tantas almas ao inferno? É esse tambem o teu officio? Pois deixa estar que eu avisarei o regedor, para que te dê a recompensa, por o bem que o cumpres.

O taberneiro não redarguiu.

O reitor voltou-se de novo para os jogadores, ainda silenciosos:

—Chego ao meio de vós com as mãos e as algibeiras vazias. Vêde. O dinheiro, com que sahi de casa, ficou-me por esses caminhos, algum nas casas de muitos, dos que vejo agora aqui. A esses não estou disposto a perdoar a divida, pois vejo que não precisavam da esmola, que eu lhes dei; os outros, que teem para perder no peccado, tambem o hão de ter para a obra de misericordia, ou tisnada trazem já a alma, pelo fogo do inferno. Tenho ainda muitos pobres para vêr, e não trago já dinheiro commigo. Peço esmola para os pobres—proseguiu o reitor em voz alta, e aproximando-se da mesa—quem não dará aqui esmola para os pobres?—Amanhã, continuando vós n'esta vida, eu pedirei tambem esmola para vós. Lembrai-vos d'isso.

E a um por um estendia o chapéo, fitando-os com um gesto de nobre e composta severidade.

O respeito, que lhes impunha a figura do ancião, pedindo desinteressadamente para a pobreza, e, em muitos, a voz da consciencia coroaram do melhor exito a inspiração do parocho.

Houve quem lhe despejasse no chapeo, todo o dinheiro, que tinha diante de si.

Um só não correspondia ao pedido.

O reitor olhou-o com ar austero:

—E tu?

—Não tenho nada—respondeu este homem com ar abatido—perdi e devo.

—Não tens nada!—redarguiu o padre com amargura—tens, sim; tens cinco filhos e uma velha mãe moribunda.

O homem cobriu o rosto, para occultar as lagrimas.

—A que vem esse chôro, agora? Pois julgavas tu, que matarias a fome á tua familia por esta maneira? Para que te deu Deus os braços robustos, homem, e o peito valente, se os negas ao trabalho?—E, voltando-se para os jogadores que sabia

mais abastados, proseguiu com maior vehemencia:—E vós tivestes alma para vos entregardes a este jogo damnado com um homem, que punha em cima da mesa o pão e o sangue dos seus filhos e de sua mãe! Vergonha e desgraça sobre vós, miseraveis, se dentro de um dia não compensardes o mal que fizestes, abrindo por vossas mãos a este pae e filho desnaturado a carreira do trabalho, que é da honra igualmente—dentro d'um dia, como podeis e deveis. Eu vos forçarei a isso. Homens, que tão bem servis para perder, servi um dia ao menos para salvar. Não pódes pagar?... Alguem pagará a tua parte.

—Não póde pagar, não: observou o taberneiro—que a mim me deve elle uma conta, e não pequena, de vinho.

—Ah, sim?—disse o reitor, voltando-se para o da observação—Pois has de ser tu o que pagarás a parte d'elle. Ainda não déste nada. Dá-me a sua divida.

—Mas, snr. reitor...—balbuciou o taberneiro.

—Consideras-te mais que os outros? Só se fôr, por seres o mais culpado.

—Não, senhor... De boa vontade lh'a perdôo; lá por isso...—E accrescentou, fallando comsigo, o taberneiro:—Não cedo grande cousa, que por perdida a tinha eu ha muito.

Depois d'esta abundante colheita, o reitor continuou:

—Compensem ao menos com esta boa acção o pensamento diabolico, que vos juntou aqui. E agora ide para vossas casas, e para o trabalho. Lembrai-vos que mal vai á familia, e á fazenda do que se esquece na taberna assim; e retenha-vos essa lembrança, se ainda não tendes endurecido de todo o coração. O que entra rico n'estas casas sahe a pedir; se entrar pobre, sahe criminoso. Ide. Fugi ás tentações d'estes inimigos—isto dizia tomando as cartas da mesa—e fazei como eu quando as tiverdes á mão.—E, com um rapido movimento do braço, fez voar todo o baralho até ao fogo, que em pouco tempo o reduziu a cinzas.

E pondo outra vez o chapéo na cabeça, sahiu da sala.

Apoz elle, foram sahindo tambem os joviaes consocios da taberna, que não se sentiam com alma de continuar alli.

Para alguns tinha de ser aquella a ultima tentação.

O que menos contrito se mostrou foi o dono do estabelecimento, que deu ao diabo a intervenção do parocho na pacifica diversão de meia duzia de freguezes honestos e tementes a Deus. No entretanto ia o reitor proseguindo a sua visita

e distribuindo pelos necessitados o dinheiro dos ociosos. Sorria de satisfação o velho, ao fazel-o.

—As grandes ventanias—monologava elle—são tambem um mal para o lavrador, porque lhe derrubam as searas, mas... como se não podem evitar... que se faz?—levantam-se nos montes as azas d'uns moinhos e ellas ahi estão aproveitadas. Aproveitemos pois tambem da loucura má d'estes perdularios, já que ainda não pude acabar com ella de todo. Se a agua é muita nas prêsas, não se deixa extravasar á tôa, abre-se um regueiro, que a leve onde ella seja precisa. Ó Sancto Deus! e então que ha por ahi terras tão sequinhas de agua! Doer-me-ia a consciencia se tivesse enchido assim a bolsa com as esmolas dos laboriosos e poupados; mas com a d'estes... ora, folgo e orgulho-me.

XIII

Ao chegar a um largo, todo plantado de sovereiros, quasi seculares, que havia no centro da aldeia, ainda o bom do parocho levava as algibeiras bem fornecidas.

A tarde aproximava-se do fim; estendiam-se já as sombras muito para o oriente, e coloriam-se de vermelho afogueado as vidraças voltadas ao occaso.

O reitor encaminhou-se para uma das casas de mais miseravel apparencia, que havia n'aquelle logar.

—Terminemos por este—dizia o velho comsigo.

Empurrou adiante de si a porta d'esta casa e ia a entrar, quando deu de rosto com Margarida, que sahia.

Os olhos vermelhos da sua pupilla, a expressão de dôr, que trazia no semblante, chamaram a attenção do reitor.

—Que tens, Margarida?—perguntou elle com sollicitude —Esses olhos são de quem chorou.

—É que despedaça o coração ouvil-o.

—Então está mais doente?

—Está muito mal.

—E aonde ias tu?

—Á casa. O boticario quer o dinheiro dos remedios e...

—Que não vá arruinar-se o homem. Deixa que tem de me ouvir. É peior que o peior dos seus causticos. Porém não tem dúvida, que eu venho bem provido. Entra, mas em antes alegra-me esse rosto. Vamos.

E os dous entraram na sala. O interior da casa não contradizia o aspecto de fóra.

Era a casa d'um pobre.

Com a cabeça encostada nas mãos e os cotovelos apoiados na mesa, estava um homem encanecido e pallido,—tão absorto, que nem deu pela chegada do reitor, o qual se aproximou d'elle lentamente.

Este homem era o infeliz, que servira de mestre a Margarida.

O parocho ficou por algum tempo a observal-o em silencio; vendo porém que não era sentido, dirigiu-lhe a palavra:

—Que grande dormir é esse, snr. Alvaro, que nem dá pela chegada d'um amigo?

O velho levantou finalmente a cabeça, como sobresaltado por aquella voz.

—Ah! é o snr. reitor? Não dormia, não...

—Então?

—Pensava.

—Em quê?

—Em quê! E falta-me em que pensar? Na minha vida passada e na futura, que está proxima já.

—O passado—disse o reitor, sentando-se do outro lado da mesa e sem desviar os olhos do velho Alvaro—é um sonho, que se sonhou. E quando d'elle, felizmente, não ficaram remorsos, que peçam reparações, arrependimentos, ou... penitencias, perde-se muito tempo, a pensar n'elle assim. Da vida futura... bom é ter d'ella sempre o pensamento, de certo; mas quem sabe lá quando nos está proxima?

—Sei-o eu. Ha dous dias que me sinto fraco, muito fraco. Nem já pude sahir para, como costumava, ir vêr o pôr do sol lá acima, dos degraus da capella do Calvario.

—Isso lá..., todos nós temos d'essas fraquezas, sem causa. Ha dias assim. E então desanima por isso?

—Desanimar!—replicou o velho, sorrindo tristemente—E que animo tenho eu ainda para perder? Ha muito que elle me falta na vida. Bem vê—continuou, apontando para Margarida—que tenho precisado d'um braço para me sustentar.

—Grande animo tem o que sahe das grandes provações com a cabeça levantada. Para que se faz cobarde, diante de quem lhe conhece e admira a coragem? A Christo, tambem houve uma mulher, que lhe limpou o suor da fronte vergada; e mais era um animo divino, aquelle.

—Não, eu não sou forte—continuou o velho doente.—

Collocado, como estou, entre a morte e a vida, receio-me d'ambas. Desfallece-me o alento diante das provações continuadas d'uma; assusta-me a incerteza, o desconhecido da outra. O meu coração é muito da terra para poder ser forte. Os meus olhos ainda se não seccaram para as lagrimas e...

—Bemaventurados os que choram!—redarguiu o reitor.

—Como me não ha de assustar a vida se ha muito que, onde busco a consolação, encontro só o desespêro?—continuava o enfermo—Ao findar o dia, gostava eu de me ir sentar lá fóra, a vêr descer o sol; mas, dentro em pouco, tomava-me d'uma tristeza profunda e rompia em lagrimas, que não podia estancar. Aquelle descimento do sol lembrava-me outros occasos. Eu tenho visto tantos! Um dia, em volta de mim, apagaram-se os esplendores da riqueza. O meu coração era de homem..., padeceu; mas Deus sabe que não foi para elle esta a prova mais terrivel. Outro dia apagou-se a luz da vida no olhar d'uma esposa adorada; outro, nos rostos de duas creanças innocentes, que, ainda a morrer, me sorriram; então sim, fez-se a noite em minha alma... Era isto que me recordavam aquelles occasos...

—Mas então para que procurava essas occasiões de tristeza, diga?—perguntou Margarida com affabilidade e quasi sorrindo—Olhe; se ás mesmas horas se voltasse para o outro lado, para aquelle, onde o sol nunca se vai esconder, nem as estrellas, havia muitas vezes de avistar a lua que subia, a lua que não deixava que a sua noite fosse escura de todo. Tambem ella o affligiria assim?

—Tambem ella. Ás vezes a vi. Lembrava-me então que, para mim igualmente, ao apagarem-se as mais ardentes affeições do meu coração, nasceu a luz do teu affecto, melancolica e suave como a d'ella, Margarida; entristecia-me com a lembrança.

—Porquê?—perguntou Margarida.

—Porque, tentando descobrir a força mysteriosa que te aproximava da minha desventurada velhice, a ti, a quem, pela idade, só alegrias deviam attrahir, encontrava apenas a explical-o a tristeza d'essa alma, tristeza que é o segredo do teu coração, que a ninguem revelas, e que Deus queira que não acabe por te devorar um dia.

Margarida desviou os olhos da vista fixa e penetrante do velho, e respondeu, fingindo sorrir:

—Pois então, d'essa vez, meu bom amigo, era bem sem razão, que se entristecia.

—Prouvera a Deus que o fosse... que o seja. Mas, bem vêem, havia em mim muita amargura para me ser supportavel a vida. Se o travor nos está nos labios, não ha doçura de mel que o disfarce. Vergava pois sob o peso da existencia. Pedia fervorosamente a Deus, que me tirasse d'este martyrio e era sincera a prece, era! Persuadia-me eu que, ao ouvir bater a minha ultima hora, a saudaria com jubilo; e agora que bem sinto que chegou..., e chamam-me forte ainda! agora, ao ouvil-a, assusto-me, estremeço... Está proximo a revelar-se o mysterio... e que segredos me descobrirá? Que verá minha alma ao rasgar-se a nuvem, que caminha diante d'ella? Que verá minha alma depois do tumulo? Que verá minha alma no dia de ámanhã.

—A gloria eterna, a bemaventurança do céo!—respondeu o reitor com a firme convicção da fé.

O velho Alvaro fitou n'elle um olhar demorado e perscrutador, e depois, escondendo o rosto entre as mãos, exclamou quasi soluçando:

—Senhor! Senhor! porque me negaes o balsamo d'uma crença como esta!

O reitor contemplava-o com um olhar de piedade. Para a sua alma, ingenua e sinceramente christã, era desconhecida e quasi inconcebivel esta excitação febril, a que certa ordem de meditações arrebatam alguns espiritos illustrados. A dúvida, esse demonio inquietador, nunca dirigira ás suas crenças piedosas a interrogação fria e implacavel, que as faz estremecer. Ellas protegiam-lhe ainda, como d'antes, a cabeceira do leito contra os maus sonhos dos philosophos e, alumiado pela sua luz, achava-se tambem o bondoso parocho no fim da viagem da vida, sem se lembrar de perguntar a que porto chegaria. Sabia-o, de pequeno; desde então lhe repetia o nome de contínuo. Como que já aspirava as auras d'esse paiz, e ás vezes quasi se illudia a ponto de o julgar entrever. Era feliz na sua fé.

Comtudo o reitor era d'estes homens, que teem coração para se compadecer de todos os infortunios, d'aquelles mesmos que a sua intelligencia não comprehende bem.

A sollicitude, com que se aproximava dos infelizes, não podia comparar-se á do medico, que procura sondar e conhecer o mal, para o debellar apropriadamente; era antes como a da mãe, que responde a todos os gritos do filho estremecido com beijos e com lagrimas, e se não cura assim a causa da

dôr, porque a desconhece, mitiga-a, por as sympathias que revela.

As palavras, cheias de resignação christã, que o reitor dirigiu ao atribulado enfermo, serenaram a este um pouco as amarguras do espirito, que o espinho da dúvida pungia; e foi com verdadeira gratidão, que elle apertou as mãos do padre, quando este se preparava para retirar-se.

Uma das razões, que levaram assim o parocho a resumir a sua visita, foi o parecer-lhe ter ouvido o rumor d'uma altercação um pouco viva, travada á porta da casa, entre Margarida, que momentos antes deixára a sala, e outra pessoa, cuja voz parecia vir da rua.

Ao aproximar-se, o reitor percebeu melhor que a sua pupilla fallava em tom supplicante e o interlocutor, se não com aspereza, comtudo com menos cordura, do que o parocho desejaria. Isto obrigou-o a apressar o passo.

—Mas, por amor de Deus, falle mais baixo que não vá elle ouvir. Eu lhe prometto que tudo se lhe pagará—dizia Margarida, quando o reitor chegou junto d'elles.

—Que é?—perguntou este com modo desabrido, sahindo para a rua e fechando atraz de si as portas da casa.

O personagem, que fallava com Margarida, baixou logo de tom, ao reconhecer o reitor, e respondeu com certa timidez:

—Era uma continha que trazia; mas uma vez que aqui a menina se responsabilisa...—Eu sou o senhorio.—Sim, porque v. s.ª bem vê que, se eu estivesse no caso de poder fazer esmolas... de boa vontade.

—Quem lh'as pede?—disse asperamente o velho padre, tomando o papel das mãos do credor, que fallára assim — Para pagar aos vampiros como você, é que se pedem esmolas aos outros; aos que teem coração. Aluguer de dous mezes—olhem a grande cousa! Então é o que se lhe deve? Ahi tem—accrescentou, contando-lhe o dinheiro—Não repare em ir quasi todo em cobre; mas é dinheiro de esmolas, e poucas se realisam em prata cá na terra.

—Mas, snr. reitor, eu não exijo de v. s.ª... Eu confio...

—Leve isso d'aqui, homem! e saia você tambem, que me está inquietando o espirito.

O senhorio foi embolsando o dinheiro, insignificante preço de dous mezes de aluguer d'aquelle miseravel casebre, e retirou-se, com uma cortezia profunda.

—Restam cento e dez—disse o parocho, vendo o dinheiro

que lhe ficára. — Chegará para os remedios? — perguntou, olhando para Margarida.

Esta fez um gesto de dúvida.

—N'esse caso, eu vou fallar com o boticario, que não é mau sugeito a final; e hei de resolvel-o a esperar até ámanhã. E de caminho, irei tambem visitar o filho do José das Dornas, que deve já ter chegado.

Estas ultimas palavras não foram escutadas com indifferença por Margarida...

—O snr... Daniel chega hoje?—perguntou ella.

—Pelo menos o pae espera-o.

E accrescentou como para comsigo:

—Agora para ahi vem estabelecer-se o rapaz. Deus queira que elle socegue d'aquella cabeça, que, segundo me informam, não tem sido lá das mais assentes. Vai tu para casa tambem, Margarida. O teu mestre fica mais socegado e espero que dormirá. O que é preciso é mandar recado ao João Semana para que o venha vêr. Acho-o muito abatido e mudado nos modos. Aquillo não está bom, não. Adeus. Eu vou avisar a Maria do Caleiro, que venha tractar do doente. É uma esmola que se faz tambem á pobre mulher.

E o reitor sahiu, para realisar estes diversos intentos. Margarida, depois de se despedir do seu velho mestre, que de facto parecia mais socegado, partiu tambem para casa.

Entre os pensamentos, que a dominavam na volta, um dos mais persistentes era o que a annunciada vinda de Daniel lhe suggerira; e comtudo nada de extraordinario havia no facto. Se quizessemos dizer quanto lhe occorria a este respeito, vêr-nos-iamos embaraçados. São tão vagas, tão difficeis de apprehender as ideias, que evoca em nós a lembrança d'uma pessoa querida!

XIV

O grande acontecimento do dia tivera logar emfim.

Pelas cinco horas da tarde, parava á porta de José das Dornas a mais vigorosa e anafada das suas egoas, e d'ella se desmontava Daniel, em trajos de jornada e com a classica caixa de lata ao tiracolo, signal evidente de formatura completa.

A visinhança toda affluiu curiosa ás portas e ás janellas para vêr o facultativo novo e julgar d'elle pelas primeiras im-

pressões. Era uma collecção de olhos arregalados e boccas abertas, a convidar o lapis d'um artista.

—Ainda é tão novinho!—dizia uma mulher.

—Não sei que me parece um cirurgião sem barba—observava um velho philosophicamente.—Parece um estrangeiro!

—Lá bonito é elle—notava uma rapariga.

—Olhem que boniteza! Um homem quer-se um homem—redarguiu um alentado rapagão, ao ouvil-a.

N'este tempo, porém, já Daniel estava rodeado pelo pae, irmão e criados d'um e d'outro sexo, em cujos semblantes luzia n'aquella occasião um sorriso de jubilo não affectado.

Daniel era agora um esbelto rapaz de vinte e tres annos, de aspecto mais varonil, mas conservando ainda a mesma delicadeza de organisação, que o caracterisára na infancia, e que tantas apprehensões fizera conceber ao pae.

No meio d'aquelles homens do campo distinguia-se singularmente o seu typo, quasi septentrional, e com grande vantagem para elle no conceito das mulheres, que umas ás outras faziam baixinho esta mesma observação, trahida, porém, pelos olhares que lhe lançavam.

Trocaram-se cordiaes abraços, baratearam-se parabens e cruzaram-se perguntas, ás quaes era quasi impossivel responder de prompto, tantas e tão simultaneamente se faziam.

Emfim entraram para a sala.

O leitor concordará commigo, de certo, em que será melhor deixar passar estes momentos de expansões e retirarmonos discretamente, como hospedes, importunos sempre n'estas scenas de sancta alegria domestica. Deixemos Daniel gozar á vontade os abraços da familia, e preparar-se para soffrer, como podér, os apertos de mão officiosos de amigos e conhecidos, que não tardarão a vir cumprimentar o novo zelador de suas importantissimas saudes.

Entremos, pois, com estes, que é a companhia que melhor nos convém. Entre os primeiros encontramos logo o reitor.

O bom parocho caminhou para Daniel com os braços abertos e lagrimas de alegria a bailarem-lhe nos olhos. Ficára com affeição ao rapaz, desde que o tivera por discipulo.

Fallou-lhe d'esses tempos com saudade e perguntou-lhe se ainda se lembrava do latim.

Daniel, em resposta, declinou-lhe, sorrindo, *hora horæ*, até ao ablativo do singular, com grande satisfação do velho que, em paga, terminou por uma prática sobre os deveres do

medico na sociedade, recheiada de preceitos de excellente moral. Daniel escutou-o com uma physionomia attenta; mas, diga-se o que é verdade, com o espirito um pouco distrahido.

Veio tambem João Semana—João Semana, o velho cirurgião, de quem já temos fallado, homem rude, franco, jovial, que apertou expansivamente a mão de Daniel, pondo em exercicio uns musculos de oitenta annos, que fariam a vergonha dos dos nossos rapazes de vinte.

Apesar dos seus muitos annos, tinha ainda João Semana habitos de actividade, a que não sabia fugir.

Erguia-se com estrellas, almoçava com luz e montava a cavallo, para começar o seu giro clinico, que lhe tomava o dia quasi todo; e nunca reprimia a velocidade da sua pacifica e bem intencionada azemola, para gozar por mais tempo de um ponto de vista pittoresco, para escutar o gorgeio de alguma ave occulta na folhagem, nem para cortar a flôr desabrochada á borda dos caminhos, ou d'entre a relva dos campos. Nada d'isso; se abrandava o trote da egoa, era nos sitios mais azados a quedas; se parava, era á porta dos doentes ou a ouvir alguma consulta, á qual, até a cavallo, respondia, e nos mais laconicos termos possiveis.

Dava-se n'elle uma necessidade de movimento e de agitação, á qual em vão fôra resistir. Quem o quizesse vêr morto, era condemnal-o á inacção, prival-o d'aquelles soes ardentissimos e chuvas excessivas, a que, havia mais de meio seculo, andava sujeito.

Viam-o sempre alegre, da mesma alegria de José das Dornas, a alegria sem sombras.

Era perdido por anecdotas, das quaes podia dizer-se um repositorio vivo. Os frades eram ordinariamente os seus heroes preferidos; contra elles tinha sempre um gracejo apparelhado e prompto a correr caminho.

Esta bossa anecdotica é sempre de grande valor para o facultativo que aspira á vida clinica. Uma historia contada a tempo, e com graça, valle bem tres recipes, pelo menos.

Cirurgião dos pobres, por encargo official, era-o João Semana tambem, e sel-o-ia sempre, por impulsos do coração, que lhe não deixava presenciar um infortunio qualquer, sem sympathisar com o que o soffria, e sem empregar os meios para o alliviar.

Muitas vezes, na mão, que estendia ao pulso dos seus doentes, ia escondida a esmola, que manifestamente se envergonhava de dar, por aquella repugnancia a ostentações de

todo o genero, que constituia um dos distinctivos do seu caracter.

A conversa de João Semana com Daniel, não entendida, e por isso admirada pelos circumstantes, versou sobre medicina. As exaltadas crenças theoricas de Daniel e a casuistica inflexivel e fria do velho prático acharam-se em conflicto.

João Semana era sceptico em relação á sciencia moderna. Quando Daniel lhe citava um author em voga, ou se referia a uma descoberta notavel, ou a um medicamento novo, João Semana encolhia os hombros, sorrindo:

—Tudo isso é muito bonito—dizia elle, com poucas contemplações para com a impaciencia do seu joven collega—mas não me serve para nada. Era o que me faltava se eu, que mal tenho tempo para dormir, me punha agora a lêr essas cousas todas. Que nomes! que molestias que eu nunca vi, em sessenta annos de prática! Sabe você, Daniel?—eu penso que lá por fóra, n'essas terras grandes, ha fabricas de molestias novas, que felizmente por lá se gastam tambem; cá á aldeia não chegam: é o que lhe sei dizer. Você para cá virá, você para cá virá.—Ha de vêr que na prática a cousa reduz-se a muito pouco; mais gastricas e menos gastricas e disse.

Daniel fallou em mil assumptos: nos aperfeiçoamentos da analyse medica, no microscopio, na electricidade, na chimica, na anatomia pathologica, com um ardor de proselytismo, proprio da idade; chegou a persuadir-se que a sua eloquencia conseguiria, emfim, vencer o indifferentismo theorico do clinico.

Recebeu, portanto, uma impressão desagradavel, quando, ao terminar um bem elaborado periodo em honra da sciencia moderna, obteve em resposta a phrase do costume:

—Isso tudo é muito bonito, mas você para cá virá, você para cá virá, e então fallaremos,

N'esta parte tornava-se, pois, impossivel a conciliação. Era o antagonismo permanente entre a theoria e a prática, revelado em uma das suas multiplicadissimas manifestações.

Mais arrojado, do que o empirismo de João Semana, era, sem dúvida, o systema medico do barbeiro, que tambem tinha uma clinica na aldeia, á qual, para maior exemplo de observancia á lei, pertenciam duas authoridades: o regedor e o presidente da camara.

O barbeiro entrou risonho, ceremoniatico, affavel, modesto, penteado, felino—perfeita personificação do ideal do

barbeiro—todo mesuras, todo senhorias, todo humildades, todo delicadezas velhacas.

E quantos estavam na sala o rodearam de attenções, e o proprio João Semana, com grande espanto de Daniel, o interrogou com referencia a um doente, de que tractavam juntos.

Com audacia, mal encoberta por uma transparente modestia, o barbeiro expôz assim a sua opinião:

—Emquanto a mim, e até onde chegam as minhas fracas luzes, aquillo é o flato que lhe subiu ao coração. Por isso a doentinha tem aquelles pasmos, que se vêem. Ora os sinapismos, puxando-lhe os humores para os pés, algum bem lhe podem fazer. Mas eu por mim, snr. João Semana, penso que n'estas doenças de retrocesso, a materia reimosa não sahe sem sedenho. E que alli ha materia reimosa—e fel, que é ainda peor—isso é que ha. Já vê então... mas isto digo eu; agora lá os senhores, que estudaram...—accrescentava humildemente, mas obliquando para Daniel um olhar, de quem estava satisfeito de si.

Daniel tractou senhorilmente este collega de contrabando e n'uma occasião em que elle se entranhava, mais enthusiasmado, na exposição d'uma theoria sua, na qual ferviam os humores, os flatos, as materias reimosas, os postemas e não sei que mais, em indigesta caldeirada, interrompeu-o, perguntando-lhe sêccamente:

—Teve hoje muito que fazer, mestre?

O barbeiro acolheu a pergunta com um sorriso e uma mesura.

—Está feito. Apenas fiz tres visitas.

—E quantas barbas?

O mestre mordeu os beiços, antes de responder:

—Nenhuma.

Este collega do celebre Oliveiro—*o gamo*—não gostava que lhe fallassem na unica das cousas em que era eminente.

É uma fraqueza esta mais commum á humanidade, do que talvez se julga.

João Semana reparára n'esta curta scena, e tomando de parte Daniel, aconselhou-o a que poupasse o barbeiro, e o acceitasse como collega, sob pena de indispôr contra si a primeira gente da terra.

—Meu caro amigo—concluia elle—quem quizer viver bem n'este mundo, faz a vista grossa a muita cousa. Está bom, está!

E, como para não perder um habito antigo, accrescentou:

—Você quer saber? quando eu andei no Porto, conheci lá um frade, que era prégador de nomeada. Pois não havia outro passa-culpas como aquelle, não gostava de metter medo a ninguem com as penas do inferno. O prior do convento chegou um dia a dizer-lhe que ralhasse mais contra o peccado, que não fosse tão bom de contentar; respondeu-lhe o frade: «Não que, reverendissimo padre, é preciso tento; nem o diabo se deve tractar muito mal, porque elle tem por ahi muitos amigos.» Ora pense n'isto, e adeus que vou á minha vida.

E sahiu.

O resultado de tudo foi uma grande depressão no enthusiasmo de Daniel, pelo modo de vida que adoptára.

Finalmente retiraram-se as visitas.

São quasi trindades; a familia toda, incluindo os criados, que na aldeia fazem quasi parte d'ella, está reunida em conclave na eira, a experimentar cada qual, como á porfia, a sagacidade e sciencia do novo facultativo, interrogando-o sobre todos os pequenos incómmodos sentidos, de que a memoria lhes póde suggerir ainda noticia. É esta a prova tremenda, que espera o estudante de medicina em tempo de férias, ou ao terminar a sua formatura—prova mil vezes mais decisiva para o seu futuro, do que quantos diplomas lhe possa dispensar a douta corporação, da qual recebe os titulos profissionaes.

Um perguntava a Daniel se a grama era mais fresca, do que a cevada; outro qual a razão porque os pimentos de conserva nunca lhe faziam mal, emquanto a salada de alface lhe causava uma irritação de estomago infallivel; vinha outro que desejava saber se seria melhor purgar-se no quarto crescente, se no minguante da lua; queixava-se-lhe um de uns arripios, que sentia ao deitar-se na cama, e principalmente no inverno; outro do muito que suava no verão; um velho criado da casa, viuvo inconsolavel, fez-lhe a historia circumstanciada da doença, de que morrera a mulher, havia dez annos, pedindo a Daniel que a diagnosticasse, e lhe expozesse o tractamento que a devia ter salvo; em contraste com esta medicina retrospectiva, vinha uma rapariga perguntar, muito ingenuamente, se lhe poderia fazer mal o ir a uma romaria d'ahi a oito dias; José das Dornas tambem quiz saber se o caldo de abobora era melhor para a saude, do que o de nabos. Uma velha interrogou Daniel sobre a doença das gallinhas, e o pro-

prio Pedro, tentado por este exemplo, fez algumas perguntas sobre a dos seus perdigueiros.

Daniel via-se em talas para satisfazer a tantas exigencias, que não timbravam de racionaes, e procurava deslindar-se airosamente d'ellas, com aquelle desculpavel grau de charlatanismo, mais ou menos correcto e disfarçado, que todas as sociedades do mundo, rusticas e urbanas, são as primeiras a exigir aos medicos. Querem ellas que se lhes responda sempre, e com desafogada segurança, ás suas interrogações absurdas, preferindo serem illudidas a ficarem sem resposta, a qual muitas vezes, em consciencia, medicina alguma do mundo lhes poderia dar.

Peço, portanto, um *bill d'indemnidade* para Daniel.

XV

Pedro foi quem, ao cerrar da noite, pôz fim a este interrogatorio, que levava geitos de eternisar-se.

—Vem d'ahi dar um passeio, Daniel; e de caminho hei de mostrar-te minha mulher... a que ha de ser.

—Ah!... é verdade que estás para casar. Estimo que me dês occasião de tomar desde já conhecimento com a que, dentro em pouco, chamarei irmã. Espero encontral-a digna de ti. Vamos lá.

—Ide, ide, rapazes—observou José das Dornas.—Vaes vêr uma guapa cachopa, Daniel. Mas, é verdade, tu conhecel-a... É uma filha do Meiadas.

—Ah!... sim... tenho uma ideia.

Cumpre-me confessar que Daniel não tinha tal ideia das filhas do Meiadas. Emquanto esteve no Porto, e até nos curtos intervallos de férias que passára na terra, vivera elle muito estranho á vida do campo, para se recordar ainda das alcunhas, pelas quaes, na aldeia, mais geralmente são conhecidas as familias, do que ainda por seus verdadeiros nomes e sobrenomes.

José das Dornas é que tinha uma ideia ao dizer aquillo; era a de fazer lembrar ao filho o episodio da infancia, que decidira da sua vida inteira.

Mas, ainda que sob o risco de indispor o animo das leitoras contra um dos principaes personagens d'esta singelissima historia, farei aqui a desagradavel, mas conscienciosa de-

claração, de que a imagem de Margarida andava, por aquelle tempo, tão desvanecida já na memoria de Daniel, que nem o nome, pelo qual fôra sempre designada na terra a familia da rapariga, lhe pôde avivar os traços.

Havia muitos annos que Daniel observava um systema de vida, que de todo o trazia desaffeito dos habitos campestres e indifferente ás cousas e pessoas da localidade que o vira nascer.

Encarnára-se intimamente n'elle o espirito das cidades. As momentosas questões, que occupavam as cabeças sérias da aldeia, faziam-o sorrir; as distracções, que entretinham as mais levianas, obrigavam-o a bocejar.

Daniel não deixára mentir o prognostico que aquellas duas boas velhas, das quaes não sei se o leitor ainda se lembrará, tinham feito do joven estudante de latim, ao vêrem-o passar, sobraçando os livros, para casa do reitor. Durante os seus annos de estudo fôra effectivamente o filho de José das Dornas heroe de numerosas aventuras de amor, de mui diverso caracter.

Deixando-se impressionar de circumstancias insignificantes, que outro espirito, menos exaltado, receberia com indifferença, andava elle quasi de contínuo sob o imperio, fertil em deleitosas sensações, d'uma paixão nascente.

Este coração, eminentemente accessivel e irritavel, não tivera quasi, até alli, um instante de socego.

Eu disse este coração—quasi me estou arrependendo de me ter servido da palavra.

Entraria de facto, como elemento d'estas paixões ephemeras, tão instantaneas como a combustão da polvora, essa viscera sympathica, que, a despeito dos medicos e da medicina, eu julgo o sacrario augusto dos sublimes e duradouros sentimentos, que constituem o dote mais valioso do nosso patrimonio moral? Não sei; antes me quer parecer que não.

Daniel amava de imaginação; nem eu vejo bem como podésse amar d'outra maneira quem, por vezes, se deixou levar por futilidades quasi ridiculas.

O coração não é tão sujeito a fraquezas d'esta ordem; ou eu ando muito enganado.

Houve, por exemplo, uma mulher que, durante alguns mezes, conseguiu assenhorear-se dos pensamentos do nosso heroe pela maneira individualissima e inimitavel, com que sabia dizer aquelle gracioso *ágora* minhoto, tão levianamente criticado pela gente da capital.

*

Ora digam-me se é este um phenomeno do coração e não antes um como desvario da cabeça, mais azada a taes singularidades.

Mas o que é certo é que, fosse pela cabeça, fosse pelo coração, Daniel achára-se, em todas as occasiões, que viera a férias, sufficientemente apaixonado para escapar á influencia das formosas da sua terra. Envolvia-o uma como que *atmosphera de isolamento*—para me servir d'uma phrase da lingua scientifica—e n'esse ambiente não floresciam os amores bucolicos.

Raras vezes mostrou recordar-se d'aquellas suas affeições de creança, que tantas lagrimas lhe tinham já feito verter.

Só um dia em que, passeando nos campos, chegára por acaso ao pequeno outeiro, onde succedera a innocente scena de idilio, tão mal encarada pelo reitor, foi que lhe veio á ideia essa passagem da sua infancia, já quasi esquecida; e a imaginação lhe representou então o vulto, suave e meigo da pequena Guida, como uma visão momentanea, rodeada pelo brando perfume da poesia e da saudade.

Lembrou-se d'essa vez de perguntar por ella. Disseram-lhe que, tendo ficado orphã de pae e mãe, vivia só com a irmã e que ensinava meninas—tarefa que raras vezes lhe permittia sahir de casa.

Daniel nunca mais renovou a pergunta.

Fôra isto talvez dous annos antes da sua vinda definitiva para a aldeia. Não admira, pois, que com estas disposições mentaes, estivesse muito longe de pensar em Margarida quando, com segunda intenção, o pae pronunciou o appellido da familia da noiva de seu irmão.

Foi como por demais, que Daniel disse ter uma ideia d'este appellido, o qual lhe soára quasi como novo.

Acompanhando Pedro, levava elle, portanto, o espirito inteiramente despreoccupado e sómente um pouco movido da curiosidade de vêr a destinada esposa de seu irmão mais velho.

Tinha-se por conhecedor em bellezas femininas e agradava-lhe sempre a analyse, applicada a esta especialidade esthetica.

Áquella hora do dia são os caminhos da aldeia muito frequentados pela gente, que regressa do trabalho a casa.

Os dous irmãos a cada passo se encontravam com varios grupos de aldeãos—homens, mulheres e creanças—que todos os saudavam com as fórmulas sabidas:—«guarde-os Deus»—

e—«louvado seja Nosso Senhor Jesus Christo»—ás quaes ambos correspondiam com outras analogas.

Subiam elles a encosta d'uma pequena collina, no alto da qual, sobre um fundo magnifico de céo ainda illuminado pelos ultimos rubores do crepusculo, se delineava o vulto negro d'uma cruz de granito, quando lhes chegou aos ouvidos o som de vozes longinquas, cantando concertadas; simultaneamente pararam a escutal-as.

Pouco a pouco, a musica tornava-se mais distincta, e cedo, ao lado do cruzeiro, desenharam-se tambem as figuras graciosas d'um bando de raparigas, que voltavam á aldeia, entoando em côro uma saudação á Virgem Maria—a predilecta da piedade popular. Harmonisavam-se tão bem aquellas vozes frescas e juvenis; combinava-se tão admiravelmente a poetica melancolia do logar e da hora com a d'aquella toada singelissima, que Daniel sentiu-se commovido.

Os dous irmãos pozeram-se do lado para deixar passar as raparigas; e nem o mais estouvado d'elles teve coragem de interromper com uma phrase de galanteio o côro piedoso que ellas, sem interrupção, continuaram cantando; e até de todo se perderem as vozes pela distancia, conservaram-se ambos silenciosos e immoveis.

Como se esta scena reconciliasse Daniel com a vida do campo, logo que proseguiram o caminho, elle exclamou, mais para si talvez do que para o irmão:

—Digam o que quizerem, ha na aldeia bellezas magnificas. A scena é inexcedivel—e isto dizia, correndo com a vista o horisonte vasto que o rodeava—e as personagens, ás vezes, são bem dignas de attenção!

As raparigas do côro tinham-lhe ensinado a apreciar um genero de belleza, a que, até então, fôra indifferente.

Preciso é tambem que se diga que, d'esta vez, trazia Daniel, por excepção, o coração ou, como quizerem, a cabeça em disponibilidade—circumstancia que não pouco concorreu para o effeito produzido.

Chegaram emfim a casa das duas irmãs.

Era uma pequena, modesta, mas graciosa habitação, um pouco fóra já do centro principal do povoado.

A solidão em que ella ficava, propria a fomentar saudades, sem quebrantar com desalentos, agradaria aos menos poetas. Havia tanto sussurrar de folhagem, tanta pureza de ares, tanto desafogo de horisontes em volta d'ella, que uma

intima serenidade se insinuava na alma do que parava alli. Á tenue claridade d'aquella amenissima noite de estio mais realçava ainda a poesia do logar.

A casa era toda caiada de branco; abria para a rua duas largas janellas envidraçadas, que alguns pequenos vasos de flôres adornavam. D'um e d'outro lado, prolongava-se um lanço de muro de solida alvenaria, igualmente caiado, e que a folhagem d'um pomar interior sobrepujava, cahindo para o caminho as balsaminas em festões verdes e floridos.

Foi a uma porta d'este muro que Pedro bateu familiarmente, dizendo para Daniel, que estava saboreando o prazer d'aquella perspectiva:

—É aqui.

Uma voz de mulher correspondeu ao signal de Pedro.

Era a de Margarida.

—Sou eu, Margaridinha, abra—disse Pedro.—Sou eu e uma visita.

Passados alguns momentos, a porta girou nos gonzos, abrindo passagem para um vasto pateo ou quinteiro, assombrado de ramadas, o qual n'aquelle momento atravessavam ainda algumas aves domesticas, retardadas a procurarem o abrigo das capoeiras.

Margarida, que fôra a que abrira a porta, ao vêr Daniel, retirou-se sobresaltada para a quasi obscuridade, que interiormente projectava a hombreira.

—Não se assuste, Margarida—disse Pedro, sorrindo, ao perceber-lhe o movimento.—Não se assuste; é tudo gente de casa. Este é o meu irmão Daniel, e o nosso cirurgião novo. Esta minha cunhada Margarida, que já assim lhe posso chamar—accrescentou, voltando-se para o irmão—é muito acanhada, e por isso não repares...

Daniel dirigiu um cumprimento distrahido a Margarida, cujas feições não pôde distinguir pela pouca luz que as illuminava. Demais eram estas feições, como já atraz dissemos, d'aquellas que exigem um exame demorado para se lhes sentir toda a suave belleza.

Podia dizer-se d'ellas o mesmo que d'estas operas, privadas de combinações brilhantes, que não deixam impressão em quem uma só vez as escuta; mas acabam por patentear segredos de harmonia aos ouvidos, que repetidamente as recebem, segredos que nunca mais se esquecem.

—Aonde está a Clara?—perguntou Pedro, entrando, seguido do irmão.

—Ao poço, julgo eu—respondeu Margarida com uma voz, ainda um pouco tremula de commoção.

E, muito tempo depois de os vêr passar, alli se conservou immovel, com o olhar vago, a fronte inclinada e o seio inquieto. O que ia n'este momento por o coração da pobre rapariga? Adivinha-o de certo a leitora, se já pensou na delicada sensibilidade d'este caracter de mulher.

A indifferença, com que Daniel passára por ella, o modo por que a saudára, a frieza, com que lhe ouvira o nome... tudo lhe mostrou que a não reconhecia já.

Dolorosa descoberta para aquella alma, tanto mais amoravel, quanto mais se encobria de manifestar os seus thesouros de affectos!

Foi com uma certa revolta de delicadeza feminina, com uma quasi má vontade contra si propria que ella, sondando o intimo do coração, reconheceu o sentimento que o inquietava assim.

Como que se interrogava com a severidade do mentor para com o discipulo mal encaminhado.

—Que loucura é esta, mulher? Pois ainda tens d'essas creancices, douda? Que pensavas tu? que esperavas? Era acaso possivel que elle se lembrasse de ti?... E para quê?... Não foi melhor que se esquecesse? Diz.

Em situações, como esta, opera-se em nós uma especie de separação em duas entidades de sentir contrario.

Arvora-se uma em juiz, interroga da maneira que vimos, falla em nome da razão, julga, reprehende, condemna; a outra, quando, sob o severo exame da primeira, mais subjugada parece, conserva, na sua humilhação, intacto o espirito de independencia; assim como, curvada a cabeça ás admoestações da perceptora, a pequena discipula sente em si um instincto de rebellião, que mal póde reprimir.

Em Margarida tambem se dava este antagonismo. Fallava-lhe a razão, como dissemos; mas baixo, como a medo, murmurava-lhe outra cousa não sei que voz, mais attendida por ella.

—Podias—segredava-lhe essa voz—podias e devias esperar que elle se lembrasse, sim. Acaso o esqueceste tu?

Diga-se a verdade. Até áquelle momento, Margarida conservára uma illusão; muito escondida dos outros e de si, mas nunca de todo extincta.

Avaliando, por os seus, os sentimentos dos mais, não podia convencer-se de que, em Daniel, estivessem inteira-

mente apagados os vestigios d'aquella infancia, gozada em commum por ambos. Pensava que elle a reconheceria logo, ao vêl-a, que lhe não ouviria pronunciar o nome, sem que a memoria o repercutisse; que um primeiro olhar seria fertil em recordações, que bastaria só para resuscitar o passado inteiro.

Enganára-se: conheceu que se enganára agora, que o vira passar assim; e, apesar de toda a força da sua razão, Margarida sentiu ennevoarem-se-lhe os olhos de lagrimas, e a alma de melancolias.

A final de contas a boa rapariga tinha um coração de mulher.

Perdoem-lhe esta fraqueza. Não ha caracter humano, que as não tenha iguaes; assim fôra possivel sujeital-os a uma rigorosa analyse de seus mais reconditos mysterios.

XVI

Os dous irmãos dirigiram-se ao logar onde, segundo as indicações de Margarida, deviam encontrar Clara.

O ranger da bomba do poço, e a voz da alegre rapariga, que cantava—pois n'ella dir-se-ia ser o canto, como nas aves, a mais natural expressão—serviram-lhes de guia.

Tomando por uma rua extensa, revestida de limoeiros, através de cuja espessura coava já, a custo, a claridade nascente do luar, conseguiram aproximar-se, sem que fossem percebidos.

Clara cantava:

Vem livrar-me com teus olhos,
Que eu por elles me perdi;
Dá-me a vida com teus beijos,
Já que por beijos morri.

Porém, ao voltar naturalmente a cabeça, descobriu Pedro na companhia do irmão; vendo-se surprehendida assim, interrompeu de subito o trabalho e o canto e, meia confusa, saudou-os com os olhos baixos e a voz embaraçada.

Foi curta a apresentação, e em nada ceremoniatica. Pedro odiava etiquetas; ou antes, ignorava-as.

A figura de Clara, inundada pelos raios da lua, que já se

levantava esplendida no horisonte, fez conceber a Daniel uma subida opinião do bom gosto de seu irmão.

Não era Daniel homem para se cohibir, por acanhamentos, em uma observação, que tanto o deleitava. Sem disfarces, nem precauções analysava, feição por feição, aquella physionomia sympathica, e como que lhe delineava com a vista o perfil, onde se continuavam graciosamente, por suaves inflexões, as mais elegantes curvas.

Clara, adivinhando-se objecto d'aquella inspecção minuciosa de conhecedor e enthusiasta, não ousava erguer os olhos. Dir-se-ia que, magicamente condensados, os raios visuaes, que a envolviam d'aquella maneira, lhe tomavam os movimentos, até mal a deixarem respirar.

Pedro sentia certo desvanecimento, lendo a tacita approvação da sua escolha, na expressão do olhar do irmão.

Clara conseguiu a final dominar o enleio dos primeiros instantes e, dirigindo-se a Pedro:

—Então isto faz-se?—disse ella, ainda não de todo serenada da primeira confusão, e descendo e apertando nos punhos as mangas da camisa, que tinha arregaçadas—Trazer assim uma visita, sem dizer nada á gente!

—É meu irmão—dizia Pedro sorrindo.

—Que tem que seja? Não é para assim vir ter com uma pessoa, que anda cá no seu trabalho. E sem fazer barulho, então! Ora sempre!—E, ao dizer isto, lançava para o noivo um olhar que, tentando ser de reprehensão, só conseguiu enleval-o.

—Olhe, Clarinha—disse Daniel adiantando-se, e dando ás palavras um tom de amigavel familiaridade.—O culpado fui eu. Mas, que quer? é costume antigo que tomei. Quando era rapaz, gostava já muito de ouvir os rouxinoes, que cantavam nos laranjaes da nossa casa; mas elles, percebendo-me, calavam-se. Sabe o que eu fazia então? ia-me devagarinho, pé ante pé, até onde elles estavam, e lá me ficava a ouvil-os cantar horas e horas. Foi o que fiz agora.

A lisonja não desagradou de todo a Clara, que respondeu, gracejando:

—Os rouxinoes já não cantam n'este tempo.

—Mas cantam outras vozes, tão sonoras como as d'elles e mais felizes ainda; pois nem as fazem calar as neves do inverno, nem os ardores do estio. Era uma d'essas que nós paramos a ouvir.

Clara, sentindo-se pouco á vontade para responder ao ga-

lanteio, disfarçou, afastando-se como para regar as flôres d'um alegrete visinho.

Pedro aproximou-se d'ella.

—Nunca mais—murmurou-lhe a rapariga ao ouvido—tornes a fazer uma d'estas, Pedro. Tambem não sei como a Guida vos deixou entrar assim. Eu lh'o direi.

—Ora vamos, Clara—disse Pedro, auxiliando-a na tarefa da réga—não vás agora ralhar com a Margarida, que mais embaraçada ficou ella ainda do que tu.

—Sim?! Pois ahi está, vês? Não tinha razão para isso. A Margarida é outra cousa. O snr. Daniel não fallou ainda com a Margarida?—continuou Clara, já mais senhora sua, e fazendo uso desempedido do olhar, que fitou no interpellado—Ella é que lhe saberia responder bem. Quando quer, sabe dizer cousas... Até o snr. reitor, muitas vezes, não tem que lhe responda. O Pedro que diga.

Pedro fez um signal de assentimento.

Este duo em honra de Margarida não causou grande impressão em Daniel, que continuava a fitar Clara, com persistente attenção, encantado pelo timbre d'aquella voz, por aquelles movimentos, cheios de graça e vida, e pela inimitavel expressão do olhar, meio de bondade, meio de malicia, que ainda á branda claridade da lua, fazia realçar o seu fulgor.

A conversa tomou, pouco a pouco, um familiar e jovial caracter de intimidade. Só alguma vez, uma phrase mais cortezã de Daniel vinha tirar a Clara o sangue frio necessario á resposta—isto com grande estranheza sua, pois não se tinha por demasiado timida.

—Pobre João Semana!—dizia Clara em um dos seus momentos de malicia—Quem mais o chamará agora, depois de haver na terra medico novo?

—Está enganada—respondeu Daniel—quando mais ninguem o chamasse, teria por si a melhor de todas as freguezias, a das raparigas.

—Agora! E então porque o haviam de querer?

—Porque os medicos novos teem o mau costume de desejarem saber das doenças do coração e d'essas não se querem ellas tractar.

—Não sei porque não; pois não são tão perigosas? Eu sempre ouvi dizer que se morria d'isso.

—Se se morre?!—Morre-se a todo o momento até. Mas, pelos modos, é um morrer, de que se gosta.

—Deixe lá; sempre é morte, não póde ser muito boa.
—Ora! Morre-se a cantar:

Dá-me a vida, com teus beijos,
Já que por beijos morri.

—Não era assim que dizia?
Clara não pôde suster o riso e Pedro fez côro com ella.
—Ora, responda; se o medico tomasse a receita a sério, e quizesse dar a vida á sua doente?...
—Isso mais devagar.
—Ahi tem; é por esse motivo que não é bom consultar os medicos novos. O João Semana é que não é capaz d'essas tentações, julgo eu... E que as tivesse...
Tal foi a feição predominante do resto do dialogo, que só terminou, quando a lua ia já alta no firmamento, com toda a pompa d'um desanuviado plenilunio.
—Sabes tu—dizia Daniel ao irmão, quando juntos se retiravam—que não podias escolher mais galante noiva? Em toda a aldeia de certo que não ha outra, que se lhe ponha a par.
Isto foi já dito na rua, mas proximo da porta do quintal, onde se demorára Clara, a cujos ouvidos chegaram distinctamente estas palavras de Daniel.
Se ellas lhe poderiam ser indifferentes, pergunto eu ás leitoras bonitas? Sendo sinceras commigo, não se atreverão a condemnar este sentimento de vaidade, que moveu o coração de Clara. Se a vaidade constituisse peccado capital, talvez que certa particularidade do paraizo musulmano tivesse sua razão de ser.
Clara era pouco reservada.
Tudo quanto sentia, fossem tristezas, fossem alegrias, vinha-lhe do coração aos labios, por um movimento de expansão irreprimivel.
Procurando pois a irmã, contou-lhe tudo quanto lhe dissera Daniel, o que ella lhe respondera, e, finalmente, as ultimas palavras, que lhe havia escutado.
Margarida não foi senhora do seu coração a ponto de não sentir certa amargura, ao comparar a intensidade da impressão, produzida por sua irmã no animo de Daniel, que pela primeira vez a via, á indifferença, com que ella fôra desattendida—ella, por quem deviam fallar tantas memorias do passado.

Eu já disse que Margarida não era de natureza tão superior, que não tivesse d'estas desculpaveis fraquezas. Muito para apreciar é já a placidez nas acções, se como n'ella se não desmente nunca; seria exigencia demasiada e um excessivo querer apurar a natureza humana ao grau d'uma perfeição quasi divina, pretender que, no mundo occulto dos pensamentos e dos affectos, reine tambem a inalteravel serenidade, que só póde ser de anjos e nunca de creaturas, a quem de contínuo os vendavaes das paixões salteiam.

O que posso assegurar a respeito de Margarida—e já não é pouco assegurar—é que este movimento de ciume?—nem eu sei se tal nome lhe posso dar—não se envenenou, convertendo-se em má vontade contra o objecto, que lh'o desafiára.

Margarida não sentiu, para com a irmã, nenhum d'esses odiosinhos feminis, que em tantas tempestades se desencadeiam ás vezes.

Calou-se, sorriu até, e pensou comsigo:

—E de que me serviria que fosse d'outra sorte? Melhor é que a memoria lhe seja sempre infiel; melhor, muito melhor para o socego do meu espirito. Ainda bem.

Era ainda a razão que fallava; mas o coração? Ai, o coração!...

É inevitavel a lucta, sempre que a um espirito vigoroso e lucido anda associado um coração, que sente, que se commove sob a influencia dos estimulos naturaes dos affectos humanos.

Quando o coração é de gêlo, a razão dirige desafogada, imperturbavel, em linha recta, o caminho da vida; quando a razão abdica e o coração domina, o movimento é irregular, mas livre; caprichoso, mas resoluto; funesto, mas incessante; porém, se o coração e a cabeça medem forças iguaes, a cada momento param para luctar, como athletas destemidos. De qualquer lado, que tenha de se decidir a victoria, será disputada, até ao ultimo instante, pelo contendor vencido; a pausa terá sido inevitavel; a reacção, energica; e a crise, violenta.

Podem passar ignoradas de todos as peripecias d'esse combate intimo; mas a apparente tranquillidade exterior mais lhe exacerbará a crueza.

Margarida escutou por muito tempo a irmã, sem saber como acolher aquellas ingenuas confidencias; a final lembrou-lhe, sorrindo, que devia ser menos sensivel á opinião de estranhos quem, dentro em tão pouco tempo, ia ligar o seu destino ao destino d'outro.

Clara possuia um genio, com o qual se não davam as apprehensões. Não calculava consequencias. A vida para ella era o presente. Raras vezes lhe lembrava o passado; o futuro não lhe tomava muitos momentos de meditação tambem. As palavras e os actos irreflectidos eram n'ella frequentes. De nada suspeitava. A sua confiança em todos e em tudo chegava a ser perigosa. Um inesgotavel fundo de generosidade, elemento principal d'aquelle caracter sympathico, levava-a ao scepticismo em relação á malevolencia e á má fé dos outros. Parecia muitas vezes affrontar a opinião do mundo e não era por a despresar, mas porque não pensava n'ella.

Quem possue um caracter assim, se se não perde, se se não perde innocentemente, é porque tem a defendel-o a Providencia, porque o abrigam as azas do seu anjo da guarda.

Ouvindo pois a observação da irmã, Clara desatou a rir.

—Que me estás ahi a dizer, Guida? que me estás tu ahi a dizer? Então, por eu me casar, devo deixar de fazer gosto de mim? Olha, eu não me quero com gente muito sizuda. A ti perdòo-te, porque... emfim... és muito boa tambem, mas, ainda assim, não perdias se...—E, mudando subitamente de tom, accrescentou com um pouco de malicia na voz e no olhar:

—Ora diz-me cá uma cousa, Guida, com toda essa tua seriedade, não gostarias tambem que um rapaz, assim como Daniel, dissesse de ti o mesmo? Anda confessa.

—Doida!

—Tu és mais velha, bem sei, mas eu sou dentro em pouco mulher casada, e por isso posso fazer-te d'estas perguntas já. Anda, responde.

Esta jovialidade de Clara não foi recebida pela irmã sem confusão.

Em vez de responder, limitou-se a apertal-a nos braços, dizendo-lhe quasi ao ouvido:

—Então, Clara! É preciso ser menos creança. Quem está para tão cedo a tomar canceiras de familia... A fallar a verdade...

—E cuidas tu que me hão de tirar esta alegria as taes canceiras? Ai, Guida, isso é que não. Com'assim... Olha, eu já não nasci para tristezas.

—E talvez seja melhor—disse Margarida, respondendo a Clara, e póde ser que, em parte, a seus proprios pensamentos.

XVII

Era meio dia, um meio dia de verão, ardente, asphyxiante, calcinador, a hora, em que tudo repousa, em que as aves se escondem na folhagem, as plantas inclinam as summidades, desfallecidas de seiva e os ribeiros quasi nem murmuram, de debeis e de exhaustos que vão.

Nem uma tenue viração fazia sussurrar as alamedas e os soutos nos valles ou os pinheiraes dos montes.

Apenas pelas sarças volteavam, como em danças caprichosas, enxames de insectos alados, sendo o seu zumbido importuno, ou o cantar longinquo dos gallos, os unicos sons a interromperem o silencio d'aquella hora.

Os caminhos e os campos estavam desertos; povoadas e fumegantes as cosinhas, onde a familia do lavrador se reune para a refeição principal do dia.

Mas quem estendesse a vista pelo extenso lanço de estrada a *mac-adam*, que corta em linha recta a povoação, e onde, n'aquelle momento, o sol batia em cheio, sem ser impedido por a menor folha de arvore, ou beira de telhado, descobriria o vulto de um cavalleiro, caminhando a trote e envolto na densa nuvem de poeira, levantada pelos pés da sua cavalgadura.

Este cavalleiro era João Semana.

Trajava com toda a singeleza o velho cirurgião. Um fato completo de linho crú, botas amarellas d'uma solidez de construcção, á prova de todo o tempo, chapéo de palha, de abas descommunaes, tudo abrigado d'aquelle sol canicular por uma enorme umbella de panninho vermelho, rival em dimensões d'uma tenda de campanha, eis o vestido caracteristico do nosso homem.

As rédeas fluctuavam á solta, signal evidente da distracção do cavalleiro e dos admiraveis instinctos e superior discrição da alimaria, que mostrava conhecer a palmos o caminho de casa e para ella se dirigia mais apressada que de costume.

Causava dó olhar para a physionomia de João Semana n'aquella occasião. As faces de vermelhas, que naturalmente eram, quasi se lhe haviam feito negras; o suor corria-lhe como lagrimas, pelas faces abaixo.

Mas o heroico octogenario não desanimava. Sorvia philo-

sophicamente a sua pitada, assuava-se com ruido, e soltando depois um d'aquelles *ahs*, bem gutturaes—eloquentissima expressão das delicias, que o olfato póde proporcionar a um mortal—dava mostras de consolado.

De caminho, ia João Semana lançando um olhar de commiseração para o milho dos campos adjacentes á estrada, algum do qual o calor e a escassez das aguas tinham definhado; e ao contemplal-o parecia mais sentir por elle, do que por si, a insupportavel temperatura d'aquelle ambiente.

João Semana era tambem proprietario rural, e portanto apaixonado pela lavoura, conhecedor das leis de cultura, e experiente prognosticador do futuro das novidades agricolas; por isso, examinando com profunda curiosidade o aspecto dos campos, cujos donos, pela maior parte conhecia, quasi chegára a esquecer-se de que um ardentissimo sol lhe dardejava sobre a cabeça raios ameaçadores, tentando em vão exercer n'aquella robusta constituição a sua influencia maligna.

A egoa é que se não esquecia assim facilmente d'isso, e, cada vez mais rapida, procurava furtar-se a tão incómmodo calor, e ao seu inevitavel cortejo de moscas, que a traziam impaciente, não obstante os folhudos ramos de carvalho, com os quaes João Semana lhe enfeitára o pescoço.

Depois de cinco minutos mais de trote accelerado, tomou o pobre animal, com manifesta anciedade e sem esperar signal do cavalleiro, por uma rua estreita, que, abrindo-se ao lado esquerdo da estrada, seguia, sob um espesso tolde de verdura, por entre duas quintas fronteiras.

Era um oásis, depois do deserto.

João Semana, porém, parecia tão indifferente ao vantajoso da mudança, como o fôra á desagradabilissima influencia dos raios do sol, em campo descoberto.

D'ahi por diante começavam a ser mais frequentes as habitações, e, ao barulho que fazia a egoa sobre o terreno solido e nas pedras soltas do caminho, assomava a cada janella uma cabeça e João Semana recebia um cumprimento e um convite para jantar, a ambos os quaes elle correspondia com benevolente familiaridade e ás vezes com um gracejo, sempre bem recebido e festejado.

Logo ao principio, foi um velho, em mangas de camisa, e de cabeça já despovoada de cãs, que, segurando uma enorme tigela de caldo de tronchuda e vagens, coroado por uma pyramide de borôa esmigalhada, appareceu á porta da cosi-

nha, e disse com a bocca, meia occupada por mantimentos, e sorrindo:

—É servido do meu jantar, snr. João Semana? É pobre, sim, mas dado com a melhor vontade.

—Obrigado, tio José das Bicas, vou vêr se lá em casa a Joanna tem tambem o meu caldo em bom andamento.

—Então vá com a graça do Senhor, vá, que o calor não se soffre.

—Está picante, está.—E, andando sempre e fallando já com as costas voltadas, perguntou:—E como vão os seus milhos, snr. José?

—Ora... nem me falle n'isso. A sequeira é muita.

—Veremos se para a lua nova haverá mudança de tempo.

—Deus o queira.

—Ha de querer.

E proseguiu no seu caminho.

Mais adiante, foi uma mulher idosa, que espreitou do postigo d'uma casa meia arruinada.

João Semana d'esta vez foi o primeiro a saudar.

—Bons dias, tia Rosa. Então como vai lá o seu velho? Fero e rijo, hein?

—Muito agradecida a v. s.ª Está fraquinho ainda, e por isso...

—Pois que saia, que saia. É preciso tambem trabalhar por deitar fóra as molestias; nós não podemos fazer tudo. Que passeie, diga-lhe que passeie. O mais que lhe póde acontecer, é que dêem com elle as moças, mas d'issso não se morre.

—Já não está em idade para tanto, snr. doutor.

—Fie-se n'elle, fie-se n'elle; olhe que são os peiores.

E, dando uma gargalhada, dobrou a esquina e tomou por uma outra rua.

Do interior d'um pardieiro sahiu-lhe ao encontro uma rapariga do povo, magra, remendada e com um rosto que denotava afflicção.

—Muito boas tardes, snr. João Semana—disse a pobre rapariga, com voz chorosa.

—Que temos lá, Maria? alguma novidade?

—E' que...—dizia ella hesitando e baixando os olhos.

—Falla; despacha-te, que vou com pressa.

—É que me esqueci do que me disse d'aquelle remedio para minha mãe, e...

—Então onde diabo tinhas tu o juizo, gallo doudo? Ai

que vocês andam-me com essas cabecinhas não sei porque terras, e eu que vos ature depois. Aposto que te lembras melhor do que te disse hontem o teu conversado?

—Ora, o snr. João Semana tem cousas! É que não sei se o remedio era todo para uma vez, ou...

—É o que eu digo; é o que eu digo. Estouvada! cabeça no ar! Quantas vezes te repeti que era para tres porções. Cuidas que não tenho mais que fazer, do que andar sempre a cantar a mesma cantiga por esse mundo de Christo. Ora vamos!

—E ha de ser distante das comidas, que?...

—Que diabo aprendeste tu então de tudo o que eu te recommendei, fazes favor de me dizer? Pois não te expliquei, cabeça de bogalho, que era para lh'o dares, meia hora depois das comidas? Que tinhas tu nos ouvidos?

—Muito agradecida, snr. João Semana; e perdôe por as almas, mas... a gente tem tanta cousa na cabeça...

—Valha-te uma figa.

E quando a rapariga se ia já a retirar, elle accrescentou, mudando de tom:

—Olha cá, ó Maria. Ouves?

A rapariga voltou-se. Levava os olhos vermelhos de chorar.

—Então que diabo é isso? Porque choras tu?

—Nada, snr. João Semana; é cá a nossa vida.

—Quanto te levou o boticario pelo remedio?

—Seis vintens.

—E... Diz-me... E mataste hoje a gallinha para tua mãe?

—Dei-lhe o resto da de hontem.

—E para ámanhã?

—Para ámanhã...

E a rapariga calava-se embaraçada e triste.

João Semana tossiu para desempedir a laringe d'um pigarro importuno e pôz-se a olhar attentamente para um tronco de arvore, que lhe ficava á direita, como se lhe achasse o que quer que fosse de extravagante.

Durante este tempo, mexia nos bolsos do collete e depois nas algibeiras das calças; em seguida, olhando em roda, como se receiasse ser observado, curvou-se sobre o pescoço da egoà e introduziu uma moeda de prata na mão da pobre rapariga, dizendo-lhe d'um modo rapido e desabrido:

—Toma lá. Olha agora se te pões por ahi a dar á lingua, como costumas. Afflige bem tua mãe, afflige!

A raparıga não teve uma só palavra com que lhe agra-

decer. Quiz-lhe tomar as mãos, para beijal-as; João Semana furtou-lh'as rapidamente, dizendo-lhe com simulada aspereza:

—Larga, larga. Não me venhas cá com essas cousas, que eu não sou para isso.

O melhor dos agradecimentos tinha-o elle nas lagrimas, que desciam pelas faces da pobre, na expressão de entranhado affecto, que lhe animava o olhar.

O velho cirurgião sabia comprehender estas cousas, apesar das apparencias de homem endurecido, de que fazia ostentação.

Ao afastar-se do logar da scena que descrevemos, dizia elle para si:

—Excellente vida! lucrativa clinica! Rendeu-me esta consulta na verdade! Quem não ha de fazer casa assim?

Estava o bom homem a fingir de interesseiro comsigo mesmo!

Dentro em pouco tinha-se esquecido do que praticára.

Mais adiante, esperava-o um lavrador robusto, sentado na soleira da porta, a comer uma fevera de bacalhau. Assim que João Semana se aproximou, levantou-se o homem e tirando o barrete:

—Nosso Senhor venha em sua companhia.

—Bons dias; então que ha?

—Queria que vocemecê me dissesse se minha mulher póde comer uma sardinha assada.

—Póde, mas de caminho avisa o padre que a venha sacramentar.

—Credo! mas então...

—Adeus minhas encommendas. A perguntas tolas não se dá resposta. Forte descôco!

E, sem mais palavra, estimulou o passo da sua egoa.

O consultante sentou-se de novo e, voltando-se para dentro, disse:

—Ouviste-o?—Ora ahi tens.

Respondeu-lhe um suspiro.

Ainda não pararam aqui as consultas. Ao passar por uma azenha, o moleiro, vindo á porta, annunciou ao velho facultativo que a mulher não queria tomar remedio algum.

—Está no seu direito—respondeu João Semana—e que queres que eu lhe faça?

—Mas, sendo precisos?...

—Sabes que mais, Francisco? eu, se me não casei, não foi para agora andar a aturar as impertinencias das mulheres

do meu proximo. Atura-a, atura-a, rapaz, que são ossos do officio.

E continuou cavalgando, e deixou o moleiro embasbacado. Depois de se ter afastado, accrescentou, elevando a voz, mas sem se voltar para traz:

—Olha lá; sempre lhe vai dizendo que, se ámanhã a não encontrar melhor, prego-lhe um caustico nas costas, que lhe ha de fazer vêr as estrellas ao meio dia. Ora anda.

Emfim, n'um largo assombrado de castanheiros, foram duas creanças as que lhe interromperam a passagem; assim que o avistaram, ergueram-se do chão, onde estavam sentadas, tirando o chapéo e pondo-se a coçar na cabeça.

—Que temos nós, pequenada?—perguntou-lhes João Semana.

Um dos pequenos foi o relator da commissão.

—O nosso Luiz está doente e a mãe manda pedir ao snr. doutor para o ir vêr.

—Está bom; lá irei de tarde; e como está tua mãe?

—A mãe diz que está melhor, mas ella chora tanto!

—Tens razão, Manoel, em duvidar da saude do que chora. Pois eu verei isso. Vá; ide jantar e fazei rir vossa mãe, que é meia cura já.

Por tal fórma ia sendo o bondoso João Semana cumprimentado, interrogado e consultado, e elle a responder a tudo com a maxima expedição possivel, que já lhe não soffriam delongas as reclamações imperiosas do estomago.

Chegou assim ao largo da igreja da freguezia e atravessou-o, por diante da residencia do reitor. Deitou de soslaio os olhos para as janellas da casa parochial, e, como as visse fechadas, picou a egoa, para vêr se escapava, sem vir á falla e evitava novos empecilhos.

Não conseguiu, porém, o seu intento.

Uma das vidraças correu-se repentinamente e o reitor appareceu á janella, animado de sorrisos, e com um guardanapo na mão.

—Ó João Semana! Ó homem! Ó velhote! Pschiu!—bradava elle.

João Semana foi obrigado a voltar-se.

—Que é lá?

—Espera; falla á gente.

—Vou com pressa.

—Então andas por fóra com um calor d'estes? Isso é de crear malignas, homem.

*

—Que queres tu, abbade? Meu pae cahiu na patetice de me arranjar este modo de vida. Se lhe tivesse dado na mania fazer-me padre, outro gallo me cantára.

—Cuidas então que não temos canceiras?

—Ai, dão-te muito que fazer as tuas ovelhas; estou vendo.

—E não dão pouco.

—Só a cardal-as com as congruas e derramas! Por isso estás magro. Para vos sustentar suamos nós outros.

O reitor sorria, sem a menor sombra de offensa.

—Vamos a saber? Queres provar do meu arroz?

—Eu?! Já não tenho estomago creado para comidas de padres. Padre, abbade, e egresso de mais a mais! Safa! Morria de indigestão esta noite.

—Anda lá, anda lá; ainda não perdoaste aos frades. Morres impenitente.

—Como queres tu que eu lhes perdôe o terem gosado sem mim d'aquella sancta vida de convento?

—Sancta, sim; porém sem mortificações, não.

—Oh! de certo que não. Os melhores cosinheiros teem ás vezes os seus descuidos, e os paladares de v. rev.^mas^, lá de quando em quando, aturavam o esturro no arroz, sal de mais na sôpa, pimenta de menos no guizado, ou outra cousa assim, lá isso...

—Valha-te não sei que diga. A vida é para ti, homem, que, com oitenta, estás fero e robusto, e levas geito de assistir ao nascimento do seculo vinte.

—É para vêres de que feveras eu sou. Se tivesse a tua vida, viveria como Noé. Mas tu estás de palanque e á fresca, e eu aqui estatelado a dar-te trela. Adeus, meu amigo.

—Olha cá, espera homem. Então nem um calice do meu bastardo, hein? Olha que é do que tu gostas.

—Prefiro uma garrafa em minha casa.

—Lá franco no pedir és tu! Mas do que ninguem se gaba é de saber o gosto ao teu moscatel.

—Querias talvez que eu te mandasse um presente de vinho?! Era o que me faltava! Presentes de vinho!—E a um frade!...

E, dizendo isto, pôz-se a caminho, achando-se, dentro em pouco, a distancia já consideravel da residencia.

De repente, como se lhe occorresse uma lembrança, cuja communicação não podia soffrer demoras, voltou de novo atraz, e elevando a voz:

—Ó abbade, tu não sabes a historia d'aquelle frade franciscano, que...?

—Não sei, não; ora conta lá, João Semana, conta—disse o reitor, debruçando-se no peitoril da janella, e já com aspecto risonho.

—Havia lá no convento—principiou João Semana—uma pintura muito grande, representando a ceia de Christo; e era esta pintura a que mais attrahia as meditações piedosas do tal reverendo, o qual, de olhos fitos n'aquelle quadro, passava horas e horas esquecido de tudo o mais. Um outro frade, que tinha notado isto, não pôde ter mão em si que lhe não perguntasse com aquella voz de lamuria de franciscano manhoso: «Em que pensaes vós, irmão, quando com tanta attenção olhaes para este quadro?» «Nos tormentos que por nós padeceu o Salvador»—respondeu-lhe o tal. «E longos foram na verdade!»—continuou o primeiro. «Mas porque esta pintura, mais do que as outras, vos traz tão sanctas ideias? Não tendes na sachristia a do descimento da Cruz e aquella do Senhor prêso á columna?» «É verdade, irmão—diz-lhe então o franciscano com cara de mortificação—é verdade, mas olhai que não menor tormento era este de ter doze pessoas á mesa e tão pouco de comer em cima d'ella.»

E João Semana, dizendo isto, roçou as esporas pela barriga da egoa e partiu, acompanhado d'uma grande gargalhada do reitor, que era perdido por as anecdotas de João Semana.

—Onde diabo vai este homem buscar estas cousas!—dizia o reitor, chorando de tanto que se ria.

E João Semana ia quasi a dobrar a esquina, quando de novo o suspendeu a voz do padre, bradando-lhe:

—Ó João Semana; olha lá.

—Que é?—respondeu o facultativo já com certo mau humor—Tu queres que eu fique hoje sem jantar?

—É só uma pergunta.

—Diz.

—Não sabes que chegou hontem o Danielzito do Dornas?

—Como não sei! Pois não estive eu já com elle?

—Ah, sim? E então que te parece o homem?

—Que me ha de parecer? Bem.—E depois accrescentou:—Bem e mal.

—Como é isso? Bem e mal!

—Sim, o rapaz é talentoso e nas cidades talvez fizesse figura; para aqui não serve.

—Ah! João Semana!... Ciumes...

—Estás doudo? Tomára eu que elle me descarregasse de parte d'esta tarefa, mas... diz-me lá tu se aquelle corpo franzino, aquella pelle de mulher póde aturar metade, a quarta parte, a decima parte do que eu tenho aturado.

—Lá isso...

—Está de vêr que não. Mas lá talentoso é elle; não ha dúvida nenhuma.

E, dizendo isto, sempre conseguiu dobrar a esquina.

O reitor fechou a janella e foi jantar. Sentado á mesa ainda sorria de vez em quando, repetindo a meia voz:

—Doze pessoas á mesa e tão pouco de comer em cima d'ella!—Ora o diacho do homem...

XVIII

Emfim chegou João Semana ao logar, onde se erguiam os seus solares.

A egoa saudou a apparição dos telhados domesticos com a mais melodiosa das suas emissões de voz.

João Semana não foi tambem insensivel á perspectiva, que o dobrar do ultimo cotovello d'uma rua tortuosa lhe patenteou; porque o seu estomago tinha tambem necessidades, que, como todos os outros, manifestava. Ao aproximar-se, recebeu, porém, uma desagradavel impressão.

Avistou encostado á porta da casa o criado d'uma freguesa sua, o qual provavelmente vinha requisitar-lhe a assistencia e talvez com toda a pressa. Taes estorvos, á hora do jantar, eram da maior impertinencia para João Semana. Doente, que lhe quizesse fazer a vontade, não devia adoecer a hora tão critica.

O seu presentimento sahiu verdadeiro. Ainda elle se não desmontára e já o criado, que o esperava, lhe dizia, com grande impaciencia do facultativo:

—A snr.ª D. Leocadia mandou-me esperar aqui por v. s.ª para lhe pedir o favor de ir, logo que chegasse, a casa d'ella.

—Quem está lá doente?

—Não sei dizer a v. s.ª

—Pelo costume, é toda a gente. Todos se queixam, pelo menos, quando eu lá vou. E... vamos a saber, e é de pressa?

—Julgo que sim, senhor, visto que me mandaram esperar.

—Isso não tira. Seria para se vêrem livres de ti, e parece-me que teem razão.

—Ora, isso é graça.

—É graça é, mas... Vamos lá vêr o que me quer a snr.ª D. Leocadia. A fallar a verdade... a esta hora. Valha-me Deus, valha.—E, voltando-se para um criado pequeno, o qual viera ajudal-o a desmontar, continuou, suspirando:

—Deixa estar, Miguel, deixa estar. Eu... como assim, não me desmonto. Torno a sahir.

Mal acabára de dizer estas palavras, correu-se uma vidraça do andar superior, e a cabeça d'uma velha criada, convenientemente armada d'um largo pente de tartaruga, assomou á janella. Esta apparição foi logo seguida das seguintes palavras, muito assucaradas:

—Ouviu, snr. João Semana? não vá, sem primeiro subir.

—Pois que ha?

—Tenho que lhe dizer.

—Diga então d'ahi.

—Ora essa! Não é maneira de fallar a que diz. Suba, se faz favor, suba primeiro.

—Mas esta senhora que espera?

—É um instante só.

—Valha-a Deus!—disse João Semana, apeando-se e preparando-se para obedecer á criada. Já do portal, voltou-se para o mensageiro do recado, dizendo-lhe:

—Espere um bocadinho, que eu vou já.

—Nada, nada—exclamou de cima a criada.—Póde estar fazendo falta ás senhoras. É melhor ir, que o snr. João Semana vai já tambem.

—Mas... quiz observar o criado.

—Vá, vá. Basta o tempo que se demorou já aqui, e sem precisão, porque eu cá daria o recado. Diga em casa que o snr. João está lá n'um momento.

Isto foi dito com certo tom intimativo, ao qual o criado, habituado a obedecer, não pôde resistir. Partiu.

Logo em seguida, a expedita velha, disse, em tom mais baixo, mas não menos imperioso, para o rapaz, que ficou a segurar as rédeas da egoa:

—Miguel, avia-te, meu pasmado; mette essa cavalgadura na cavallariça, e anda para cima.

—Mas o patrão...

—Anda, papalvo, faz o que eu te digo.

E Miguel assim o fez.

Quando João Semana entrou na sala, onde era esperado pela criada, e ia a perguntar a noticia promettida, ficou surprehendido, achando a mesa posta e uma enorme malga de sôpa, exhalando odoriferos e appetitosos vapores.

—Que é isto? Que foi fazer?—disse o velho cirurgião, olhando para a criada, a qual procedia azafamada aos mais preparativos para o jantar—Então tirou a sôpa, e eu tenho de sahir ainda.

—Que sahir? que sahir? Era o que faltava. Não basta o calor que tem apanhado já. Ande lá, ande lá, que, emquanto não cahir devéras doente, não ha de escarmentar, já vejo.

—Mas, mulher, não viu o que eu disse áquelle criado?

—Deixe lá. D'aqui até casa tem elle de parar em mais de quatro tabernas e de se demorar meia hora em cada uma, pelo menos. Verá que ha de ainda chegar primeiro do que elle. Vamos, vamos. É jantar.

—Se eu nem mandei desapparelhar a egoa!

—Alguem teve esse cuidado. Ande, que o caldo arrefece.

—E aquellas senhoras que teem pressa?

—Ora adeus. Ainda não conhece aquella gente? Fervem em pouca agua. Sempre assim foram. Afinal verá que não ha de passar d'uma enxaqueca da D. Leocadia, algum flato da pequena, ou uma indigestão do procurador; e ainda acredita n'aquillo?

Evidentemente João Semana ia-se deixando convencer. Aproximára-se pouco a pouco da cadeira, hesitando ainda na apparencia, mas no intimo resolvido já.

Ia emfim a sentar-se, quando a criada o interpellou de novo, exclamando:

—Então que é isso? Assim mesmo como está? Nem muda de fato?

—Ora, não estou com tantos vagares...

—Não, então, se é para comer de afogadilho, mais valle fazer primeiro a visita. Assim nem lhe presta o que come. Eu guardo o jantar então, visto isso.

Joanna, era o nome da criada, bem sabia que tal proposta não podia já ser recebida por João Semana, cujo appetite se irritára com as exhalações da sôpa; foi a razão pela qual ella se mostrou tão prompta em reunir a acção ás palavras, retirando da mesa o serviço.

O exito d'esta tactica foi completo.

João Semana impediu-a, dizendo:

—Deixe ficar, já agora deixe ficar. Tambem para me vestir não é preciso muito tempo.

E, depois d'estas palavras, descalçou-se, enfiou os pés em umas chinellas, que tinham sido botas, pôz-se sem ceremonia em mangas de camiza, sentou-se á mesa e rompeu um ataque em fórma contra a volumosa e apetrechada tigela, que tinha defronte de si.

A cosinha de João Semana era d'um caracter portuguezissimo e eu, ainda que me valha a confissão os desagrados d'alguma leitora elegante, francamente declaro aqui que, para mim, a cosinha portugueza é das melhores cosinhas do mundo.

Dou razão n'isto a João Semana.

As combinações extravagantes das cosinhas estrangeiras —os gallicismos culinarios, por exemplo — repugnavam-lhe tanto ao estomago, como aos ouvidos, mais pechosamente sensiveis, dos nossos severos puritanos a outra qualidade de gallicismos.

Queria-se elle com a carne bem assada e o arroz do fôrno, açafroado—esses dous importantes elementos de goso para os paladares portuguezes; queria-se com o prato classico da orelheira de porco e até com aquelle outro prato, tão castiço como qualquer periodo de Fr. Luiz de Sousa—prato, que valeu aos portuenses um epitheto gloriosamente burlesco; queria-se com todas estas iguarias, quasi desterradas das mesas modernas, de preferencia aos manjares exoticos, cuja nomenclatura tem a propriedade de fazer ignorar ao conviva o que lhe dão a comer.

Por isso João Semana, nas raras vezes que vinha ao Porto, era freguez certo nas mesas do Rainha, as unicas, que manteem, sem mescla de estrangeirices, as velhas tradições nacionaes.

Em Portugal, terra de lhaneza um pouco rude, mas não affectada, o dono da casa não costumava d'antes experimentar a imaginação dos seus convidados com enigmas culinarios.

Não havia cá a usança de se dar a qualquer pastel ou empada o nome de um general de exercito; a qualquer açorda o de um ministro celebre; a qualquer doce balofo e insipido o de um poeta da moda.

Este costume, graças ao qual parece que os modernos Vateis misturam ás vezes aos ingredientes dos seus tachos e cassarolas um pouco do sal da satyra, era desconhecido entre nós.

Menos espirituosa, porém mais philosophica do que a nomenclatura culinaria da moda, a nossa, a tradicional, realisava o *desideratum* a que todas as nomenclaturas aspiram—o de valerem por definições.

Se um conviva tinha a curiosidade de perguntar ao seu Amphytrião, o que continha este ou aquelle prato, uma só resposta o satisfazia: era um frango guizado, um perú recheiado, uma lingua de vacca, afogada... cousas que toda a gente entendia logo. Hoje, a primeira resposta é um nome francez, barbaro, absurdo, que contra as promessas da grammatica, não dá a conhecer a cousa, nem as suas propriedades; por isso uma segunda pergunta é inevitavel; a não querer cada qual resignar-se a comer o que não sabe o que é — tormento insupportavel.

Hoje, época de programmas, inventaram-se os programmas dos jantares, á imitação dos dos concertos, dos deputados e dos ministros. Com oito dias de anticipação publica-se o elenco d'um banquete, para que cada qual procure decifrar o que vai comer, e estude a maneira porque se come.

João Semana é que n'isto, como em tudo o mais, não queria saber de modas.

E senão vejam-o d'esta vez esgotar a tigela avolumada de substancial caldo de abobora, aviar a formidavel posta de carne cozida, com presunto, acompanhando-a com o indispensavel arroz, salada de alface e azeitonas; atacar, com igual denodo, uma porção de *roast-beef*, não revendo sangue sob a faca, á moda ingleza, mas portuguezmente assado, e como estou convencido assavam os seus carneiros aquelles heroes da Iliada; tudo isto acompanhado d'um excellente vinho palhete, o qual elle ingeria aos copos de meio quartilho; em seguida uma carregação de peras de amorim, sem conta, pêso, nem medida...

Durante o jantar não estivera calado João Semana.

Cada prato suscitára-lhe uma reflexão critica, um discurso laudatorio, ou uma anecdota que fazia rebentar de riso a snr.ª Joanna.

Ao descobrir o prato da carne assada, exclamou João Semana, com um tom de satisfação manifesta:

—Que tentação me desperta esse terceiro inimigo da alma!

A criada riu-se, mas observou:

—Não diga isso; Santo Antonio!

—O quê?—Então você não sabe o que disse aquelle fra-

de, quando estavam a jantar? Nos conventos era costume, emquanto se comia...—O' Joanna deixe-me vêr esse limão—... occupar-se um frade com leituras devotas.—E vá-me deitando ahi mais vinho.—Um dia, a communidade escutava d'um d'esses reverendos...—O diabo d'esta faca não corta nada...— um sermão sobre os perigos aos quaes os viventes andam sujeitos n'este valle de lagrimas.—Olhe, chegue para aqui essas azeitonas.—Vêde, irmãos, dizia o tal frade...—Este anno as batatas não foram grande cousa—... vêde como é difficil fugirmos ás tentações dos tres grandes inimigos da alma.— O' Joanna, o padeiro está servindo mal; não tem senão codea o pão.—O mundo e seus encantos perigosos; o diabo e seus poderes maleficos e a carne, ai, meus irmãos... e a carne e suas tentações magicas.—Chegando a este ponto, o frade pousa o livro, suspira, estende um prato ao seu visinho fronteiro, dizendo:—Tão fortes são que nem lhe resisto eu, pobre peccador; uma posta d'esse terceiro inimigo, que tão bem assado está.

Gargalhada da criada e uma victoria formal de João Semana sobre o inimigo em questão.

Á sobremesa o mesmo systema. A pera de amorim attrahiu um elogio do facultativo e mereceu as honras d'um caso.

—Excellente fructa! — disse João Semana, ao comer a duodecima—Tinha razão aquelle frade que do pulpito dizia: «O' meus amados ouvintes, que miseravel é a condição humana! Vêde como a desgraça do mundo veio d'uma má tentação! Eva perdeu-nos por uma maçã! Se ao menos fosse por uma pera, meus fieis ouvintes, ainda se poderia desculpar, mas por uma maçã!!»

—Ora! Essa é sua, snr. João Semana — disse Joanna rindo.—O frade havia de dizer semelhante cousa! Pois olhe, aqui está quem se perderia mais depressa por a maçã—accrescentou ella, pouco depois e preparando o café.

—Bem!—disse João Semana, ao concluir a sua refeição —Estou como um abbade! O peior é ter agora de sahir para ir visitar a snr.ª D. Leocadia.

—Sahir, já?—Ora! isso tem tempo, acudiu a criada.

—Como? Pois ainda havia de as fazer esperar mais?

—Descance ao menos um bocado. Está costumado a passar pelo somno e, se o não faz, fica doente para todo o dia.

—Que remedio senão ter paciencia!

—E' um bocado mais.

—Nada, nada, não póde ser. Vou sahir já—insistiu João

Semana, procurando porém uma posição mais commoda, com grave risco da resolução que exprimia. Joanna percebeu este movimento e previu o que succederia, se conseguisse entreter o amo uns cinco minutos mais. Não hesitou:

—Ainda se fosse para outra parte, não digo que não; mas para casa da D. Leocadia?... Eu já sei o que querem dizer aquellas pressas. A D. Leocadia esta manhã, provavelmente, abriu a bocca tres vezes ou espirrou duas, e por isso imagina já que está a morrer. Louvado seja Deus, nunca vi quem tenha mais medo de adoecer! Uma cousa assim! Não é senhora de metter um bocado de pão na bocca, sem perguntar ao cirurgião se lhe poderá fazer mal. Pois não se lembra d'aquella vez que o mandou chamar, porque tinha deixado de noite, por esquecimento, uma açucena no quarto, e pela manhã julgou que estava envenenada?

—É verdade—dizia João Semana, fechando os olhos e bocejando—Não era açucena, era uma bella... ah! ah! ah! ai...—isto foi um bocejo que o interrompeu—e com voz já mal percebida concluiu depois: era uma bella-dona.

—Ou isso.

Joanna, espiando, como medico attento, estes symptomas, proseguiu:

—Esta gente parece de vidro. A flósinha da pequena é outra que tal. É uma penna, que qualquer ventinho leva. E dizem bonita aquillo! Lá na minha terra chamava-se bonito a quem era sadio e de boas côres.

—Você está agora como... aquelle... frade que...—tentou dizer João Semana, mas não concluiu. Tomou-o um somno profundo, denunciado, dentro em pouco tempo, por um ruidoso ressonar. Joanna, escutando-o, aproximou-se nos bicos dos pés, examinou-lhe os olhos, e vendo-os cerrados, sorriu dizendo a meia voz:

—Sempre cahiu! Agora tem para uma hora pelo menos.

E, fechando as janellas, deixou o amo ressonando na mesma cadeira de braços, em que adormecera.

XIX

Quando a snr.ª Joanna chegou á sala immediata, achou-se na presença d'uma visita inesperada. Era Daniel que, de

braços abertos, caminhou para ella, chamando-lhe «a sua boa Joanna.»

Por muito tempo fôra Daniel o querido da velha criada do cirurgião, a qual se não cansava de apregoar por toda a parte que não havia ahi menina de rosto mais galante e modos mais bonitos, do que o filho mais novo do José das Dornas. Quando a idade veio imprimir um cunho mais varonil áquella belleza, Joanna, como mulher que era a final, não foi insensivel á perfeição do typo masculino, que tantas attenções tinha já merecido ao seu affeiçoado, durante a sua vida de cidade.

Ultimamente porém um pequeno azedume de má vontade viera misturar-se á sympathia da boa mulher. Em Daniel via um futuro rival de João Semana e a dedicação fanatica, que votára ao amo, não a deixava encarar desassombrada a probabilidade d'essa lucta e, sem algum despeito, o novo athleta, que apparecia na arena, de encontro ao velho collosso.

Joanna bem se fingia tranquilla, dizendo ás suas conhecidas e comadres que, emquanto João Semana fosse vivo, ninguem havia de poder fazer-lhe sombra; mas, lá no fundo, não estava satisfeita.

Ainda assim—tal é o poder de antigas affeições—ao vêr Daniel vir para ella tão abertamente amavel, esqueceram-lhe todas as más prevenções, que contra elle tinha, e recebeu-o nos braços com expansão igual.

—Jesus! que mocetão! Ora quem ha de dizer que é este o menino, a quem eu dava biscoutos e que trepava, como um gato, pela pereira do quintal acima?! E então como gostava d'aquellas peras ainda rijas, que nem pedras! Sempre o tempo corre! Eu benzo-me!

—E quando o seu patrão tinha uns quatro pecegos muito grandes, que destinava para o vigario da vara e eu lh'os furtei, inventando depois nós ambos uma historia muito comprida de ratoneiros, a qual não deu pouco que fazer ao regedor?

—Sempre foi uma essa! E o vigario foi quem mais se zangou com a graça. E d'aquella vez que o menino entornou o tinteiro por cima do livro dos assentos do snr. João Semana?

—Ai, é verdade. Por signal que você depois disse-lhe que foi o gato.

—E, coitado, foi elle o que pagou. Levou uma sova mestra! O pobre bichano não podia imaginar porquê.

—É provavel que elle não perdesse muito tempo a investigar a razão do facto. Foi bem mais rasoavel, fugindo.

—O menino era um traquinas! Era uma cousa por maior.

—Ha de lembrar-me sempre com saudades, Joanna, de quando se cozia o pão cá em casa e eu vinha, ao sahir da aula, buscar o bolo, que você me guardava no forno. Lembra-se?

—Ora, como se fosse hoje. E d'aquella tarde em que o menino foi beber agua fria logo por cima? Ai, nem quero que me lembre! Sempre teve uma colica! O meu amo parecia que me matava.

—Que bons tempos esses, Joanna!

—Se eram! Agora já o menino não quer da nossa fructa, nem do nosso bolo. Quem sabe se nol-o comerá por outra fórma?

—Como?!

—Recebendo algumas das medidas e avenças que, até agora, eram só do snr. João Semana—disse a criada, com ciume renascente.

—Está doida, Joanna? Nem seu amo tem receios de que eu lhe faça mal, nem eu vontade de lh'o fazer. Graças a Deus, eu não preciso para comer de andar a furtar o pão d'aquelle que tantas vezes e de tão boa vontade m'o offerecia. Para o ajudar, isso sim, estou prompto, que não é pouco pesada a cruz, que elle traz.

—Não é, não, menino!—exclamou, já sensibilisada e reconciliada de todo com Daniel, a velha criada. E suspirando, continuou:

—Aquillo é um negro de trabalho. Ai, se elle faltasse, o que seria dos pobres! Eu bem sei que o menino ha de fazer o que podér, que tem bom coração; isso tem; mas quem lhe deu as forças d'elle? Aquelle corpo é de ferro. Não faz ideia. Desde pela manhã, até á noite, não tem aquelle pobre de Christo um momento de socego.

—Elle está cá?

—Está agora a passar pelo somno. E mais tinha um recado com pressa. Foi preciso eu usar de malicia para o fazer descansar. É que esta gente não attende a nada.

—Pois, Joanna, eu vinha para agradecer-lhe a visita que elle me fez, mas deixe-o dormir.

—Elle ha de gostar de o vêr; que olhe que é muito seu amigo, Danielzinho. Elle tem aquelles modos assim sêccos, mas... Inda hontem aqui esteve a dizer que o menino ha de vir a ser cousa grande.

—Não, agora já não cresço mais.

—Ora! bem sabe o que eu quero dizer. Está a mangar.

—Eu lhe digo, Joanna. Eu que vim metter-me n'esta terra, é porque tenho ambições. Lá isso tenho. A si, digo-lhe baixinho, o meu grande desejo é vir a ser...

—O quê?—perguntou Joanna, com curiosidade feminina.

—Nada menos que regedor cá na aldeia.

—Ora!... falla sério?

—Pois isso é cousa lá com que se brinque?

—Então para que quer ser regedor?

—E não é uma posição tão bonita?

—Não digo que não. Pois olhe, com o tempo isso não será difficil. O snr. João Semana já esteve para o ser; elle é que não quiz. Mas o que é, é que o menino está aqui está casado.

—Porque diz isso?

—Ora, o pae ha de arranjar-lhe noiva rica.

—E então ha por cá muito d'esse genero?

—Se ha? Boa! Olhe—ahi tem a filha do morgado da Cova do Frade, que é uma moça bonita.

—Ai, muito bonita! Parece mesmo uma dahlia vermelha.

—Que está a dizer? É uma rapariga escarolada e sadia.

—Lá escarolada será; e então tem muito dinheiro?

—Para cima de vinte mil cruzados.

—Ih! que dinheirão!

—Então acha pouco?

—Está claro. Mulher com menos de quarenta contos, Joanna, não me serve.

—Quarenta contos! Quanto é quarenta contos?

—São cem mil cruzados.

—Credo! O que ahi vai! Então não casa de certo, tambem lhe digo.

—Se não a encontrar cá, trago mulher da cidade. Olhe que são mais bonitas. Uma senhora, que saiba tocar piano, que saiba cantar, que ande á moda.

—Sume-te! Sempre as taes modas! É no que elles pensam. Ora que graça acham áquellas cousas?

—Você não sabe o que diz, Joanna. Inda hei de vêl-a andar á moda, a si tambem.

—A mim?

—A si, sim, minha senhora, e então porque não?

—Alguma estará n'esse dia para succeder.

—Mas olhe cá, Joanna, e quando você me vir passear de

braço dado com a minha senhora, ella com vestido de seda a arrastar pelo chão...

—Isso! Olhe que ha de ficar em bom estado. Passeie pelo tojo e verá.

—Um pé muito pequenino; eu gosto dos pés muito pequeninos, Joanna.

—Tambem muito pequenos de mais não servem para andar. Quer-se em termos.

—Nada; quero-os muito pequeninos; e depois uma vozinha que mal se perceba.

—Ora essa! Então não se ha de ouvir o que ella diz?

—Vocês cá não teem nada d'isso.

—Isso não. O pé mais pequeno que eu conheço... é o da filha do Matheus que teve, salvo seja, um raminho em creança e ficou aleijadinha..., e agora voz que se não perceba... olhe, tem a ti'Anna do regedor que, desde que lhe cahiu aquella constipação no peito, ninguem lhe entende palavra.

N'este ponto do dialogo, entrou o Miguel, rapaz do serviço da casa, com um bilhete na mão.

—Snr.ª Joanna—disse elle—vieram entregar este bilhete para o patrão.

—Temos mais alguma impertinencia. Está bom; deixa ficar.

—É que esperam pela resposta, snr.ª Joanna.

—Pois que esperem, snr. Miguel. O patrão está a dormir, e eu não o vou agora acordar, por causa d'isso. De mando de quem vem?

—Diz que das do Meiadas.

—Ai, então é a pedir por algum pobre. Não fazem outra cousa as raparigas. Teem vagar. D'estas fortunas é que nos apparecem. Mas a carta não vem fechada... O' menino, então leia-a.

—Porém... ia a observar Daniel.

—Não tem dúvida, póde lêr. Isto não é de segredo.

Obedecendo ás instancias de Joanna, Daniel abriu a carta e leu:

«Meu bom snr. João Semana:

—Isso!—annotou a criada—Façam-lhe a bocca doce.

Daniel continuou lendo:

«O nosso pobre doente está mal, muito mal. Corta o co-
«ração vêl-o padecer assim. Se não fôr possivel salval-o, ao
«menos que se não veja desamparado ao morrer. É tão com-

«padecido o seu coração, snr. João Semana, abre-se tão de-
«pressa á caridade, que me atrevo a pedir-lhe que venha vêr
«este desgraçado. A consciencia lh'o pagará.

«Da suá respeitosa amiga,
«*Margarida.*»

—Bonitas palavras!—disse Joanna—não tem dúvida nenhuma; o peior é que se não aduba o caldo com ellas.

—De quem é esta carta?—perguntou Daniel—Eu já ouvi este nome de...

—Olhem quem o pergunta! Pois de quem é ella, homem de Deus, senão da irmã de sua cunhada, da que ha de ser?

—Ah! bem me parecia. Mas... da irmã! e ella escreve assim?—continuou Daniel, admirado da boa orthographia e singeleza de phrase da carta, que tinha ainda na mão, e para a qual tornou a olhar.

—Pois que julga que é essa rapariga? Bem digo eu, que o menino já se esqueceu de todo da sua terra. Então saiba que não ha ahi quem se ponha ao lado da Margarida, em fallar e escrever. Esse homem, por quem ellas pedem...—e, interrompendo-se:—É verdade, ó Miguel—disse para o criado—vai dizer que ficou entregue, anda.

Depois do Miguel se retirar, Joanna continuou:

—Esse homem, por quem pedem, foi mestre d'ellas. Pelos modos era pessoa que teve de seu; mas hoje está quasi a pedir. Para ahi veio, e ahi tem vivido. As raparigas do Meiadas, que são dous corações de anjos—lá isso são—teem-no soccorrido sempre. Coitadas! Não, eu devo dizer o que é verdade, o seu Pedro leva uma mulher como se quer; mas olhe que quem levar a Margarida não vai mais mal servido. Este pobre homem tem-lhe ensinado, em paga, a lêr e a escrever, que é um primor, segundo dizem. A Margarida, principalmente; porque pelos modos, a Clarita tem menos paciencia. Mas a Margarida?... até cá o snr. João Semana o diz, póde-se ouvir. Agora até ella dá lição em casa. Não sabia? Pois dá. Ora, o tal pobre de Christo está a morrer, e, segundo diz o patrão, não deita o mez fóra. As raparigas então, crédo! isso é um cuidado por ahi além, nem que fossem filhas. Mas o que eu não sei é se o snr. João lá irá hoje. Fica-lhe tão longe do seu giro!

—Mas ha de deixar o homem assim?

—Então? Cada um faz aquillo que póde, que a mais não é obrigado. Olhe... sabe o que me lembra? Porque não vai o

menino lá? Não diz que quer ajudar o snr. João Semana? Pois ahi tem!

—Para você me ficar depois com zanga.

—Crédo! Zanga não; eu só dizia que... Demais, isto não lhe rende cinco reis. Bem vê o que ella diz: A consciencia é que paga. Ora eu bem sei que as pequenas quizeram pagar, quizeram; cá o patrão é que não deixou. Não sei se fez bem, porque a final... ellas teem por onde paguem. Mas vá, vá. Além de que...

—Eu por mim vou; não me custa; mas se o seu amo se offende?

—Não; não offende; ámanhã elle irá. Demais, as raparigas são agora quasi da familia do menino; é natural que o procurem primeiro.

—Pois então nem espero que elle acorde. Você diz-lhe...

—Sim, sim; não tenha dúvida; eu cá lhe digo.

E, chamando outra vez Daniel, que ia a retirar-se, continuou:

—E então, olhe. Tambem póde fazer-nos ainda outro favor. Eu tenho, desde esta manhã, um recado para o snr. João Semana ir a casa do João da Esquina, lá do seu visinho da tenda. Não lh'o dei, porque emfim... hoje ficava-lhe bastante longe, e, aqui para nós, não andam muito em dia as contas com o tendeiro; como ao menino lhe fica perto de casa, se não lhe custasse, ia por lá.

—Tambem irei, o ponto está que o homem me queira.

—Se não quizer que mande fazer um de encommenda. Era o que faltava! Já vê que eu não tenho nenhuma má vontade contra o menino; até lhe dou freguezia.

Daniel agradeceu os dous freguezes, que a velha Joanna lhe cedera, com poucos auspicios de lucros, e sahiu sem esperar que o seu velho collega acordasse.

A pressa com que Daniel sahiu, e a facilidade em acceder á proposta de Joanna, tinham um motivo. E ahi estamos nós, para o explicar, a referirmo-nos outra vez ao caracter do nosso heroe.

A carta de Margarida fallára-lhe á imaginação. Achou-a tão singular, na sua simplicidade, para ser escripta por uma rapariga da aldeia, que não pôde eximir-se de phantasiar um typo de romance, o qual logo suspirou por conhecer.

Seguindo as instrucções de Joanna, Daniel pôde, dentro de um quarto de hora, achar-se á cabeceira do enfermo, para quem se pedira o soccorro de João Semana.

Mas, contrariamente ao que esperava, foi Clara e não Margarida quem elle encontrou alli.

XX

Ao principio, a substituição desagradou a Daniel, por lhe dissipar umas vagas phantasias, com que tinha vindo; mas Clara não era mulher junto de quem se podesse sentir por muito tempo a falta d'outra.

Daniel, passados alguns minutos, achava-se conformado.

Clara recebeu com um gracejo o novo clinico.

—Olhem quem nos vem! Bem dizia eu hontem; dentro em pouco, ninguem quer já saber do João Semana.

—Devo lembrar-lhe, Clarinha, que é á força quasi que eu venho aqui, porque não houve quem tivesse a ideia de me mandar chamar—observou Daniel, sorrindo.—Não lhe disse eu que as raparigas seriam fieis a João Semana? Veja: nem a Clarinha nem a mana se lembraram de mim, sendo eu da familia quasi.

—Bem vê que pouco se lhe poderia prometter—respondeu Clara, lançando para a humilde mobilia do quarto um olhar expressivo.

—Nem a recompensa da consciencia, que sua irmã promettia a João Semana?

—Com franqueza lh'o digo: eu por mim tinha-me lembrado de o chamar, tinha; mas a Guida é que não quiz.

—E porque não quiz sua irmã?

—Eu sei lá? Eu já não estou costumada a perguntar a razão porque ella diz isto ou aquillo. Para quê? A final de contas, eu não sei fazel-a mudar de tenção.

—Então é assim teimosa?

—Teimosa? Não, crédo; mas é que depois de fallar com ella... não sei como isto é... eu sou que mudo sempre. Mas, já que veio, entre; aqui tem o nosso doente.

E, dando ao gesto uma expressão de desesperança, accrescentou, baixando a voz e suspirando:

—Isto!... Coitado...

O doente era o velho, que já conhecemos, agora de todo prostrado por uma cachexia, infallivelmente mortal.

Realisára-se o seu presentimento. Vida... só lhe restava para agradecer com um olhar, mais já do que com palavras,

os cuidados, quasi filiaes, de que as duas raparigas o rodeavam.

A idade e os padecimentos moraes d'este homem haviam-se tornado elementos, quasi invenciveis, do mal que lentamente lhe minára as forças.

O unico allivio, no seu leito de dôr, era a vista das duas irmãs. Faziam-lhe bem os sorrisos de Clara, e as lagrimas de Margarida—duas expressões diversas d'uma mesma sympathia.

Daniel aproximou-se do leito do enfermo; do outro lado ficava-lhe Clara.

A luz era escassa na alcova. As feições de Clara tinham tomado uma expressão de melancolia, a qual aquellas sombras pareciam augmentar.

Junto á cabeceira de um enfermo é aonde mais prompta e naturalmente se estabelece entre duas pessoas um tracto familiar.

A etiqueta e as reservas de costume sentem-se mal collocadas e intempestivas alli.

Se é sincera a compaixão por o que padece, perde-se a frieza necessaria á estricta observancia das insignificantes convenções sociaes. Não são possiveis as affectações nem os constrangimentos, quando uma mesma generosa sympathia domina o pulsar de dous corações.

Por isso entre Daniel, como medico, e Clara, como enfermeira, cresceu rapidamente uma certa familiaridade, a qual não pouco concorreu para fazer demorado o exame do doente, cuja molestia era de uma evidencia e de uma fatalidade de exito, que deviam facilitar a tarefa do seu estudo.

Depois... nunca é tão cheia de attractivos a mulher, como ao velar sollícita por um doente que estima. Ás mais levianas revela-se-lhes então a grandeza e sublimidade da sua missão na terra. O coração, que as vaidades podiam trazer abafado, estremece e acorda ao primeiro grito de dôr; o instincto feminino revive com toda a sua espontaneidade de abnegação, dálhes á voz inflexões de ternura, ao olhar requebros de meiguice, e aquella deliciosa fraqueza de animo, que nos pedia protecção e amparo, transforma-se em uma coragem heroica, diante da qual nós, os que nos suppunhamos fortes, cedemos subjugados.

Um momento d'estes, na vida da mulher, absolve-a de todos os pequenos defeitos, que temos por costume censurar n'ella.

Quando o imperio do amor e da piedade deve reger a vida, acceita então ella de nós, com sorrisos de brandura, o sceptro de soberana.

E n'essas occasiões bem conhece que o prestigio, que exerce, é absoluto; perde então a timidez habitual e olha-nos desassombrada.

Succedia isto com Clara. Achava-se á vontade alli; fitava, sem constrangimento, os seus expressivos olhos negros no rosto de Daniel, como se para n'elle espiar o passar das ideias, que o exame do doente lhe fosse sugerindo.

Se ella soubesse que, emquanto o fitava assim, mal na doença o deixava pensar!

O enleiado agora era Daniel. Com os olhos no rosto cadaverico do enfermo, comprimindo-lhe ainda o pulso abatido e descarnado, quasi nem tinha consciencia do que fazia.

Sem olhar, sentia que a vista de Clara se fixava n'elle—porque ha phenomenos assim—e sentindo-o—desgraçada natureza a sua!—em vez do medico impassivel e attento, que devera ser, já não era senão o estudante de vinte annos, com toda a sua ardente imaginação.

Emfim terminou aquelle exame longo, mas distrahido, e depois de algumas perguntas feitas ao doente, Daniel voltou á sala, para receitar.

Clara acompanhou-o e encostou-se familiarmente ás costas da cadeira, na qual Daniel se sentára.

Era o bastante para tirar a este toda a tranquillidade.

A seu pesar, a mão tremia-lhe ao escrever.

Clara pôz-se a rir.

—De que se ri?—perguntou Daniel, voltando-se.

—Está-me a lembrar, ao vêr tremer-lhe a mão assim, que o João Semana costuma dizer, quando assigna uma receita, que assigna uma sentença de morte.

Daniel sorriu tambem, ou simulou sorrir.

—Isto é nervoso—disse elle, levantando-se.

—Nervoso! Então tambem é nervoso? Eu cuidei que isso era só das senhoras da cidade.

—Enganava-se.

—Então que é ser nervoso?

—É... por exemplo, não ter firmeza na mão ao escrever, quando nos seguem os movimentos uns olhos... assim como os seus, Clarinha.

—Ah! Deve ser então bem má doença, que obriga os ou-

tros a andarem com os olhos fechados; redarguiu Clara, com certo tom de zombaria.

Daniel ia a replicar, quando um gemido do enfermo chamou Clara á alcova.

Emfim, passados alguns segundos, Daniel muito a custo preparava-se para sahir.

Clara voltou, trazendo-lhe agua para as mãos;—acto naturalissimo e sem significação—porém Daniel era d'estes homens, para quem quasi não ha actos sem significação.

Lavando-se, e emquanto Clara lhe sustentava a bacia, aventurou um olhar para a gentil rapariga, a qual o recebeu com firmeza.

Como este olhar se prolongasse, Clara disse, com um sorriso de ironia, apparente através do gesto de ingenuidade, de que o acompanhou:

—Está tão distrahido, a pensar... no seu doente talvez, que nem repara que se está a lavar em sêcco.

Daniel baixou os olhos e abreviou a operação.

Quando ia a retirar-se, ouviu Clara que lhe dizia gracejando:

—Quanto se lhe deve pela visita, snr. doutor?

A esta pergunta, esteve imminente a sahir da bocca de Daniel um galanteio, que elle susteve a tempo, por não sei que presentimento, que lhe dizia que esse jogo podia ter seus perigos. Limitou-se pois a responder:

—Deve-se-me um pouco de affeição pela boa vontade, quando por mais não seja.

—Já vejo que é facil de contentar.

—Acha então de pouco valor a affeição?

—Como não pede muita...

—É que receio que já não tenha muita para dar.

—Tão pobre me faz d'isso?

—Pois não dispôz já da melhor?

—A affeição de que dispuz, não lhe podia servir.

—Acha?

Esta pergunta, ou mais do que ella, a inflexão de voz com que foi dita, o olhar de que foi acompanhada, era imprudente.

Clara desviou a vista diante d'esse olhar de Daniel.

—Ouça—disse ella, um pouco mais séria já do que até alli.—A gente tem sempre no coração duas affeições differentes, penso eu; uma, que se dá toda a uma pessoa, e julgo que uma vez só na vida; outra, que se dá ás porções, mais a uns,

menos a outros, mas que nunca se acaba. Para querer a este pobre velho, que alli está dentro—e quero-lhe devéras—nada tive de tirar á affeição grande, que tinha a Margarida. Conte por isso que inda tenho affeição—*d'essa*—para lhe dar. A Guida não terá que soffrer com isso... nem os outros.

Havia uma delicada correcção n'estas palavras de Clara, que produziu effeito no animo de Daniel. Inclinou-se, e com um sorriso, não constrangido, replicou, estendendo-lhe a mão:

—Agradecido, Clarinha. Essa mesma é a que me deve; pois não seremos dentro em pouco tempo irmãos?

Clara, já outra vez risonha, correspondeu ao cumprimento do irmão do seu noivo, sem a menor reserva desfavoravel.

E separaram-se.

—Que diabo de homem sou eu?—dizia Daniel comsigo—Pois não ia principiando a apaixonar-me por a mulher de meu irmão? Quando terei eu força para me vencer n'estas cousas? Mas é que tem uns olhos esta rapariga, e umas maneiras!...

E, sob o dominio d'estas novas impressões, a impressão que da carta de Margarida havia recebido, desvanecera-se de todo.

Não era porém esta a unica mudança, que se tinha de operar n'elle, aquelle dia.

XXI

Cumprindo a promessa, que tinha feito a Joanna, foi o novo clinico fazer a sua segunda visita.

O leitor deve estar lembrado de que o doente era o nosso já conhecido João da Esquina, ou, pelo menos, alguem da sua respeitavel familia.

Ao apresentar-se, em logar de João Semana, Daniel foi recebido com uma visagem, pouco lisongeira, do dono da casa, impressionado ainda talvez com as revolucionarias, e em nada tranquillisadoras, opiniões medicas, que conhecia no seu visinho.

—Então como é isto? É o senhor que vem?...—dizia o homem, meio desconfiado, e como hesitando em entregar-se aos cuidados da medicina nova.

—É verdade; sou eu—respondeu Daniel.—O João Semana não podia hoje vir para estes sitios e, como me lembrou que talvez fosse de pressa a doença...

Um sorriso encrespou os labios do tendeiro.

—A doença?! Ah!... Então nós sempre temos doenças?! —perguntou o snr. João da Esquina, com um certo ar de finura triumphante.

—Pois que dúvida?—disse Daniel, muito longe de suspeitar o sentido occulto da interrogação—Não mandou chamar um medico? É provavel que não seja para o consultar sobre alguma demanda.

João da Esquina meneava a cabeça com ar de satisfação.

—Portanto segue-se que temos doenças? Bem, bem.

—Mal, mal—emendou Daniel, sorrindo.

—Eu cá me entendo. A final ha de vir para o bom caminho, e no mais tambem; se Deus quizer.

—No mais?—repetia Daniel, sem entender o amphiguri.

—No mais, sim, no mais. Ora diga-me—continuou elle, tomando Daniel de parte e fallando-lhe quasi ao ouvido—parece-lhe que eu sou algum macaco?

O filho de José das Dornas olhou espantado para o seu interlocutor, e principiou a suspeitar que a molestia, que exigia os cuidados do medico, era um desarranjo intellectual.

—Macaco? O snr. João da Esquina macaco?! Essa agora! Como quer que eu supponha tal absurdo?

—Absurdo?!—exclamou jubiloso o merceeiro—É o que eu digo. Assim, assim é que eu gosto de os vêr.

—Exquisita monomania!—commentava para si Daniel.

João da Esquina continuou no mesmo tom, meio ironico, meio confidencial:

—E acha que me ficaria muito bem, se me pozesse a andar por ahi com as mãos pelo chão?

Daniel, muito fóra, n'aquelle momento, das razões que motivavam estas perguntas, achava-as tão extravagantes, que sentia aggravarem-se-lhe cada vez mais as apprehensões, relativamente ao estado intellectual do tendeiro.

—De certo que não seria exemplo muito para tentar—respondeu Daniel, não podendo outra vez disfarçar um sorriso.

—Ah! Então parece-lhe isso?

—Acaso as intimas convicções do snr. João da Esquina repellirão esta maneira de pensar?

—O senhor é que parece ter mudado de ideias.

Lembrou-se então Daniel de que talvez tivesse alguma vez pronunciado diante de indiscretos, uma ou outra phrase, menos favoravel em relação a João da Esquina, a qual, tendo-

lhe sido transmittida, désse por tal fórma motivo a esta desconfiança.

—Estou supponde que o snr. João da Esquina tem não sei que prevenção contra mim. Póde ser que lhe viessem referir algumas palavras minhas, as quaes julgue offensivas á sua dignidade; mas creia que são menos verdadeiras. As cousas alteram-se sempre ao passar de bocca em bocca, e...

—Então dá o dito por não dito?

—Tudo o que lhe fôr injurioso, creia que o não disse eu—respondeu Daniel.

O tendeiro, mais tranquillo a respeito do novo medico, o qual elle via assim abjurar solemnemente as suas theorias subversivas do estado regular das cousas na sociedade e no mundo, não duvidou encetar os estiradissimos capitulos da sua longa historia morbida.

Pouparei ao leitor o ouvil-os. Imaginem uma interminavel exposição de todos os incommodos sentidos ha vinte annos, e cortada de variados episodios, alheios ao assumpto principal ou mantendo com elle laços imaginarios.

A proposito da molestia, veio, por exemplo, a campo a historia minuciosa d'uma demanda sobre uma pensão de duas frangas, o relatorio das despezas feitas com os melhoramentos em uma propriedade sua, e as desavenças entre elle, thesoureiro da confraria do Sacramento, e o secretario da mesma.

Daniel escutava-o distrahido.

No fim, fundando-se em uma ou outra circumstancia, que lhe ficára de todo o arrazoado, fez o diagnostico, e formulou alguns conselhos medicos, mencionando, entre outros medicamentos que aconselhou, as preparações de arsenico.

Lembrança imprudente!

Á palavra *arsenico*, João da Esquina estremeceu e de novo se lhe assombrou o olhar de desconfiança.

A quarta das opiniões theoricas de Daniel, as quaes lhe tinham sido referidas por José das Dornas, apparecia-lhe agora de novo, com toda a sua apparencia sinistra e homicida.

—Arsenico!—exclamou elle com uma voz quasi rouca de susto e de indignação—O senhor quer que eu tome arsenico?!

—Que dúvida?—respondeu Daniel—É um medicamento heroico, prodigioso em muitos casos.

—Eu tenho conhecido os prodigios que elle obra. Vale por dous gatos!

—Ora adeus! A questão está na maneira de o tomar.

—Arsenico! Mas que ideias! Esta não esperava eu! Arsenico!

—Está enganado. O arsenico até...

—Até engorda tambem, não é verdade?—perguntou o tendeiro, com amarga ironia na voz.

—E ainda que lhe pareça que não...

—Para o senhor vale tanto como o toicinho. Eu já cá sabia.

—Mas ouça. Olhe... na Austria... Na Austria os cavallos de boa raça recebem sempre na aveia uma porção de arsenico, o qual lhes dá um aspecto luzente, elegante, vigoroso e inexcedivel.

O exemplo beliscou o amor proprio do snr. João da Esquina, que redarguiu com certo despeito:

—Muito obrigado pela noticia. Isso talvez anime a gente da Austria ou certos doutores que eu conheço, e que pensam que um homem é como qualquer animalejo dos taes, e que póde andar a quatro como elles tambem. Eu por mim...

—Mas ahi tem outro exemplo—continuou Daniel.—Em certas partes da Allemanha ha povoações inteiras, nas quaes o arsenico é comido com um prazer excessivo.

—Pois que se regalem.

—Mas olhe que é facto. São verdadeiros toxicophagos esses povos.

—Eu logo vi que haviam de ser assim uma cousa; homens é que...

—E então as pessoas novas e, ainda mais, as raparigas são as que usam d'elle com avidez, e o que é certo é que conservam assim um ar de mocidade, uma frescura, uma nutrição e uma força que, segundo a phrase dos authores, parece que lhes permitte voar.

—Para o outro mundo?

—Não, senhor. É verdade isto que eu lhe digo.

—Eu já sei, eu já sei que, para o senhor, pão e arsenico deve ser tudo a mesma cousa. Mas eu por mim...

—Porém socegue, eu não quero obrigar o meu amigo a jantar arsenico, applico-lh'o apenas como medicamento e com as devidas precauções...

—Escusa de se dar a esse trabalho. D'isso o dispenso eu. É cousa que me não ha de entrar na bocca. Arsenico! Que tal está!

—Mas esse receio é indigno d'um homem de coragem; permitta-me que lhe diga.

N'este tempo tinha entrado na loja, onde se passára o dialogo, a cara metade do snr. João da Esquina, a snr.ª Thereza de Jesus, gorda e rubicunda matrona, que saudou Daniel com um sorriso amavel, e disse para o marido, com a voz mais melodiosa d'este mundo:

—Toma arsenico, menino, toma. E porque não has de tomar arsenico?

O snr. João da Esquina fitou na mulher um olhar sombrio.

Dir-se-ia que estava vendo n'ella uma nova Clytemnestra, de conjugicida memoria.

—Toma-o tu, se gostas—foi a resposta que lhe deu, com um tom de voz cheio de amargas exprobrações.

—É que me não será preciso a mim—redarguiu a senhora, suspirando.

Este suspiro foi o preludio da historia dos seus complicados males.

A chronica não foi menos longa, nem menos fertil em episodios, do que a do marido. Os nervos, já se sabe, representavam um papel importantissimo na serie de catastrophes, que a organisação da snr.ª Thereza vira cahir sobre si durante os quarenta e nove annos da sua existencia.

Daniel foi miraculoso de paciencia na attenção que lhe deu; e sublime de sizudez e compostura nos conselhos, que, em seguida, recommendou.

O pobre rapaz olhava com saudades para a porta da rua, sem vêr probabilidades de a transpôr tão cedo.

Emfim, quando julgava haver terminado a sua missão, e tomava geitos de retirar-se, as seguintes palavras da snr.ª Thereza vieram apertar-lhe o coração:

—Mas não é tanto por nós que mandamos chamar facultativo. A doença principal da casa é outra. Aos nossos achaques já nos vamos costumando. Foi por causa da pequena. Quer ter o incommodo de subir?

Daniel não pôde reter um suspiro de impaciencia. Se aquellas tinham sido as doenças de segunda ordem, que monstruosa historia pathologica lhe estava reservada ainda?

Os dous conjuges fizeram-o subir adiante de si.

Pelas escadas, Daniel, apesar do seu mau humor, não pôde deixar de sorrir, ouvindo a snr.ª Thereza, a qual fechava o cortejo, dizer para o marido:

—Toma arsenico, João. Ora porque não has de tu tomar arsenico?

—Não me digas isso, mulher!—respondia João da Esquina, quasi aterrado.

Dentro em pouco, estavam na presença da menina Francisca, filha unica d'este bem talhado par.

Se os amaveis sorrisos da esposa tinham já procurado a Daniel uma compensação ao menos cordial acolhimento feito pelo tendeiro, o sobresalto e confusão, com que a menina estendeu para elle um pulso, soffrivelmente modelado, conseguiram mais efficazmente esse mesmo resultado.

Era esta menina a trigueira, mais trigueira de toda a aldeia. Ingrata para com esta côr maravilhosa, que, tingindo certos typos physionomicos, como o d'ella, é de effeitos surprehendentes, tinha porém a fraqueza indesculpavel de se affligir por não ser córada!

Era uma ideia fixa na menina Francisca; uma conversação d'um quarto de hora, que se tivesse com ella, bastava para a fazer avultar.

Debalde protestava contra tal injustiça o brilho esplendido d'uns olhos que, n'aquella tez, realçavam como poucos. Déra-lhe para se reputar infeliz por aquillo, e não havia distrahil-a.

A doença, que actualmente molestava esta progenie dos senhores da Esquina, era uma impertinencia nervosa, d'essas para as quaes se receitam banhos de mar.

Daniel não deixou de os aconselhar; mas não terminou a visita com o conselho.

Os taes olhos pretos sobre aquellas faces, exquisitamente trigueiras, davam-lhe devéras que pensar.

Agora não tinha elle pressa de se ir embora.

Por onde andaria já a imagem de Clara?

Prolongando-se a visita, era inevitavel a descoberta da corda sensivel da enferma. Mais cedo ou mais tarde um queixume indiscreto a poria em relevo. Assim aconteceu. Daniel ficou sabendo que mal occulto entenebrecia aquelle coração e preparou-se para ser eloquente na apologia da côr trigueira.

João da Esquina tinha sahido da sala. O pobre homem já não podia supportar a sua cara metade, a qual, pela decima vez, lhe repetia:

—Toma arsenico, filho, toma. Não posso saber porque não has de tomar arsenico.

Só, na presença das duas senhoras, deitou Daniel hombros á empreza de distrahir a menina Francisca.

Entre outras muitas cousas, affirmou, por sua conta e risco, que as bellezas celebres, essas que inspiraram os grandes poetas, os grandes artistas, e os grandes amores, tinham sido trigueiras e, especificando, citou: Dido, Natercia, Cleopatra, Beatriz, Fornarina, Laura, Ignez de Castro, etc., etc. D'esta gente toda, a snr.ª Thereza e sua filha só conheciam Ignez de Castro, porque havia mezes que tinham visto representar uma obra dramatica, producção inedita de não sei que Shakspeare rustico, na qual entrava essa senhora, mais maltractada ainda das mãos do tragico, do que das dos «brutos matadores.»

A mãe fez notar á filha que de facto não era das mais alvas a moçoila, que desempenhou a parte da heroina d'aquella vez.

Além d'estes argumentos historico-apologeticos, a respeito da côr trigueira, Daniel, aproveitando uma curta ausencia da snr.ª Thereza, segredou á menina algumas amabilidades de effeito salutar. Ella teve a condescendencia de sorrir.

Diga-se a verdade; nunca até então escutára tambem mais gentil conforto contra o motivo das suas penas.

D'ahi até ao fim da entrevista foi toda sorrisos.

Daniel, quando sahiu, ia muito bem conceituado pela parte feminina da familia e prometteu voltar.

João da Esquina conservava-se ainda um pouco frio.

De mais a mais, quando Daniel passou pela loja, a snr.ª Thereza, que era para com elle d'uma amabilidade monstruosa, disse para o marido:

—Toma arsenico, João; que teima a tua em não tomar arsenico!

Esta insistencia produziu um calafrio na espinha dorsal do tendeiro.

—Ó mulher, não me digas isso! Que scisma!—exclamou elle irritado.

Na noite d'esse dia, pela primeira vez, deixou a menina Francisca de lavar o rosto com uma agua mysteriosa, que o barbeiro lhe vendera por bom preço, affirmando-lhe possuir a virtude de tornar brancas, com o tempo, as mais escuras africanas.

XXII

No dia seguinte Daniel voltou. A familia Esquina, até sem excepção do elemento masculino, sorriu-lhe cordialmente.

O que fizera esquecer assim ao tendeiro as suas negras apprehensões e abrira em sorrisos aquelles sobrecenhos da vespera?

O leitor, que toma a peito, de certo, a varonil rijeza de caracter do thesoureiro da confraria do Sacramento, não me perdoaria, se eu não explicasse o phenomeno.

Foi o caso que, na vespera, depois que Daniel se retirou, a menina Francisca, ainda pensativa e enleiada, veio á janella para o vêr passar e, ao perdel-o de vista, retirou-se suspirando.

Este suspiro entrou pelos ouvidos da mãe, a qual chegava á sala n'aquella occasião.

A snr.ª Thereza teve uma ideia.

Este phenomeno dava-se, de vez em quando, na esposa do snr. João da Esquina.

—Tem umas maneiras muito bonitas este rapaz—disse ella, fitando na filha o olhar mais investigador que tinha á sua disposição.

—Tem—respondeu esta sêccamente.

—Ou elle ou o João Semana, a quem ninguem póde tirar da bocca uma palavra delicada. Este é cousa mais fina.

—É—replicou a outra.

—Bem mostra que tem vivido entre gente polida e educada.

—Bem—continuava a menina.

—E não lhe hão de faltar bons casamentos a este rapaz.

—Não—dizia a filha.

—Isso ha de ser bonito agora. Todas as raparigas da terra a enfeitarem-se para lhe agradar. Ha de ter que vêr.

—Ha de.

A snr.ª Thereza principiava a impacientar-se com o laconismo da filha.

—Mas acham-se muito enganadas—continuou ella—um rapaz assim não cahe facilmente. Estas nossas raparigas são umas estupidas. Louvado seja Deus! Não sabem dizer duas palavras. E desembaraço é o que se quer.

—É...

—E porque não o has de tu ter, menina?—accrescentou ella, em tom mais baixo e insinuante.

—Eu?

—Tu, sim, porque não? Para que gastou teu pae comtigo a mandar-te aprender os verbos, senão para poderes agora mostrar o que és, e differençar-te das outras?

A menina d'esta vez nem um monosyllabo pronunciou. Encolheu os hombros só.

—Bem se viu que o snr. Daniel logo conheceu com quem lidava. Cuidas tu que elle se gastava assim com qualquer Maria do monte? Diz-lhe que sim. Elle bem sabe que seria deitar perolas a porcos. Por isso, menina, não deixes perder a occasião. Acredita que darás muito gosto a teus paes, se...

A snr.ª Thereza vacillou ao principiar a condicional, em que ella queria conservar a conveniente dignidade materna.

—Se?...—perguntou a filha, e foi este de todos os monosyllabos, que até alli tinha soltado, o mais embaraçoso para a mãe.

—Se... sim... quero eu dizer, que eu e teu pae não levariamos a mal se... um dia, o snr. Daniel nos viesse pedir a tua mão.

O ar de satisfação, que se desenhou no rosto da esposa do snr. João da Esquina, mostrou que ella estava contente comsigo pela construcção final da phrase.

A menina, ao ouvil-a, baixou os olhos, e devia vêr-se córar, se tal phenomeno fosse de possivel observação nas faces d'ella. Emquanto a palavras, limitou-se a balbuciar um «Ora!» eloquente de graciosa confusão.

A snr.ª Thereza passou á loja onde estava o marido.

—Ó João, olha que nós temos que conversar—disse-lhe ella, sentando-se ao pé do mostrador.

—Vens fallar-me no arsenico outra vez?—perguntou o marido inquieto.

—Não; ainda que, para dizer a verdade, não sei porque o não has de tomar.

—E a dar-lhe!

—Mas ouve. Esta visita do Daniel do Dornas não te deu que pensar?

—Deu-me que pensar, deu. E vou já mandar dizer-lhe que escusa de cá voltar, porque...

—Não sejas tôlo, homem! Abre os olhos e vê—exclamou a snr.ª Thereza, com um certo ar de mysterio.

—O quê?—perguntou João da Esquina, não podendo deixar de abrir instinctivamente os olhos.

—Que idade tem o Daniel?

—Eu sei lá?

—Vinte e tantos annos, vá. E que idade tem a Chica?

—Ella nasceu logo depois do cerco...

—Faz vinte e um annos para setembro.

—E d'ahi?

—E d'ahi?! E quanto virá a herdar o Daniel por morte do pae.

—Eu te digo... para cima de trinta mil cruzados, não fallando em...

—E ainda perguntas: «e d'ahi?»

João da Esquina olhou para a mulher significativamente, e não deu palavra. Tinham-se comprehendido os dous.

Passados momentos, murmurou o homem:

—Olha que não era mau, se...

—Vê lá então agora...

—O peior é...

—Pois sim, eu não digo que...

—Mas elles já...? sim...?

—Não, porém...

—Então quem sabe se...

—Isto é... até certo ponto...

—É verdade que tambem...

—Sim, pois está claro, e...

—E mau era que já...

—Com certeza... demais...

—Agora o que é preciso, é...

—Isso com o tempo... bem vês que...

Não sei se o leitor penetrou bem o sentido d'este dialogo, cortado de expressivas reticencias e ao qual falta, para o interpretar, a eloquencia do olhar e de gestos, que os dous conjuges trocavam entre si. É certo que elles se comprehenderam assim, e largas horas ficaram discutindo os teres e haveres de Daniel, e as probabilidades e vantagens d'uma união entre a casa dos Esquinas e a dos Dornas, as quaes, com os annos, podiam fornecer soffriveis elementos para a confecção d'um brazão heraldico.

A snr.ª Thereza foi encarregada por o marido de excitar na menina o ardor pela conquista e industriada em dirigir o negocio de maneira a «prender o melro por a aza»—foi a phrase imaginosa, da qual João da Esquina se serviu.

—O peior ha de ser o pae: mas segura-me tu o rapaz, que eu depois tomarei a meu cargo a empreza—dizia elle.

Conspirados assim os dous, sentiam-se radiosos de esperanças no futuro.

João da Esquina estava d'uma tão condescendente disposição de espirito, que a sua cara metade aventurou um pedido:

—Agora, para seres bonito, João, devias tomar arsenico.

O tendeiro deu um murro no mostrador.

—Não te calarás com isso, Thereza?!

Ahi ficam expostas as razões dos sorrisos, com que o proprio João da Esquina recebeu Daniel, á sua segunda visita.

A mãe conduziu-o aos aposentos da menina, e teve o discreto cuidado de se distrahir á janella, emquanto Daniel interrogava a doente.

O systema de tractamento encetado continuou, e com igual exito. Daniel d'esta vez, ao retirar-se, levava já a authorisação para continuar por escripto as consolações, principiadas vocalmente.

A snr.ª Thereza não deixou sahir Daniel sem que elle visse todas as obras de *crochet* das industriosas mãos da menina e os modelos calligraphicos, que escrevera na mestra. De passagem, disse-lhe tambem que ella havia aprendido os verbos, cousa que pouca gente sabia na terra.

A snr.ª Thereza possuia uma fé, quasi supersticiosa, n'esta sciencia dos verbos.

João da Esquina quiz obrigar Daniel a beber um calice de vinho, do que elle muito a custo conseguiu dispensar-se.

Da rua, Daniel voltou-se para cima e, vendo á janella a descendente dos Esquinas, cortejou-a com um sorriso, cheio de amabilidade.

Um cotovelão da snr.ª Thereza fez notar ao marido esta circumstancia. O homem conseguiu arranjar um gesto de finura, e recommendou gravidade.

N'aquella tarde Daniel, escrevendo a um seu antigo condiscipulo, dizia, entre outras cousas, o seguinte:

«Participo-te que se está desenvolvendo em mim o gosto «pelo genero campestre. Principío a achar mais dignas do «pincel de um artista estas formosuras expressivas e, quasi «direi, energicas da aldeia, do que as, sempre monótonamen-«te languidas, maravilhas da cidade. Pena é que o reconhe-«cesse um tanto tarde. Resta-me já pouco alento para em-

«prezas de rapaz, e, demais, a minha nova posição social «obriga-me a uma seriedade que me tolhe a acção. Agora só «devo aspirar ás doçuras emollientes da vida conjugal. Não «obstante, andam-me a tentar uns olhos pretos, e eu não sei «se sustentarei o equilibrio por muito tempo. Encommenda a «todos os sanctos a manutenção da minha sisudez, se não «queres vêr perdida a fama do teu amigo, no ninho seu pa-«terno.»

As visitas de Daniel a casa de João da Esquina continuaram.

O mulherío da visinhança fallava já.

A snr.ª Thereza deixava fallar o mulherío. Se isso entrava até nos seus planos!

Uma visinha, comadre e muito intima da snr.ª Thereza —uma só occultava á outra o mal que d'ella dizia pelas costas—fallando-lhe um dia, alludiu a Daniel e ás suas visitas:

—Então, comadre? Pelos modos o nosso cirurgião novo gosta muito d'estes sitios.

—Cada um vai para onde mais lhe agrada, comadre.

—Isso lá é assim. E quem sabe o que será?

—Que será o quê?

—Sim, comadre, elle não é d'uma raça que não seja a sua filha.

—De certo que não é, não.

—Pois então...

—O futuro só Deus o sabe.

—É verdade. O ponto está que a sua pequena... Se ainda lhe não passou aquella scisma que teve para o Chico, sapateiro...

—O Chico, sapateiro!—exclamou indignada a snr.ª Thereza—Não que minha filha é cabedal muito fino, para ir ás mãos d'um remendão d'aquelles.

—N'isso tem razão. Inda se fosse com o Joaquim, sachristão...

—Qual sachristão, nem meio sachristão. A comadre pensa que uma creatura se sustenta com aparas de hostias, e com escorralhas de galhetas?

A comadre applaudiu com uma gargalhada o dito, e observou:

—O das estradas é que... está feito... Já era assim mais geitoso esse.

—Passaro de arribação! Olhe, emfim não sei o que será.

Esta pequena é muito difficil de contentar. Que quer? está estragada de mimo... Mas, se ella o não engeitar... que tem agora occasião de fazer um bom casamento, isso tem.

—E elle?

—Elle? Pois não vê como o rapaz nos não larga a porta?

—Mas, será... com boas ideias?

—Ora essa, comadre! Então julga que nós somos...?

—Não digo isso. Mas... dizem que elle foi um estroina dos meus peccados; e...

—Pois sim; mas isso é com gente de pouco mais ou menos, mas nós cá...

N'este estado estavam as cousas e assim duraram alguns dias mais.

Chegou a occasião da snr.ª Thereza julgar ter obtido uma grande alavanca, para fazer caminhar o negocio.

Houve n'esse dia longa conferencia entre os conjuges.

Ficou demonstrado para elles que «o melro estava prêso pela aza.»

João da Esquina, levantando a sessão, disse com modo solemne:

—É occasião de dar o grande passo!

E, enfiando a sua roupa dos domingos, preparou-se para sahir.

Agitava-o certa commoção interior, propria das grandes occasiões. Queixou-se d'isto á mulher: esta observou-lhe:

—O culpado és tu.

—Então?—perguntou o marido.

—Se tomasses o...

João da Esquina não ouviu o resto. Sahiu impetuosamente.

A snr.ª Thereza, vindo á janella, para o vêr, dizia comsigo:

—Mas porque não ha de este homem tomar arsenico?

Que circumstancia tinha convocado o conciliabulo conjugal, e o que foi fazer o snr. João da Esquina, assim ataviado?

Vêl-o-hemos no capitulo seguinte.

XXIII

Tomando certos ares de gravidade e de importancia, em grande parte devidos a uns estupendos collarinhos, engomma-

do accessorio d'aquelle vestuario typico, dobrou o snr. João da Esquina a esquina, d'onde lhe vinha o nome, e, atravessando a rua adjacente, caminhou em direcção á casa de José das Dornas.

Ao entrar o portão do lavrador, deu o tendeiro ao rosto um geito de indignação e procurou simular em seus movimentos uma impetuosidade e impaciencia, contra as quaes estava protestando aquelle todo bonacheirão.

—Diga ao snr. José das Dornas que está aqui o João da Esquina, que lhe quer duas palavras—foi como, em tom desabrido, elle se mandou annunciar pelo primeiro criado que viu.

José das Dornas, que acabára de dormir uma sesta refocilladora, veio ter com o seu visinho, com rosto alegre e cantarolando:

Ai, la ri ló lé la,
Eu vou pela mansidão.

—Olá!—bradou o jovial lavrador, vendo o tendeiro—Viva o snr. João! Ditosos olhos que o vêem! Como vai essa bizarria? Sente-se; esteja a seu gosto. Vai um copito do rascante?

—Muito obrigado—respondeu sêccamente João da Esquina.

—Pois mal sabe o que perde; é d'aquelle de esfolar o céo da bocca. Então que milagre o traz por esta sua casa?

—Um negocio muito serio.

—Temos emprestimo—disse, em áparte, José das Dornas; e alto:

—Muito serio?! O caso é que você traz cara de funeral. Ah! ah!...

—Tenho pouca vontade de rir, snr. José.

—Mau é isso. Então que diabo o afflige? Desembuxe para ahi. Olhe que eu sou homem para as occasiões. A sua filha está peior?

—A minha filha está boa—replicou, com certo mau modo, o tendeiro.

—Boa! Com que então... logo á primeira... hein? O meu Daniel sahiu-se como um homem!

—Sahiu-se optimamente—disse João da Esquina, d'uma maneira, que procurou fazer notavel.

—Olhe que me tem esquecido emprestar-lhe o livro do rapaz—continuou José das Dornas, que não notára a tal maneira—aquelle em que lhe fallei; mas espere, que eu vou...

Ia a levantar-se, porém um gesto do seu interlocutor fel-o parar.

—Não tenha incommodo. É de outra obra de seu filho, que eu lhe quero agora fallar.

—D'outra?

E José das Dornas principiou a dar mais attenção aos modos exquisitos do tendeiro.

—Homem, você hoje não sei que tem comsigo! Não o entendo.

Em vez de responder, João da Esquina pôz-se a mexer nos bolsos e tirou de lá um papel côr de rosa, pequeno, elegante, lustroso e aromatisado; desdobrou-o e, pondo-o diante dos olhos do lavrador, disse-lhe simplesmente:

—Ora, faça favor de lêr isto.

—Mas isto o que é?

—Leia e verá.

Era facil dizer «leia»; mas não de pequena difficuldade para José das Dornas a tarefa, que com essas palavras lhe impunham.

—Homem, é melhor que você me diga o que é isto, do que...

—Nada, não, senhor. Leia.

—Valha-o Deus!—disse o bom do lavrador, afastando o papel dos olhos quatro palmos, para o poder lêr; não o conseguindo, tirou do bolso umas cangalhas, das quaes armou o nariz, depois de ter lançado para o interlocutor um olhar, que valia um recurso, para tribunal de ultima instancia, contra uma sentença de morte.

—«Trigueira»—leu elle, logo no topo da pagina e voltou para o tendeiro um olhar de espanto.

—Trigueira! Que quer dizer isto?

—Homem, leia, leia, que o saberá.

José das Dornas continuou, já se imagina como. Eu evitarei ao leitor o assistir ás verberações, que elle applicou á prosodia portugueza. Eis o que elle leu:

Trigueira! que tem? Mais feia
Com essa côr te imaginas?
Feia! tu, que assim fascinas
Com um só olhar dos teus!
Que ciumes tens da alvura
D'esses semblantes de neve!
Ai, pobre cabeça leve!
Que te não castigue Deus.

No fim d'esta primeira estancia, José das Dornas, como que atordoado, levantou os olhos para João da Esquina; mas viu-o tão serio, que continuou:

Trigueira! Se tu soubesses
O que é ser assim trigueira!
D'essa ardilosa maneira
Porque tu o sabes ser;
Não virias lamentar-te,
Toda sentida e chorosa,
Tendo inveja á côr da rosa,
Sem motivos para a ter.

—O' visinho, mas isto...—ia a dizer José das Dornas, que principiava a suar.

Um gesto do tendeiro obrigou-o a proseguir:

Trigueira! Porque és trigueira,
E' que eu assim te quiz tanto.

—Repare, snr. José—observou do lado João da Esquina —«E' que eu assim te quiz tanto.» Vá reparando.

José das Dornas abriu muito os olhos para reparar e continuou:

D'ahi provém todo o encanto,
Em que me traz este amor.

—«Este amor», repare visinho «este amor!»—tornou a a dizer João da Esquina e José das Dornas tornou a abrir muito os olhos, repetindo sem saber para quê:

—«Este amor...» é verdade... «este amor...» Cá está.

E proseguiu:

E suspiras e murmuras!

—É peta!—notou João da Esquina.

—Palavra de honra, que está aqui. «E suspiras e murmuras», snr. João. Ora faça favor de vêr.

—Não nego; quero eu dizer que... mas adiante, adiante.

José das Dornas continuou:

E suspiras e murmuras!
Que mais desejavas inda?
Pois serias tu mais linda,
Se tivesses outra côr?

José das Dornas começou a lançar para o visinho um olhar inquieto; estava sériamente pensando que o homem endoudecera.

—Continue—disse-lhe o tendeiro.

E o lavrador continuou, suando cada vez mais:

> Trigueira! Onde mais realça
> O brilhar d'uns olhos pretos,
> Sempre humidos, sempre inquietos,
> Do que n'uma côr assim?
> Onde o correr d'uma lagrima
> Mais encantos apresenta?
> E um sorriso, um só, nos tenta,
> Como me tentou a mim?

—«Como me tentou a mim»—repetiu João da Esquina.—Vá vendo.

—Homem!—exclamou José das Dornas estafado—bastará de leituras.

—Pouco falta. Está a acabar—respondeu o outro.

José das Dornas resignou-se e proseguiu:

> Trigueira! E choras por isso!
> Choras, quando outras te invejam
> Essa côr, e em vão forcejam
> Por, como tu, fascinar?
> O' louca, nunca mais digas,
> Nunca mais, que és desditosa,
> Invejar a côr da rosa,
> Em ti, é quasi peccar.

—O' snr. João! Eu não posso mais!—exclamou José das Dornas, com um accento lastimoso.

—É só um agora, e acabou.

—Mas...

E, ficando na reticencia, José das Dornas tomou folego para lêr ainda:

> Trigueira! Vamos, esconde-me
> Esse chôro de creança.
> Ai, que falta de confiança!
> Que graciosa timidez!
> Enxuga os bonitos olhos,
> Então, não chores, trigueira,
> E nunca d'essa maneira
> Te lamentes outra vez.

—Buff!—bradou José das Dornas, ao terminar a leitura, e limpando o suor, que o banhava.

—Leu?—perguntou o tendeiro.

—Sim, senhor. Estão bonitos. São seus, snr. João?

—Meus?!—exclamou o tendeiro, escandalisado quasi— Isto é mas é uma receita do nosso medico novo.

—Hein!—disse José das Dornas, parecendo-lhe que não ouvira bem—diz vocemecê que é?...

—Outra das lembranças do snr. seu filho.

—Do... do meu... do Daniel?!

—Sim, senhor. Do Daniel.

—Pois o rapaz fez isto?!

—Era com essas e outras, que elle andava a tractar a minha filha. O culpado fui eu, que lhe dei entrada em casa.

José das Dornas esteve a deixar escapar uma gargalhada, mas conteve-se prudentemente.

—O' visinho, por quem é, não ande por ahi a dizer essas cousas, que me desacredita o rapaz. Olhem se o João Semana o sabe! Um medico poeta! Para que diabo lhe havia de dar...

—Que faça versos á lua e ao sol, se quizer—dizia João da Esquina—não ha de tirar d'isso grande proveito, mas que os faça, que os faça; agora andar a inquietar familias e...

—Tem razão, visinho, tem razão, e eu lhe prometto...

—Abusar da confiança d'um homem, como eu!

—Tem muita razão, visinho.

—Fazer andar á roda a cabeça d'uma rapariga de juizo!

N'este ponto José das Dornas enguliu em secco, mas não deixou de repetir:

—Tem toda a razão, visinho...

—E' um desaforo!

—Não o nego, snr. João, não o nego.

—Não é homem em quem a gente se fie.

—A fallar a verdade... não é, não, não é.

—Em fim, snr. José—continuou o tendeiro com ar resoluto, e, depois d'uma pausa, concluiu:

—E' forçosa uma satisfação!

—Eu lhe prometto que o rapaz não volta lá.

João da Esquina fez um gesto de quem se não lisongeava com a promessa.

—Não é isso que eu digo.

—Então?

—O visinho sabe o que são boccas do mundo?

—Sim: e depois?
—O que são linguas chocalheiras?
—Sim; e d'ahi?
—O que são...
—Vamos; adiante.
—Pois bem; para as fazer calar, é preciso...
—É preciso o quê?
—É necessario...
—É necessario o quê?
—É indispensavel...
—O quê, snr. João o quê?—exclamou o lavrador, já impaciente—O que é necessario?
—Que seu filho...
—Que meu filho?...
—Case...
—Com a sua filha, não?
—Está bem de vêr.

Com grande escandalo do tendeiro, o snr. José das Dornas pôz-se a cantarolar:

> Ai, la ri ló lé la,
> Eu vou pela mansidão.

—E foi para isso que teve o trabalho de vir aqui? Ora olhe, snr. João: nós somos conhecidos antigos e eu macaco velho, como deve saber, que já me não deixo levar por essas. Aqui para nós, porque não tapou o visinho da mesma fórma as boccas do mundo, que tanto fallou do derriço da sua filha com o filho do sineiro? Porque se lhe não deu que ellas tagarelassem, por occasião da festa do coração de Jesus, quando o Bento do padeiro não tirou os olhos d'ella e ella d'elle, durante toda a sancta festa? Porque fez ouvidos de mercador, quando o snr. padre Antonio lhe disse que casasse a rapariga com o Chico, sapateiro, para não dar que fallar a cegueira em que ella andava com elle? Ai, então não quiz; nem lhe importaram as linguas chocalheiras? Chegaram-lhe agora as febres. Pois veio bater a má porta. Socegue. Não tenha susto. Homens, que fazem versos, não são os peiores. Contentam-se com isso. Sabe que mais? Metta a viola no sacco; reteze a corda á cachopa e deixe correr.

—Isso não é resposta que se dê, snr. José—exclamou o tendeiro, que via prestes a fugir-lhe uma optima occasião de negocio.

—Não se zangue, snr. João. Amigos como d'antes. Pensemos em outra cousa. Está um tempo muito creador.

—Snr. José, isto não vai assim.

—Não me mortifique, snr. João; para que não vá peior. Os milhos...

—Snr. José!

—Não berre, visinho,

—Eu quero vêr...

—Pois abra os olhos. Mas...

—Quero vêr se é capaz...

—Snr. João vá para casa.

—Snr. José das Dornas! veja o que faz.

—Estou vendo.

—Repare bem para mim.

—Estou reparando.

—Saiba que eu sou...

Não pôde dizer o quê. Interrompeu-lhe o discurso o reitor, que entrava na sala. Vendo o aspecto dos dous interlocutores e a vivacidade do gesto do tendeiro, o padre quiz saber a razão da contenda.

João da Esquina desanimou em presença do reitor. Agourou mal da sua intervenção.

Depois de ouvir as queixas do tendeiro, o reitor perguntou-lhe com rosto severo, se o casamento da filha com o empreiteiro das estradas não viria reparar mais falhas na inteireza da sua boa fama domestica.

João da Esquina sentiu-se derrotado e já procurava uma sahida airosa.

—Bem; eu retiro-me, que sou prudente. Levo a consciencia de que fiz o meu dever. Mas o mundo saberá...

O resto da oração pronunciou-o fóra da porta. Esta circumstancia impossibilita-me de informar o leitor sobre o que o mundo tem de vir a saber a respeito do tendeiro.

—Que lhe parece esta, snr. reitor?—disse José das Dornas, mal o viu sahir—Havia o meu Daniel de...

—O teu Daniel é um doudo; e se isto assim continúa ha de vir a fazer a tua desgraça.

—Mas uns versos que mal fazem? e então áquelle cata-vento da Chica do tendeiro, que é mesmo... O Senhor me perdôe.

—Homem; a cousa não está nos versos. O que eu digo é que Daniel tem deveres tão sagrados, entrando no seio das familias, como nós os parochos. E se as mãos, que devem

levar o remedio, espalham a peçonha; a maldição de Deus desce sobre ellas. Quem abrirá as portas da alcôva onde padeça uma filha, uma esposa ou uma irmã, ao medico, que não tem força para suffocar as paixões más do seu coração? Fal-o-ias tu? Não, nem eu. Quanto mais sancta é uma missão n'este mundo, José, mais se rebaixa e avilta quem a acceita sem lhe ter comprehendido o alcance. O mau padre é o peior dos homens; e parece-te que será muito melhor o medico immoral? Pensa n'isto e diz-me se Daniel merece grandes desculpas.

As palavras do reitor tinham o poder de calar no animo de José das Dornas, como as de ninguem.

O lavrador baixou a cabeça e perguntou humildemente:

—Então acha v. s.ª que Daniel deve casar com a...

—Não digo tanto!—respondeu com vivacidade o reitor—Alli houve calculo n'elles, conheço-os ha muito; e espero que da parte de Daniel, nada mais se deu além da loucura dos versos, que não vale nada a final. Mas que lhe sirva isto de aviso.

—Se o snr. reitor lhe fosse ralhar...

—Onde está elle?

—Deve estar lá dentro, no quarto.

O padre foi ter com Daniel.

XXIV

A vida, que, por aquelle tempo, Daniel passava na aldeia, era d'uma monotonia capaz até de saciar as exigencias do homem mais indolente e ocioso.

Vejamos em que se occupava o nosso heroe, emquanto, sem o suspeitar, estava sendo objecto do momentoso dialogo, do qual, no capitulo antecedente, nos aventuramos a ser chronista.

Para isso tomemos a dianteira ao reitor e entremos, antes d'elle, no quarto de Daniel.

Não sei se é a voz da consciencia a que me está a bradar que vou commetter uma indiscrição.

A ociosidade absoluta imprime de ordinario aos actos do homem uma certa feição pueril, que elle procura sempre occultar aos olhos estranhos.

As pessoas mais sizudas e graves teem momentos na vida, durante os quaes, a sós comsigo, se entregam a distracções de creança.

É possivel, pois, irmos encontrar Daniel em um dos taes momentos; e talvez que o possamos, por essa fórma, prejudicar no conceito dos leitores. Mas, por quem são, lembrem-se que, em suas horas de ocio e enfado, ouso eu affirmal-o, não teem sido tambem demasiado escrupulosos na escolha de passatempos; e essa consideração de certo os fará indulgentes.

Áquella hora do dia, Daniel sentia-se morrer de tedio, debaixo dos telhados paternaes.

O calor não o deixára sahir.

Quiz lêr; faltavam-lhe porém os livros. Os seus ainda não tinham chegado da cidade.

Revistando os cantos e escaninhos da casa, apenas encontrou tres repertorios dos annos findos, uma cartilha de doutrina christã, uma taboa de pesos, medidas e dinheiros, e, em genero mais ameno, o Testamento do gallo, as Confissões do marujo Vicente, e a Vida milagrosa de não sei que sancto, padroeiro da freguezia.

Ainda assim, tudo isso leu Daniel, por um motivo analogo, ao que levou os naufragos da nau Cathrineta a «deitarem solla de molho, para o outro dia jantar.»

Esgotado este peculio litterario, lembrou-se Daniel de escrever cartas. Encontrou porém o tinteiro muito pobre de tinta; essa, amarella e bolorenta, e, peior que tudo, uma penna de pato de tantos caprichos, que lhe fez perder logo a paciencia.

Veio para a janella e, durante algum tempo, divertiu-se a atirar biscoutos a um cão, que andava solto pela quinta. As gallinhas, patos, pombas e perus, que havia em abundancia na casa, corriam tumultuosamente a disputar ao quadrupede as migalhas, as quaes elle defendia com unhas e dentes.

Este jogo de circo, em miniatura, encantava Daniel. A final cansou-se d'elle tambem e fel-o cessar.

Vendo então um gato em pachorrento repouso, no alto d'uma ramada distante, tomou um espelho e, por meio d'elle, fez cahir sobre a cabeça do somnolento animal os raios offuscadores d'aquelle sol d'agosto.

O gato, assim despertado, abriu os olhos, mas fechou-os logo, e desviou a cabeça para se furtar áquella pouco agradavel impressão. Depois de varios movimentos, sentindo-se sempre perseguido por o mesmo reflexo, ergueu-se, espreguiçou-se, aguçou as unhas na madeira da ramada e, voltando-se para o outro lado, ageitou-se, com o manifesto intento de concluir o somno interrompido.

Impossibilitado, por esta evolução do gato, de continuar a incommodal-o da mesma fórma que até alli, Daniel fez-lhe pontaria com uma maçã verde e tão certeira, que o projectil foi bater em cheio nas costas do animal, que n'um salto desappareceu.

Terminou para Daniel mais este divertimento.

No peitoril da janella, descobriu porém uma formiga. Uma formiga! Que valioso achado n'aquellas alturas!

A providencia dos desoccupados velava de certo por elle.

Procurou logo uma migalha de pão e pôl-a na passagem do laborioso insecto.

A formiga parou, tenteou com as antennas o estorvo, assim de repente lançado no seu caminho, examinou-o de todos os lados, depois, talvez que por capricho—porque até os insectos teem, a meu vêr, seus caprichos—deu-lhe para despresar o alimento e deitou a fugir.

Daniel insistiu, collocando-lhe outra vez o pão na passagem; o mesmo exame da parte da formiga e a mesma rejeição final. Nova tentativa de Daniel foi ainda seguida do mesmo resultado. Era de mais para a sua paciencia; com um sopro fez voar migalha e formiga pela janella fóra.

E, mais uma vez, ficou sem entretenimento.

Pôz-se a passeiar no quarto; primeiro descrevendo ziguezagues; depois, procurando conservar os pés na linha de junctura de duas taboas do soalho; em seguida, medindo escrupulosamente a passos regulares o comprimento e a largura do aposento rectangular; e, feita esta ultima operação, multiplicou os resultados obtidos, como se tomasse muito a peito o calculo d'aquella área.

Completa essa tarefa, e, depois de alguns bocejos expressivos de enfado, procedeu ao trabalho, não menos importante, de equilibrar na ponta do dedo minimo uma vara de marmelleiro.

Cansou-o cedo a violencia do exercicio, no qual de mais a mais não foi muito feliz; este mau exito desgostou-o, como se n'aquillo tivera posto a sua reputação.

Accendeu um cigarro, comprado no unico e mal fornecido estanco da terra. O papel parecia porém apostado a impacientar-o, era incombustivel; o tabaco tinha crepitações que, aos ouvidos de Daniel, soavam como risadas de mofa; e os lumes promptos, aquelles perfeitos e elegantes lumes promptos de pau, primitivos modelos da industria nacional, bem conhecidos de nós todos, perdiam a cabeça á primeira tentativa feita

para os inflammar e... faziam-a perder tambem a Daniel, diria eu, se se usassem ainda os trocadilhos.

Chegou a despejar uma caixa para accender um cigarro, e este ardia-lhe só d'um lado. A final não fumou.

Para desabafar a sua impaciencia, trauteou toda a musica italiana que a memoria lhe armazenava, e acabou por cantar em alta voz a aria de Gennaro na *Lucrecia*:

Di pescator ignobile
Esser figliuol credei.

N'isto, chegando á janella, viu que os moços da lavoura estavam todos a olhar para cima, boquiabertos, admirando aquelle accesso de furia musical.

—Bom—pensou Daniel.—Estou dando escandalo e a arriscar a minha reputação de homem sizudo.

E calou-se, tocando com os dedos um rufo no peitoril da janella.

Depois passeou, sentou-se, ergueu-se de novo e tornou a passear.

Achando por acaso uma pedra de giz, escreveu distrahido, na porta da janella, as seguintes palavras:

Coge-Çofar—Sumatra—Telescopio—Manon Lescaut.

O occulto fio logico, que encadeiava estas quatro palavras na mente de Daniel, é um mysterio que eu não sei decifrar.

O giz gastou-se.

—O' doce vida de aldeia!—exclamou por fim Daniel, com amargura—O' sonho dourado dos poetas de georgicas e idilios, como eu me estou deliciando em ti! Eis a *secura quies*, os *otia in latis fundis* e os *molles somni*, de que falla o poeta. É isto! Ora eu sempre queria que aquelle bom do Virgilio me dissesse, o que se ha de fazer no campo a estas horas do dia? Que vida! que vida esta! meu Deus! Que vida! e que futuro!

Ao dizer isto, lançou casualmente os olhos para o leito e, como se este lhe desse a resposta do que elle queria perguntar ao cantor de Eneas, deitou-se.

Deitou-se de costas e pôz-se então a contar as taboas do tecto.

Contou dezesete.

—Dezesete, noves fóra, oito—disse insensivelmente Daniel.

Depois reparou que eram oito os vidros da janella, e ad-

mirou lá comsigo muito esta, na verdade admiravel, coincidencia.

Um resultado tão curioso animou-o a proseguir em observações analogas.

Preparava-se agora a contar as cabeças dos prégos, que via pelo tecto, porém uma mosca importuna, teimando em pousar-lhe na testa, veio perturbal-o n'este ponderoso exame, e obrigou-o a desistir.

Por acaso, fitou então os olhos em uma especie de mancha escura, que estava na parede fronteira. Ao principio, olhou-a distrahido, mas, pouco a pouco, a attenção empenhára-se n'aquillo, como se n'um objecto de grande monta.

A distancia não lhe permittia distinguir o que fosse.

—É uma nódoa de humidade de certo, disse Daniel comsigo—ou não... é um insecto talvez... Mas não se move?... Seja o que fôr...

E desviou os olhos.

D'ahi a pouco estava outra vez a olhar para lá.

—É um insecto, é... mas tão immovel!...

Não pôde deixar de soprar-lhe, ainda que sem probabilidade alguma de o attingir, pela distancia a que lhe ficava.

A mancha negra não se moveu.

—Não é insecto—pensou Daniel.

E outra vez retirou a vista d'aquelle ponto, para, passados instantes, a levar de novo lá.

—Mas a fórma é de insecto...

E ergueu meio corpo e estendeu a cabeça para o sitio. Não pôde distinguir ainda o que fosse aquillo.

Tornou a deitar-se, simulando a resolução de se não importar mais com o problema.

Mas a curiosidade irritada subiu a ponto de o constranger a levantar-se. Aproximou-se então da mancha da parede, e viu que era uma mariposa escura, n'um d'aquelles estados de immobilidade, em que por tanto tempo se conservam ás vezes. Daniel não resistiu á tentação de lhe tocar ao de leve nas azas; a mariposa fugiu.

Perseguindo-a, chegou até á janella.

N'este momento passava no patêo um dos mais velhos criados da quinta; Daniel chamou-o e mandou-o subir.

D'ahi a instantes, entrava-lhe o homem no quarto.

Daniel deitou-se e disse-lhe que fallasse.

O criado não sabia em quê.

—No que quizeres; mas falla-me para ahi.

O velho olhou para a janella, olhou para o ar, e disse:

—Temos vento; aquellas nuvens brancas costumam dar n'isso.

—Tu sabes o que é o vento?—disse Daniel, espreguiçando-se.

—O vento? O vento é assim uma cousa... como... um assôpro—respondeu o homem.

—És um asno. O vento é uma corrente d'ar, produzida pela desigual distribuição da temperatura na atmosphera.

E Daniel, dizendo isto, entre dous bocejos, olhou para o criado, divertindo-se em estudar-lhe no rosto o effeito da definição scientifica.

O homem abriu a bocca, sorrindo de dúvida.

—Mas aposto que o menino não me sabe dizer uma cousa?

—O quê?—perguntou Daniel, que estava a achar sabor ao dialogo.

—D'onde vem o vento, e para onde vai?

Esta pergunta, analoga a outra que, ainda não ha muito, se fez em logar mais sério, embaraçou algum tanto Daniel.

—E tu sabes, Antonio?

—Eu?! Não que nem nenhum mathematico. E diga-me, sabe tambem o que são estes signaes que apparecem ás vezes, como a semana passada?

—Que signaes?

—Pois não viu, aquella noite da semana passada a lua a sumir-se, a sumir-se, que era uma cousa de estarrecer?

—Ai, isso era um eclipse.

—Um *eclis*? Pois seria um *eclis* seria. Mas o que é que faz aquillo?

—É a terra.

—Terra!

—A terra, a terra, a sombra da terra, do mundo.

—A sombra! Então... nós estamos debaixo e a lua de cima, como lhe havemos de fazer sombra? Essa não é má.

Daniel, para se distrahir, quiz experimentar até que ponto podia fazer comprehender a este homem a ideia do phenomeno physico em questão. Alguma cousa se ha de tentar na aldeia, em uma longa tarde de estio.

—Imagina tu, aquella janella, o sol; eu, a lua; e tu, a terra. Ora bem; põe-te a andar para a esquerda.

—Mas, se a janella é que é o sol, que ande a janella.

—Não ha tal; pois a terra é que anda.

—Como! Então o sol não é que anda?
—Não, homem. O sol está parado.
O criado deu uma risada.
—Muito obrigado. Para vêr o sol andar, olhe que não é preciso ir ao Porto. Vê-se mesmo de cá.
O passatempo principiava já a enfastiar Daniel.
Veio interrompel-o a proposito uma creança de nove annos, filha do seu interlocutor, a qual, tendo ouvido a voz do pae, entrou, sem ceremonia, pelo quarto dentro. Ao vêr porém Daniel, parou como hesitando.
—Vem cá, pequena, vem cá—bradou-lhe Daniel, que n'aquelle momento recebia com prazer toda a qualidade de diversão.—Não tenhas vergonha, vem cá. Toma um biscouto.
A pequena ganhou animo com a offerta, e dentro em pouco estava a comer biscoutos, familiarmente sentada junto de Daniel.
—Então como se diz?—perguntava o pae; e, como ella não respondesse, respondeu elle proprio;
—Muito obrigada, snr. Daniel.
—Tu como te chamas, pequena?—perguntou Daniel.
—Rosa.
—Uma criada de v. s.ª—emendou o pae.
A pequena dispensou-se de repetir.
—Olha—continuou Daniel, tomando-a ao collo—diz-me uma cousa, que é de tua mãe?
—Está em casa.
—E tu gostas d'ella?
—Gosto.
—Gosto, sim, senhor—emendou o pae.
—E do teu pae?
A creança olhou para o pae e pôz-se a rir.
—Diz assim—disse-lhe este—tambem gosto, sim, senhor.
—Tambem gosto—repetiu a pequena, supprimindo, como uma inutil excrescencia, o resto da phrase.
—Mas o teu pae é um tratante.
A creança sorriu.
—Diz: não é, não, senhor—ensinou-lhe o pae.
—Não é—repetiu a creança.
—É, é...
—Não é, vocemecê é que...
—Ah!—atalhou o velho—Feia! isso não se diz.
—Tu sabes adivinhas, Rosa?—perguntou Daniel, rindo.
—Sei.

—Sim, senhor—corrigiu ainda outra vez o velho.
—Ora vamos lá a uma adivinha.
A pequena não se fez rogar.
—Então diga lá o que é esta:

Altos castellos,
Verdes e amarellos.

—Isso é de certo a casa d'um brazileiro—respondeu Daniel.
A creança pregou-lhe uma risada e, toda satisfeita, exclamou:
—Boa! É uma larangeira.
—Ah! Ninguem havia de dizer. Vá lá outra.
—Que é, que é, que

Alto está, e alto mora,
Todos o vêem e ninguem o adora?

Daniel ergueu a cabeça, a fingir que meditava no enigma; viu que o pae da pequena lhe fazia não sei que signal com o dedo. Seguindo a direcção, que lhe pareceu indicada assim, Daniel parou a vista em um pinheiro longinquo, e disse:
—É um pinheiro.
Pae e filha deram uma risada.
—É um sino!—disse a pequena.
—Pois nem viu, que eu apontava para a torre?
—E esta?—continuou a creança:

Mil marinhinhos, mil marinhões
Dous parafitas e quatro chantões?

—Isso agora é que tem mais que se lhe diga! Que lingua vem a ser essa? Marinhinhos e marinhões, e que mais? que mais?...
—E' um boi, é um boi—respondeu a rapariga, a quem faltava paciencia para vêr estar a pensar muito tempo.
—Um boi! sempre quero saber como é que isso é um boi. Mil marinhinhos, um boi?
—Mil marinhinhos, são os pêllos.
—Ah!... E mil marinhões?
—São os pêllos maiores—respondeu o pae.
—Dous parafitas são as gaitas—continuou a filha.

—E então, provavelmente, os quatro chantões...—ia a dizer Daniel.

—São as pernas—concluiram pae e filha.

—Pois essa, de todas, é a mais bonita—disse Daniel, que effectivamente, no estado de espirito em que se achava, encontrou certo sainete de originalidade no disparatado enigma, tão popular no Minho.

N'este tempo entrou Pedro no quarto; o criado velho retirou-se, levando a filha comsigo; e os dous irmãos ficaram sós.

XXV

Pedro era caçador e dos apaixonados. Dizendo eu isto, já o leitor, se não é um homem fadado por Deus para felicidades excepcionaes cá na terra, deve imaginar em qual assumpto fallaria ao irmão o primogenito de José das Dornas.

De facto, quem haverá ahi que, por mais de uma vez, não tenha visto irem-se-lhe duas horas seguidas, pelo menos, duas horas de tempo precioso, a escutar uma d'essas interminaveis descripções de episodios de caça, de astucias de galgos e perdigueiros, de singularidades de tiros, de manhas de lebres, galinholas, garças e perdizes, com que Nemrods desapiedados fazem cahir sobre seus irmãos em Adão todo o pêso da sua paixão venatoria?

Ao principio acolheu Daniel de bom grado a nova diversão, que lhe offerecia o assumpto, ao qual não era de todo adverso tambem. As duas primeiras aventuras de caça, escutou-as com não affectada attenção.

Tractava-se d'uma caçada de lebres, na qual Pedro obrára maravilhas com a coadjuvação de um cão, de que ainda agora sentia saudades.

Era um longo romance, que daria para muitos capitulos. Permittam-me que lhes registre aqui ao menos o argumento, o qual, *mutatis mutandis*, serve para todos os do mesmo genero.

De como se originou o projecto da caçada—O que se disse por essa occasião—Escolha da época—Principios geraes, que devem guiar o caçador n'essa escolha—Descripção da partida—Enumeração e descripção dos caçadores—Apreciação philosophica de suas qualidades venatorias—Divagação sobre os

dotes indispensaveis ao bom caçador—Condições meteorologicas da madrugada, no dia da sortida—Reflexões sobre a influencia d'ellas nos destinos provaveis da empreza—Esboço topographico do campo da acção—Impaciencia dos cães—Signaes caracteristicos d'um cão de boa raça—Projecto inedito do narrador sobre educação canina—Algumas considerações sobre a melhor qualidade de espingardas, de polvora e vestuario mais accommodado ao genero de caça em questão—Exame do problema «se é preferivel almoçar antes de partir ou no campo»—Primeiros indicios de caça—Alvitres dos caçadores—Analyse critica de cada um dos alvitres, concluindo pela demonstração da vantagem do do narrador, o qual prevalece sempre—O primeiro tiro e a primeira lebre morta—O author attribue, com a possivel modestia, a gloria de ambos a si proprio—Novos episodios, alguns lances felizes dos companheiros e muitos mais desastrados—De como o author deu, em certo caso, prova de grande prudencia, contemporisando, e em outro soube ser arrojado, como devia—Notavel contraste n'isto com todos os companheiros—Descripção de um aguaceiro, trovoada ou vadeação d'um rio e effeitos proximos e remotos que teve sobre os caçadores—De como se jantou—Amarguras estomacaes e provações musculares—Campanha da tarde—Bom emprego do ultimo tiro—Difficuldades que trouxe a noite—Confusão dos companheiros e sangue-frio no author—Considerações sobre a maneira de se orientar no caminho um caçador perdido—Algumas palavras sobre o melhor systema de cosinhar a caça—Preceitos de regimen alimentar do cão—Recapitulação de tudo quanto se disse—Peroração em honra da caça em geral e da caça da lebre em particular—Transição para outra historia.

Todos estes capitulos, diffusamente desenvolvidos, ouviu portanto Daniel, com mostras de curiosidade. A terceira historia porém já o encontrou mais indifferente; a quarta recebeu-a com bocejos, a modo de commentarios; a quinta com impaciencia manifesta; a sexta com inquietação; a setima com horror—horror que foi crescendo gradualmente até á duodecima.

Pedro fazia então o elogio funebre do perdigueiro que, havia um mez, lhe tinha morrido.

—Olha que era um animal aquelle, Daniel, que parecia que entendia uma pessoa! Eu nunca vi um bicho mais fino! Se tu o visses no monte! Aquillo era um azougue. Um dia, tinha ido eu, o Luiz do mestre-escóla e o Francisco do alferes...

—Isto que horas serão?—perguntou Daniel, a vêr se desviava de si a historia imminente.

—Vai nas tres—respondeu Pedro, e continuou: — Mas iamos nós todos... ai, é verdade, ia tambem o Domingos Cabo-mór... oh!... mas esse não mata um pardal. Tem aquelle diabo um costume...

—Que insupportavel calor!—bradava Daniel, tão pouco á vontade no leito, como se fôra de Procusto.

—Hoje está quente, está—concordou o irmão, e continuou:—Mas tem aquelle diabo um costume, que, por mais que eu lhe diga, não é capaz de perder.

Daniel collocou a almofada do travesseiro sobre os ouvidos, para não ouvir.

—O costume é o seguinte: Tu sabes que no tempo das perdizes...

Foi n'este momento que entrou o reitor no quarto.

—No tempo das perdizes, no tempo das perdizes, tanto mentes, quanto dizes. É manha velha de caçador. Gabo-te os vagares, Pedro! Nem que um homem viesse a este mundo para andar de arma ao hombro e pulverinho ao tiracollo, por montes e valles, tiro aqui, tiro acolá, vida de galgo atraz de lebre; e a casa por ahi, sabe Deus como!

—Isto era para conversar um bocado—disse Pedro, sorrindo a esta objurgatoria do padre.

Daniel ia a erguer-se; o reitor não lh'o permittiu.

—Á vontade, á vontade; quem acabou de ouvir uma ladainha a Sancto Huberto, como eu imagino... ainda se fosse só imaginar!—como eu, infelizmente, sei por experiencia tambem—não deve sentir-se com grandes forças para se ter em pé.

Daniel sorriu.

—Mas veja lá, Daniel—continuou o padre—veja você este seu irmão. Que homem de casa aqui se está preparando! Esquecido a taramelar e o trabalho na eira entregue a criados que, quando eu passei, bem pouco se cansavam com elle. Tudo vai ao Deus dará n'esta casa, depois que o maldito vicio da caça virou a cabeça a este homem! Olha que um chefe de familia, Pedro, não é só responsavel por si, mas tambem por toda a sua gente—parentes e criados.—Elle é que deve dar o exemplo. E eu, para te dizer a verdade, não gostei nada de vêr aquella douda da Maria, lá em baixo, com os meliantes dos teus criados, que só sabem tanger violas e dançar, como inda agora faziam. Eu, apesar da cousa não ser

commigo, que não sou dono da casa, sempre lhes fui ralhando, para de todo não perder o tempo. Agora tu...

—Pois os vadios estavam a cantar e com o trabalho por fazer?

—Boa dúvida! Onde o patrão dorme, resonam os criados. E fazem muito bem.

—Ora eu lhes vou dar já a cantiga.

E, distrahido da sua paixão favorita, Pedro sahiu do quarto, com direcção á eira.

—É um bom rapaz!—disse o reitor, ao vêl-o sahir.

—Isso é. O Pedro ha de vir a dar um excellente pae de familia—accrescentou Daniel.

—Para isso, basta-lhe o grande fundo de moralidade daquella alma—replicou o padre, indo buscar uma cadeira que aproximou da cabeceira do leito, no qual Daniel, a instancias d'elle, se conservava ainda.

Daniel seguia com a vista os movimentos e gestos do padre e suspeitava que elle tinha alguma cousa a dizer-lhe.

—A moralidade—continuava este—é a primeira condição para a felicidade do homem. Como póde querer que o respeitem, o que não sabe respeitar os outros, nem respeitar-se a si proprio?

—Temos sermão—pensava Daniel.—Onde quer elle chegar?

De repente o reitor, como se lhe acudira uma ideia imprevista, disse, fitando os olhos em Daniel e n'um tom que procurou fazer natural:

—É verdade, ó Daniel, então você tem casamento contractado e não dá parte á gente?

—Eu?!... Casamento!...—exclamou Daniel, devéras admirado, e sentando-se no leito.

—Casamento, sim. Ainda agora m'o asseguraram.

—E quem é a noiva que me destinam?

—Uma visinha sua. É aqui a filha do João da Esquina.

—Ah! isso sim—disse Daniel, sorrindo e deitando-se outra vez.

—Isso sim? Não leve o caso a rir, que o negocio é muito sério. Por ventura não haverá fundamentos para a noticia que me deram?

—Eu tenho ido a casa d'ella, é verdade.

—Ah!

—Mas... como medico...

—Não está má medicina, a sua! Então que tractamento lhe aconselhou?

—Confortativo—respondeu Daniel, gracejando.

—Ah! e o boticario entenderia as receitas que escreveu?

—Nem todos os conselhos medicos precisam do auxilio do boticario. Os banhos de mar, os passeios, os leites de jumenta e as differentes prescripções do tractamento moral, por exemplo.

—Estou vendo que foi um tractamento moral o que fez.

—Exactamente.

—Olhem que cegueira a do João da Esquina, e a de seu pae e a minha até, que não vimos que era uma carta de guia para bom caminho, uns mandamentos para a salvação do corpo e não sei se da alma tambem, o que ainda ha pouco lêmos!

—O quê? Pois lêram...—perguntou Daniel com vivacidade e erguendo-se outra vez.

—Lêmos, sim. Mas não entendemos. Veja lá; a mim pareceu-me aquillo uma cousa desaforada; e ao João da Esquina, então? Esse não descansou emquanto não teve de nós a promessa solemne, de que o obrigariamos, a si, a uma reparação.

Daniel tinha já os pés no pavimento.

—Uma reparação? Porquê?... A quem?...

—Olhem que innocencia! Precisa talvez que eu lhe responda?

—E que especie de raparação hei de eu...?

—A unica devida a uma rapariga a quem...

—A quem?...

—Cuja boa fama se perdeu!

—Então accusam-me de ter perdido a boa fama d'aquella menina e querem-me constranger talvez a casar com ella?—exclamou Daniel sobresaltado e pondo-se a pé n'um impeto, como se o picasse uma vibora.

—Quem mais o constrangerá, ha de ser a sua consciencia, se ainda não emmudeceu de todo em si.

—Não constrange, não. Não me julgo moralmente obrigado a reparação de qualidade alguma. A menina Francisca... tem uma cabeça... bonita na verdade, realmente bonita...

—Está bom, está bom. Que tenho eu com essas bonitezas? Isso não vem agora a nada.

—Bonita, digo eu, mas leve, leve como uma bola de sabão—continuou Daniel.

—É defeito de muita gente.

—Achei-a triste, tão triste por ser trigueira... veja que doudice aquella!... que entendi...—não entraria isso nos meus deveres de medico?—entendi que a devia curar. Ora pensando que para esse effeito mais valeria um galanteio, do que todas as drogas medicinaes...

—Então, então...—disse o reitor, um pouco despeitado com o tom leviano de Daniel—deu agora em gracejar commigo?

—Não gracejo. É que realmente o meu procedimento... não digo que fosse d'uma sisudez exemplar, mas não merece as côres negras com que lh'o pintaram, nem reclama as medidas extremas e violentas que me propoem. Um casamento impossivel!

—Impossivel! O que ahi vai! Não o fazia tão fidalgo! Com que então...

—Olhe, snr. reitor—disse Daniel, tomando um ar mais sério—vou fallar-lhe com toda a sinceridade. Eu sou bastante leviano—conheço que o sou.—De ordinario não me canso muito a calcular consequencias, antes de dar um passo qualquer. Caminho de olhos fechados em muitos actos da vida e sobretudo quando só eu lhes posso vir a sentir os effeitos maus. Mas ha uma cousa em que não me costumo a pensar levianamente. É no casamento. Se um dia me vir casado...

—Resarei a todos os sanctos por sua mulher? Estou certo que será bem preciso.

—Se um dia me vir casado, supponha que encontrei uma mulher, por quem sinto alguma cousa mais além do amor, por quem sinto o respeito e a confiança que se devem a uma mãe de familias. Não tenho sido muito escrupuloso em contrahir certa ordem de ligações, é verdade; porém nunca me lembrei de fazer d'essas mulheres, que amei, nem quando a paixão me cegava mais, os anjos familiares a quem entregamos o nosso futuro inteiro. N'este sentido tem-me espantado o arrojo de muitos. E não é isto tenção formada em mim contra o casamento; mas é que acho muito grave a missão de esposa e de mãe, para a entregar assim levianamente em quaesquer bonitas mãos, só porque são bonitas.

—Isso lá é verdade—disse o reitor, que não previa que n'estas palavras approvadoras assignava a sua capitulação.

Daniel, ainda que tivesse sido sincero no que dizia, não desestimou vêr assim o reitor quasi voltado para o seu lado, e proseguiu com mais ardor:

—Ora quem quizer que tente fazer d'aquella menina, que sabe os verbos, uma boa mãe de familias; eu por mim é que não farei a experiencia. Era uma tremenda responsabilidade que tomava para com meus futuros filhos.

—Não, não vamos tambem agora a fazer da pequena peior do que ella é—observou o reitor.—A cabeça é um pouco estouvada, sim, mas o fundo é bom, e passados annos... Mas, homem dos meus peccados, se você pensa assim, e n'isso não serei eu que lhe diga que pensa mal, para que se mette n'estes enredos? Para que dá occasião a que os outros se julguem com direito a...

—Tem razão, snr. reitor. Eu não me quero apresentar como innocente. Digo humildemente: *peccavi*. Mas que quer? Onde se encontram facilidades... nem todos teem força para se vencer. E depois olhe que nos faz falta devéras a capa egypcia de José, para a sacudir dos hombros em occasiões de aperto.

—Adeus! Ahi torna com as suas!—disse o reitor, custando-lhe a disfarçar um sorriso.

O certo é, porém, que o padre estava applacado. Tranquillisou Daniel, contando-lhe tudo o que tinha succedido. Fez-lhe um longo sermão de moral, affirmando-lhe no fim que, se não fosse por saber a familia Esquina «useira e veseira» n'estas tentativas de especular casamentos de vantagem, e nem sempre por meios justificaveis, seria menos indulgente.

Daniel fez voto de emenda e protestou ser aquella a sua ultima rapaziada.

Graças, porém, á loquacidade da snr.ª Thereza a historia dos versos transpirou e causou escandalo na aldeia. Não se fallou em outra cousa, durante algumas semanas. Os paes olharam Daniel com desconfiança; os rapazes, com ciume; as raparigas, com curiosidade. O trio de linguas da casa dos Esquinas cantou a palinodia a respeito de Daniel e com não menor valentia do que a empregada nas lôas, com que primeiro o tinham celebrado.

Por todos os lados da aldeia resoaram os córos. O nivel da reputação de João Semana subiu no conceito público. Daniel confirmou a sua reputação de libertino e de homem perigoso. Elle é que era indifferente a isso tudo. Dava-lhe poucos cuidados o futuro da sua vida clinica, assim tão ameaçado. Continuava gosando, com resignação, senão com prazer, os ocios d'aquelle viver de morgado. As suas maiores distracções eram o passeio, a caça e a pesca.

Na menina Francisca já não pensava. Desprestigiou-a de todo aquella conspiração matrimonial. Do odio, com o qual d'ahi em diante o honraram os progenitores da menina, nunca elle se lembrou.

XXVI

Quando contaram a João Semana o que se passára entre Daniel e a familia dos Esquinas, o velho cirurgião não o quiz acreditar.

Teve, porém, de ceder á unanimidade das opiniões, e então não se fartou o nosso homem de benzer-se, de espantado.

João Semana era intolerante em cousas de moral, e principalmente medica. Para bons ditos, anecdotas e contos, ainda que ás vezes temperados com o sal de Bocaccio, de Lafontaine, e da rainha de Navarra, tinha grande indulgencia o velho clinico, que, por toda a parte, os contava tambem, sem escolha de auditorio, nem de occasião; mas a menor aventura que, de longe sequer, se aproximasse do genero das de que elle fazia chronica de tão boa vontade, difficilmente encontraria remissão no seu tribunal. Se o réo era um seu collega, crescia então de ponto a austeridade. Por isso o procedimento de Daniel encontrou n'elle um severissimo juiz.

Forçoso é, porém, dizer que uma circumstancia havia em todo aquelle episodio, que, mais que nenhuma, o escandalisára. De facto, com quanto manifestamente o não dissesse, o que em extremos o irritava, era ter Daniel cahido na fragilidade de fazer versos. João Semana não tinha em grande conta de cousa séria a poesia; e então poesia d'aquella! Inda se fosse um soneto, vá. O soneto tem um aspecto sério, grave e discreto que não deroga a dignidade de ninguem. Qualquer desembargador, conego, ministro de estado honorario, ou lente jubilado—quatro das mais sérias entidades sociaes—póde fazer um soneto sem aggravo da sizudez official; mas aquella poesia travèssa, ligeira, folgasã, de Daniel, poesia d'um genero novo para João Semana, poesia sem musas nem Apollo, fêl-o sahir fóra de si.

Joanna teve que o ouvir n'aquelle dia.

—Ahi está o que você faz, ahi está—dizia elle—por sua causa, pela desastrada lembrança que teve de mandar aquel-

le doudo em meu logar é que tudo isto succedeu. Sempre tem lembranças!

—Deixe lá, snr. João, olhem a grande cousa!—respondia a criada—Ora! a final de contas, não passa d'uma brincadeira. Fosse a rapariga sériasinha, e não tivesse aquella cabeça que todos nós sabemos, que já nada d'isso acontecia.

—Ella não é que tem a culpa.

—Não tem? Pois quem? Elle? Não que elle é rapaz. Nada lhe fica mal.

—Que diz você! Nada lhe fica mal! Então um cirurgião ou um medico póde lá ter d'essas liberdades? Onde é que se viu um homem na nossa posição fazer versos? Não tem vergonha.

—Ora adeus! São rapazes.

—E a dar-lhe! São rapazes, são rapazes, e acabou-se. Boa desculpa! Essas e outras é que deitam a perder a classe.

—Ora que perde o snr. João Semana com isso?

—Que perco?!

O facultativo, por mais que fez, não conseguiu effectivamente dizer o que perdia; por isso, passado algum tempo, continuou:

—Não é bonito aquillo, não; não é.

—Pois sim, não digo que seja; mas com os annos passa-lhe o fogo. Ora verá.

Em geral, nos tribunaes femininos, os delictos da natureza d'aquelles, de que João Semana accusava Daniel, são julgados como Joanna acabava de julgar este. Grande magnanimidade para com o homem, e severo rigor para com a mulher. Entrem lá na explicação do facto os que o tiverem estudado. Eu, por mim, registro-o apenas.

Houve longa discussão entre a criada e o amo, a este respeito, discussão, que não deu em resultado a victoria a nenhum dos contendores—facto vulgar em quasi todas as discussões.—Ella suscitou, porém, em Joanna o desejo de se informar melhor das particularidades do delicto e da extensão d'elle.

Em cumprimento d'este desejo, tomou a criada de João Semana a sua capa de panno, e partiu, logo que pôde, a colher noções.

Depois de muito andar, de muito perguntar e ouvir, e de muito ralhar, em defesa sempre de Daniel, ainda que, de si para si, a lisongeasse um pouco a comparação, que todos estabeleciam entre elle e João Semana, em grande proveito

do ultimo; deu comsigo a snr.ª Joanna... aonde? Em casa das duas pupillas do reitor.

Foi Margarida quem lhe fallou. Passados os usuaes cumprimentos, e depois de tentar recusar o offerecimento de um calice de vinho que Margarida lhe fazia, e que a final sempre acceitou, trouxe a snr.ª Joanna á conversa o assumpto que a preoccupava.

—Então, diga-me cá uma cousa, menina. Que lhe parece o nosso cirurgião novo?

Margarida fitou os olhos em Joanna, como para adivinhar-lhe nas feições o sentido da imprevista pergunta.

—Que me parece? Que me ha de parecer?

—Sim; não acha que está um bonito medico para uma rapariga doente mandar chamar?—continuou Joanna, sorrindo.

Ignorando ao que a velha criada de João Semana queria alludir, a pupilla do reitor, a seu pesar, se sobresaltou com esta interrogação.

—Mas... porque me pergunta você isso?

—Pois não sabe?! Ora a menina que ha de andar sempre fóra d'este mundo! Aposto que não sabe o que por ahi vai com o Daniel?

—Não—respondeu Margarida, sem já poder disfarçar a sua curiosidade, á qual uma certa inquietação, por ella mesma mal explicada, se vinha misturar.

—É o que eu digo!—observava Joanna.

—Mas então que ha?

A snr.ª Joanna com a melhor vontade informou Margarida da historia da menina Francisca; já se sabe, com muita severidade de commentarios para com ella, e a costumada indulgencia para com Daniel.

—Aquella bandeira de torre—dizia ella—volta-se para onde lhe sopram. Louvado seja Deus. Não ha olhos para que se não enfeite. E ainda o accusam a elle! Faz muito bem; é rapaz. Eu sei que para cirurgião devia ter mais juizo, devia; mas, ora!... hoje em dia, já se não repara n'essas cousas. E depois elle é uma creança e se a Chica lhe não désse tréla... estou que não se atreveria a... Em todo o caso, menina, sempre é bom trazel-o de ôlho. Aquella cabeça, benza-a Deus, não vale grande cousa, não. Sempre assim foi. Como a Clarita lhe casa agora na familia, é natural que elle venha por aqui. Cautela! menina. Eu bem sei que com certa gente não faz elle farinha, mas...

Margarida forcejou por sorrir ás recommendações de Joanna, mas conseguiu-o mal. Aquellas palavras atravessavam-lhe o coração.

Affligia-a a leviandade de Daniel.

Estava-lhe, pois, destinada a cruel provação d'um desengano d'estes?

As almas delicadas, como a d'ella, soffrem intensamente, sempre que vêem projectar-se uma sombra na imagem daquelles, a quem as suas affeições illuminavam de ideal. Vêr abaixar-se á região das paixões menos elevadas e nobres, o coração que se tinham costumado a phantasiar, palpitando só de generosos instinctos, é para as ferir de desalento ou para as atormentar de desespêro.

Joanna continuava:

—A menina ri-se! É o que eu lhe digo. Não lhe dêem muita confiança. Não, que elle tenha mau coração. Crédo! Conheço-o de pequeno. Aquillo não faz mal a uma pomba; mas emquanto ao mais... O padre Sancto Antonio nos acuda! Eu digo, que se eu fosse rapariga... Mas... que tem que está tão falta de côr, menina? Não está boa?... que sente?

—Nada—respondeu Margarida, procurando mostrar-se tranquilla.—Não tenho nada. É que está aqui muito abafado e...

E, levantando-se, caminhou para a janella, a disfarçar a sua perturbação e a aspirar o ar mais livre, que chegava d'alli, batido pela folhagem das arvores.

—Não que olhe que sempre hoje está um calor!—disse Joanna—Mas isso tambem ha de ser debilidade. A menina foi sempre de pouco comer. Beba uma agua de caldo, que isso passa-lhe. Ou serão vertigens? Olhe que não é outra cousa. Eu tambem as tenho e d'aquellas! Ás vezes parece que se me parte a cabeça. É como se me tropitasse cá dentro um regimento de cavalleria. O que é muito bom para isso... sabe?...

Não se póde calcular para que longa enumeração de receitas tomava folego a snr.ª Joanna, cujos conhecimentos therapeuticos, a convivencia com João Semana enriquecera, se Margarida a não interrompesse, dizendo-lhe da janella:

—Mas quem sabe lá se a inclinação do snr. Daniel por essa rapariga é sincera?

E, ao dizer isto, passava a mão pela fronte, como se de facto a tivesse tomado uma vertigem.

—Boa!—exclamou Joanna—Sempre tem cousas! A me-

nina então não sabe nem quem é o Daniel, nem a Chica do Esquina.

—Então elle é assim incapaz de gostar de alguem?—perguntou Margarida, com affectada indifferença.

—Elle? Elle gosta de todas. Lá por isso... Vá perguntar ao sobrinho do regedor, que viveu com elle quando andou lá no Porto a estudar para padre... e olhe que tambem sahiu um padre!... de se lhe tirar o chapéo; não tem dúvida nenhuma... mas vá-lhe perguntar quem é o menino. Gostar da Chica!...

N'este ponto, a snr.ª Joanna fez um gesto, muito seu: fungou ruidosamente, torcendo o nariz, fechando o olho esquerdo e prolongando o labio inferior—conjuncto de signaes physionomicos, que valia um discurso.

Em seguida continuou:

—Olhe que elle soube-me muito bem dizer, no outro dia, que só lhe fazia conta uma mulher que tivesse cem mil cruzados, e que a queria da cidade. E ia agora gostar da Chica? estava indo! A menina está a lêr.

Esta conversa torturava Margarida. Joanna, sem o saber, era d'uma crueldade inquisitorial. A sua loquacidade promettia longa duração, se as badaladas do meio dia, na torre da igreja parochial, a não viessem pôr em sustos de chegar a casa depois de seu amo.

—Ai, meio dia já! Senhor me dê paciencia—exclamou ella, juntando as mãos.—E eu que tenho o jantar tão atrazado! Adeus, menina, adeus, sem mais.

E tomando, toda açodada, a capa que tinha pousado, e ageitando á pressa o lenço engommado que trazia á cabeça, ia a sahir, rosnando a oração meridiana:

—Bemdita e louvada seja a hora, em que meu Deus, Nosso Senhor Jesus Christo padeceu e...

Mas ao transpôr o limiar da porta, achou-se inesperadamente em frente de Clara, que a obrigou a parar.

Segundo o costume, vinham radiantes de alegria as sympathicas feições da irmã de Margarida.

Ao vêr Joanna, sahiu-lhe dos labios uma exclamação de prazer:

—Viva! Já não ha quem a veja, snr.ª Joanna! Eu até principiei a resar-lhe todas as noites por alma um Padre-nosso e uma Ave-Maria.

Joanna, a quem tanto quadrava este genio folgasão e descuidado de Clara, tinha por costume fingir, na presença

d'ella, que o não podia soffrer; mas o geito que, a seu pesar, lhe tomava a bocca, inutilisava-lhe a dissimulação.

—Olhem os meus peccados!—disse ella voltando para a sala—Inda mais esta! Boa te vai! Estou bem aviada!...

Clara pozera-se a olhal-a com attenção e espanto affectado.

—Então que tafularia é esta?! Lenço novo de cassa! Já reparaste, Guida? E arrecadas! Ai! Estou para morrer! O mundo perde-se! Agora é que eu o digo.

—É para que veja—disse Joanna, custando-lhe a manter a seriedade.

—Ó Joanna, você irá casar-se?

—Olhem, olhem... ella ahi vem com as suas tolices! Tenha juizo.

—Não, mas... sério, isto tem que se lhe diga... E penteada! Ai, e penteada!

—Que penteada? que penteada? Cuida que todas são como ella. Sempre está uma mulher casada!

—Ainda não, se faz favor.

—Pobre do homem! Melhor sorte merecia aquelle Pedro, que tão bom mocinho era... e é.

—Ah! como ella diz isto! Querem vêr que... Queres tu vêr, Guida, que... Pois será com elle? Veja o que faz, Joanna, olhe que eu...

—Adeus! Sabe o que mais? Não estou para a aturar. Deixe-me ir embora, ande.

—Embora? Isso é que não vai d'aqui tão cedo.

—E Jesus Senhor! deixe-me ir, que é meio dia e faz-se-me tarde. O meu amo está á espera... Valha-me Deus! Ora o que me havia de apparecer?!

—O seu amo? Ainda ha pouco elle ia para a banda dos Casaes.

—N'um momento põe-se em casa. Deixe-me ir, menina.

—Não vai.

—Olhem que praga! Então? Isso não tem graça nenhuma. Não vê alli a Margaridinha como tem juizo?

—Venha-me com isso, a vêr se me mette em brios.

—Ai, cuida que eu tenho os seus cuidados? Menina, deixe-me ir embora. Que sécca!

—Deixa-a ir, Clara, deixa, que póde fazer falta—disse por fim Margarida, que as estivera escutando, distrahida.

—Vá lá; em attenção á Guida. Mas ha de vir então pelo quintal, que lhe quero dar um ramo para o snr. João Semana.

—Não que elle está agora mesmo á espera dos seus ramos; nem dorme com a lembrança.

—Ha de levar-lhe um ramo de meu mando. Já disse. Amores antigos não esquecem.

—Olhe, deixe antes isso para o cirurgião novo, que esse é que não lh'o engeita.

—Quem? o snr. Daniel? Ai, é verdade... Tu sabes, Guida?—disse Clara, rindo—A Chica do tendeiro...

—Sei, sei—respondeu Margarida, erguendo-se com vivacidade.

—Sempre tem uma cabecinha o tal senhor meu cunhado! Mas eu por mim sou ainda pelo João Semana. Olhe, Joanna, diz-lhe você que me faça uns versos tambem? Assim como os do outro.

—Ai, vai já fazel-os; póde esperar por isso.

—Uns versos como os taes da... trigueira... Não eram da trigueira?

—Sim, sim; tudo se ha de arranjar.

—É verdade, que eu já sei uns que serviam.

E, sahindo com Joanna para o quintal, Clara pôz-se a cantar:

Morena, morena,
Dos olhos rasgados,
Teus olhos, morena,
São os meus peccados.

XXVII

Margarida ficou só na sala.

Viera augmentar-lhe a turbação, em que estava já, esta cantiga de Clara.

Andava-lhe muito ligada a ideias do passado, para a poder escutar com indifferença.

Aquella toada era para Margarida como as palavras mysteriosas que, em certos contos de fadas, se diz terem o condão de evocar dos paramos mais agrestes, jardins, florestas e palacios encantados; povoára-se-lhe a imaginação, ao ouvil-a, um pouco de recordações ao principio, e depois, muito de phantasias.

Encostada ao peitoril da janella, e apoiado o rosto nas mãos, assim ficou por muito tempo, com o olhar vago e o pensamento mais vago do que o olhar ainda.

Se o espirito, ao sahir d'estas exaltadas abstracções, se volta de subito para a realidade do presente, o desencantamento é fatal e amargo. Entra-nos então no coração um profundo desgosto da vida, e como que se nos quebram as forças para continuar a acção.

Estava passando por um d'esses estados o espirito de Margarida.

As vozes joviaes da irmã e os risos de Joanna chegavam-lhe aos ouvidos; e affligiam-a aquelles signaes de alegria.

As vivas côres das rosas e dos cravos attrahiam-lhe, a seu pesar, as vistas para os alegretes do jardim; e impacientavam-a; quasi lhes queria mal por aquelle aspecto festivo.

Quando, em épocas de provação para a alma, a sós com os nossos pesares e as nossas lagrimas, escutamos lá fóra o ruido ou divisamos o esplendor das festas, alguma cousa estremece dolorosamente em nós.

Sentia-o Margarida n'aquelle instante e tanto lhe crescia o mal, que, para fugir-lhe, ergueu-se e passeou com agitação por algum tempo na sala.

—E porque não hei de eu tambem distrahir-me, como se distrahe a Clara?—pensava ella.—Virão já de nascimento estes genios assim? Mas como se ha de acreditar que o Senhor queira fazer cahir sobre uma creatura, que ainda o não offendeu, este grande castigo d'uma tristeza tamanha? Não, não póde ser.—Antes creio..., isso sim, que o genio de cada um toma a feição da vida, que em creança se teve... Uma pessoa, a final, é como uma arvore; emquanto nova é que se póde dobrar, que depois... Alli estão aquelles cedros que, de pequenos, Clara vergou em arco; ganharam essa fórma e hoje já não se erguem direitos como os outros. É assim. Quem abriu os olhos e começou a pensar, sem vêr grandes alegrias em volta de si, póde lá aprender a sorrir? As creanças então que tudo aprendem dos outros, a fallar, a andar, a brincar..., como não aprenderiam tambem a alegria ou a tristeza?

N'isto fizeram-a ir á janella algumas vozes infantis.

Eram quatro creanças, quasi nuas, que rodeavam uma pobre mulher, coberta de andrajos e macilenta. E ellas, apesar da sua nudez e dos seus rostos pallidos, riam e brincavam em redor da mãe, que nem tinha pão para lhes dar.

Á porta das duas irmãs estava sempre sentada a carida-

de. Não se fechou vasia ainda d'esta vez a mão da indigencia, aberta a implorar alli. A pobre mãe chorava de gratidão ao retirar-se; as creanças brincavam ainda.

—Mas ahi vão essas, que riem e brincam—pensava Margarida, vendo-as partir.—E que alegrias teem ellas em volta de si?... Alegrias! antes prantos e dôres... Nunca eu senti o que ellas sentem: a fome, o frio! e n'aquella idade, meu Deus! E riem! Então sempre é certo que é do berço, que nos vem este fadario da tristeza e que...

E calou-se por algum tempo, depois proseguiu a meia voz:

—Pois sim, mas ha uma riqueza que ellas teem e eu não tive. Aquelle olhar da mãe. Não vi eu sorrir-lhes a mãe? Coitada! no meio da sua desgraça inda não desaprendeu a sorrir; precisa de risos para os filhos. É vêr como elles olhavam para ella. É isso... deve ser isso...

E tornava a passear no quarto; depois, parando junto da janella do lado do quintal, continuou como em antes:

—Deve ser isso, sim. No meio da pobreza, no meio da miseria, póde nascer ainda a alegria; mas é preciso que haja um olhar de affeição para a crear... um olhar de mãe, sobretudo. Ai, um olhar de mãe deve ser para a gente, quasi como um raio de sol para as flôres. É vêr aquella rosa, que nasceu acolá, á sombra do muro. Como é desmaiada! Emquanto que as outras... Bem faltas de cuidados cresceram por entre a horta aquellas papoulas vermelhas; quem pensava n'ellas? Mas lá ia o sol animal-as... Clara teve uma mãe que a estremecia, teve o seu raio de sol... eu, de bem pequena perdi a minha e... Quem tão cedo se viu orphã, como ha de ser para alegrias?

N'este ponto, entrou na sala uma rapariga, que as servia, trazendo um ramo de flôres na mão.

—Veja, menina—disse ella—veja o bonito ramo que eu trouxe do campo de baixo. Vou já, já d'aqui, pôl-o ao Sancto Antonio, lá dentro.

—Pois vai, vai, Maria.

E a rapariga, que era uma exposta, sahiu cantando alegremente.

—E esta então?—continuou pensando Margarida, quando ella se retirou—Que mãe teve esta para lhe semear a alegria, que nunca perde? A pobre nem familia conhece; a gente, que a creou, não a tractava com carinhos. E como ella vive! e como ri! Não ha dúvida pois; não ha dúvida que se vem ao mundo

assim. Então eu... Ó senhor! mas isto não póde ser. Que condemnação, meu Deus!

E como se procurasse convencer-se d'uma outra solução, menos desconsoladora, do problema em que meditava, proseguiu pouco depois:

—Mas quem me diz que é isto uma condemnação? Por que não hei de vêr se posso tirar de mim estas ideias negras? Olhando-se bem claro dentro de nós mesmos, talvez... Vejamos: Estou hoje triste; é verdade. E porquê? Esta manhã não o estava. Lembra-me que até me ri com a Clara... Parece que é mau agouro esta alegria, que sentimos ás vezes ao acordar! Depois... ha pouco... foi depois que veio aquella mulher... E que me disse ella? Tudo que lhe ouvi não era para isto. Não, de certo. A final que tenho eu com...

Aqui, o pensamento quebrou o jugo que o constrangera a seguir o caminho estreito da reflexão e entregou-se insoffrido a mais extravagante carreira.

Na posição e nos gestos de Margarida nada accusava a revolução mental que se operára; mas, instantes depois, ella murmurava já:

—Quem sabe se aquella rapariga?... Mas não, não póde ser... E elle? Que mudança traz o tempo! Eu não sei como são certas memorias tambem... Mas que admira? A vida de cidade... Quem havia de pensar?... Parece-me que ainda o estou a vêr, quando elle era creança, e vinha... Dez annos!

Absorvida em pensamentos d'esta ordem a veio encontrar o reitor, que raro dia deixava de visitar as suas pupillas.

—Em que scismas tu, rapariga?—disse-lhe o padre—Sancto nome de Jesus! não posso atinar o que tanto tens para scismar. Nem que te pesassem aos hombros grandes canceiras de familia! Deita o coração ao largo. Não vês a Clarita? Faz assim como ella. Lembra-te que tens vinte e tres annos. Aos sessenta é que é natural pensar assim.

Margarida beijou-lhe a mão, dizendo-lhe:

—Isto julgo que nem é pensar. É quasi um esquecimento de tudo e de nós mesmos em que ás vezes se cahe. Mas faz bem em ralhar commigo, snr. reitor, faz muito bem. Este costume é mau. É quasi uma doença, da qual hei de vêr se me curo.

—E tens juizo. Olha, minha filha, isto de pensar muito... Emfim, o Senhor para isso nos deu a razão, mas... Queres tu saber? Um dia veio aqui um homem que, pelos modos, é um grande sabio, um d'estes philosophos da cidade. Era um do-

mingo e eu tinha de fazer a minha prática. O tal sugeito foi para a igreja. Quando o vi lá, fiquei assustado. Emfim... com esta boa gente d'aqui entendo-me eu bem, mas, pobre cura de aldeia que sou ha vinte annos, o que queres tu que eu possa dizer diante de gente instruida e illustrada, como era o tal? Estive para desanimar, Margarida, olha que estive; mas disse commigo: Não, senhor, eu não devo recear. Não tenho lido muitos livros, é verdade; mas os Evangelhos leio-os todos os dias. Elles me ajudarão. Pois não tenho eu lá aquelle sermão da montanha? E fui para a igreja e abri o S. Matheus e li: «Amai a vossos inimigos, bem-dizei aos que vos maldizem, fazei bem aos que vos teem odio; e orai pelos que vos maltractam e vos perseguem.» Bastou-me isto e puz-me a fallar, assim como te fallo agora, Margarida. Achava-me á vontade. Pois sabes?—que é ao que eu trouxe isto—o tal homem de que eu me receiava, foi ter commigo á sachristia para me abraçar e disse-me: «Gostei de o ouvir; deram-me as suas palavras, por algum tempo, mais sãs consolações do que as minhas noites de estudo.» Ficou-me este dito do homem e pareceu-me que elle tinha comsigo grande cousa a affligil-o. Pensava de mais talvez. Corre-se até o risco de endoudecer. Nada, não tem geito.

Margarida sorriu, assegurando o reitor que evitaria esse perigo, fazendo por se distrahir.

No decurso da conversa ulterior fallou-se em Daniel. O padre alludiu á entrevista, que tinha tido com elle, e procurou attenuar a culpa do rapaz, expondo as ideias que lhe ouvira em relação ao casamento e á escolha d'uma esposa.

O resultado de tudo quanto disse foi deixar Margarida mais pensativa, do que em antes.

XXVIII

Passou todo o mez d'agosto e parte do de setembro, sem que se celebrasse o casamento de Pedro e de Clara.

Pequenos estorvos, os quaes será inutil referir aqui, baldaram a diligencia, com que andára o reitor em obter os papeis necessarios ás duas partes contrahentes.

O padre estava ancioso por proclamar, á missa conventual, os primeiros banhos, e não cessava de interrogar o la-

vrador sobre o andamento, em que iam os preparativos domesticos para as bôdas do filho.

José das Dornas dava a entender que depois do S. Miguel era a occasião mais favoravel para a solemnidade, visto que a cobrança das rendas lhe permittiria então fazel-a com o esplendor devido.

A anciedade na aldeia era immensa, porque todos conjecturavam já quanto teriam de memoraveis umas bôdas em casa do abastado e liberal lavrador.

Achava-se terminada a principal colheita de milho e não se fixára ainda o dia, em que tão fallada e promettedora festa deveria realisar-se.

Em consequencia de taes delongas, á primeira esfolhada em casa de José das Dornas assistiu ainda Pedro, como rapaz solteiro.

Esta circumstancia não foi sem influencia na successão dos acontecimentos, que temos para narrar.

Concorramos nós tambem a este serão campestre, que assim nos é necessario.

Julgo que pequeno será o numero dos leitores, que não tenham assistido a uma esfolhada na aldeia ou que, pelo menos de tradição, não saibam a indole folgasã e traquinas d'este genero de trabalho, do qual ninguem procura eximir-se; pois antes espontaneamente correm de toda a parte a offerecer-lhe braços.

É que não ha outros serões mais divertidos tambem.

Alli todos riem, todos cantam, todos se abraçam, e se beijam até; e falla-se ao ouvido, e graceja-se e dança-se, e com franqueza se apontam defeitos, e sem offensa se recebem censuras, e até são mal acolhidas as lisonjas; e tudo isto então, toda esta appetecivel desordem, todo este abandono de etiqueta, á vista da porção sisuda da companhia, á qual a tolerancia fecha d'esta vez excepcionalmente os olhos; e, a alumiar uma tal azafama, meio festiva, meio laboriosa, apenas a luz mortiça d'um modesto lampeão, pendurado d'uma trave do tecto ou, ainda melhor, a suave claridade do luar em campo descoberto!

Aquellas liberdades todas são permittidas, ordenadas até, pelo codigo das esfolhadas.

Cada espiga vermelha, cada espiga de *milho rei*—como por lá lhe chamam—é a sentença promulgada contra o feliz, a cujas mãos ella chegou.

Cabe-lhe distribuir por toda a assembleia, ou receber de

toda ella, um abraço mais ou menos apertado; sentença que elle de boa vontade cumpre, principalmente quando, entre tantos abraços, ha um, pelo qual em vão suspira, nas outras épocas do anno.

Esta lei, digna das ordenações d'aquellas joviaes «Côrtes de amor» da idade media, é a alma das esfolhadas.

D'ella provêem os risos, os arrufos, as recusas, as insistencias, as queixas, as accusações, os despeitos, e os ciumes que, ao mesmo tempo, desordenam o serão, excitam os trabalhadores e adiantam a tarefa.

Quando um dia, a machina agricola fizer ouvir nas aldeias portuguezas o silvo estridente do vapor; quando a força prodigiosa de suas alavancas, o movimento de suas rodas gigantes e complicadas articulações dispensar o concurso de tantos braços, n'estes trabalhos ruraes; quando a musa pastoril, resignada, trocar as vestes primitivas por a *blouse* do artista e esquecer as antigas cantilenas para aprender a canção das fabricas; lembrar-se-hão com saudade das esfolhadas os felizes, que as poderam ainda gosar.

A onda economica adianta-se rapida; dentro em pouco inundará os campos. Deem-se pressa os que ainda quizerem conhecer as velhas usanças, para as quaes está já a soar a derradeira hora.

De ha muito gosavam de apregoada fama as esfolhadas em casa de José das Dornas.

A impulsos do seu genio prazenteiro, o velho lavrador pozera em costume o observar-se pontualmente o rito d'estas festividades campestres.

Não havia alli isentar-se ninguem de cumprir a sentença a que a sorte o sujeitasse, sob pena de ignominiosa expulsão do gremio e perpetua exclusão de festas semelhantes.

Homens e mulheres, creanças e velhos, amos e criados, todos fraternisavam, todos se nivelavam aquella noite para se abraçarem ou beijarem e até dançarem por fim.

Quem não gostava d'isto era o reitor, o qual todos os annos, por este tempo, mimoseava com uma longa prégação o seu amigo José das Dornas, mas sempre sem nada conseguir.

Os costumes populares, as práticas tradicionaes encontravam no lavrador um apêgo, quasi igual ao que tinha para as crenças religiosas. Parecia-lhe um sacrilegio o infringil-os.

Debalde o reitor lhe dizia:

—Acaba-me com essas folganças, José. Isso é a perdição de muita gente. Não sei como tu, homem sisudo, te pões assim

a brincar com as creanças e com os moços em termos de te perderem o respeito.

José das Dornas limitava-se a responder-lhe:

—Ó snr. reitor, deixe lá. Uma vez é uma vez. Beijos e abraços, quanto mais ás claras, menos perigosos são. D'aquelles, que se dão ás escondidas, é que é o ter medo. Emquanto ao respeito, socegue que, quando fôr preciso, eu sei como elle se faz ter aos atrevidos. E depois, que quer? eu fui creado n'isto.

Este ultimo argumento é sempre o mais irresistivel da logica do nosso homem dos campos.

Qual dos dous velhos tinha razão? Eu sei lá? A fallar a verdade, não acredito demasiado na innocencia d'aquelles abraços e beijos e muito menos na de alguns que, por motivos particulares, se dão mais do coração e mais tempo se prolongam; mas é tambem certo que, evitando as esfolhadas, muitas occasiões se offerecem ainda d'uma pessoa se perder, e alguma razão tinha José das Dornas ao dizer que estas cousas, na presença de espectadores, se despojam de grande parte da sua gravidade.

D'esta vez deviam ser as esfolhadas em casa da familia Dornas dignas da sua tradicional nomeada.

A pedido de Pedro, foi convidada muita gente. Encarregou-se elle mesmo de formar a lista, a qual naturalmente abriu com o nome de Clara.

Clara recebia sempre com alegria convites da natureza d'este.

Margarida quiz dissuadil-a de acceitar.

—Que vaes fazer, Clarinha?—disse-lhe ella—Olha, eu se fosse a ti, não ia. Afinal, por mais que digam, sempre n'essas esfolhadas ha liberdades e costumes, que... que...

—Sabes, Guida?—respondia-lhe Clara—se todos se fossem a levar por os teus conselhos, e a dar attenção aos teus medos, póde ser que o mundo andasse muito bem guiado—e andava de certo—porém morria-se de aborrecimento por ahi. É vêr que nem me queres deixar ir á esfolhada em casa de meu marido, e quando é elle mesmo o que me convida!

—E quem sabe se mais estimaria que não fosses?

—Qual! Estás enganada. Suppõel-o como tu. Eu bem o digo! Olha, minha Guida, tu não servias para casada. Fazias-te ainda mais sisuda do que és, sisuda e séria que nem uma abbadessa do convento, e depois havias de querer que o teu homem fosse sisudo e sério como tu.

—Vai, vai, Clarinha; nem eu t'o posso impedir. Mas, se queres que te falle a verdade, fico sempre a tremer, quando te vejo sahir para estes serões. Ás vezes, ha por lá desordens, rixas...

—Ai, socega. Eu te prometto que me não metterei em nenhuma.

—Promette-me tambem que não darás causa a nenhuma —observou Margarida, sorrindo.

—Como queres que eu dê causa a uma desordem, douda?

—Como ha de ser? Eu digo-t'o, mas não te arrenegues. Tu tens um bocadinho de ruindade, confessa; e, ás vezes, para te divertires, gostas de fazer perder a paciencia aos outros. Ora, Pedro tem um genio assomado e...

—Deixa-te d'isso. O Pedro não é homem para se finar por ciumes só por vêr receber ou dar um abraço, em noite de esfolhada. Era o que me faltava tambem!

—Pois Deus vá comtigo, filha; mas lembra-te que dentro em pouco és mulher casada e que o teu noivo está ao pé de ti.

—Está descansada. E depois, sabes o que o Pedro me disse em segredo? O irmão tambem faz tenção de ir á esfolhada.

—Quem? O snr. Daniel?!

—E' verdade. Que graça! Mas o Pedro não quer que isto se saiba, para que lhe não faltem as raparigas, com medo ou com vergonha. Estou morta por vêr como ellas ficam, assim que o virem lá. Ora diz tu, se isto se podia perder.

—Ainda peior.

—Que dizes? Ainda peior! Pois tambem és das que o pensam excommungado? Pobre rapaz! Quem ouvir fallar a essa gente por ahi ha de fazer d'elle uma ideia!... Pois não tem nada do que dizem. É amigo de rir, isso sim, mas tambem sabe fallar sério, quando é preciso. E não ouves o que muitas vezes o snr. reitor tem dito a respeito d'elle? Que é um excellente coração, a final.

—Nem eu digo o contrario, mas...

—Mas és uma medrosa—é o que tu és; uma medrosa, que me andas por ahi sempre a sonhar sonhos negros. Um dia hei de fazer-te fallar com elle e verás...

—Ai, não, não—exclamou Margarida, quasi assustada.

—E como dizes isso! Que medos! Estás como a outra gente, já vejo. Pois admira-me em ti, que não és d'essas cousas. E' uma scisma que te hei de fazer perder, assim como tu

me fizeste perder a das bruxas, que eu d'antes tinha. Lembras-te?

Horas depois, Clara despedia-se da irmã, dizendo-lhe:

—Então, Guida, até logo. Eu bem queria que viesses, mas fizeste voto...

—Bem sabes, que não sinto alegria n'essas festas.

—Como has de tu sentil-a, se nunca vaes lá?

E Clara partiu e pulava-lhe o coração de contente, quando ia pelo caminho.

O genio de Clara pedia-lhe isto. Eram uma necessidade para ella as alegrias e as festas.

Não se lhe coadunavam com a indole as melancolias de Margarida.

Quando só, sahia-lhe dos labios tão depressa o canto, como os suspiros do seio da irmã.

E a alegria d'uma, como as tristezas da outra, nem sempre tinham motivo definido.

Vinham-lhes do coração, que parecia espontaneamente exhalal-as.

Na natureza ha phenomenos assim. O canto de algumas aves parece uma lamentação, repassada de profunda melancolia; o de outras sôa brilhante, como um hymno festivo, nos córos da creação; e nem sempre as primeiras teem pesares, de que se carpirem, nem estas jubilos a celebrar.

O canto sahe-lhes assim modulado por uma disposição natural; pois, quasi de igual fórma, acudiam os sorrisos aos labios de Clara e as lagrimas aos olhos de Margarida.

XXIX

A esfolhada fez-se na eira espaçosa e desafogada de José das Dornas e por uma formosissima noite de luar claro como o dia.

O ser alumiada pelo luar é uma circumstancia que redobra o valor da festa.

Eu creio nas influencias planetarias—perdoem-me a fragilidade astrologica os homens da sciencia positiva.—Bem sei que passou já de moda esta crença, tão arreigada nos mais severos espiritos d'outros tempos; mas, por mim, ainda me não pude resolver a romper com ella de todo.

Penso eu que o moral e o physico da humanidade andam

sob o imperio de forças multiplicadissimas, muitas das quaes ainda estão por descobrir ou estudar, e não vejo que se possa desde já excluir do rol d'ellas a luz d'esse planeta pallido, tão querido de amantes e de poetas.

Digam-me, por exemplo, se uma esfolhada ao meio dia póde ter nunca a indole jovial das que se fazem á claridade da lua?—se n'ella se concedem beijos e abraços, com tão poucos escrupulos?—se a gente se ri com igual vontade e franqueza? E não me venham explicar isto só pelo effeito da meia obscuridade, que serena as repugnancias dos timidos, e excita a audacia dos arrojados; porque nunca vi elevarem-se ao mesmo grau de intensidade essas ruidosas alegrias e folguedos, quando a luz, ainda menos limpa de sombras, d'uma só lampada illumina o logar do serão.

Forçosamente tem a lua parte n'isto. Não sei o que ha na atmosphera em uma noite assim!

O espirito, mais embotado para as suaves commoções da poesia, parece receber então um raio de lucidez e acreditar vagamente na existencia de alguma cousa, acima dos prosaicos interesses da vida positiva; os corações, mais fechados a arroubamentos de amor, sentem-se embrandecer; e de mais de um consta haver infringido, em noites d'essas, velhos e porfiados protestos de isenção.

E negam a influencia da lua?! No coração dão-se fluxos e refluxos de sentimento, cuja theoria póde ter alguma cousa de commum com a do fluxo e do refluxo dos mares. É uma vaga crença esta, que me leva a suppôr a lua favoravel ao amor e indispensavel á alegria das esfolhadas.

E do meu lado encontro José das Dornas, que esperou por uma noite de lua cheia, para celebrar a sua festa.

O velho lavrador tinha dedo para dispor as cousas convenientemente.

Um enorme monte de espigas occupava o meio da eira. Abertas, de par em par, as portas do cabanal aguardavam as amplas canastras, para onde se iam lançando as espigas esfolhadas.

Sentados em circulo, á volta d'aquella alta pyramide, trabalhavam azafamados parentes, criados, visinhos, amigos e conhecidos, que sempre affluem aos serões d'esta natureza, ainda quando não convidados.

Não havia logares de distincção alli. Cada qual se sentava ao acaso ou, quando muito, conforme as suas secretas preferencias.

A mais completa igualdade se estabelecera na companhia, desde o principio dos trabalhos.

José das Dornas, que sabia, como ninguem, manter, nas occasiões devidas, a sua dignidade de chefe de familia, dava d'esta vez o exemplo de sem-ceremonia, praticando jovialmente, até com o mais novo dos seus criados; e estes usavam para com elle de liberdades que, fóra do tempo, lhes sahiriam caras. Pedro, rapaz sempre attencioso e grave no seu tracto com os velhos, n'aquella noite, tendo por visinha uma grave e madura matrona de aldeia, requebrava-se em galanteios para com ella e affectava rendidos extremos, com grande riso dos circumstantes e de Clara, a qual, pela sua parte, fingia uns ciumes, igualmente applaudidos da assembleia.

Uma velha, querendo aproveitar o seu tempo, tentou regular alli as suas contas com Nossa Senhora, resando uma das muitas corôas, de que lhe estava em divida; e, a cada passo, rompia em vociferações contra duas raparigas, entre as quaes ficára, e cuja contínua palestra a fazia perder na fieira de Padres-nossos e Ave-Marias da sua interminavel resa.

Os arrufos da velha eram novo estimulo para risadas.

Ás vezes saltava ao meio do circulo uma creança, com uns grandes bigodes, feitos de barbas de milho, e a ideia era logo apoiada e imitada por todas as outras, com grandes embaraços ao bom e prompto andamento da tarefa do serão. As mães ralhavam, rindo; os paes faziam o mesmo; e, disfarçadamente, punham, ao alcance dos pequenos, novos instrumentos para identicos delictos.

As raparigas e os rapazes atiravam uns aos outros o gorgulho, que por acaso encontravam nas espigas; o que introduzia grande alvoroço na assembleia e enchia os ares de gritos e de vozerias atordoadoras.

E ia assim animado o serão, quando uma circumstancia, para quasi todos inesperada, veio subitamente esfriar esta fervura.

Essa circumstancia foi a chegada de Daniel.

Eram nove horas quando elle appareceu na eira, ainda em trajos de jornada, pois voltava, n'aquelle momento, de uma excursão distante.

Saudando alegremente a companhia, Daniel pediu para si um logar no circulo dos serandeiros.

José das Dornas, Pedro e Clara, que havia já muito o aguardavam com impaciencia, sorriam entre si, ao vêrem o embaraço em que todos ficaram com aquelle reforço.

A reputação que Daniel adquirira, não era de facto para lhe preparar um lisongeiro acolhimento.

Os homens franziam as sobrancelhas e exprimiam, em rosnados ápartes, o seu desagrado; as mulheres de idade fitaram no recem-chegado um olhar, como o que lhes mereceria um lobis-homem; as raparigas acotovelavam-se, cochichavam umas com as outras, suffocavam os risos e olhavam ás furtadellas para Daniel; porém não houve quem se afastasse para dar logar; antes se apertavam uns contra os outros, como para lhe evitarem a visinhança.

Daniel repetiu a reclamação e, ao mesmo tempo, corria com os olhos as differentes figuras, alli reunidas, como a procurar aquella, cuja proximidade mais agradavel lhe podésse ser.

O tacito indeferimento do seu pedido continuava porém. Os risinhos mal abafados, as murmurações a meia voz e o som do esfolhar das espigas, tarefa em que todos pareciam com dobrada vontade empenhados, era o que se ouvia, em seguida á requisição que elle pela segunda vez fizera.

—Então que é isso?—dizia José das Dornas meio a rir, meio despeitado—Que diabo! Não haverá ahi logar para mais um? Olhem que o rapaz não está empestado.

Houve um movimento geral como para conceder o logar requerido, movimento simulado porém, que, longe de abrir brecha no circulo, antes mais o estreitou.

Daniel principiava a preparar-se para conquistar o terreno, que lhe negavam e com esse intuito fitava já um espaço entre duas galantes raparigas, que n'aquelle momento fallavam ao ouvido e riam, quando escutou a voz de Clara, que lhe dizia do outro lado da eira:

—Venha para aqui, snr. Daniel, se lhe agrada a companhia.

E, arredando-se d'uma velha meia mouca e cega, que tinha á direita, Clara offereceu a Daniel o logar, que elle pedia.

A este não desagradou a collocação e apressou-se a tomar assento, junto de sua futura cunhada.

Uma tal solução foi para todos satisfatoria—a não termos de exceptuar talvez muitas das raparigas, que mais repugnancia tinham mostrado em conceder junto de si o logar pedido, mas que não desestimariam vêl-o usurpado—contradicções de natureza essencialmente feminina.

Daniel comprehendeu a necessidade de angariar sympathias na assembleia, que o olhava desconfiada.

Principiou por distribuir cigarros por alguns dos circumstantes, que fumavam, e, chamando-os a cada um pelos seus nomes—para o que interrogava primeiro disfarçadamente Clara,—a todos dirigiu um cumprimento, que algum tanto os abrandou.

Ás velhas offereceu uma animada descripção vocal da procissão de Cinzas, no Porto; descripção modelo, embora não primasse em exactidão, nem no numero dos andores, nem na designação dos sanctos. No fogo do seu *raptus* inventivo, chegou a fallar em um certo S. Macario, bispo, com grande espanto d'uma velha, cujas reminiscencias da procissão dos franciscanos nada lhe diziam de tal sancto. Daniel inventou-lhe uma biographia, digna de Ribadaneira. As velhas abrandaram a acrimonia dos seus olhares.

E os rapazes? Para com estes experimentou Daniel a receita de Orpheu, para abrandar as pedras, tentou a musica. Achou á mão uma viola e tirou alguns harpejos e executou umas variações sobre motivos da Canna-Verde, que attrahiram a si as sympathias dos que tinham no coração verdadeiros instinctos artisticos.

Para as raparigas não procurou arte de se fazer valer, porque estava elle persuadido—não sei se com fundamento—que quaesquer que fossem as apparencias, não lhe deviam ellas ter muito má vontade, sabendo-o um dos mais enthusiastas admiradores do sexo.

Apesar de tudo, não se animava o serão. Reinava ainda um certo constrangimento; a conversa fazia-se por grupos e em voz quasi baixa, e mantinha-se, por assim dizer, desencadeada.

Os unicos a fallarem alto, além de Daniel, que por muito tempo fez, como costuma dizer-se, a despeza da conversação, eram, ás vezes, Pedro, José das Dornas e Clara.

Esta ria ao vêr a difficuldade com que Daniel conseguia esfolhar uma espiga, emquanto ella aviava meia duzia.

—Que desastrado!—dizia Clara—N'esse andar tem que fazer.

—Então como é que se arranja esta cousa?

—Assim, ora repare. Pega-se n'um prego...

—Mas que é do prego?

—Então não sabia pedil-o? Ahi tem um. Mas pega-se n'um prego, e atravessa-se o folhido assim, e depois...

A execução substituiu o resto do preceito. N'um momento estava a espiga esfolhada e na canastra.

—Está prompto—accrescentou Clara.

—Vamos a vêr se eu sei—disse Daniel.—Seguro o prego; prompto... Atravesso o folhelho, ou folhido, ou lá o que é... Até aqui vai bem. E depois... e depois... e depois...

Esta repetição era devida á difficuldade que elle encontrou em executar a ultima parte da operação.

Clara não se fartava de rir e as outras raparigas riam tambem com ella. Algumas faziam ouvir o seu epigramma, com menos rebuços já.

Ainda assim, não se declarára abertamente a confiança, nem se generalisára a conversa. O que cada um tinha a dizer, communicava-o ao visinho mais proximo; este, se julgava a cousa digna de referencia, transmittia-a ao immediato, de maneira que todos a vinham a saber, mas successivamente, e pouco a pouco; cada qual ria por sua vez, e sem aquellas subitas, unanimes e estrepitosas manifestações de alacridade, desafiadas por um bom dito, ao soar imprevista e simultaneamente aos ouvidos d'uma assembleia inteira.

Havia em todos vontade de modificar esta feição séria e retrahida do serão; mas ninguem tinha coragem de emprehender a revolta.

De mais a mais, nem uma só espiga vermelha apparecia a offerecer um pretexto á realisação d'este desejo tacito de todos.

Clara foi a unica, n'estas condições, a quem sobraram animos para fazer alguma cousa decisiva. Levantando a voz argentina e sonora, que todos os presentes conheciam bem, principiou a cantar:

> Andava a pobre cabreira
> O seu rebanho a guardar,

Todas as vozes de raparigas, como por impulso commum, juntaram-se em côro e terminaram na mesma toada a quadra:

> Desde que rompia o dia,
> Até a noite fechar.

Clara continuou:

> De pequenina no monte,

E proseguiu o côro:

Nunca teve outro brincar.
Nas canceiras do trabalho,
Seus dias vira passar.

A letra e a musica d'esta cantiga ou xacara popular commoveram intimamente Daniel, despertando-lhe memorias amortecidas, avivando-lhe imagens, quasi apagadas, entre as quaes uma, mais suave que todas, o enlevava. Era a da pequena Guida, da sua companheira de infancia, a quem tantas vezes ouvira aquella simples canção, que fallava tambem d'uma guardadora de rebanhos, como ella era. Na voz de Clara alguma cousa julgou Daniel descobrir da da innocente creança, que recebera então as primicias do seu coração infantil, mas apaixonado já. Esta primeira analogia, fez-lhe notar que no olhar tambem, no gesto e no rir a havia igualmente e isto obrigava Daniel a fitar em Clara olhos mais observadores, que nunca.

Dentro em pouco esquecera-se do que primeiro o levára á contemplação e, sem já pensar na pequena guardadora de rebanhos, continuava a olhar para Clara com uma attenção não encoberta.

No entretanto Clara continuava cantando:

Sentada no alto da serra
Pôz-se a cabreira a chorar.

E as raparigas todas seguiam:

Porque chorava a cabreira
Agora haveis de...

—Milho rei! milho rei! milho rei!—rompeu de um lado uma voz, e esta triplice exclamação tudo pôz em desordem; interrompeu o canto, e arrebatou Daniel á doce contemplação em que se deixára cahir.

Aquelle grito partira de José das Dornas, que fôra o primeiro, a cujas mãos concedera a sorte, emfim, uma espiga vermelha.

A festa mudou subita e completamente de caracter.

Á exclamação do lavrador respondeu um grande alarido na assembleia. De todos os lados se pedia o cumprimento da lei das esfolhadas. Cabia pois a José das Dornas fazer a primeira distribuição de abraços.

O alegre lavrador não se fez rogar.

Seguiu-se então um espectaculo eminentemente comico. José das Dornas ergueu-se do logar onde estava, para correr, um por um, todos os outros e, com profusão de abraços, dar o exemplo de observancia á lei reguladora da festa.

Todo este ceremonial foi acompanhado das gargalhadas dos espectadores e entremeado de observações jocosas do officiante, o qual fazia valer sobre maneira o acto, graças ao genio folgasão, que Deus lhe déra.

A cada rapariga, que abraçava, José das Dornas, prolongando mais o abraço, dizia com visagens e gestos, que faziam estalar de riso os circumstantes:

—Na minha idade, aos setenta annos, só o *milho rei* me podia dar d'estas fortunas! Ainda bem que a sorte m'o trouxe ás mãos.

Ao abraçar os homens, observava elle, com certo ar de desconsolação, comicamente expressivo:

—Que bello abraço desperdicei agora!

Passando pelos filhos, abraçou-os tambem, dizendo-lhes:

—Rapazes, tenham paciencia. Eu sei que não são d'estes abraços, que vós quereis. Mas é lei, é lei. Os outros virão a seu tempo.

A um criado, disse, meneando a cabeça:

—Ah! maroto! Ser obrigado a abraçar-te, quando tanta vontade tinha de te apalpar d'outra maneira as costas! Ora vá, que talvez te não gabes d'outra.

O certo é que, depois d'isto, começou a animar-se a esfolhada. As espigas vermelhas, como se attrahidas pelo bom acolhimento feito á primeira, appareceram successivamente a differentes mãos e cada uma, que apparecia, dava logar a episodios graciosos e a prolongada hilaridade.

Ás vezes era uma rapariga timida e acanhada, que não queria cumprir a sentença; e então todas as vozes se reuniam a exigil-a; e ella a recusar-se, e os visinhos a empurral-a, e todos a applaudirem, e a rapariga, sorrindo e enleiada de confusão, a correr a roda, e alta vozeria a celebrar com ovações a victoria sobre a rebelde; outras, era um velho ou velha, a quem faziam tropeçar, ao abaixar-se para dar um abraço, e que depois cobriam desapiedadamente de montes de folhelho, com approvação e coadjuvação geral da parte joven dos serandeiros; outras, um rapaz destemido, que, pela terceira vez, reclamava abraços, e contra o qual se tramava uma conspiração mulheril, a contestar-lhe a legalidade das pretenções,

accusando-o de fraude e de trazer de casa as espigas vermelhas, de que se valia; animava-se então a discussão, mas a final sempre se davam os abraços.

Todos porém acceitavam as excepcionaes liberalidades d'esta noite de tradicional folgança, com a consciencia de que não poderiam nunca fazel-as valer a justificar ulteriores e mais arrojadas aspirações.

Havia porém um espectador e actor d'estas scenas nocturnas que, por circumstancias, faceis de prever, não estava muito de animo a receber com a mesma frieza as concessões do estylo.

Esse era Daniel.

Havia muitos annos, que elle não tomára parte n'estes serões, de fórma que, ao participar dos privilegios, que, só em occasiões taes, lhe podiam ser concedidos, não conservava, no mesmo grau que os seus companheiros, a tranquillidade de espirito e o sangue frio, com que os outros contavam, ao sahir d'alli, dormir um somno socegado e livre de pesadelos.

Todos poderiam receber d'uma rapariga um abraço e esquecel-o logo depois; Daniel é que difficilmente conseguiria affazer-se a isso.

Além de que, a noite era de luar; d'aquelle luar de que fallei, magnetico, inebriante, que exalta a imaginação, que a inquieta, e nos predispõe a sonhar! E então uma imaginação como a de Daniel!

Havia de mais a mais uma outra circumstancia, que concorria para produzir n'elle estes effeitos excepcionaes.

As raparigas não lhe concediam os abraços, marcados pelos estatutos da festa, com a mesma prompta familiaridade, com que os outros os obtinham. Não obstante ter cessado já o constrangimento do principio da noite, e não pesarem em ninguem as primeiras prevenções contra o cantor das trigueiras, comtudo, na occasião critica, no momento do abraço, havia nas menos timidas um ar de pudica hesitação, nas faces adivinhava-se-lhes um rubor, no baixar dos olhos uma eloquencia, que centuplicavam o valor dos taes abraços e, forçoso é confessal-o, alteravam-lhes tambem um pouco a significação.

Quando se concede ou recebe um abraço, córando, é porque palpita o coração; e cada palpitação do coração é um phenomeno cheio de grandes mysterios, que perturbam o pensamento de quem n'elles considera.

O de Daniel não estava muito sereno já, quando chegou a vez a Clara de cumprir a sentença tambem.

Levantou-se immediatamente a irmã de Margarida e, com o desembaraço, que lhe era proprio, começou pela esquerda a sua «via sacra» como ella, rindo, lhe chamou. Pela ordem que levava devia ser Daniel o ultimo, a quem tinha de abraçar. Ao chegar junto d'elle, parte da natural audacia a abandonou.

Já em antes notára ella alguma cousa de particular nos olhares e nas maneiras do irmão de seu noivo, que tinha diminuido a familiaridade, com que ao principio o acolhera, e diminuido á proporção, em que nas outras crescia.

Foi quasi a tremer, que ella o abraçou.

Daniel percebeu-lhe a agitação e sorriu.

Clara, sentando-se outra vez junto d'elle, sentia-se constrangida e não ousava erguer os olhos.

Daniel achava deliciosa aquella subita timidez e começou logo a formar castellos no ar, quasi esquecido de que era a promettida esposa de seu irmão, a mulher, de quem nunca mais desviou os olhos, nem distrahiu as attenções.

Appareceu a final, a elle tambem, uma espiga de milho vermelho.

Daniel mostrou-a, sorrindo, a Clara.

—Visitou-me em fim a ventura—disse-lhe elle.—Graças a Deus! porém mais feliz seria se me fosse permittido cumprir da sentença só aquella parte, que me não obriga a levantar.

Clara quiz responder-lhe, mas nada lhe occorreu, que dissesse.

N'isto uma creança, que estava proxima d'elles, denunciou á assembleia que o snr. Daniel tinha achado um *milho rei*.

Agora já todos foram unanimes a exigir em grandes brados, que pagasse elle tambem o tributo estabelecido.

Daniel não procurou eximir-se; abraçou porém a todos á pressa e distrahidamente, até chegar a Clara. A essa, apertou-a ao peito de maneira a redobrar o enleio, em que se achava já a rapariga.

D'esse momento por diante, Daniel ficou inteiramente dominado por a sua irreprimivel imaginação.

Felizmente as attenções de todos estavam attrahidas pelas peripecias da esfolhada, que a não ser isso, teriam dado que fallar as maneiras do estouvado rapaz em todo o resto da noite.

Clara sentia um acanhamento n'ella pouco habitual; procurava vencel-o, para refrear a imprudente exaltação do seu

visinho, mas todos os esforços eram baldados. Nem parecia a mesma, de timida que estava.

Daniel, por mais de uma vez serviu-se das fraudes usadas por os serandeiros e frequentadores de esfolhadas, para renovar os abraços; e isto sem procurar occultar-se de Clara.

Esta, não lhe denunciando o artificio, deixava assim imprudentemente estabelecer-se, entre ambos, uma certa cumplicidade, que estimulava Daniel.

A isto succederam-se phrases de galanteio, ditas a meia voz, e olhares que a não deixavam; por acaso, encontravam-se-lhes ás vezes as mãos, e Clara sentia que Daniel lh'as apertava nas suas.

A pobre rapariga, inquieta, irresoluta, senão fascinada, nem tentava fugir-lhe, nem ousava reprehendel-o; sentia-se triste, no meio d'uma festa em que todos riam. Triste, ella!

Pela meia noite terminou a esfolhada. Seguiram-se as danças. Clara não quiz dançar; veio sentar-se junto de José das Dornas. Daniel sentou-se outra vez junto d'ella.

Dentro em pouco, o lavrador dormia. Daniel fallava. Fallou sem cessar, mas elle proprio difficilmente poderia dizer em quê. Clara escutava-o em silencio, quasi atordoada pelas commoções da noite.

Aquella maneira de conversar, o que elle lhe dizia, e as palavras, de que usava, tudo lhe era desconhecido; impressionavam-a e agradavam-lhe, como uma novidade. Ella mal poderia explicar o estado do seu espirito n'aquelle momento.

Alguma cousa a obrigava a escutar Daniel, emquanto que outra a mandava desconfiar d'aquellas palavras, que lhe soavam bem, como uma musica melodiosa.

—Mas, Clarinha, repare que ainda não teve uma só palavra que me disesse!—observou-lhe Daniel, por fim, com affectuosa inflexão de voz.

—E que quer que eu lhe diga?

—Pois não se lembra de nada?

—De nada. A minha cabeça não tem n'este momento muito para me dar.

—Oh! mas não lhe peça nada tambem; peça antes ao coração.

—Que posso eu pedir ao coração que lhe sirva?—perguntou Clara, procurando sorrir, mas com visivel constrangimento.

—Se elle não tiver que dar, que se dê a si proprio—respondeu Daniel em voz mais baixa.

—Snr. Daniel!—exclamou Clara, conseguindo, emfim, por

um maior esforço, vencer o seu enleio, e pondo-se subitamente a pé.

Pedro que lhe escutára a voz aproximou-se dos dous.

A vista do irmão fez cahir Daniel em si e alentou-lhe a razão no eterno combate, que sustentava com a phantasia.

Curvou a cabeça e sentiu quasi uns assomos de remorsos por o seu estouvado procedimento n'aquella noite.

—Que tens, Clarinha?—perguntava n'este tempo Pedro á sua noiva—Pareceu-me que te ouvi...

Clara, ainda agitada, apertou o braço de Pedro, como se a procurar protecção, talvez contra si mesma.

—Que tens? diz!—continuou Pedro, já mais inquieto.

—Não é nada.

—Mas tu gritaste.

—Não; é que... A fallar a verdade, não sei o que sinto.

A inquietação de Pedro augmentava.

—Mas então... Dôe-te alguma cousa?

—Não... Olha, sabes? queria-me vêr em casa. Se soubera nem tinha vindo.

—N'esse caso vamos acompanhar-te.

Daniel aproximou-se.

—Está doente Clarinha?

A vista de Daniel exacerbou o estado nervoso, em que se achava Clara.

—Por amor de Deus! deixem-me—exclamou ella com um grito, cheio d'uma impaciencia, quasi febril.

Este grito chamou as attenções.

Todos se aproximaram d'ella.

—Que é?

—Que foi?

—Deu-lhe alguma cousa?

—Está mal?

—Ó Clara, então isso que é?

—Que tens, filha?

E cada qual perguntava a seu modo, e cada qual, a seu modo, respondia e dava um conselho e fazia uma conjectura.

Amigas obsequiosas preparavam-se para desapertal-a. Houve algumas que a quizeram obrigar a beber agua fria; outras esforçavam-se por lhe untar as fontes com vinagre.

—Aquillo são bixas—dizia uma velha, muito entendida em diagnosticos.

—É flato—sustentava, em divergencia com esta, outra collega.

—Com vinagre passa-lhe—dizia a primeira.

—Um golo de chá de cidreira, e é um instante—emendava a segunda.

Clara sentia-se devéras mortificada e tanto que a viram chorar.

—O melhor é acompanharmol-a a casa—disse José das Dornas.—Isso não ha de valer nada. Se não podér ir por seu pé, o João que vá apparelhar a ruça.

A primeira parte do alvitre foi posta em execução.

Clara partiu, servindo-lhe de escolta Pedro, Daniel e um moço da casa.

E a festa da esfolhada acabou assim.

XXX

Ao voltar a casa, na companhia de Pedro e de Daniel, Clara caminhava silenciosa e triste. Os dous irmãos não se achavam com mais animo do que ella para tentar conversa.

Pedro ia pensativo e desassocegado com o subito incommodo da sua noiva, e Daniel, ainda sob o dominio das commoções recebidas aquella noite, que, entre memorias agradaveis, lhe deixára alguma cousa do amargor dos remorsos.

Sem terem trocado uma só palavra, chegaram assim á porta das duas irmãs. Uma luz no quarto de Margarida era signal de que ella não dormia ainda.

Clara, erguendo para alli os olhos, suspirou. Parecia estar invejando o socego d'aquella vigilia, a paz da consciencia que velava assim. Ao despedir-se de Clara, Pedro disse-lhe affectuosamente:

—Boas noites, Clarinha; ámanhã espero encontrar-te melhor.

Daniel aproximou-se d'ella tambem.

—Socegue—disse-lhe.—Não se assuste. Tenha confiança em mim; asseguro-lhe que póde estar tranquilla.

E, como visse que a rapariga o fitava com um gesto de estranhesa e de interrogação, accrescentou:

—Sim; então não vê que sou medico? Affirmo-lhe que póde estar descansada; adeus.

E separaram-se.

De todos tres posso assegurar que nenhum teve um bom somno.

Pedro toda a noite lidou com o receio, de que o incommodo de Clara fosse de gravidade; vieram-lhe á imaginação as mais negras apprehensões a respeito do futuro do seu amor; a cada momento levantava a cabeça do travesseiro para espreitar se, através das frestas da janella, já apparecia a primeira luz do alvorecer. Em Daniel foi uma lucta do senso intimo que o não deixou repousar. Odiava-se e accusava-se com severidade, por haver, de alguma sorte, abusado deslealmente da confiança de seu irmão; mas, cedo, deixava de ouvir esta voz da consciencia, como se distrahido por um espirito maligno, que lhe recordava os encantos de Clara; e, a seu pesar, sentia-se ás vezes quasi desvanecido com esperanças, ás quaes elle proprio tentava cerrar o coração.

Alguma cousa semelhante perturbava tambem n'aquelle momento o espirito de Clara. A cada passo se esquecia a pensar nos diversos episodios do serão e em tudo quanto Daniel lhe dissera; e logo se arrependia e accusava, como d'uma traição feita a Pedro, de ter assim escutado e recordar agora as fallas apaixonadas d'aquelle louco imprudente.

Margarida, antes de deitar-se, veio ter com ella.

—Então divertiste-te?—perguntou-lhe.

—Não.

—E porquê?

—Por quem és, Guida; não me perguntes hoje nada, se és minha amiga. Estou doente.

Margarida assustou-se pela maneira, porque foram ditas estas palavras.

—Doente!—exclamou ella com verdadeira inquietação; e apalpando-lhe a fronte que escaldava:—E tens febre, Clarinha! Bem me dizia o coração; antes não fosses!

—E antes!—disse Clara, suspirando. E calou-se, fingindo que adormecia.

Margarida não conseguiu mais serenar a turbação que lhe produzira o estado da irmã.

—Que succederia lá?—perguntava ella a si mesma.

Foi mais uma que não dormiu aquella noite. Levou-a toda a scismar e a escutar se algum rumor chegava do quarto de Clara.

A madrugada, porém, opéra milagres. Não ha luz como a da manhã para dissipar as visões d'uma imaginação preoccupada. Como esses vultos sinistros, que os sentidos allucinados das creanças medrosas descobrem em cada canto escuro

d'um quarto de dormir, as creações do espirito afflicto desvanecem-se aos primeiros raios da aurora.

Rimo-nos então das nossas apprehensões da vespera, nem comprehendemos os nossos terrores. As sombras d'uma floresta, que a noite nos representa pavorosas, tomam ao amanhecer um aspecto festivo, e mostram-se-nos recamadas de flôres; é tambem a essa hora que uma transformação analoga parece operar-se nas sombras do nosso futuro; temos mais esperança na vida então; aclara-se-nos a nuvem cerrada, que caminha diante de nós, quando ouvimos cantar alvoradas ás aves, que o dia desperta.

Este phenomeno intimo do nosso espirito realisava-se em Daniel e em Clara.

O desgosto de si, os vagos remorsos da vespera, as inquietações mal definidas, dissipou-as o surgir da manhã.

Clara olhou para a irmã, que lhe espiava o despertar, com os labios expressivos de desassombrada alegria.

Daniel vestiu-se, cantando jovialmente; e, sem vislumbres de pensamentos negros, preparou-se para sahir.

Os acontecimentos da noite anterior eram já sem a menor importancia aos olhos de ambos. E que importancia podia ter uma noite de esfolhada? Quem se lembraria de attribuir valor ás liberdades consentidas então?

Clara perguntava a si propria as causas d'aquelles seus excessivos terrores e não os podia justificar.

Quando Margarida, ainda cheia de cuidados, e olhando-a com sollicitude, lhe fallou n'isso, Clara pôz-se a rir.

—Que queres tu que te diga? Nem eu mesma já sei o que me affligia hontem. Não te succede ás vezes isto?

—Em ti é que me admira. É tão pouco do teu genio!— respondeu Margarida, olhando-a fixamente.

—E tambem te prometto que nunca mais me tornarás a vêr assim.

—Deus o queira.

Margarida disse isto, como quem se não dava por satisfeita com a explicação ou com as palavras evasivas de Clara. Ella suspeitava ainda que alguma cousa se tinha passado durante a esfolhada, que a irmã lhe não queria revelar.

Mas Clara conservou tão bem, em todo o dia, a sua jovialidade do costume, que as apprehensões de Margarida acabaram por dissipar-se de todo.

Correram alguns dias depois d'estes acontecimentos. Persistindo ainda os mesmos estorvos ao projectado e decidi-

do casamento de Pedro, passava este o tempo em trabalhos campestres, e Clara, occupando-se na feitura do enxoval, no que era ajudada pela irmã.

Daniel, ainda sem cuidados de clinica, proseguia em excursões venatorias pelos arredores. Havia, porém, muitas occasiões em que elle voltava a casa sem ter disparado um tiro, o que não o affligia demasiadamente.

Pedro renovava então as suas prelecções sobre a caça e instruia Daniel a respeito dos logares da aldeia, mais abundantes n'ella.

Do que Daniel não se esquecia era de passar todos os dias á porta das duas irmãs, que ambas o viam e, póde-se até dizer, o esperavam já. Margarida occultava-se, porém, mal o sentia; Clara, pelo contrario, inclinava-se no peitoril, e, sorrindo, correspondia á saudação do caçador.

Era mais outra inconsideração de Clara. Conseguiu persuadir-se esta boa rapariga que era obrigada áquillo, para compensar a demasiada severidade com a qual, no seu entender, tractára Daniel na noite de esfolhada e sem se lembrar que, não obstante o seu proximo parentesco com elle justificar estas familiaridades, a má reputação, que Daniel gosava na aldeia e a fertil imaginação dos novelleiros locaes, as faziam um pouco imprudentes.

De facto, já nos circulos da terra constava da predilecção de Daniel pela rua em que moravam as duas raparigas; e fallava-se d'isto com certos olhares, com certas reticencias e sorrisos, mais malignamente eloquentes, do que murmurações explicitas.

Escusado será dizer que na loja do snr. João da Esquina encontravam estas meias vozes um ecco admiravel.

Daniel concorreu para exacerbar esses vagos rumores populares.

Um dia, em que se entretivera meia hora conversando da rua para Clara, passou, ao retirar-se, por um jornaleiro, o qual trabalhava a pouca distancia d'alli. Este homem, com aquelle ar de simpleza velhaca, tão vulgar na gente do campo, pôz-se a cantar:

> Caçador, que vaes á caça,
> Muito bem armado vaes;
> Os olhos levas por armas;
> E, em vez de tiros, dás ais.

Ora esta era uma das vezes em que Daniel voltava a casa sem uma victima da sua espingarda, a qual nem chegára a descarregar.

A cantiga do aldeão irritou-o; pareceu-lhe que era uma allusão insolente; mas teve a prudencia de se não dar por entendido e passou sem dizer nada.

No dia seguinte, porém, reproduziu-se o facto.

Voltando outra vez, e á mesma hora, d'uma caçada, igualmente incruenta, ouviu de novo o jornaleiro cantar:

> Singular caçada a tua,
> Arrojado caçador,
> Que, em logar de pennas de aves,
> Só trazes penas de amor.

Era demasiada a ousadia para que Daniel a soffresse. Parou e olhando para o homem, o qual, de attento que estava na tarefa, nem parecia dar por elle, dirigiu-lhe a palavra:

—Ó maroto!

O jornaleiro fingiu reparar então pela primeira vez em Daniel e levando a mão ao chapéo, disse, cortejando:

—Nosso Senhor lhe dê muito boas tardes. O patrão quer alguma cousa?

—Quero avisar-te que andarás com juizo se déres outro geito ás tuas cantigas, quando eu passar por aqui.

—Então que cantava eu? Já nem me lembra, se quer que lhe falle a verdade.

—Pois se terceira vez te escutar, eu te prometto que t'o gravarei melhor na memoria.

E dizendo isto, proseguiu Daniel no seu caminho.

A prudencia do homem aconselhou-o a que não cantasse mais; porém, em compensação, foi d'ahi em diante um dos mais attendidos oradores dos differentes circulos, em que a vida de Daniel era discutida, com aquelle ardor de curiosidade e de bisbilhotice, proprio da aldeia.

A Margarida não dava tambem pouco que pensar a frequencia, com a qual Daniel lhe passava á porta. Sabia já que elle tinha tomado parte na esfolhada, e quasi tudo o que succedera então. O resto talvez que o adivinhasse, conhecendo, como conhecia, o caracter de Clara e os actos irreflectidos que por vezes a prejudicavam. Além d'isso, certos indicios, que não escapam á perspicacia de vistas d'uma mulher que

observa outra, começavam a dar-lhe canceira. E tinha razão para esses receios. Mais alguem os concebera já.

Um dia, o reitor, voltando para casa, encontrou Daniel, a cavallo, debaixo das janellas de Clara e conversando animadamente com ella. O padre não gostou muito d'isto; e logo lhe veio á ideia a primeira e as successivas proezas do seu antigo discipulo. Cortejou-os e passou para diante sem dizer palavra.

Encontrando-se, porém, a sós com Clara, pouco tempo depois, foi-lhe dizendo com um diplomatico ar de naturalidade, estas palavras ambiguas:

—«Escuta, ó Clarita, olha que um enxoval é uma cousa séria. Todos os cuidados e attenções são poucas, quando se está trabalhando n'isso; e tu, minha filha, distrahes-te algum tanto. Se eu estivesse no teu logar, nem trabalhava á janella. É tão facil a distracção ahi!»

Clara respondeu d'um modo galhofeiro, como costumava. Era-lhe difficil tomar alguma cousa a sério.

O padre procurou depois Margarida e disse-lhe:

—«Lembras-te do que te recommendei ha tempos, Margarida? Não tires as vistas de Clara. É uma espionagem necessaria e para bem d'ella; por isso não deves ter escrupulos em fazel-a.»

—«E porque me repete agora outra vez essa recommendação, snr. reitor!»

—«Eu cá me entendo. Faz o que eu te digo, Margarida.»

E, ao retirar-se, dizia comsigo o bondoso parocho:

—«Tambem não sei que demoras são estas com o tal casamento! É preciso dar aviamento a isto.»

As palavras do reitor augmentaram a preoccupação de Margarida, parecendo vir justifical-a. Mas como aconselhar a irmã, se ella lhe furtava todos os ensejos de confidencias? Margarida fez o que o padre lhe ordenára. Pôz-se a espiar Clara. Foi uma amarga prova para aquelle caracter feminino e por dous motivos diversos:—repugnava-lhe o papel, que se julgou obrigada a desempenhar, e depois, a execução d'elle a cada instante lhe estava valendo descobertas, que dolorosamente lhe rasgavam o coração.

Ella percebeu que em Clara se passava alguma cousa de singular.

Ao apparecer Daniel, ou quando ao longe lhe soavam os passos, já os olhos de Margarida viam espalhar-se, pelas faces da irmã, uma turbação pouco discreta; era com não dis-

farçada vivacidade, que se curvava para o vêr passar, e com voz alterada de sobresalto, que lhe respondia e conversava com elle.

Todas estas observações inquietavam Margarida. Padecia pela felicidade de Clara, que via ameaçada assim, e por si, cujas antigas illusões, cujo sonho occulto, que, apesar de não ter confiança na sua realisação, ella acalentava ainda, se iam pouco e pouco desvanecendo,—e em que desprestigiosa realidade!

XXXI

Uma tarde, estavam as duas irmãs sentadas a trabalhar, á janella do lado da rua.

A luz do sol apenas dourava já os cimos dos montes mais elevados e longinquos. Aproximavam-se as horas, ás quaes Daniel costumava passar alli.

Já por mais d'uma vez dirigira Clara a vista para o caminho que elle ordinariamente seguia; era uma vereda ingreme e tortuosa, que vinha do alto da collina á planura, onde estava situada a casa, e d'ahi descia ao valle—centro principal do povoado.

Porém, sempre que os olhares de Clara tomavam aquella direcção, encontravam-se com os da irmã e instinctivamente se abaixavam logo.

Margarida não estava tambem tranquilla aquella tarde. Em toda a physionomia d'ella, em todos os gestos e palavras denunciava-se, por signaes evidentes, um violento desassocego interior.

De quando em quando, voltava-se para Clara, como se resolvida a fallar-lhe, a communicar-lhe alguma cousa que a preoccupava; mas, n'um momento, parecia abandonal-a a resolução, e permanecia silenciosa.

O estado de espirito d'uma e d'outra mal lhes permittia sustentar a conversa, a qual procedera froixa e interrompida, a todo o instante, por frequentes pausas.

D'uma vez, porém, a impaciencia de Clara, ao observar o caminho, por onde era de esperar Daniel, desenhou-se-lhe tão expressiva na physionomia, que isto deu animo a Margarida para vencer a hesitação, com a qual luctára até alli. Fixando a vista na costura em que trabalhava, principiou dizendo, em tom de gracejo:

—É na verdade uma pena, Clara, que tu, que tens tão bonitos olhos, teimes em os trazer assim fechados.

—Fechados! Que queres tu dizer, Guida?

—Que os fechas para muita cousa, que é sempre perigoso não vêr, filha.

—Não te entendo—disse Clara sorrindo.

Margarida proseguiu:

—Mas isso é genio teu. Tu andas no mundo, como de noite, pelos caminhos da aldeia. Não te lembras quando, no outro dia, sahimos mais tarde de casa do nosso pobre mestre? Fazia muito escuro. Eu, a cada passo, estava a parar; parecia-me por toda a parte vêr fojos e barrancos, e tu rias-te de mim e seguias sempre para diante, com uma confiança naquella escuridade, como se realmente tudo fosse estrada direita.

—E olha que não cahi!—observou intencionalmente Clara, que julgou principiar a comprehender o sentido das palavras da irmã.

—Não; é certo que não. Parece que ha alguma estrella que protege quem é assim animoso; como se todo esse animo não fosse outra cousa senão a mão do anjo da guarda a guial-o, sem se mostrar. Mas olha; lembras-te quando uma vez, voltando assim de noite a casa e sem escolher caminho, vieste dar aos lameiros dos Casaes? Viste-te obrigada a tornar para traz, e, como se adiantava a noite, tiveste de ir ficar a casa de tua madrinha, nos Cabeços. Que susto que eu tive. Sancto Deus! se eram já altas horas, e tu sem chegares!

—É verdade. E por signal, que me mandaste procurar.

—Mandei. Imagina lá como eu fiquei, como ficamos nós todos, quando, sendo quasi madrugada, nos voltaram a casa com uma das tuas argolas das orelhas, que tinham encontrado meia enterrada nos lameiros.

—Tinha-me cahido lá, tinha.

—Julgamos-te perdida, morta. Ainda não havia muito que lá morrera afogado aquelle pobre cabreiro. Has-de estar certa? Que noite passei, Nossa Senhora! E tu...

—E eu a dormir muito descansada em casa de minha madrinha. Podéra não. Imagina tu que eu tinha andado... legoas talvez.

—Mas ahi está como, sabendo-te salva, como d'essa vez te sabias, os outros, por alguns signaes mentirosos, como aquelles, te podem julgar... perdida.

E Margarida calou-se, depois de fazer esta observação.

Clara olhou algum tempo para a irmã, sem dizer palavra tambem; em seguida replicou, parando de trabalhar:

—Falla-me claro, Guida. Dize o que me tens a dizer. Que precisão tinhas de vir com isso, para me dares um conselho? Alguma cousa fiz eu, que te desagradou. Vamos, dize o que é. Acaso já deixei de escutar-te alguma vez como tu mereces?

—Tens razão, Clarinha. Eu devia ter mais animo para te fallar... para te dizer certas cousas, vendo como tu me attendes sempre... Mas, que queres? ao mesmo tempo, tenho tanta confiança em ti, que pergunto a mim mesma se valerá a pena estar a mortificar-te assim...

—Mas então que mal tenho eu feito?

—Ora! que responda a tua consciencia, Clarinha; pergunta-lh'o.

—Não sei...—disse Clara, um pouco perturbada.

—Não é de nenhum peccado mortal que ella te accusará, de nenhum crime muito negro; socega. Mas d'uma culpasita... d'uma fraqueza d'essa cabeça, um pouco mais leve, do que para uma noiva se queria.

—Bom. É o sermão do costume. Já vejo—disse, sorrindo, Clara.—Sabes ao que acho graça? É a não ser o Pedro que o préga. Esse tinha mais desculpa. Mas então que fiz eu assim de maior?

—Ora vamos. Para que precisas que eu t'o diga? Ia affirmar que, agora mesmo, o estás a dizer baixinho a ti propria.

Houve um pequeno silencio entre as duas.

No fim d'elle, Clara ergueu a cabeça, dizendo:

—Sim; parece-me que sei o que é. O snr. reitor já no outro dia me deu a entender o mesmo. É por eu fallar com o snr. Daniel, quando elle passa por aqui? Sancto nome de Maria! Como ha de ser isto então? não me dirás, Guida?—continuava Clara jovialmente—Como hei de eu, depois de casada, deixar de conversar com o irmão de meu marido? Que ideia fazem de mim, tu, o snr. reitor e todos, os que n'isso reparam?

—Bem vês, Clarinha, que não é de ti que eu receio. Conheço-te. Mas, tu bem sabes, o snr. Daniel é... dizem d'elle... passa por...

E Margarida hesitava, ao procurar exprimir a opinião pública a respeito de Daniel, porque todas as phrases lhe pareciam demasiadamente duras e severas para o caracter d'elle.

—Nem sei o que me parece ouvir-te dizer isso. Ainda que elle fosse o que por ahi dizem, conserve-se uma pessoa no seu logar, que nada póde temer. Querias talvez que eu fizesse como aquella gente, no outro dia, na esfolhada, que toda se encolhia quando elle chegou?

—Na esfolhada?—disse Margarida, ainda sem olhar para a irmã—Ora que tu ainda me não contaste nada do que se passou lá n'essa noite!

Esta allusão embaraçou manifestamente Clara, que se apressou a dizer, como se a não tivesse ouvido:

—E demais, não tens tu escutado todas, ou quasi todas as conversas do snr. Daniel commigo? Ahi tens estado por dentro da janella e sem que elle o saiba. De que o ouves fallar? Diz-me alguma cousa, que eu não deva ouvir? Conta-me o que viu na cidade, o que leu, historias, versos...—e como conta bem!—e queres que eu me não entretenha a ouvil-o, quando tu mesma, ás vezes, sim que eu bem tenho reparado, deixas de trabalhar e ficas quieta a escutal-o tambem! Então que ha n'isto de mal?

—Mas então? Já se falla. Que se lhe ha de fazer? O mundo tem maldades e nós vivemos no mundo... Ha gente de tão más tenções, que, só pelo gosto de fazer mal, póde ir ás vezes inquietar o espirito de Pedro com historias mentirosas, e d'ahi sabe Deus...

O ruido d'um cavallo a trote, que vinha do lado dos montes, interrompeu o dialogo. Clara dirigiu para lá os olhos e viu um cavalleiro que se aproximava, saudando-a de longe.

Era Daniel.

—Olha; fallai no ruim...—disse ella, para Margarida, que instinctivamente retirou a cadeira da janella.

—Vaes vêr—proseguiu Clara—como eu sou amiga de fazer vontades. Vou acabar com isto, já que assim o querem... isto é, já que assim o queres; pois dos outros bem me importava a mim.

—O melhor é...—ia a dizer Margarida, quando a voz de Daniel, fallando da rua para a janella, a obrigou a calar.

—Muito boas tardes, Clarinha—dizia elle.—Receiava não a vêr já hoje, por isso obriguei este pobre animal a um trote por estes caminhos de cabras abaixo, que muito pouco lhe agradou.

—Então tinha que me dizer?

—Nada. Era para não perder o meu dia. Quando vi fe-

chadas as folhas da mimosa da Quinta da Freira, temi vir encontrar já fechada tambem a sua janella, Clarinha.

—Era pena!—disse Clara, sorrindo e depois, debruçando-se ao peitoril, accrescentou, lançando com disfarce um olhar para a irmã:—Tenho a pedir-lhe um favor, snr. Daniel.

—Que felicidade para mim! Diga.

—Quando, de hoje em diante, voltar para casa, não ha de vir por este sitio.

—Clara!—disse Margarida em voz baixa, puxando pelo vestido da irmã.

Clara não a attendeu.

—Porque me faz esse pedido?—perguntou Daniel admirado.

—Porque, segundo me dizem, déram-lhe para reparar por ahi n'estes seus passeios e então, para não inquietar o mundo...

—Clarinha, que estás a dizer!—murmurava Margarida, escondendo-se por detraz da irmã.

Clara fingia não ouvil-a.

—Tenho-a offendido por acaso alguma vez?—perguntou Daniel.

—Em cousa nenhuma. Bem vê que eu digo, que é pelo mundo...

—Então, deixe fallar o mundo.

—Isso não é assim. Talvez o fizesse se não fosse noiva; parece-me até que o fazia; mas assim...

—Esta vida da aldeia!...—exclamou Daniel, n'um tom de supremo enfado—Esta vida de mexericos e de maledicencias velhacas! Praga maldicta das terras pequenas, onde faltam cousas sérias em que pensar! Ora vejam no que esta gente se occupa! Em saber o que eu faço, como vivo, para onde vou, com quem converso; e isto entretem-na! Então repararam já em eu passar por aqui? Como se não fosse cousa muito natural, conversar comsigo, Clarinha. Pois não somos nós parentes quasi?

—Isso dizia eu á...

Um signal de Margarida obrigou-a a interromper-se. Limitou-se a dizer, mutilando a phrase e mudando de inflexão:

—Isso dizia eu.

—A final, não ha como viver na cidade—continuava Daniel.—Lá póde um homem conversar com uma senhora, apertar-lhe a mão até, que ninguem repara n'isso. Aqui, andam

a espiar tudo o que se faz e a tomar tudo a mal. Que costumes estes!

E Daniel proseguiu n'uma longa imprecação contra a vida campestre, exaltando a urbana, o que demorou, ainda por muito tempo, a conversa.

No fim d'ella, renovou Clara o pedido e conseguiu que Daniel, depois de alguma resistencia, lhe dissesse a sorrir:

—Pois bem; esteja certa que eu farei com que não fallem de mim. Não me hão de vêr mais aqui.

E partiu.

—Estás satisfeita?—perguntou Clara, voltando-se para a irmã, logo que o perdeu de vista.

—Não—respondeu esta.

—Porque não?

—Queria que fosses tu a que deixasses de apparecer e não lhe fallasses assim.

—Por outra—observou Clara, levemente despeitada—querias que eu fosse grosseira.

—Não—respondeu Margarida, abraçando-a—queria que fosses prudente.

XXXII

Daniel cumpriu a promessa que fizera.

No dia seguinte, á hora costumada, não passou por casa das duas raparigas.

Era para admirar n'elle esta prompta condescendencia ás opiniões do público.

A propria Clara não tinha esperado encontral-o tão docil; não ousamos dizer que tambem o não tinha desejado, ainda que dos frequentes olhares que dirigia para o sitio, d'onde todos os dias costumava vêl-o apparecer, alguem tiraria talvez essa illação.

Cerrava-se a noite. Havia muito que o toque das Ave-Marias tinha ido perder-se nas mais distantes serras, que limitavam o horisonte. O fumo das choças e das herdades diffundira-se sobre a aldeia. O zumbido dos ralos, essa incommoda symphonia, com que rompem no estio as harmonias do crepusculo, era atordoador.

Principiavam a scintillar as estrellas no céo; apenas, muito para o occidente, uma estreita facha luminosa restava ainda do dia que fenecera.

Clara sahiu de casa em direcção a uma pequena fonte que havia nas proximidades d'ella, e ao fim da estreita rua, que acompanhava o muro do quintal.

De dia, era esta fonte muito procurada em virtude da excellencia das aguas, gabadas, de tempos immemoriaes, pelos clinicos da localidade, quasi como milagrosas em infinitos casos de doenças; não obstante a quasi absoluta carencia de principios medicinaes não justificar a nomeada.

Depois das trindades, porém, o solitario e sombrio do logar, afugentava a gente supersticiosa do campo.

Clara, creada de pequena por aquelles sitios, e, desde então, costumada a não os temer, de proposito escolhia estas horas para mais á vontade fazer a sua provisão de agua e demorava-se alli sem a menor sombra de terror, antes cantando sempre, com animo desafogado.

Como o leitor de certo prevê, não era nenhum monumento architectonico a fonte de que fallamos.

Imagine-se uma bocca de mina, aberta na base de um pequeno outeiro, o qual, todo assombrado de pinheiraes, se prolongava a distancia, na direcção do norte da aldeia; uma telha, meia quebrada, servindo de bica; e, a receber o abundante e inesgotavel jôrro de agua limpida, uma bacia natural, por elle mesmo cavada, e onde á vontade vegetavam os agriões, ávidos de humidade.

Do pinhal sobranceiro descia-se á fonte por alguns degraus grosseiramente abertos, havia muito tempo, no terreno saibroso do outeiro, e aperfeiçoados pelo trilho quotidiano dos que se serviam dos atalhos do monte com o fim de encurtar distancias d'alli a diversos pontos da aldeia.

Ao lado, e separado alguns passos da fonte, abria-se um d'esses enormes barrancos, rasgados pelas torrentes de successivos invernos e cuja entrada quasi disfarçavam os troncos robustos dos fetos e das giestas que, crescendo livremente, haviam attingido proporções quasi tropicaes.

Quando Clara chegou á fonte, não havia lá ninguem.

A cantar, aproximou-se d'ella e, ajoelhando, principiou a encher o cantaro de barro, que trazia.

A agua cahiu ao principio resonante no interior do vaso; depois amorteceu gradualmente o som, á medida que subia o nivel do liquido; este dentro em pouco trasbordava.

Clara ia levantar-se. Na posição em que estava, tinha voltadas as costas para a entrada do barranco. N'este momento pareceu-lhe ouvir algum rumor d'aquelle lado.

Não foi superior a um vago sentimento de susto. Voltou-se inquieta. Deu com os olhos n'uma fórma escura, e em breve reconheceu mais claramente ser um vulto de homem, que se aproximava d'ella.

Soltando um grito, Clara ergueu-se de subito para fugir.

Segurou-a a tempo um braço e fallou-lhe uma voz conhecida:

—Que vai fazer? Não se assuste. Sou eu.

Era a voz de Daniel.

—Sancto nome de Jesus!—exclamou Clara ao reconhecel-o e ainda tomada de susto—O que faz por aqui?

—Vim vêl-a—respondeu Daniel, com a maior naturalidade.

—Então é assim que cumpre o que hontem me prometteu?

—Pois que prometti eu, senão fazer com que me não vissem? É o que faço vindo agora só e aqui.

—É peior, muito peior isto—disse Clara, lançando em volta de si um olhar de inquietação.

—Não é—continuou Daniel.—Pois não me disse que não desconfiava de mim? Não foi só por condescender com os reparos tôlos de meia duzia de curiosos e de velhacos que me pediu... que exigiu de mim que não viesse? Fallando-me assim, n'este sitio e a esta hora, não póde receiar de ninguem. Lembra-se de me haver dito que o povo tinha medo de passar de noite por aqui?

—Mas... apesar d'isso.... Jesus, meu Deus!—continuava Clara, sobresaltada—E para que havia de procurar fallar-me? que tem que me dizer?

Daniel sorriu.

—Que pergunta a sua, Clara! Imagina lá a minha vida na aldeia? Devoram-me desejos de conversar. Mas não tenho com quem. Privando-me de a vêr, Clarinha, afastava-me da unica pessoa, das que até agora tenho encontrado, com quem se póde sustentar uma conversa seguida e agradavel. Veja se não seria crueldade prohibir-me...

—Não diga isso—respondeu Clara.—Eu entendo-o ás vezes, sim; mas é quando todos o entendem tambem; quando a sua conversação mais me entretem, tenho notado que muitos o escutam como eu, com attenção. Mas d'outras vezes...

N'este ponto Clara reteve-se, como se receiasse terminar.

—D'outras vezes?...—repetiu Daniel, sorrindo.

—D'outras vezes não o entendo, e é sobretudo quando falla só para mim.

—Não me entende?—perguntou Daniel, com uma inflexão de voz, que fez estremecer Clara.

—Não, não o entendo, porque não posso... porque não quero... porque não devo acreditar na verdade, do que me parece entender.

—E quando lhe fallei eu assim, diz-me?

—Um dia, começava a fallar-me d'esse modo em casa d'aquelle doente que foi vêr. D'outra vez...—Oh! e d'essa!... —foi n'aquella noite da esfolhada, em casa de seu pae.

—E não me entendeu n'essa noite?

—E queria que o entendesse?

—Pois não deve ser o desejo de quem falla?—perguntou Daniel, d'um modo jovial.

—Eu ouço dizer que ha muitas pessoas que fallam a dormir; quanto dariam esses por não serem entendidos então?

—Mas eu nunca fui somnambulo, Clarinha.

—Tanto peior para si.

—Porquê?

—Porque então é mau.

—Mau!

—Mau sim. Eu não sei de maior maldade do que a daquelles que andam por ahi a inquietar o socego das familias, a alegria dos corações, e só por gosto de fazer infelizes.

—Então eu...

—Basta, snr. Daniel. Se é homem de bem, retire-se ou deixe-me retirar—disse Clara, com um ar de seriedade e nobreza, que o impressionou.

Dando tambem ás suas palavras um tom mais grave, Daniel respondeu:

—Escute, Clara. Acredite que não falla com um homem de sentimentos perdidos; escute-me, e tranquillise-se. Eu reconheço em mim um principio mau, é verdade; mas creia que lhe não ando tão sujeito, que nem comprehenda já a força dos meus deveres. Conceda-me ainda um pouco de consciencia. Ás vezes, muitas vezes até, deixo-me arrastar por esta força, que me leva a loucuras, que chega talvez a aproximar-me d'uma vileza... mas, ao chegar ahi, até hoje tenho resistido, e espero... Perdoem-me isto, por quem são. Cedo me verão arrependido.

—Cedo! e quando é cedo ou tarde? sabe-o lá? Quem lhe ha de dizer que é cedo? Cedo para si, poderá ser; e para os

outros, tambem? Ha poucos dias, que todos por ahi fallavam d'uma pobre rapariga, a quem, por divertimento, o snr. Daniel trazia quasi douda. Está arrependido, não é verdade? Mas arrependeu-se cedo para ella? Ámanhã poderiam dizer de mim...

—Que hão dizer, Clarinha? Essa rapariga, de que falla, não fui eu que a fiz douda; engana-se; encontrei-a já assim. Eu não trabalhei para a perder; tambem se engana; os seus é que se esforçaram por a darem por perdida. A Clarinha esquece que, a si, todos a respeitam e que...

—Não é assim. Em que sou eu mais do que as outras? Ninguem está acima das vozes do mundo. E se até agora tinha razão para não me importar com ellas, por me não julgar culpada, teria de as temer, se continuasse a ouvil-o aqui. Adeus.

—Vejo que me enganava ainda hontem, dizendo-me que tinha confiança em mim. Esses receios...

—Enganaria; mas enganava-me a mim mesma tambem. Eu não sei mentir. E a prova é, que sinceramente lhe digo agora, que desconfio.

—De mim?!

—De si, sim; porque não? As suas acções não são leaes. Vê que, vindo procurar-me aqui, me póde perder e não se importa fazel-o; peço-lhe que se retire, e teima em ficar; peço-lhe que me deixe retirar, e impede-m'o. Brinca assim com a minha reputação, sem se lembrar que sou quasi já a mulher de seu irmão, quasi a filha de seu pae, quasi sua irmã tambem. Diz que sabe quaes são os seus deveres... e como é que os cumpre então? Se Pedro passasse por si, n'este momento, e lhe abrisse os braços, como a irmão que é, teria valor para o abraçar, diga? Não fugiria antes d'elle como um criminoso? Falle.

Daniel curvava a cabeça, sem coragem para responder.

Clara proseguiu:

—Peço-lhe, pela alma de sua mãe, que nunca mais me procure aqui, que nunca mais me procure em parte nenhuma. Hontem ainda me ri eu dos avisos que recebia para me acautelar; hoje, já não sinto vontade de me rir. Tinham razão elles, tinham; agora o vejo; e este meu genio é que me podia perder. Se por mim não é bastante pedir-lhe, peço-lhe por seu irmão, por seu pae, por si mesmo, que assim anda a perder o credito de um nome, que nenhum dos seus nunca deixou de honrar.

—Está sendo muito cruel para mim, Clara. Concordo que fui imprudente, inconsiderado, mas... Confesso-lhe que a impressão que me causou e que me causa...

—Snr. Daniel, eu não quero saber os seus segredos. Deixe-me retirar.

—Pois bem, será esta a ultima vez que a procuro; que lhe fallo até, que a vejo, se tanto exigir de mim; mas ao menos d'esta vez ha de escutar-me.

—Mas para que preciso eu escutal-o?—dizia Clara, assustada pelo tom de exaltação em que elle lhe fallava.

Daniel continuou:

—Todos só teem palavras para me censurar, e ninguem ha de vêr um dia claro no meu coração? Ninguem, melhor do que eu, conhece a fraqueza ingenita d'este caracter, que não sabe luctar; mas o que eu não sei, o que eu peço que me digam é o remedio para este mal. Clara não procure fugir, sem ouvir-me. Retirar-se-ia, suppondo-me peior do que sou; como todos que me conhecem. Eu quero que ao menos uma pessoa saiba a verdade a meu respeito. Escute.

E, ao dizer isto, segurava no braço de Clara, que tremia de inquietação.

N'este momento, os passos d'uma cavalgadura a trote rasgado soaram proximos, n'um caminho que vinha terminar defronte do logar onde esta scena se passava.

Clara não pôde reprimir um grito de susto.

—Jesus, que estou perdida!—exclamou ella, e soltando o braço, que Daniel lhe segurava ainda, fugiu na direcção de casa.

Antes, porém, de transpôr a esquina que a devia occultar ás vistas de quem quer que era que se aproximava, e de conseguir fugir pela porta do quintal; o cavalleiro, tendo-a avistado e conhecido, bradava rijo:

—Ó Clara! Clarita! Rapariga! Ó pequena! Pschiu! Eh! Onde vaes com essas pressas! Não são os francezes, socega.

O homem, que bradava assim, era João Semana, que voltava áquella hora d'uma visita distante. Vendo Clara a fugir tão apressada, conjecturou que ella se assustára, suppondo-o algum facinoroso ou mal intencionado, e por isso berrava para lhe fazer perder o medo.

Mas, ao aproximar-se da fonte, o velho cirurgião descobriu alguma cousa, que lhe pareceu procurava occultar-se d'elle.

—Humh!—murmurou comsigo o velho—Pelos modos, o susto da rapariga era d'outra especie... Ha de ser o Pedro.

E accrescentou em voz alta:

—Olá, não fujas, rapaz; não é crime nenhum vir fallar assim com uma noiva; ainda que, para dizer a verdade, escusava de ser tanto ás escondidas, escusava.

E com isto, foi dirigindo o cavallo para aquelle vulto, que parára, desde que viu que não podia fugir sem ser percebido. Á medida que se aproximava, João Semana principiou a duvidar que fosse Pedro o homem da entrevista nocturna.

Parecia-lhe menos corpulento do que o primogenito de José das Dornas.

A esta suspeita, sulcou uma ruga profunda o longo da fronte do honesto celibatario, que decidiu comsigo averiguar aquelle mysterio.

XXXIII

Tendo formado esta resolução, João Semana picou de esporas a sua egoa, a qual, estranhando a insolita amabilidade, d'um salto o apresentou junto de Daniel, que era, como o leitor sabe já, o vulto em questão.

Daniel, vendo-se descoberto, julgou que o melhor partido era entrar em jogo rasgado.

—Boas noites, collega—disse elle em tom prazenteiro e caminhando para João Semana.

Este deu um estremeção na sella, ao reconhecer o seu joven confrade. O não muito favoravel conceito, que ultimamente formava d'elle, em relação a certas qualidades moraes, fel-o agourar mal da sua presença n'aquelle logar.

—Ah! ah! Você por aqui! Anda a fazer versos?

—Ou a inspirar-me para isso.

—Não é mau o sitio, não. E ao mesmo tempo póde dar-se a estudos de chimica tambem; a agua d'essa fonte...

—Já me disseram que era medicinal.

—É excellente.

—Para que molestias?

—Para muitas. Agora o que não sei é se para certos esvahimentos de cabeça tambem servirá. Bom era que sim, que anda por ahi muito d'isso.

Daniel fingiu não entender a allusão, e observou com modo natural:

—Pois... está aqui muito agradavel.

—Ai o sitio é bom, lá isso é. E para caça?! Não gosta de caçar?

—Alguma cousa.

—Pois por estes montes ha caça famosa. Inda agora, quando eu vinha, fugia d'aqui uma... *lebre* e com uma pressa admiravel. Não a viu?

—Não, não vi.

—O que é ser poeta! Não se vê cousa nenhuma. Com os meus oitenta annos vejo eu melhor. Pois é verdade; atravessou n'este mesmo instante por esta rua e... ia jurar até que se escondeu alli, no quintal; pareceu-me vêl-a escapar através d'aquella porta.

—Tens boa vista, João; mas não tão boa que te não passe por alto um amigo velho.

A voz, que dissera estas palavras, parecia vir do ar.

João Semana levantou a cabeça e deu com os olhos no reitor, muito pachorrentamente estabelecido sobre o tronco de um pinheiro derrubado, no topo das escadas, que desciam do outeiro.

João Semana ficou espantado com tal descoberta e só isso o impediu de notar que Daniel o não ficára menos. Quando, porém, desviou para este os olhos, encontrou-o já sem signal de perturbação, e até anediando os cabellos, com toda a naturalidade.

As suspeitas, vagamente concebidas pelo cirurgião, desfizeram-se logo.

—Que diabo fazeis vós ambos aqui? e tu então de poleiro, abbade?!

—É que isso ahi em baixo é humido, como um charco, e eu não quero dar-te que fazer com o meu rheumatismo, João. Mas eu desço, eu desço.

—Não, não, deixa-te lá estar, deixa. Lá por isso...

—Não, que vão sendo horas tambem de me chegar até casa. Pois é verdade—continuava o parocho, apoiando-se na bengala e descendo, com vagar e cautelosamente, os pouco suaves degraus, cavados no saibro do monte—pois é verdade; estavamos nós aqui, eu, com o Daniel e a Clarita, a conversar...

—Ah! bem me pareceu que era ella.

—Era ella, sim. Então que dúvida? Olha que sempre fizeste uma descoberta!

—Mas para que diabo fugia a rapariga, então?

—Diz antes porque diacho não fugimos nós? Mas o meu

rheumatico é que me não deixou. Quando me has de tu dar um remedio para isto, homem?

—É pregar com os ossos nas caldas, querendo. Mas, dizias tu, fugir! Para que haviam de fugir de mim?

—De todos. Quando se conspira...

—Então vocês?...

—Conspiravamos, sim, senhor. Aqui mesmo onde nos vês, estavamos a combinar uma cousa...

—Que diabo era o que combinavam?

—Combinavamos...

O reitor achava-se um pouco embaraçado por nada lhe occorrer a proposito; por isso exclamou, para contemporisar:

—Que maldito costume que tu tens, João, de estar sempre com o nome do inimigo na bocca! Perde-me esse geito.

—Pois sim, sim; hei de fazer por isso, apesar de que já vou um pouco tarde. Eu digo agora como aquelle franciscano, a quem reprehendiam por, já de idade avançada, cahir ainda na fraqueza, em que Noé cahiu: «Já agora hei de morrer com isto, dizia elle; porque de duas uma: ou já estou condemnado e então não sei que lhe faça; não vale a pena a emenda; ou não estou, e quem póde perdoar uma bebedeira de quarenta annos, não deve pôr dúvida em perdoar a de meia duzia mais.»—Mas então em que combinavam vocês?

A renovação da pergunta, depois da referencia do caso, fez perder ao reitor as esperanças de eximir-se a responder. Quando João Semana conservava uma ideia fixa, através da narração d'uma anecdota de frades, era para difficilmente a deixar.

Conhecendo isto por experiencia, o reitor resignou-se, e ainda sem saber o que dizia, principiou a responder:

—Combinavamos...

E, fingindo arrepender-se, exclamou:

—Mas é boa essa! Não ha se não perguntar. Tu não deves entrar no segredo. A cousa é entre nós tres.

—Homem, diz lá o que é. Que diabo...

Um gesto do parocho obrigou João Semana a corrigir-se.

—Que S. Pedro de escrupulos são esses agora?

A substituição do nome do espirito maligno pelo do apostolo não lhe valeu a resposta que pedia, e que o reitor de boa vontade lhe déra, se a tivesse para dar.

—E a teimar!—dizia o padre, ganhando tempo—Sempre és um curioso!

Daniel interveio emfim.

—Olhe, snr. João Semana, basta que saiba, e depois não pergunte mais nada, que estavamos preparando uma surpreza a meu irmão Pedro, para o dia do casamento d'elle.

O reitor franziu as sobrancelhas, ao ouvir Daniel. Apesar do auxilio que elle lhe viera dar, desgostou-o a presença de espirito que mostrava, quando devia estar enleiado de confusão e vergonha; foi por isso que accrescentou com um evidente tom de severidade e irritação:

—Casamento que, se Deus quizer, hei de brevemente abençoar. Estás agora satisfeito, João Semana? Pois é verdade, Daniel meditava grandes novidades para o dia do casamento do irmão, grandes festas por casa d'elle e da noiva, et cætera, et cætera. Mas o seu projecto não mereceu, nem merece, a minha approvação.

Daniel baixou os olhos, ao ouvir aquellas palavras do padre.

Este proseguiu:

—Clara pensa como eu, mas este homem é obstinado e, através de tudo, teima em seguir a sua vontade; mas eu protesto que...

—Vejo que não me entendeu, snr. reitor—disse Daniel, com vivacidade.

—Entendi, entendi, homem. E julgo que não acha a proposito entrar agora em maiores explicações.

Daniel guardou o silencio.

—Mas então não podiam tractar d'isso em casa?—teimou João Semana, que não largava assim facilmente uma ideia, de que se tivesse apossado.

—E a dar-lhe! Não ha que se lhe faça!—dizia o reitor—Homem, nós não queriamos que a Margarida soubesse nada d'isto, porque... porque... Mas tu vaes a cavallo e nós a pé. Segue o teu caminho e apressa-te, que a Joanna já ha de estar com cuidado pela tua demora.

—E eu com vontade á ceia.

—Então porque esperas? Vai com Deus, homem.

—Até ámanhã, abbade. Adeus, Daniel. Olhe lá você como se porta, rapaz. Juizinho!... senão está mal servido com a sua vida. Lembre-se d'aquelle frade...

—Ai, se pegas a contar historias, não chegas a casa á meia noite.

—Pois já não conto.

E, fustigando a egoa, desappareceu cedo da vista dos dous.

Logo que elle se afastou, Daniel ia a dirigir-se ao padre.

—Snr. reitor, foi providencial a sua vinda. Acredite, porém...

O gesto, cheio de severidade, com que o reitor o acolheu, não o deixou continuar.

—Basta. Não quero escutal-o. Explicações não as preciso, porque ouvi tudo; justificações não as tem, não as póde ter, para dar. Boas noites.

E, collocando-se diante da porta das suas pupillas, á frente da qual haviam chegado, afastou-se para deixar passar Daniel.

—Mas...—ia este a dizer.

—Boas noites—repetiu sêccamente o reitor, e tão sêccamente que fez perder a Daniel a coragem para insistir. Curvando-se com respeito diante do velho, retirou-se d'alli.

O reitor, ficando só, entrou em casa das raparigas.

Depois de trocar algumas palavras com Margarida, chamou de parte Clara, e em tom um pouco desabrido, disse-lhe:

—Julgo que recebeste hoje um aviso do teu anjo da guarda, Clara. Olha agora se o aproveitas.

Quando a rapariga, levantando para elle os olhos, ia a interrogal-o, o padre afastou-se, dizendo-lhe simplesmente:

—Adeus.

Dissera bem o reitor.

Clara ouvira de facto o seu anjo da guarda.

Aquella noite, conheceu o perigo do caminho que seguira, a sorrir; e resolveu fugir-lhe. E iria já a tempo? pensava ella.

Da involuntaria entrevista, que tivera com Daniel, sahiria salva de todo? de todo livre de suspeitas?

A voz de João Semana, chamando-a de longe, mostrava-lhe que ella fôra reconhecida. Mas que se passára depois? O reitor parecia tambem estar informado do succedido. Como o teria suspeitado, ou previsto?

Mas por outro lado, o tom moderado das palavras que lhe dissera, levaram-a a crêr, que elle conhecia a verdadeira extensão da sua culpa e não a exagerava.

No meio d'esta corrente de pensamentos, Clara ás vezes estremecia.

Se no dia seguinte, lembrava-se então, se levantasse contra si um d'esses boatos surdos, rapidos a propagar-se, prodigiosos a crescer, que infamam, que mancham de lodo

as mais firmes reputações e inoculam seu veneno subtil n'uma existencia inteira?

A esta lembrança, Clara erguia as mãos com terror.

Aos pés d'uma imagem da Virgem, pedia então misericordia e promettia evitar, d'alli em diante, todas as occasiões de novos perigos.

D'aquella condemnação, cuja lembrança bastava só para a assustar assim, a salvára um acaso... ou antes a Providencia.

O reitor, a cujos ouvidos continuavam a chegar todos os dias vozes desfavoraveis a respeito de Daniel, andava inquieto por causa da assiduidade com que o via frequentar as proximidades da casa das suas pupillas.

Aquellas prolongadas palestras, da rua para a janella, podiam dar que fallar, receiava elle; e cedo viu que effectivamente iam já dando.

Qual não foi, pois, o seu desassocego, quando de casa d'um pobre enfermo que fôra confessar, viu, ás trindades daquelle dia, passar furtivamente e meio disfarçado, um homem, que, apesar de todo o disfarce, o reitor logo conheceu ser Daniel!

Deu-lhe uma pancada o coração e, mal que pôde desobrigar-se da sua sancta tarefa, sahiu apressado, e correu a casa de Margarida, a quem perguntou pela irmã.

Sabendo que n'aquelle momento tinha ella sahido para a fonte, para lá se dirigiu tambem o velho, mas por um outro caminho, que o levou ao proximo pinheiral.

Chegou alli justamente quando Daniel apparecia a Clara; e pôde, sem ser visto, assistir a todo o dialogo entre os dous.

Foi por esta fórma que o reitor, a quem muitas vezes estava confiado o papel de providencia na sua parochia, conseguiu salvar opportunamente a boa fama de Clara, no conceito de João Semana e, provavelmente, na opinião geral da terra.

Se as recordações d'esta noite agitavam o espirito de Clara, não deixaram mais indifferente e tranquillo o de Daniel.

Cruzando a passos largos o pavimento do quarto, velou grande parte da noite.

Poucas provações mais amargas ha para os caracteres humanos do que a de se sentirem desprezados pela propria consciencia.

Experimentava-o Daniel então.

—Teem razão os que desconfiam de mim, pensava elle —conhecem-me melhor, do que eu proprio. Que subtis distincções ando eu a marcar por ahi, entre o meu proceder e o de muitos miseraveis, que me causam tedio e desprezo? Que ridiculas lamentações de homem não comprehendido são as minhas? É no que se vingam sempre aquelles, cujos sentimentos inspiram aversão geral... Clamam que ainda não encontraram espirito ou coração de harmonia com o seu. Vejamos. Pois não é infame o meu procedimento? Que lhe falta para ser completamente infame? Que espero eu de Clara? Para que a persigo? Para que a procurei hoje?—Não hesitei em dar estes passos que, na apparencia, a podem perder... E hesitaria em perdel-a na realidade? Quem m'o assegura? Tenho acaso certeza d'isso?

E, passeando mais agitado ainda, conservou-se por muito tempo sob o dominio d'esta ideia.—Depois continuou com mais exaltação:

—Tenho; sim. Não rebaixemos tambem a tal ponto os nossos sentimentos. Eu sou voluvel, imprudente, inconsiderado; conheço-o e odeio-me, quando me vejo assim; porém não sou perverso, porém não sou capaz d'uma paixão vil, porém não sou capaz d'uma traição infame... Queria que me accusassem de tudo, mas que não me suspeitassem d'isso, e muito menos Clara, essa generosa rapariga, e muito menos o reitor, esse homem honrado... Mas que importam as minhas intenções, se dou logar a que se diga, a que se possa pensar uma calumnia? Se não fosse hoje o reitor, a quem a Providencia parece haver inspirado, que se diria ámanhã n'esta mexeriqueira terra?—De mim, digam lá o que quizerem; mas d'aquella rapariga...—É tempo de me fazer outro homem. E poderei conseguil-o? Este meu temperamento é d'uma mobilidade! Pequenas causas fazem-lhe perder o equilibrio, que por momentos a razão consegue dar-lhe. Será pois isto em mim um mal incuravel? É verdade que os medicos fallam de certos estados nervosos, que pequenas impressões sustentam e exacerbam, e que, muitas vezes, uma profunda commoção consegue serenar, dando a esses temperamentos a estabilidade, que não tinham. O estado do meu coração é um pouco assim. Talvez ainda não experimentasse a tempera, que tem de o fortificar; talvez. Em todo o caso, devo luctar commigo mesmo. Mas poderei resignar-me á má opinião, que de mim conserva aquella rapariga? Não; preciso fallar-lhe uma vez ainda, para que me perdoe e me restitua a sua confiança; serei de-

pois para ella um amigo sincero, um verdadeiro irmão. Hei de fallar-lhe.

Adormeceu, por altas horas, com esta resolução e com ella se levantou na manhã seguinte.

XXXIV

Uma noite, depois de dormido o primeiro somno, ergueu-se Pedro, como sollícito proprietario, para ir rondar um pinhal, distante de casa, onde, segundo informações recebidas, se tinham ultimamente praticado alguns roubos de pinheiros.

Ao vêl-o sahir, o criado mais velho da casa, o mesmo ao qual vimos Daniel disposto a fazer comprehender a theoria dos eclipses, quiz acompanhal-o.

—Deixe-me ir comsigo, snr. Pedrinho.

—Vai-te d'ahi, homem; eu não sou nenhuma creança, para precisar companhia.

—Mas...

—Deita-te; já te disse.

E o noivo de Clara sahiu, de espingarda ao hombro, e assobiando uma toada popular.

Apesar da quasi certeza que tinha de se não encontrar áquella hora com o principal e constante objecto dos seus mais gratos pensamentos, dirigiu o itinerario, com prejuizo da economia de tempo, pela rua em que morava Clara.

É que é já um prazer contemplar os muros, a cujo abrigo se sabe repousar a mulher que se ama; prazer innocente, entre os que mais o são, e que, desde tempos immemoriaes, os amantes saboreiam.

Fique a leitora sabendo que, muitas vezes, emquanto dorme, se lhe estão fixando nas janellas, desapiedadamente cerradas e obscuras, os olhos amorosos de alguns d'esses tresnoitados passeadores.

Á medida que se aproximava do logar, que o obrigára a este rodeio, ia diminuindo Pedro a velocidade da sua marcha.

Chegou perto do muro do quintal e insensivelmente parou. Lembrou-lhe que bem podia ser que, apesar do adiantado da hora, Clara estivesse acordada, pensando n'elle talvez. Que amante deixaria de fazer, nas mesmas circumstancias, iguaes supposições?

Como meio de verificação, pôz-se a cantar:

Meia noite, tudo dorme;
Só eu não posso dormir;
Pois não me deixa este amor,
Que me fizeste sentir.

Depois d'uma pequena pausa, proseguiu:

Este amor, que é minha vida,
Vida do meu coração,
Atraz do qual meus...

A interrupção foi devida a certo rumor, que Pedro julgou ouvir dentro do quintal. Calou-se por isso e pôz-se a escutar.

Tudo cahiu em silencio.

Applicando porém o ouvido á fechadura, pareceu-lhe perceber o murmurio de vozes abafadas.

—Quem anda ahi dentro?!—perguntou em voz alta Pedro, batendo á porta.

Ninguem lhe respondeu.

Continuou a escutar e de novo julgou distinguir o mesmo som.

Ia a interrogar outra vez, mas, reflectindo, mudou de plano.

Continuou o seu caminho cantando:

Este amor, que é minha vida,
Vida do meu coração,
Atraz do qual meus suspiros
E meus pensamentos vão.

E seguiu, cantando assim, até certa distancia da casa; depois, retrocedendo, voltou, com todas as cautelas, para junto da porta d'onde viera o rumor, que o estava inquietando.

—Se fossem ladrões—pensava Pedro—que haviam de fazer as pobres raparigas n'este sitio solitario e sem um braço de homem em casa para as defender?

E este pensamento decidiu-o a não sahir d'alli, sem averiguar aquillo.

O seu estratagema promettia produzir effeito. D'esta vez não era já possivel a illusão. As vozes percebiam-se distincta-

mente e como n'uma conversa acalorada, e entre ellas, Pedro julgou reconhecer uma de mulher.

Então, sentiu elle um doloroso confrangimento de coração. Uma ideia terrivel, subita e sinistra, como a luz do relampago, lhe illuminou o espirito, e, pela primeira vez, concebeu suspeitas, que o fizeram estremecer.

—Se Clara...—murmurou subjugado por aquella ideia. E um tremor convulso passou-lhe pelos membros com tal violencia, que o constrangeu a apoiar-se á ombreira da porta, para não cahir. N'aquelle estado a pulsação febril das arterias das fontes impediu-o de escutar mais nada; o coração palpitava-lhe tão agitado, que o ouvia bater.

O som de vozes tornava-se mais audivel, como se se aproximassem da porta as pessoas, que assim conversavam.

Pedro levou machinalmente a mão ao gatilho da espingarda e ficou á espera, com a vista fixa e a respiração reprimida. Era terrivel o seu olhar n'aquelle momento!

Ouviu-se o voltar da chave na fechadura, a porta abriu-se lentamente e um dialogo, travado a meia voz, chegou aos ouvidos de Pedro; mas a energia da vertigem, que lhe tomára os sentidos, não lh'o deixava perceber, senão de uma maneira confusa.

—Foi para lhe dizer isto, só para lhe dizer isto, que consenti em ouvil-o aqui, dizia uma voz feminina.—Bem vê que seria uma loucura, se continuasse; mais do que uma loucura, seria um peccado até. Agora espero que cumpra a sua promessa. Mostre que é homem de bem. Adeus.

—Adeus—respondia-lhe outra voz.—E perdôe-me se não posso ainda dizer friamente esta palavra. Mas verá que saberei emendar-me. Obrigado pela confiança que teve em mim e... Adeus.

E depois d'isto, um homem, todo envolvido n'uma capa comprida, sahiu da porta do quintal, tendo em antes apertado a mão, que se lhe estendia de dentro.

Pedro mal tinha ouvido e mal conseguiu vêr tudo aquillo; passava-lhe pelos olhos como que uma nuvem de fogo. Correu para este visitador nocturno com a impetuosidade, de que o animava a raiva e, apontando-lhe ao peito a espingarda, gritou com um rugido aterrador:

—Alto, miseravel! Pára, ou estás morto!

O homem ficou immovel.

Dentro do quintal ouviu-se então um grito dilacerante e

a porta, violentamente impellida, veio fechar-se de encontro aos batentes.

Pedro rompeu para o desconhecido, que recuou diante d'elle.

—Quem és? Quero conhecer-te antes de te matar, infame.

E como o embuçado cada vez procurasse occultar-se mais, Pedro lançou-lhe a mão, e, com um movimento rapido, descobriu-lhe o rosto, arrojando ao chão a capa, em que se envolvia. O luar bateu em cheio nas faces do outro.

Reconheceu Daniel.

É inexprimivel em linguagem conhecida o que n'este momento se passou no coração do pobre rapaz.

—Daniel!—bradou elle, suffocado pela intensidade da commoção, que recebera.

Daniel conservava-se mudo e abatido. Dir-se-ia fulminado.

Houve um longo espaço de silencio.

Pedro sentiu que se lhe formava no coração uma tempestade medonha; um raio de razão, que lhe luzia ainda, inspirou-o para dizer em voz, já cava e abafada:

—Por alma de nossa mãe, Daniel, por alma de nossa mãe, sahe d'aqui, se não queres que succeda alguma desgraça.

—Ouve-me, Pedro, escuta-me—tentou dizer Daniel, mas as palavras, a custo, se lhe articulavam e a voz prendia-se-lhe na garganta.

—Daniel, foge, foge d'aqui, se me não queres perder! foge irmão!—bradava Pedro e, como que já sem consciencia, contrahiam-se-lhe espasmodicamente os dedos sobre o gatilho da espingarda.

Daniel ia a fallar-lhe ainda, quando sentiu uma mão pousar-se-lhe no hombro, e em seguida, um homem que, durante o occorrido, se aproximára do logar, veio interpôr-se entre elle e o irmão.

—Retire-se—exclamou este homem com voz severa, voltando-se para Daniel.—Eu tinha previsto esta desgraça!

Era o reitor.

Ia a dirigir-se depois a Pedro, mas já o não encontrou alli.

O padre estremeceu.

—Meu Deus, é preciso evitar algum crime. O rapaz vai louco e...

Pedro batia violentamente com a coronha da espingarda na porta do quintal, que pouco tempo lhe poderia resistir. Daniel, vendo-o, ia a correr em defesa da mulher, cujo futuro perdera talvez irremediavelmente.

O padre susteve-o com uma energia, pouco de esperar d'aquella idade avançada.

—Retire-se—bradou com uma voz vibrante e exaltada. —Não está ainda satisfeito com a sua obra? Quer acabar de perder aquella pobre rapariga?

—Mas elle vai matal-a.

—Estou eu aqui para velar por ella. Cabe-me esse direito, que me foi conferido por sua mãe no leito, onde agonisava. Retire-se!

O reitor n'aquelle momento transformára-se; sublimára-se a ponto de exercer um imperio completo na vontade de Daniel; no olhar do velho parecia haver não sei que influxo magnetico, que obrigou Daniel a baixar a cabeça e a retirar-se, constrangido por irresistivel impulso.

Pedro tinha arremettido contra a porta do quintal com verdadeira desesperação. Um pensamento sinistro o dominava; a raiva do ciume e da vingança perturbava-lhe a razão.

A final a porta cedeu. Pedro penetrou no quintal como um verdadeiro louco; impeceu-lhe porém os passos uma mulher, que lhe cahia aos pés, bradando:

—Pedro, Pedro, não cause, não queira causar a minha perdição!

Este grito fel-o recuar. Á voz d'esta mulher, que o implorava assim, Pedro passou da agitação do delirio á immobilidade do lethargo.

—Que é isto? —bradou em fim, como ao acordar d'um mau sonho—Margarida aqui?!

Era effectivamente Margarida a mulher, que de joelhos e mãos erguidas lhe jazia aos pés.

Desenhava-se no rosto da sympathica irmã de Clara o mais violento desespêro; e quem sabe o que lhe ia no coração!

Era pois Margarida a que tivera a entrevista com Daniel? Esta abençoada suspeita illuminou pela primeira vez as trevas do espirito attribulado do pobre Pedro! Abençoada lhe chamei, pelo conforto que gerou; porque, na horrivel tortura de coração d'aquelle desgraçado, foi um balsamo consolador.

—Margarida—disse-lhe elle, tremulo de incerteza e de esperança—falle-me a verdade. Em nome de Deus, diga-me:

quem estava aqui com Daniel? Diga-me, diga-me tudo, pelo Salvador!

Houve um momento de silencio. Margarida parecia hesitar; por fóra da porta appareciam já alguns rostos de curiosos, que chegavam, attrahidos pelo ruido.

—Quem estava aqui com Daniel?—repetia Pedro.

Na alma de Margarida alguma cousa se passou de terrivelmente doloroso, que quasi a fez desfallecer.

Fechando os olhos, como quem adopta uma resolução desesperada, como quem se despenha n'um abysmo, respondeu com a voz tremula, mas perfeitamente intelligivel:

—Era eu!

A turbação, em que estava, não lhe impediu de perceber o sussurro de vozes, que, de fóra da porta, acolheu esta resposta.

Pedro, alheio a tudo o que o rodeava, erguia as mãos para o céo; e rebentando-lhe as lagrimas dos olhos, exclamou:

—Bemdito seja Deus! Sirva de remissão dos meus peccados o tormento d'estes poucos instantes!

Quando o parocho chegou, encontrou-os n'esta posição.

Caminhou com rosto severo para a mulher, que via ajoelhada, mas recuou tambem, espantado, ao reconhecer Margarida.

—Margarida! Pois era...—O reitor suspendeu-se, antes de concluir, como se um pensamento subito lhe occorrera—Não póde ser, não póde ser.—E aproximando-se de Margarida, tomou-lhe o braço com energia, bradando-lhe:

—Que quer dizer isto, minha filha? Que fazes tu aqui?

Margarida juntou as mãos e, olhando para o reitor com uma expressão particular, respondeu:

—Peço misericordia!

—Para que culpa, minha filha?!—perguntou o padre, que não tirava os olhos d'ella.

—Para a minha...

—Para a...Entendo!—disse elle, como fallando para si—E devo eu consentir que?... Talvez que tenhas razão—continuou, fitando em Margarida um olhar de bondade e quasi de respeito, e accrescentou a meia voz:—Seja como quizeste, como Deus t'o inspirou de certo.—Depois, voltando-se para Pedro:

—E que tens mais que vêr aqui, homem?

—Tenho que pedir perdão a todos.

O reitor impurrou-o amigavelmente pelos hombros, dizendo-lhe:

—Vai, vai. Deixa isso para outra vez. Não temos agora vagar para justificações.

—Mas, snr. reitor...

—Então! Vai para a tua vida, Pedro. E não me andes mais de espingardas, que são más companhias.

Dando depois com os olhos nos poucos espectadores d'esta scena, que se conservavam boquiabertos á porta, exclamou todo irritado:

—E vocês que fazem ahi, pasmados? Quem vos chamou cá? Não sois tão promptos para o trabalho. Andar! e ter cautela com a lingua. Ouviram!

Pedro sahiu cabisbaixo. Os grupos dispersaram-se.

Logo que os viu retirar, o padre levantou Margarida, que se conservava de joelhos e quasi exanime, e disse-lhe commovido:

—Foi um sacrificio heroico, Margarida; para o qual poucas teriam fortaleza.

—Um sacrificio?!...

—Sim, não é a mim que illudiste filha, que te conheço bem e ha muito. Vai ter com a verdadeira culpada e...

—Não a condemne, snr. reitor; o seu anjo bom não a abandonou, ainda d'esta vez.

—Bem sei—respondeu o reitor.—Pois não te vejo eu aqui? mas vai e acaba a tua obra abençoada, confortando-a e chamando-a ao caminho do arrependimento. Eu tambem tenho a minha tarefa. E dou graças a Deus por ter permittido que os meus deveres parochiaes me conservassem por fóra até estas horas. Até ámanhã, minha filha.

E o reitor sahiu, mas em vez de tomar o caminho de casa, voltou em direcção opposta.

XXXV

A scena a que, um pouco imprevistamente, fizemos, no ultimo capitulo, assistir o leitor, exige de nós algumas palavras de explicação. Releve-se-nos portanto a rapida digressão retrospectiva, em que vamos entrar.

Daniel, como tinhamos dito, promettera a si proprio fallar, uma vez ainda, a Clara, para attenuar a má impressão,

que a sua ultima entrevista podesse ter deixado no espirito da rapariga, e inspirar-lhe de novo a confiança perdida.

Parecerá talvez um meio singular este de corrigir os effeitos d'um passo imprudente por outro mais imprudente ainda; mas a razão humana, sophismando com a maior candura do mundo, concebe muitas vezes projectos assim.

Em Daniel, sobre tudo, eram frequentes estas resoluções irreflectidas. Inspirava-lh'as um sentimento de mal fundado brio; mas nem sempre era bastante a força do seu caracter para briosamente as sustentar até ao fim.

Não aprendera ainda a desconfiar de si, a ponto de fugir, como devia, a essas occasiões de tentação.

Foi por isso que, esquecido já das suas promessas a Clara, renovou outra vez os antigos passeios pelas circumvisinhanças da casa d'ella, sempre com esperança de obter a entrevista, que imaginára necessaria á reivindicação do seu credito.

Clara evitava porém todos os ensejos de se encontrar com elle; constrangendo-se até para isso a uma estreita reclusão.

Depois da scena da fonte, promettera ella a sua irmã e ao reitor não fallar mais com Daniel, até estar effectuado o casamento, que o parocho mais que nunca procurou accelerar.

Assim, todas as tentativas de Daniel para vêl-a e fallar-lhe, ou na rua ou na janella, sahiam-lhe baldadas.

Longe de o desanimar este mau exito, antes o estimulou, e, irritado pelas difficuldades que encontrava, formou uma resolução mais audaz.

Um dia, entrando no quarto, Clara encontrou no chão e proximo da janella, que deixára aberta, um papel dobrado.

Abriu-o e leu. Era um bilhete de Daniel a pedir-lhe, nos termos mais respeitosos, uma entrevista—a ultima. Allegava, em favor da sua pretensão, o não poder resignar-se á desconsoladora ideia de ser mal conceituado de Clara; promettia e jurava respeital-a como uma irmã, pois como tal a considerava já; e accrescentava que não deixaria de a perseguir, até que ella condescendesse a escutal-o. Se receiava, dizia elle no fim, que essa entrevista désse logar a interpretações injuriosas, regulasse e impozesse ella as condições, debaixo das quaes a concederia.

Esta carta, que não primava em laconismo, parecia, em boa logica, dispensar a entrevista requerida, e na qual pouco mais restaria a fazer do que desenvolver o thema, já tão extensamente assim paraphraseado por escripto. Mas a logica não domina de ordinario situações d'aquellas.

Clara não respondeu ao bilhete e continuou, mais que nunca, a evitar Daniel.

Da parte d'este continuaram pois as imprudencias, ás quaes servia de novo estimulo, o despeito, esse poderoso fermento de paixões nas almas mais sujeitas a ellas.

Outro bilhete, recebido por Clara da mesma maneira, instava ainda com maior vehemencia pela entrevista pedida.

Clara esteve para referir tudo a Margarida, mas faltou-lhe o animo.

Este estado de cousas continuou por algum tempo mais; até que um dia Clara, animada da confiança em si, que não perdia nunca, e da boa fé, que depositava nas promessas dos outros, resolveu consentir em escutar Daniel.

Não lhe promettia elle ser essa a condição indispensavel para a não perseguir de novo!?

—Acabe-se pois este constrangimento em que vivo—dizia ella.—Que posso eu receiar? a minha boa estrella não me abandonará.

Formada esta resolução, seguia-se regular a maneira de a levar a effeito.

A curiosidade pública trazia muito vigiada a casa das duas irmãs; era pois difficil illudil-a. De mais, a promessa feita ao reitor e a Margarida embaraçava Clara. D'ahi, diversos expedientes lembrados, pesados e postos de lado, até emfim terminar pela adopção do peior de todos.

O excesso de prudencia e de cautelas conduz muitas vezes a imprudencias mais perigosas.

Clara communicou a sua resolução a Daniel; este, exultando pela confiança que n'ella via transluzir, agradeceu-lh'a com effusão e prometteu a Clara, e a si proprio, mostrar-se digno d'ella.

Assim se preparára a entrevista, cujos resultados o leitor conhece já.

Margarida porém que, observando as recommendações do parocho, continuára a espiar a irmã, não era de todo alheia ao que se passava.

N'aquelle dia sobre tudo julgou perceber nos modos de Clara certa preoccupação, que a fez mais vigilante.

Eram trindades quando Margarida ia, como costumava, fechar por suas proprias mãos a porta do quintal. Clara não lh'o permittiu; e com tal instancia teimou em se encarregar d'esse cuidado, aquella noite, que Margarida teve um presen-

timento do que se estava preparando. Isto obrigou-a a ficar a pé, depois de se recolher ao quarto.

Apagou a luz, para que lhe não suspeitassem a vigilia, e não abandonou a janella.

Passado tempo, viu—e com que amargor da alma!—confirmadas as suas suspeitas. Clara sahia furtivamente de casa. Margarida não hesitou; e com passos incertos e o coração opprimido de tristeza, seguiu-a, sem ser sentida. Valeu-lhe para isso a espessura das arvores que orlavam os arruados do quintal.

N'aquelle momento, a mais commovida das duas não era de certo Clara.

Emfim ouviu-se um ruido de passos na rua exterior, a porta abriu-se e Daniel appareceu.

A impressão, que n'este momento experimentou Margarida foi tal, que quasi a fez succumbir.

Cedo porém a reacção d'aquella vontade energica, apesar de feminil, dominou a lucta. Margarida continuou a observar.

Daniel, ao principio, foi grave e mostrou-se fiel á promessa que fizera; mas, pouco a pouco, influiram n'elle as condições singulares d'aquella entrevista. As palavras ganharam fogo e, em breve, animava-as já o enthusiasmo impetuoso dos vinte annos. Esquecia-se que viera para justificar-se, e ia aggravando a culpa.

Clara, escutando-o, não conseguia disfarçar completamente a turbação, que a dominava; mas foram sempre dignas da noiva de Pedro as palavras com que lhe respondia; assim a não trahisse o tremor da voz, a ancia do respirar e, mais que tudo, o facto de se achar alli, só, áquella hora da noite, embora lhe attenuasse o delicto o pensamento de generosidade, que a animára a commettel-o.

Mas os instinctos nobres de Daniel só por momentos se deixavam adormecer com as insidiosas caricias da phantasia; pouco bastava para os acordar vigorosos.

D'esta vez produziu esse effeito salutar a cantiga de Pedro.

Escutando-a, ambos se sentiram arrependidos de se acharem alli. Viram claro toda a futilidade de motivos que, momentos antes, para elles justificavam de sobra este passo irreflectido, e curvaram a cabeça.

—É meu irmão—murmurou Daniel—que fará por aqui a estas horas?

—Trazido talvez pela mão de Deus para...—disse, quasi para si, Clara, no mesmo tom de voz.

—Adeus, Clara; perdoe e esqueça mais esta imprudencia minha. Prometto-lhe que será a ultima. E d'hoje em diante...

—Adeus.

Foi n'este momento que Pedro os interrompeu pela primeira vez.

O resto já é sabido.

Quando, no momento em que Daniel sahia, Clara reconheceu a voz do noivo, soltou um grito de terror, e fechando instinctivamente a porta, cahiu desfallecida na rua do quintal.

Foi então que Margarida correu, que a arrastou nos braços para longe d'aquelle sitio, e depois, sacrificando a sua reputação ao futuro da irmã, veio cahir aos pés de Pedro, como a verdadeira culpada.

O conceito que Pedro formava do caracter de Margarida não o tinha deixado imaginar sequer, que podesse ser ella a que acceitára a entrevista com o irmão. Apesar de todo o seu amor por Clara, era maior ainda a confiança que depositava em Margarida.

O que viu depois espantou-o, mas deu-lhe grande allivio.

Clara ignorou tudo quanto ultimamente se passára, pois, durante todo este tempo, não recuperára os sentidos. A noite toda levou-a n'um quasi delirio, no qual imaginava vêr Pedro e Daniel, travando uma lucta fratricida.

Margarida, velando á cabeceira da doente, torcia as mãos de desespêro.

—Meu Deus! meu Deus!—dizia ella—Se lhe não passa este delirio, tudo está perdido. Pedro saberá a verdade.

Pela madrugada, porém, Clara socegou; um somno reparador acalmou-lhe a febre e, apoz elle, só lhe ficou o abatimento, e uma pallidez geral, que denunciava a crise terrivel que tinha vencido.

Margarida, ao despertar d'um somno tambem inquieto, porque mal passára, encontrou-a acordada e já apparentemente tranquilla. Receiando renovar-lhe a crise, em nada lhe fallou. Clara olhava-a em silencio, mas como que não ousava tambem interrogal-a.

A final fez um esforço, fitou na irmã os olhos, arrasados de lagrimas, e disse com desalento:

—Tudo está acabado! D'hoje em diante, todos me apontarão ao dedo e me chamarão uma rapariga perdida.

Margarida não pôde tambem reprimir as lagrimas.

—Que estás a dizer, Clarinha? Foi um máu passo que

déste, foi; mas socega. Eu que te ouvi, sei que estás innocente.

—Ouviste-me?

—Tudo. Eu sabia... Suspeitava a verdade.

—Mas elle...

—Elle... Pedro? Nada sabe ainda.

—Nada sabe! Queres enganar-me, Margarida? Pois não surprehendeu elle o... o outro, quando...

—Mas ignora que fosses tu...

—Então quem julga que era?

Margarida calou-se embaraçada, e desviou a vista do olhar fixo da irmã.

—Não sei, mas... tenho a certeza de que elle não suspeita já de ti... E sabes? é preciso fazer agora por te levantares e alegrares-te para que, se elle vier por ahi, não conheça, ao vêr o estado em que estás, a verdade, ou suspeite mais do que a verdade, que é ainda muito peior. Vamos; veste-te; foi uma nuvem a de hontem; uma nuvem que passou. Hoje está um sol tão vivo—accrescentou, abrindo as portas das janellas—que dá força e alegria. Vê. Ora anda, levanta-te.

Emquanto Margarida assim fallava, Clara parecia engolfada em uma abstracção profunda. A final, como se nada tivesse percebido de quanto ultimamente Margarida lhe dissera, exclamou com vivacidade:

—Guida, eu quero saber como isto é. Pedro soube que estava uma mulher hontem á noite no jardim. Se, como dizes, elle não suspeita de mim, de quem póde pois suspeitar?

Margarida não respondeu e baixou os olhos perturbada.

—Guida, diz-me a verdade—continuou Clara mais inquieta já.—Pedro julga-me innocente?

—Julga.

—Quem é pois a seus olhos a culpada?

A confusão de Margarida serviu de resposta.

De pallidas, que estavam, tingiram-se então de um rubor de indignação as faces de Clara. Meia erguida no leito, os olhos animados, os labios tremulos, exclamou:

—Elle suspeita de ti! De ti! Margarida? Pedro suspeitar de ti! E pôde ter um pensamento... e pôde imaginar que tu serias... Atreveu-se a accusar-te! Elle? Pedro! Mas, dize-me, Guida, dize-me. Como fez elle isso? Quem lhe deu esse direito?

—Fui eu.

—Tu!

—Sim, fui eu. Não lh'o poderia eu dar?—accrescentou

Margarida, quasi sorrindo e afastando os cabellos desordenados, que cobriam a fronte da irmã.

—Entendo. Perdeste-te para me salvar. Limpaste com os teus vestidos a lama dos meus, para me apresentares pura aos olhos do meu noivo, que com razão me suppunha culpada! Entendo. Viste-me perdida, e fizeste como aquella creança que, ha tempos, se afogou para livrar um irmão da corrente; salvaste-me, mas afundando-te. E havia eu de consentir isto, Margarida? Tão má ideia fazias tu de mim, para imaginares que eu te acceitaria nunca o sacrificio? Ó Guida, de mim acceitarias tu um sacrificio igual? Não; quero que Pedro saiba tudo; que me perdoe ou que me despreze depois; a uma ou outra cousa me sujeitarei; mas a sacudir sobre a tua cabeça a vergonha, que chamei sobre mim, oh! isso...

Margarida tomou-lhe affectuosamente as mãos e n'um tom persuasivo, pôz-se a dizer-lhe:

—Ora escuta, Clarinha. Has-de primeiro ouvir-me com muito socego e muito juizo, e depois dirás se eu tenho razão. Queres contar a verdade a Pedro, dizes tu. Que fazes com isso? Tornal-o infeliz, fazes com que entre elle e o irmão exista sempre, d'ahi por diante, um motivo para aversão; e a ti, que amas Pedro, apesar d'uma leviandade de momentos, e a mim, que te amo, e a nós ambos e a todos, a todos vaes fazer infelizes. Eu que posso perder em que Pedro continue na mesma suspeita? Se ninguem mais a tem?—forçou-se ella a dizer, mas baixando os olhos, porque bem sabia que mentia.—Elle não é capaz de a divulgar. E depois, olha, Clarinha, quem nunca pensou em grandes futuros, não tem que ter saudades de projectos desfeitos. Eu já não fórmo projectos, ha muito; acredita. Cansei-me. Hoje recebo tudo da mesma maneira. E olha—continuou sorrindo—que dentro em pouco, chego a não differençar o que é bem do que é mal. Tenho-me feito assim. Que lhe hei de eu fazer? Mas tu, minha pobre irmã, que ainda fazes tantos projectos, não te custaria a perder o mais risonho de todos? De mais a mais, eu tenho uma divida antiga a pagar-te, e não socego emquanto a não pago. Lembras-te quando me vinhas ajudar nas tarefas, e repartias commigo a tua ração de merenda? São serviços, que nunca mais esquecem. Deixa-me pagar-t'os da maneira que posso. Se soubesses como é uma consolação para os pobres achar um meio de saldar as suas dividas! Então, vamos, promettes não dizer nada?

—Guida, Guida! O que me pedes é impossivel. Seria

um grande peccado, se eu deixasse assim a outra expiar a falta, que é toda minha.

—Clarinha, não vês que, d'outra sorte, causas a desgraça de tantos?

Clara levou as mãos ás faces e calou-se.

N'este tempo o reitor entrára de mansinho na sala. Pousára o chapéo e a bengala e pozera-se a contemplar as duas irmãs, que lhe não sentiram a entrada.

Passado algum tempo de silencio, Clara levantou de novo a cabeça e, com voz lacrimosa, exclamou:

—Pois deverei acceitar este sacrificio, meu Deus?

—Deves—respondeu o reitor, adiantando-se—É necessario respeitar as inspirações dos anjos como este!—e apontava para Margarida—Eu tambem hesitei, ao principio, mas, depois que julguei melhor, resolvi obedecer-lhe. Minha filha, o que se passou na noite d'hontem, tem-o por um aviso do céo. Dá graças a Deus, por te não haver abandonado a tua boa estrella e faze por nunca mais incorrer em um perigo d'aquelles. Mas acceita; não é só a tua felicidade que recebes do sacrificio de tua irmã, é a de Pedro e a d'uma familia inteira, é a da propria sacrificada; pois não é assim, Margarida?

—Se fôr preciso que lh'o peça de joelhos...—respondeu a bondosa rapariga.

—Não ha de ser. Agora vou procurar Daniel. A Pedro já eu confortei. Consegui dissuadil-o de vir aqui, porque suspeitei que a sua vinda podia ser funesta, emquanto se não desvanecessem n'aquelles olhos todos os signaes de lagrimas. Daniel não o pude encontrar ainda. O pobre rapaz errou toda a noite por esses caminhos e Deus queira...

—Jesus, meu Deus!—exclamou Margarida, fazendo-se pallida—Acaso receia que elle?...

—Tenho fé que nenhuma desgraça succederá; mas é mister olhar por isto. Adeus.

XXXVI

As vagas apprehensões do reitor, em relação a Daniel, communicaram-se a Margarida, e n'ella adquiriram maior intensidade. As affeições arreigavam-se profundamente n'aquelle bom coração; baldado era impedir que viessem á luz e florescessem; a cada momento, recebiam ellas uma vida nova e

desenvolviam-se, como estas arvores que, cortadas todos os annos, rebentam a cada primavera, brotando jovens renovos.

Vão lá cobrir de gêlo um coração assim. Tem vida de sobra para todo o fundir em lagrimas e inflammar-se depois ainda.

Tendo salvado a irmã, a generosa rapariga só tinha, agora, orações para pedir ao Senhor, a salvação de Daniel. De si esquecera-se!—sublime esquecimento!

Cumprindo o que dissera, pozera-se o reitor em caminho, a procurar Daniel. Levava o coração apertado o bom do parocho, ao atravessar os logares, onde, segundo os seus calculos, mais provavel seria encontral-o.

Muitos d'esses logares eram os mesmos, que, havia annos, seguira com uma intenção analoga,—a de espiar os passos do seu pequeno discipulo, que já então mostrava o que viria a ser.

Lembrava-se agora o reitor d'aquelle dia, e de como fôra encontrar o rapaz no mais remoto sitio da aldeia, em dialogo pueril com a pequena pastora, que hoje, por uma notavel coincidencia, tão intimamente se achava ligada outra vez ao seu destino.

Não sei que ideias associadas estas trouxeram comsigo, que, muito contra o que era de esperar, o reitor pôz-se a sorrir.

Dir-se-ia que estava entrevendo um desenlace feliz a todo este enredo e que, a pensar n'aquillo, se esquecera das criticas circumstancias presentes.

Mas as ideias negras voltaram cedo a assombrar-lhe o semblante.

—Que será feito do rapaz?—dizia o padre comsigo—Esta gente da cidade é tão sujeita a loucuras! É vêr aquelle infeliz de que fallaram as folhas do Porto, que, não sei por que historias de amores, se atirou das Virtudes abaixo. Quem me diz a mim que Daniel... n'um momento de desespêro... Nossa Senhora nos valha! Mas tem-se visto cousas!... Que genio aquelle! A quem sahirá este rapaz? A mãe, uma sancta mulher, o Senhor a tenha em gloria; o pae, um homem sério e... Mas, na verdade, dá-me que pensar este desapparecimento! Elle não dormiu em casa... Não teve animo de se encontrar com o irmão talvez, e... Sancto Antonio nos acuda! Quem sabe se iria para o Porto? Póde ser. Antes fosse.

Ia pensando n'isto o velho parocho, quando, ao tomar por a ponte de madeira, que atravessava um despenhadeiro,

de cujo fundo pedregoso chegava aos ouvidos o fragor medonho de uma torrente, se encontrou, face a face, com o objecto da sua pesquiza.

Passou um calafrio pelo reitor ao vêr Daniel n'aquelle logar e ao reparar-lhe para as feições.

Daniel estava expressivamente pallido e com o rosto desfigurado pela vigilia e, mais ainda, pelas angustias de espirito, que n'aquella noite o torturaram.

Olhava com a vista espantada e n'uma especie de fascinação o abysmo, a que ficava sobranceiro, e parecia attento a uma voz interior, que o impellia ao suicidio.

O reitor parou, fixando n'elle um olhar perscrutador.

—Que faz aqui?—perguntou-lhe, segurando-o com força pelo braço, como se pretendesse desvial-o do precipicio.

Daniel levantou para o padre os olhos entorpecidos e em seguida baixando-os de novo para o fundo do despenhadeiro, respondeu com uma frieza, que fez estremecer o velho:

—Estava a fazer contas commigo mesmo; assistia ao meu julgamento e...

—Ora vamos. Não seja creança. Deixe-se de loucuras. Venha-se embora. Não queira fazer a infelicidade dos mais, dos que o estimam, já que a sua lhe merece tão pouca importancia. Lembre-se de seu pae, e veja lá se quer pagar-lhe assim os sacrificios, que tem feito por si. Venha commigo.

—Snr. reitor, não se occupe de mim. Repare que está fallando com um miseravel. Não creia que me póde regenerar pelo arrependimento. Eu sou relapso. A minha alma fraca sabe sentir, mas não sabe vencer-se. Sabe sentir, disse eu? Nem isso. Em mim já se apagou todo o sentimento moral.

—Não diga blasphemias. Filho, não descreia assim. A fé é o primeiro passo para a regeneração de que falla.

—A fé? Agora?... Tenho-a na quietação da morte.

E outra vez fitou a vista na torrente.

—Chama quietação á morte? Engana-se; depois d'ella é que principia muitas vezes o maior movimento, o movimento sem fim, sem remissão, o eterno. Mas ouça, Daniel; eu concebo o desespêro do seu coração n'este momento. Pesa-lhe o que fez? Tanto melhor. Não o quizera vêr tão endurecido, que dormisse tranquillo depois das scenas d'esta noite. Sente doloroso o pungir dos remorsos; pois é essa a porta aberta á expiação.

—Remorsos! E d'aquelles que só acabarão, quando este amaldiçoado coração deixar de bater.

—Que durem como preservativo de novas loucuras, e não virá mal d'ahi. Mas escute: julga haver destruido o futuro de seu irmão, imagina que lhe espremeu a esponja do fel no copo, que o pobre moço preparava para levar aos labios? E assim esteve para ser; e, se fosse, tambem eu não sei que vida se prepararia para esse seu coração incorrigivel. Mas tranquillise-se; Deus foi misericordioso; enviou um dos seus anjos protectores. Tudo está salvo.

—Salvo?! Que salvação póde haver para mim? Como desviar a desgraça imminente sobre as cabeças d'elles?

—Então não lh'o estou eu a dizer? Esquece-se das azas do anjo? Clara foi protegida por ellas. Pedro ignora que fosse a noiva d'elle a que esteve no jardim a noite passada.

—Não queira illudir-me; Pedro surprehendeu-me quando...

—Bem sei. Mas não a viu.

—Não se precipitou elle contra mim com a raiva do ciume?

—A estas horas, está arrependido.

—Arrependido! Não o vi eu ainda correr, cego de paixão, para o quintal e... diga-me o que succedeu depois; Clara?...

—Já não estava lá, quando elle entrou.

—Pedro?...

—Retirou-se, passado tempo, manso e pesaroso.

—Mas...

—N'uma palavra, Pedro julga haver-se enganado.

—Enganado? E como podia enganar-se?

—Sendo outra a mulher da entrevista.

—E quem mais podia ser?

—Margarida, a irmã mais velha de Clara.

—Mas ella pugnará pela sua innocencia.

—Pelo contrario. Foi ella quem se accusou.

—Ella?! E levou-a a isso?

—A felicidade da irmã leviana, mas não criminosa, cujo futuro viu ameaçado.

—E existem ainda anjos assim n'este mundo, snr. reitor?

—Existem, existem, homem descrente e desalentado, existem—respondeu o padre com gesto severo—e sirva-lhe esse exemplo heroico, para lhe dar crença e fortaleza.

—E ha quem lhe acceite a abnegação?!

—Assim é preciso. Ninguem a póde recusar, sem sacrificar alguma cousa, além da propria felicidade.

Daniel calou-se. Olhou mais uma vez para a espuma da torrente; mas eram já menos poderosas as seducções do abysmo. Levantou depois os olhos ao céo e, a meia voz, disse, quasi só para si:

—Como me sinto pequeno e miseravel, diante d'aquelle exemplo! E ha quem julgue em decadencia moral o mundo, ao qual descem ainda almas assim!

E calou-se outra vez.

O reitor observava-o.

Depois de algum tempo de silencio, o padre, poisando a mão no hombro de Daniel, disse-lhe affavelmente:

—E porque não pede a essa alma, que admira tanto, um pouco da sua angelica fortaleza? porque não procura purificar a natureza, demasiado terrena, do seu malfadado coração, na abençoada influencia d'ella?

—E ser-me-ha concedido?

—É; siga-me—respondeu o reitor, não disfarçando o seu contentamento. E, dirigindo o caminho, proseguiu:—Talvez que, vendo-a, tenha memorias a avivar. Mas oiça-me, Daniel, se, como diz, desconfia do seu coração—e tem razão para isso—faça por o subjugar e deixe dominar a consciencia, a consciencia, que hontem mesmo, através da sua loucura—que foi loucura de certo aquillo—que hontem mesmo lhe devia estar exprobrando o seu mau proceder. Agora veja tambem como se apresenta a seu irmão. Olhe que é necessario que elle viva na crença em que está, ou morre para a felicidade. Veja o que faz. Vamos.

Daniel, com a cabeça inclinada sobre o peito, seguiu machinalmente o velho reitor.

XXXVII

Pelas dez horas da manhã d'esse dia estava Margarida na sala, onde ordinariamente trabalhava, tendo, á volta de si, uma turba de rapariguinhas, occupadas em diversos trabalhos de costura.

Em pé, junto d'ella, dava uma d'estas lição de leitura. Margarida seguia o texto, olhando por cima dos hombros da creança, corrigindo-lhe os erros, ás vezes com um sorriso de affabilidade, outras com uma inflexão de voz maternalmente severa.

Era nos Evangelhos que a pequena lia.

O reitor recommendára o livro a Margarida, dizendo-lhe que o ensinasse ás discipulas, que era um guia seguro.

A creança lia n'aquelle momento a parabola do filho prodigo, em S. Lucas.

—«E o filho lhe disse: Pae, pequei contra o Céo e dian-«te de ti: e d'aqui em diante não sou digno de ser chamado «teu filho:

«Disse, porém, o pae aos seus servos: Tirai o melhor «vestido e vesti-lh'o e mettei-lhe um annel no dedo e os sapa-«tos nos pés:

«E trazei o bezerro gordo, e matai-o, e comamos e ale-«gremo-nos:

«Porque este meu filho era morto e reviveu, e tinha-se «perdido e achou-se: E começaram a alegrar-se.»

O reitor, que não usava ceremonias em casa de suas pupillas, entrou n'este momento com Daniel, na sala immediata. Percebendo que Margarida ainda estava occupada com a tarefa, que tão de boa vontade tomára sobre si, disse a Daniel, convidando-o com um gesto a sentar-se e fazendo-lhe ao mesmo tempo signal para que não interrompessem a lição:

—Esperemos. São perto de onze horas. Deve estar a acabar.

E accrescentou, suspirando:

—Que rapariga esta, meu Deus! Depois do que se passou hontem, já hoje a cumprir as suas obrigações, com aquella sancta serenidade do costume! É admiravel, na verdade!

—E depois—continuou elle, fallando ainda a meia voz—se soubesse, Daniel, como nobremente se votou ao trabalho, ella, a quem a irmã franqueava tudo quanto possuia? Outra que fosse... mas aquelle coração é de um quilate! E que penetração de espirito, que luz de intelligencia aquella! Fez quasi só por si a sua educação.

—E foi esta a que se sacrificou?—perguntou Daniel.

—Foi.

Ambos de novo se calaram.

A creança concluia, n'este momento, o texto biblico.

—«Elle, porém, lhe disse: Filho, tu sempre estás com-«migo e todas as minhas cousas são tuas:

«Convinha-nos, porém, alegrar-nos e folgar: porque este «teu irmão era morto e reviveu, e tinha-se perdido e achou-se.»

Um beijo, que o reitor e Daniel ouviram distinctamente, foi a recompensa concedida por Margarida á discipula, ao ter-

minar a leitura, que ella fizera com intelligencia e n'uma quasi expressiva melopea, perfeitamente adequada á poesia dos versiculos.

Depois foi a voz de Margarida, que lhes chegou aos ouvidos; sonora, suave, melancolica, cheia de sentimento e bondade, eccoou saudosamente no coração de Daniel, que mal podia explicar a natureza da commoção, que experimentava ao ouvil-a.

—Olha, Ermelinda—dizia ella—has de vêr se decóras, para que nunca te esqueçam, aquellas palavras de Christo: «Ha mais alegria no céo sobre um só peccador, que se arrepende, do que sobre noventa e nove justos que não necessitam do arrependimento.» Diz isto mesmo a historia que lêste. Jesus Christo fallava ao povo de maneira que o povo todo o entendesse; por isso lhe contou a historia do filho prodigo. O céo é tambem a casa do pae onde se recebem, com festas e alegrias, os peccadores arrependidos, esses filhos prodigos do Senhor. E' uma grande consolação o saber que não ha peccados, que uma contrição sincera não possa remir; alma tão perdida do mal, que não possa ainda voltar-se com esperança para o céo.

O reitor trocou n'este momento um olhar significativo com Daniel, que parecia recolher com avidez todas as palavras de Margarida. Estavam ellas exercendo no seu coração o effeito d'um balsamo salutar.

Margarida, depois de uma breve pausa, proseguiu, como deixando-se levar pela corrente dos seus pensamentos e, fallando mais para si do que ainda para as creanças, que a escutavam.

—Cada alma perdida, que se arrepende, é uma victoria do nosso anjo da guarda sobre o espirito do mal. A paixão, que nos trazia cega, deixa-nos emfim, e calcamol-a então aos pés, como aquella Nossa Senhora da Conceição faz á serpente tentadora. E nunca é tarde para o arrependimento. Quem caminhasse com os olhos tapados para um despenhadeiro, podia salvar-se ainda, abrindo-os junto da borda. Junto? ás vezes até um ramo, a que nos seguremos na quéda, nos póde salvar. A fé na misericordia de Deus é como este ramo. Seja o arrependimento sincero e um olhar do Senhor nos amparará. Uma oração bem sentida, bem de alma, á borda do tumulo, póde chamar sobre uma vida inteira de peccados a luz do perdão divino.

Margarida dissera estas palavras pausada, serenamente,

e com tanta unção religiosa, que Daniel sentiu-se commovido. Olhou para o reitor, viu-o attento, immovel; o padre parecia estar escutando ainda aquella voz, que o prendia, como se prégasse uma doutrina nova e diversa da que tantas vezes elle proprio proclamára do altar, á leitura dos Evangelhos.

D'ahi a alguns instantes, Margarida despedia-se das suas pequenas discipulas com um beijo e uma palavra affectuosa para cada uma.

Seguiu-se o rumor, que ellas faziam, ao sahirem tumultuosamente e depois o silencio.

Margarida ficára só.

—Agora chegou a nossa vez de sermos doutrinados—disse o reitor para Daniel.—E esteja certo que é sã a doutrina que vier d'aquella bocca.

Aproximando-se da porta de communicação entre as duas salas, abriu-a de mansinho e disse, mettendo a cabeça pela abertura:

—Licença para dous.

Margarida, que estava sentada, com a cabeça entre as mãos, e absorta em profundo meditar, ergueu-se, de subito, á voz do reitor e caminhou para elle, repetindo:

—Licença para dous? Pois quem nos traz comsigo?

Mas, antes de receber resposta, divisou por entre a porta, meia aberta, o rosto pallido de Daniel.

Ao reconhecel-o, Margarida estremeceu e voltou para o reitor um olhar interrogativo e inquieto.

O padre entrára já na sala.

—Que foi fazer?—disse-lhe Margarida, a meia voz e quasi assustada.

—Deixa-me. Fiz o que entendia—respondeu o parocho, e, voltando-se para Daniel, que hesitava em entrar, accrescentou:—Entre, Daniel, entre. Aqui tem a sancta, a corajosa rapariga, que...

—Senhor!...—exclamou Margarida, erguendo para elle as mãos, como a implorar piedade.

Daniel deu alguns passos na sala.

—O que ha de dizer o irmão ingrato e perverso, á irmã sublime e generosa?—disse elle, fixando em Margarida um olhar de sympathia e de respeito, que a obrigou a desviar o seu.

Seguiu-se um silencio, constrangedor para ambos.

Foi ella a que primeiro sentiu a necessidade de pôr termo a esta situação.

Para isso era-lhe preciso um esforço, poderoso, energico, que rompesse todas as peias d'aquella timidez, que a enleiava.

Não a abandonou ainda d'esta vez a força, com que sabia dominar-se. Foi já com apparente firmeza que, dentro em pouco, conseguiu responder:

—Snr. Daniel, esses comprimentos não são de occasião, nem eu sou para elles. Cousas mais sérias nos devem agora occupar. A felicidade de duas pessoas está-nos confiada; está d'alguma sorte nas nossas mãos. Uma palavra só a póde perder; bem o sabe. É preciso que nós todos tres tractemos de segurar-lh'a. Por mim, fiz o que estava no meu alcance. Mas não dê ao sacrificio mais valor, do que o que elle tem. Eu pouco tinha a sacrificar, além da paz da consciencia. Essa, já vê que a conservei; o mais...

—A paz da consciencia! Foi essa mesma que eu perdi; e perdi-a para sempre!—disse Daniel, com abatimento.

—Não diga isso—continuou Margarida, com a presença de espirito que, passada a primeira turbação, podéra readquirir.—Não diga isso. Pedro ignora tudo. É o principal. Clara está arrependida da sua imprudencia. Mais alguns dias, para esquecer de todo o abalo da noite de hontem, e tornará a ser alegre como d'antes. Socegue pois. O snr. Daniel ha de continuar a gosar da estima de todos, dos que mais ama e... ninguem haverá sacrificado.

—Esqueceu-se de si, Margarida. E julga que a devem ou que a podem esquecer os outros?

—Os outros? Quando eu me não queixo, ninguem tem o direito de me lamentar.

Estas palavras sahiram-lhe dos labios como irresistivelmente e com uma amargura, que o reitor julgou perceber.

—Ai, Margarida, filha—disse o velho meneando a cabeça d'um modo expressivo e sorrindo entre affavel e descontente —olha que até aos infelizes, até na desventura, é um peccado o orgulho; sabes?

—Orgulho, snr. reitor? ai, creia que não o sinto. Orgulho de quê? Mas é que de facto eu pouco tinha a sacrificar, e pouco sacrifiquei. As vozes do mundo...—será orgulho isto, será—mas é certo que não penso no que dirão. Além de que, quando me fosse mil vezes mais custoso o sacrificio, como havia de evital-o? Achava melhor que a sacrificasse a ella, que tem mais a perder? a ella, por quem eu prometti velar, quan-

do, ás portas da morte, m'o pediu, chorando, sua mãe? Bem vê que não.

O reitor, de olhos no chão, alisava com a manga do casaco o chapéo, sem atinar palavras que respondesse.

—Mas não fallemos em mim—continuou Margarida, d'um modo cada vez mais sereno.—Clara está melhor, temo porém ainda que não possa receber com firmeza e a sangue frio a visita de Pedro. Será possivel, sem causar desconfianças n'elle, adiar para mais tarde essa primeira visita?

—É possivel, é—respondeu o reitor, emquanto que Daniel, folheando machinalmente um livro, parecia nem attentar no que se estava dizendo.—O pobre rapaz está com remorsos de ter suspeitado de Clara e treme só com a lembrança de a vêr.

—É necessario que se lhe faça acreditar que minha irmã ignora e deve ignorar sempre tudo o que se passou, ou pelo menos que nada sabe das suspeitas que Pedro...

—Mas...—ia o reitor a dizer.

Margarida interrompeu-o, continuando:

—É indispensavel. Eu conheço muito bem Clara; póde sujeitar-se a tudo, menos a ouvir Pedro, cheio de arrependimento, pedir-lhe perdão, a ella que é... que se julga ser a verdadeira culpada.

—Tens razão, Margarida—disse o reitor, depois de ter estado por algum tempo a ponderar o caso—tens razão. E assim é melhor até porque se evitam explicações, que não poderiam ter muito bons resultados. Mas...

—E agora permittem-me que vá vêr Clara, sim?

—Pois vai; mas...—insistia o reitor, sériamente embaraçado com alguma cousa, que elle queria dizer, sem encontrar maneira conveniente.

—Que é?—perguntou-lhe Margarida, percebendo aquella hesitação; e acompanhava a pergunta com um sorriso de habitual tranquillidade.

—Mas... isto com'assim não me póde sahir da ideia—continuava o padre.

—O quê?

—Sim, a fallar a verdade..., tu, minha filha...

—Eu... que tenho?

—Tu... assim... Valha-me Deus! Não se poder fazer nada...

—Por quem é, snr. reitor, não torne a fallar n'isso. Não vê que pouco se me importa? Não lh'o disse já tantas vezes?...

—Porém, Margarida, eu sou teu tutor, assim como de Clara; quero-te como pae e não posso, não devo consentir que o castigo caia sobre a cabeça innocente, sobre a tua cabeça, filha. E' contra a justiça, é contra a religião.

—Innocente!—redarguiu Margarida a sorrir—Que está a dizer, snr. reitor? Quem é innocente n'este mundo? Deixe, deixe cahir em mim isso, que chama castigo, que encontrará peccados a remir; e quizesse Deus que m'os remisse todos.

—Ainda assim... Eu nem sei o que faça... Valha-me Nossa Senhora, valha! Sempre é uma esta!

E, ao dizer isto, o reitor olhava para Daniel, como que a vêr se lhe viria auxilio d'alli.

Daniel, de braços cruzados e a cabeça inclinada, parecia ainda alheio ao dialogo dos dous.

Margarida aproximou-se do reitor.

—Não sabe o que ha de fazer? Digo-lh'o eu. Siga o seu primeiro pensamento, foi o de ajudar-me. Porque ha de desconfiar agora d'aquillo, que parecia acceitar com tamanha fé esta manhã. Não tinha desculpa se assim me deixava só a salvar Clara. Mas é tempo de ir ter com ella. Adeus.

E, dizendo isto, tomou-lhe a mão, que respeitosamente beijou, e ia a retirar-se.

Diante da porta encontrou porém Daniel, que a fez parar.

—Margarida — disse-lhe elle com evidente agitação na voz e no gesto—essa resolução não é tão unicamente de sua responsabilidade, como diz; sacrifica-se a sorrir, mas não repara que mais alguem póde sentir o sacrificio.

—Quem?

—Eu.

—Como?

—Que se dirá de mim, do meu caracter, vendo destruida por minha culpa a sua reputação, Margarida, e eu ocioso, tranquillo, descuidado... feliz?

—E que se diria, se se soubesse a verdade? Qual acha de preferir?

—Pois bem. Occulte-se muito embora a verdade. Não quer sacrificar sua irmã? Comprehendo e admiro a nobreza d'essa resolução, creia. Mas não posso consentir que uma indesculpavel leviandade da minha parte seja a causa d'esse immenso sacrificio, sem que...

—Já lhe disse que não era immenso; mas que fosse, como queria evital-o?

O reitor repetia a interrogação com os olhos.

—Pois não vê que a unica maneira, Margarida, é... Eu sei que sou indigno de aspirar a tanto, mas perdoe-me, a unica maneira é não me recusar a reparação, que lhe devo; permitta-me que reuna ao seu o meu destino, já que a Providencia...

—Bravo!—atalhou o padre, batendo com a bengala no chão—Isso mesmo é que eu tinha aqui dentro a pesar-me; até que emfim respiro!

Margarida estremeceu, ao ouvir Daniel, e instinctivamente levou as mãos ao coração, como se fôra ferida ahi. Em poucos instantes, as faces, de ordinario pallidas, passaram-lhe por cambiantes rapidas de côr. Tremula de anciedade, sentiu vergarem-se-lhe os joelhos e ennevoar-se-lhe a vista. Valeu-lhe o apoio de um movel proximo para não cahir. Por algum tempo tentou em vão responder; a voz não lhe sahia da garganta.

Daniel olhava-a ancioso. O padre esfregava as mãos, exultando de jubilo.

A final, vencendo esta violenta commoção e assumindo outra vez a placidez habitual, respondeu com uma voz, onde sem difficuldade se podia descobrir ainda um indiscreto tremor.

—Obrigada. É generoso o offerecimento... mas não posso acceital-o.

—Que diz?—exclamou Daniel.

O padre passou do jubilo á estupefacção.

—Pois queria que acceitasse? Acceital-o-ia, se estivesse no meu logar? diga—Qual será maior martyrio: soffrer as murmurações, as injurias, os desprêsos até, de milhares de pessoas, que, a final de contas, nos são indifferentes, ou acceitar a compaixão de quem nos é... de quem nos devia ser tudo no mundo? d'aquelle, a quem teremos de dar todos os affectos, todos os cuidados, todos os pensamentos? Imagina bem essa tortura?

—Mas, Margarida, quem lhe disse que é por compaixão que eu lhe faço o offerecimento? Se o acceitar, creia que o agradecido serei eu.

—Se essas palavras fossem sinceras, snr. Daniel, era bem certo então que possuia um desgraçado caracter! Receie sempre de si, d'esses primeiros movimentos, a que obedece tão depressa. Já que é tão facil em mudar, ao menos faça por ser mais forte contra si mesmo. Vença-se. Não está ainda vendo o mal que póde fazer assim?

—Tem razão em duvidar de mim. O meu passado condemna-me, porém talvez seja injusta demais para commigo. Julga-me capaz de...

—Perdão; não julgo, não tenho direito para julgar, bem sei. Em todo o caso, não posso acceitar.

—Margarida!—disseram a um tempo o padre e Daniel.

—Não, não posso acceitar—repetiu Margarida, já com maior vehemencia.—Nunca me julgaria mais deshonrada e perdida, do que quando acceitasse uma proposta como essa, feita por outro qualquer motivo, que não fosse a força do coração.

—Mas se eu lhe juro que o meu coração...

—Oh! não diga mais!—disse Margarida interrompendo-o —Até me faz mal ouvir-lhe esses juramentos; lembra-me os que ainda hontem fazia a Clara. Repare no que ia a dizer; assim abre o coração, a quem, momentos antes, nem conhecia sequer?

—Não ha tal—disse o reitor—dize tu que, desde creança já te conhece elle, e até...

—Oh! por quem é!—atalhou Margarida que previu logo, onde o reitor queria chegar--Por quem é! O que ia dizer?

—Margarida—continuou Daniel—perdoe se a consciencia das minhas culpas... e acredite que a estou sentindo bem amarga, mas perdoe-me se ella me não constrange ainda ao silencio. Eu vejo que tem razão para duvidar de mim; mas sera só isso? Porque não confessa tambem que recusa porque, sentindo insensivel o coração, desconfia d'elle igualmente?

—Desconfiar do meu coração!—disse Margarida, com uma leve inflexão de ironia na voz, a qual os dous não perceberam, e continuou:—Mas... é que não desconfio.

—Então?

—Conheço-o; e o que sei d'elle, como o que aprendi do seu, snr. Daniel, levam-me a recusar.

—Quer dizer que me não póde amar?

—Sim... julgo que sim. Eu desconfio que nem tenho coração? Eu sei lá! Não o sinto bater, pelo menos. Bem vê que não devo acceitar. Adeus.

E, com um singular sorriso nos labios, sahiu da sala, onde ficaram os dous, attonitos e silenciosos.

Quem, n'aquelle momento, pousasse a mão no coração de Margarida, como veria desmentidas as suas ultimas palavras!

XXXVIII

—Chegou talvez para mim o momento do castigo—murmurou Daniel, passado algum tempo, depois de Margarida se retirar.

—Que está a dizer?—perguntou o reitor, olhando-o admirado.

—Que talvez áquellas mãos, das quaes até hoje só tem sabido o bem, vá Deus confiar a arma d'uma vingança cruel.

—De que maneira?

—Pois não ouviu a firmeza d'aquella resposta?

—E então?

—E então! É que eu tenho um presentimento de que, se um dia se ateiar em mim uma paixão violenta e fatal e tiver de ser repellida assim, succumbirá com ella este coração que...

—Ora adeus! Sabe os objectos que se partem, batendo de encontro ás rochas? São os fortes e rijos; porque os outros, os molles, o mais que podem é tomar nova fórma; quebrar é que não quebram; e o seu coração é d'umas branduras!

—Reconheço que o meu passado não me dá o direito de offender-me da ironia; custa-me até entrar de novo em uma justificação, que só me valle sorrisos, mas...

—Mas, ainda assim, sempre vai tentar mais uma vez—disse o reitor, sorrindo—Ora ande lá.

—Ouça-me. É uma triste confissão para o meu orgulho, a que vou fazer, mas é verdadeira. Ha muito que tenho este pensamento; até no tempo em que mais procurava evital-o, elle me acudia. É por certo arriscado para qualquer mulher confiar de mim o seu amor, menos n'um caso, que até aqui senão déra ainda commigo.

—Então, qual é esse caso?

—É se ella conseguir dominar-me; se a meus olhos se conservar sempre a uma altura, que dê á paixão, que me inspirar, a natureza d'um culto. Ha caracteres para os quaes é isto uma necessidade. De ordinario, todos os meus esforços são despojar d'esse prestigio, que me enleia, a mulher a quem amo; porém, desde que o consigo, já não respondo por mim. Sei-o por experiencia. Mas, previa-o ha muito tempo, se me encontrar com uma d'estas naturezas superiores, para as

quaes nunca se extingue o resplandor que as rodeia, ha de fixar-se este coração voluvel, e não haverá para ellas o risco, de que das minhas affeições lhes possam resultar lagrimas.

—E conclue d'ahi?—perguntou o padre no mesmo tom, quasi zombeteiro, em que sustentava o dialogo.

—Que Margarida nada podia receiar do meu amor. Eu, que duvidava já que viesse a amar sériamente um dia, porque me julguei superior a todo o predominio, hoje...

—Hoje, mudou de opinião?

—E mudei, creia-o. Nunca me conheci assim. Ainda antes de a vêr, quando da sala immediata a estivemos escutando, não sei porquê, sentia, ao ouvil-a, reviver todo o meu passado, a parte mais pura d'elle.

—Sei eu—resmoneou para si o reitor.

—Depois que a vi, foram sensações novas para mim, as que experimentei. Eu, que por tantas vezes e a sorrir tenho dado passos na vida, que fazem receiar os mais audazes; eu que, para ser arrojado, não careci nunca do forte impulso d'uma paixão, pois me bastava o simples estimulo d'um capricho; hesitei ha pouco, como viu, ao fazer a proposta a que o dever e o coração me impelliam, hesitei de timidez, como se fosse um sacrilegio da minha parte. Depois, ao receber aquella recusa, pareceu-me sentir escurecer-se-me o futuro e, pela primeira vez na minha vida, senti-me desalentado com este mau exito, em vez de encontrar n'elle incitamento para persistir, como tantas vezes o tinha encontrado.

—Desconfie d'essas impressões subitas e violentas, desconfie. Margarida tem razão. Eu proprio já me não atreveria a aconselhar-lhe o contrario. É melhor deixarmo-nos guiar pelas inspirações d'aquella alma d'anjo.

—Mas se eu a amo?

—Paixão de quinze dias!—disse o reitor, encolhendo os hombros.

—Ai, não, não. Sinto-me seguro d'esta vez a jurar-lhe...

—Não jure—atalhou o padre—não jure nada, homem de Deus, que almas de outra tempera, que não é a sua, teem falhado, depois de jurarem. Lembre-se do que diz o Evangelho. «Seja o vosso fallar: sim, sim; não, não. Porque tudo o que d'aqui passa, procede do mal.»—Se não perder a ideia d'esse amor, trabalhe por merecel-o; mas não faça juras. Que, se alcançar aquelle coração, grande riqueza grangeia, isso lhe affirmo eu. E não tenha escrupulos de se deixar dominar, que melhor é a cabeça de Margarida, do que... Mas que fazemos

ainda aqui? Vá, vá ter com seu irmão. E veja como se porta. Não entre em grandes explicações. Abrevie-as, quanto podér; que é o mais prudente. E até logo.

Daniel sahiu da sala vagaroso e triste. O reitor, ficando só, conservou-se por algum tempo pensativo.

Esta tacita meditação acabou-a elle, murmurando não sei que mal distinctas palavras e depois em tom mais perceptivel:

—Comtudo é pena. Remediava-se este enredo assim, e bem. Seria talvez uma providencia para o rapaz. E eu iria mais descansado d'este mundo, a dar contas da minha tutela no outro aos paes das raparigas. Mas lá se Margarida tem os seus escrupulos... e a fallar a verdade com alguma razão; e depois, o que é mais e muito mais, se ella não se sente com inclinação para ahi. Aquillo é uma sancta. Coração possue ella, mas para caridade, que não para amores. Paciencia!

E fallando assim, caminhava lentamente o reitor de sala em sala, de corredor em corredor, até se encontrar, quasi sem saber de que maneira—tão distrahido ia—junto do quarto de Margarida, cuja porta viu meia aberta. Entrou.

Ao rumor de seus passos, ergueu-se, de subito, uma mulher, que estava de joelhos no chão, e debruçada sobre o leito, como n'um genuflexorio.

Era Margarida.

Colhida de improviso, não teve tempo de enxugar as lagrimas, que em fio lhe corriam pelas faces descóradas. Em vão se esforçava por desvanecer com sorrisos o effeito d'aquellas lagrimas e da expressão de tristeza, que tinha profundamente gravada no semblante.

O reitor surprehendeu-a assim e olhou para ella inquieto.

—Que é isto? Lagrimas! choros!—exclamou elle, levantando-lhe a fronte, que Margarida inclinava, para esconder dos olhos do seu velho amigo aquelle indiscreto pranto.

—Ai, filha, filha, que me dizias tu ha pouco? Era então mentira a indifferença que asseguravas? Eu logo vi... Mas... valha-me Deus... n'esse caso... para que fui eu?... Então, Margarida!—então!—então?... Nossa Senhora te valha, filha! Não chores, olha que não sou teu amigo. Mas para que dizias tu?... Pois está bem de vêr, sempre custa... Vamos, socega, mais valle dizer a verdade. Isto assim não tem geito. Socega, rapariga, socega. Vá o mal a quem toca. Nem todos podem ser sanctos. Os sanctos?... Os sanctos estão nos altares, ora adeus. Ha cousas que são superiores ás forças humanas. Não chores,

filha; isso até é uma vergonha. Pedro é bom e perdoará a Clara e, perdoando elle, quem tem direito de condemnar? E se não perdoar... não sei que lhe faça. Quem mal a cama faz, n'ella se deita; ora é muito boa! Emquanto ao mundo... adeus, minha vida, o mundo é o mundo; importa lá o mundo. Era o que faltava se por causa d'elle te ias agora sacrificar. Na verdade, que valia a pena! Deixa estar que tudo se ha de arranjar. Verás. Mas não chores; pareces-me uma creança. Então, então, Margarida? E ahi estás chorando mais!

E o bom homem quasi chorava tambem.

Effectivamente, como a todos nos succede quando, dominados por a tristeza, encontramos um coração compadecido, uma voz amiga a pretender consolar-nos, quando reconhecemos verdadeira sympathia nas palavras de conforto que nos dirigem; cada vez era mais violenta a explosão de sentimento em Margarida, mais abundantes as lagrimas, mais suffocadores os soluços.

—Então, Margarida, filha, então!...—dizia o reitor devéras afflicto, e, tentando todos os meios de acalmar aquella dôr, accrescentou contra o seu costume:—Guida! Guida! isso não é bonito.

Só passados alguns momentos é que Margarida conseguiu fallar, e ainda com a voz entrecortada de soluços disse para o reitor:

—Perdoe-me, perdoe-me por quem é. Mas não pude, não posso mais. Não julgue que me arrependo do que fiz, que me lembro de recuar. Creia-me, pouco me importa o mundo, o que dizem, o que virão a dizer. Pouco me importa.

—Mas então este chôro?

—Nem sei porque choro, eu mesma não o sei. Mas faz-me bem o chorar. Deixe-me, deixe-me por piedade.

—Mas, minha orgulhosa, porque não acceitaste tu a proposta de Daniel?

—Isso é que nunca—exclamou com impetuosidade Margarida, e de novo lhe saltaram as lagrimas dos olhos.

—E ahi estás a chorar cada vez mais! Mas isto não deve ficar assim. É preciso dar-lhe remedio. Tua irmã não póde querer...

—Mas se eu lhe juro que não choro por isso! Se eu lhe affianço, que pouco me importa o mundo!

—Mas então, ó virgem sancta, então porque choras tu? Eu endoudeço ainda hoje... endoudeço. Sacrificas a tua reputação para salvar a de Clara e não choras por isso; tiveste

na tua mão o meio de remediar tudo, acceitando o leal offerecimento de Daniel, e que a final o pobre rapaz fazia do coração, e recusaste sorrindo. E agora venho encontrar-te n'este estado e dizes-me, e juras que não é nada! Recusas confiar-me a causa! Margarida, é preciso saber, quero saber porque choras assim!

—Agora não posso, não sei até dizer-lh'o. Se me estima, se me quer, como diz, não me pergunte nada; não? Deixe-me só, peço-lh'o por favor, por alma de minha mãe. Logo volte e, quando voltar, verá que me ha de achar contente, prometto-lh'o. Que mais quer? Os abalos da noite passada causaram-me isto. Não sei que tenho. Vá, peço-lhe que vá. Então não vai?

O padre olhou por muito tempo para ella e depois tomando o chapéo, sahiu sem dar palavra, mas limpando uma lagrima tambem.

Margarida, vendo-o sahir, deixou-se cahir outra vez de joelhos, suffocada pelo chôro.

—Fraca! fraca!—dizia entre soluços—que não tive forças para me sustentar até ao fim! Vá, vá, acabem de correr por uma vez estas lagrimas; e que sejam as ultimas; que ninguem m'as veja mais nos olhos. A causa, a causa... oh! essa, ninguem a ha de adivinhar.

—Enganas-te, Guida. Adivinhei-a eu já.

Margarida ergueu-se de repente ao escutar estas palavras, que lhe foram ditas quasi ao ouvido. Voltou-se. Era Clara.

—Que dizes, Clara? que estás a dizer, filha?

No rosto de Clara, onde uma pouco costumada tristeza se desenhava ainda, havia um ligeiro sorriso de malicia, da que se poderá chamar angelical, se alguma vez fôr licito associar estas duas palavras.

—Digo que te adivinhei, Guida. Que mais queres? Estás descoberta, minha reservada. Não tinhas confiança em tua irmã, e assim te perdias por uma pessoa, de quem desconfiavas! É acção de sancta, é; mas eu te prometto que isto não ha de ficar assim.

—Clara, tu não sabes o que dizes.

—Escuta. Que promessas, que offerecimentos eram aquelles do... do snr. Daniel? e porque os não acceitaste tu?

—Clarinha!

—Vamos. Eu ouvi tudo o que disse agora o snr. reitor. Não m'o queres dizer? Digo-t'o eu. Daniel propôz-te...

—Basta, Clara, basta. Bem sabes que não acceitei.

—E porquê? Isso mesmo é o que eu mais quero saber.

—Porque... não devia acceitar.

—Não devias?

—Não, não devia. És tu a que me vens dizer que se póde, que se deve acceitar um esposo a quem...

—A quem?—interrogou Clara, fitando na irmã um olhar inquisitorial.

—A quem não... amamos.

—E então é certo que não amas o snr. Daniel?—perguntou Clara, conservando em Margarida o mesmo olhar e demorando intencionalmente a articulação de cada syllaba.

—Que pergunta!—disse Margarida, baixando os olhos confusa.

—E ainda não queres que te ralhe! Ora ouve, Guida. Desde hoje que o desconfio. Passaste a noite á minha cabeceira. Eram tres horas quando dormias, e eu estava acordada então. Ora tu tambem tinhas febre, tambem sonhaste em voz alta e alguma cousa disseste...

—Que disse eu?—perguntou Margarida, com perturbação.

—Alguma cousa, algumas palavras soltas, certo nome, de que eu ao principio fiz pouco ou nenhum caso, mas em que depois me deu para scismar. E tanto scismei, e tanto scismei, que a final descobri, minha pobre Guida...

—O quê?

—Que esse teu coração não era, por fim, o que se suppunha; não era o que eu, e o que todos suppunhamos. E olha que mais te quiz por isso; porque eu gosto de quem tenha coração.

—Mas emfim que queres tu dizer?

—Quero dizer que tu amas, que tu amavas, e ha muito, o snr. Daniel.

—Estás louca, filha?

—Não o negues ou ficamos de mal. Eu depois recordeime do que dizia o snr. reitor, de que Daniel fôra em pequeno o teu conversado. Muitas vezes te vi córar ainda, quando o snr. reitor, a rir, te caçoava com isso. Ora eu sei como tu és... isto é, hoje é que me lembrei de que tens um genio singular, tu. Eu podia esquecer-me da minha affeição de creança. Tu não, que tudo tomas a sério. É teu costume. Eu sei. Depois, certa maneira de fallar... certo acanhamento... e as lagrimas de ha pouco... e as palavras de agora... e essa má

vontade com que me estás... e esse olhar que se não atreve a levantar-se para mim... é certo, amal-o; e por isso pergunto: porque recusaste o seu offerecimento?

Margarida conservou-se por algum tempo silenciosa. Depois, por uma d'estas resoluções, que são raras em caracteres como o d'ella, mas energicas quando chegam a formar-se, disse com uma especie de desespêro, revelado nas palavras, no gesto, nos movimentos e tomando com impeto as mãos da irmã, que apertou convulsivamente nas suas:

—Porquê? Queres sabel-o? Porque o amo. Entendeste agora?

—Não—respondeu Clara que, surprehendida por aquella exaltação, não podia desviar os olhos do rosto de Margarida.

—Pois não vês, creança—continuou esta—não vês, louca, que seria um martyrio horrivel, um tormento, que nem se imagina, acceitar a compaixão d'um homem, a quem se ama? Saber que só para generosamente nos salvar a reputação, só para isso, elle nos fez o sacrificio do seu futuro, das suas ambições; que se abaixou condoido, para do chão nos levantar até si! Ha lá nada mais doloroso? Dize, desejas-me esse martyrio? Conheces o coração da tua irmã, dizes tu; e pensas que elle não estalaria de angustias? E depois, se fosse só isso! mas, quem sabe? Um dia talvez entraria uma suspeita n'aquella alma; se a delicadeza fechasse os labios, lá estava o olhar talvez a revelar-lhe o pensamento secreto de que tudo isto em mim fôra um proposito interesseiro e vil, de abusar dos seus brios e... Ai, Clara e cuidas que se resistiria a esta ideia? Cuidas que eu teria coragem para... Oh! deixa-me, deixa-me; fizeste-me já dizer o que eu nem a mim mesma dissera ainda. Nunca mais me ouvirás fallar n'isto e, se és minha amiga, nunca mais me fallarás tambem.

E, dizendo estas palavras, sahiu arrebatadamente da sala.

XXXIX

Ao abrir as janellas do seu quarto de dormir e ao franquear os pulmões ao ar fresco da madrugada, a snr.ª Thereza, a fiel esposa do nosso conhecido João da Esquina, recebera, de mistura com o perfume das flôres, que andava nos ares, não sei que cheiro de escandalo, de lhe desafiar a curiosidade.

Para estas cousas tinha inquestionavelmente a snr.ª Thereza um sexto sentido, apurado como nenhum dos outros.

Segundo era seu costume, quando percebia em si taes manifestações, pegou na cesta da meia, e veio tomar assento por detraz do mostrador e entre as saccas de arroz da loja de seu marido.

A menina Francisca, aquella mesma trigueira celebrada em octosyllabos por Daniel, viera sentar-se tambem ao lado de sua mãe. Era a primeira vez que tal succedia, depois dos episodios, que terminaram as visitas do estouvado clinico.

Com os seus olhos travêssos, e o sorriso malicioso já de volta aos bem talhados labios, valeu n'aquelle dia aos paes uma affluencia maior de freguezes á loja.

A cada novo personagem que entrava, a snr.ª Thereza dirigia, com um sorriso de affabilidade, a pergunta sacramental:

—Então que se diz de novo?

E de cada vez esperava achar justificada a voz do instincto de escandalo, que, n'aquella manhã, tão alto berrava em si.

Por muito tempo foram, porém, mallogradas estas esperanças.

Mas, ahi pelas nove horas, entrou na loja o sachristão da freguezia, a comprar cigarros,—porque o snr. João da Esquina, como é costume nas terras pequenas, vendia tudo, desde o doce de chá, até á véla de cebo; e os cigarros entravam tambem na lista dos objectos do seu negocio.

Era este sachristão um rapaz de cara rapada e typo de velhacaria, sempre em olhares e suspiros diante da menina Francisca, em quem estes symptomas de affecto não encontravam demasiado agrado.

—Ora aqui vem, quem nos traz novidades fresquinhas—exclamou, ao vêl-o entrar, a snr.ª Thereza, que apesar da opinião que lhe ouvimos sobre o poder nutritivo das aparas de hostias e escorralhas de galhetas, não era, ultimamente, de todo desfavoravel ás pretensões do sachristão.

—A snr.ª Thereza é que m'as devia dar—disse este—pois está mais perto do sitio, onde ellas hoje ferveram.

—Não te entendo, Joaquim; então que ha?—perguntou, já ralada de curiosidade e poisando a meia, a esposa do snr. João; e os olhos d'aquella familia toda convergiram para os labios do homem da sachristia.

Este sentiu-se lisongeado com as attenções e muito prin-

cipalmente com as da menina Francisca, cujo olhar fixo por pouco lhe fazia perder o sangue frio.

—Então devéras não sabem o escandalo d'esta noite?

—Não; que houve? Conta lá isso, Joaquim, conta lá.

E o snr. João da Esquina, no ardor da curiosidade, e para fazer a bocca doce ao orador, trouxe-lhe uma mão-cheia de figos sêccos d'uma ceira enxertada e rejeitada por um freguez pechoso: e a snr.ª Thereza esfregou as mãos e ageitou-se para ouvir melhor; e a menina Francisca puxou a cadeira, em que estava, para junto do mostrador.

O sachristão principiou:

—O filho aqui do seu visinho... o doutor novo...

N'este ponto, despediu um olhar certeiro á menina Francisca, a quem um accesso de tosse accommetteu; a snr.ª Thereza espirrou, e o snr. João deixou cahir não sei o quê e abaixou-se para apanhar o que deixou cahir. O orador proseguiu:

—Pois o tal snr. doutorsinho... esteve para o levar o diabo esta noite.

—Que me dizes, homem?—perguntou a snr.ª Thereza, já debruçada no mostrador.

—E' verdade.

—Mas como foi isso?

—Foi o irmão, o Pedro, que esteve para o matar.

—Ora, contos!—disse o snr. João da Esquina, encolhendo os hombros, a affectar uns ares de dúvida, mas dando um pau de canella ao sachristão, que era perdido por golodices.

—É o que eu lhe digo—insistiu este, chupando a casca aromatica.

—Mas então porquê?

—A mim, contou-me esta manhã a tia Brasia, á missa primeira, que o Pedro pilhou o irmão, a sahir de casa das do Meiadas e disparou contra elle a espingarda. A tia Brasia affirmou-me que tinha ouvido o tiro.

—Agora me lembra que tambem ouvi um tiro esta noite—disse a snr.ª Thereza, e accrescentou com a maior fleugma do mundo:—E matou-o?

—Não, não o matou; mas julgo que o feriu.

—Não se perde nada—disse laconicamente o snr. João da Esquina.

—E é de perigo?—perguntou, um tanto inquieta, a menina Francisca.

—Socegue, menina—respondeu o sachristão, despeitado

pelo tom de voz, em que ella dissera isto.—Socegue, que, ainda que lhe tirasse um ôlho, ficava-lhe outro para vêr as raparigas da terra, que todas lhe fazem conta.

A petulancia foi repellida por a menina com um gesto de soberano desdem.

—Mas então...—continuou a mãe—dize-me cá, então o Daniel tinha assim entrada em casa das do Meiadas? Como se entende isso?

—Ora como se entende isso? Pois não conhece ainda aquelle melro?

—Mas era com a Clarita, então?

—Pelos modos, era com a Margarida, ao que dizem, mas... eu por mim, inclino-me a que era com ambas—respondeu o sachristão com a firmeza do historiador critico, que decide eclecticamente entre duas versões d'um facto controvertido.

—Com a Margarida?!—exclamou João da Esquina—Pois com aquella cara de Nossa Senhora da Soledade... aquelles ares de sancta... Eu sempre vejo cousas!

—São as peiores—observou a esposa.—Bem me fio eu em sanctidades.

—Não sei como se póde gostar d'aquillo—disse desdenhosamente a menina Francisca.

—Deixe lá, menina—notou com ironia o sachristão, ainda despeitado.—A Margarida não é para despresar assim. É trigueirinha, mas nós todos sabemos que Daniel não desgosta d'ellas, ainda mais trigueiras.

Francisca mordeu os beiços ao escutar a allusão e espetou a agulha no novello das linhas; o pae lançou ao sachristão um olhar furibundo e descarregou com um martello uma forte pancada nos pintos falsos, que, para escarmenta de velhacos, tinha cravados no mostrador; e a propria snr.ª Thereza armou-se d'um sorriso constrangido, pouco animador para o sachristão e ao mesmo tempo apertava nervosamente uma orelha ao gato maltez, que dormitava acocorado junto d'ella, sobre uma sacca de arroz.

Muda, mas expressiva linguagem symbolica, que se podia traduzir assim:

A menina Francisca—Tinha alma de te atravessar o coração com esta agulha, maldito.

O snr. João da Esquina—Não sei o que me contém, que te não quebro com este martello quantos dentes tens na bocca, bregeiro.

A snr.ª Thereza—O que tu merecias era um puxão de orelhas, bem puxado, maroto.

No entretanto, o sachristão proseguia imperturbavelmente:

—A tia Brasia disse-me que havia muito que o Daniel não largava a porta das do Meiadas. E isso é facto. Pelos modos, o Pedro soube-o, e hontem, se lh'o não tiravam das mãos, dava cabo d'elle.

—Mas então sempre havia alguma cousa com a Clara tambem—observou a snr.ª Thereza, a quem a opinião critica do narrador agradava, por mais escandalosa.

—Pois isso para mim é de fé—disse o sachristão.

Por este tempo tinha entrado na loja um jornaleiro, o qual, tendo ouvido as ultimas palavras do dialogo, percebeu logo do que se tractava.

—Houve mosquitos por corda esta noite lá para as minhas bandas, houve—disse o homem com um sorriso malicioso.

—Ah! tambem já sabe?—perguntou o sachristão.

—Ora se já sei! Pois eu não estive lá?

—Ai, pois viu?

E os quatro, que em commum fizeram esta pergunta, fitaram avidamente os olhos no jornaleiro.

—Eu lhe digo—disse o homem, tirando o chapéo e coçando na cabeça.—Eu tinha chegado de fóra, havia meia hora. Tinha sido rogado para uns trabalhos ahi para longe. Por signal que me pagaram, como a cara d'elles. Sempre lhe digo, snr. João, que isto de jornaes está uma pouca vergonha. Deu o que tinha a dar. Eu lembro-me d'antes... Mas, vamos ao caso, eu chegára a casa e tinha dito lá, á minha patroa... que, coitada, tambem não tem andado lá essas cousas, não—mas tinha-lhe eu dito que me fritasse uns ovos com presunto—e, deixe-me dizer, que os ovos este anno tambem são uma peste. Parece que deu o arejo nas gallinhas. Diabos as levem. D'aqui a pouco, da maneira que isto vai, ficamos sem ter que comer e a fazer cruzes na bocca. Mas estava lá a minha patroa a fritar-me os ovos... É verdade, ó snr. João, que diabo de azeite me deu vocemecê, o outro dia, que nem á mão de Deus padre se póde levar?

—Homem, pois ninguem mais se me tem queixado d'elle. É você o primeiro.

As mulheres e o sachristão começavam a impacientar-se.

—Eu não sei que lhe acho, sabe-me a chapéo velho, o

maldito. Mas estava lá a minha Quiteria ao lume, eis senão quando, eu ouço uns gritos de—«Aqui d'el-rei.»

—Então elles gritaram «Aqui d'el-rei?»

—Que os ouvi eu, sim, senhor, tal qual. Puz-me logo na rua. Porque eu cá sou assim. Olhe o snr. João quando foi d'aquella espera que fizeram ao escrivão de fazenda, eu lá estava.

—Na espera?—perguntou o sachristão, em tom de zombaria.

—Não que eu não sou d'esses—respondeu o jornaleiro, carregando a sobrancelha—quando quero fazer mal a alguem, não me escondo. Vou ter com elle, esteja onde estiver; na sachristia, que seja. Ora fique sabendo, que póde ser que lhe sirva.

—Então acaba ou não acaba a sua historia, snr. Manoel? —disse a snr.ª Thereza, desfazendo a altercação nascente.

—Salto eu para a rua—continuou o jornaleiro—e, como o barulho vinha do lado dos Juncaes, tomei por lá. Vi-me em calças pardas. Não fazem ideia como está aquillo nos Juncaes. Uma cousa é vêr, outra é dizer. Sempre temos uma camara, louvado seja Deus! Deixa estar aquelle mar nos Juncaes... porque é um mar, sem tirar nem pôr. Eu queria que a snr.ª Thereza passasse por lá de noite como eu, que sempre havia de dar ao diabo a cardada.

—Mas depois que viu?—perguntou a snr.ª Thereza, exhausta de paciencia com as interminaveis digressões do orador, e accrescentou baixinho:—Sume-te, démo mau!

—Quando cheguei perto da casa das do Meiadas, passou por mim um homem e eu metti-me n'um canto, para, se fosse preciso agarral-o...

—Deixal-o fugir—concluiu impertinentemente o sachristão, sorrindo.

O Manoel do Alpendre, que era a graça do jornaleiro, nem se dignou responder; continuou:

—Vi que era Daniel ou o diabo por elle, mas pareceu-me que o homem levava alguma cousa quebrada. Ia assim como a mancar. Olhe que sempre se vai sahindo o tal menino! Eu digo, que se elle escapa de tantas que faz! Mas ha gente assim. Uns a cavar pés de burro por esse mundo, outros então a levar a vida com uma perna ás costas. Este é um dos que parece ter nascido n'um folle, o tal snr. Daniel... Bem fez cá o snr. João, em lhe fechar a porta na cara, e pôr

termo ás visitas, que elle lhe fazia por aqui; já se sabe porque, sim, já á bocca cheia se dizia...

—Vamos ao caso, vamos ao caso—interrompeu a snr.ª Thereza.—Você que fez depois?

—Eu? Segui o caminho e cheguei á porta das raparigas. Estava já lá o Pedro do abbade, o João das Pontes, o tio Gaudencio das Luzes... por signal, que anda escangalhado o velho. Perdigão perdeu a penna, não ha mal que lhe não venha. Não sei que diabo aquillo é. Eu ponho as mãos n'umas horas, se o homem deita o anno fóra. Quem viver, verá. Mas vai, chego-me eu a elle... «Ó ti Gaudencio, digo-lhe eu, que é isto aqui?»—Olha, diz-me elle.—E vai, eu olho e vejo o Pedro das Dornas, com uma espingarda na mão e o snr. reitor ao pé d'elle, e no chão uma mulher...

—Morta?—perguntou com vivacidade a snr.ª Thereza.

—Morta não, senhora. A mulher estava viva.

—Mas o tiro que elle deu?

—Eu lá d'isso não sei!... Pois elle deu algum tiro?

—Pois eu não ouvi um tiro?—disse a snr.ª Thereza—E não fui eu só; houve mais quem ouvisse.

—Que elle tinha a espingarda, isso lá tinha.

—E deu o tiro; não tem dúvida que deu. Mas então era a Clara?

—Nada, não era; era a irmã, a mestra. Eu bem a vi. E vai ao depois, o snr. reitor não sei que disse e tal, sim senhores, e pega e vai ao Pedro e manda-o embora e volta-se para o povo, que por alli estava, e manda-o tambem embora, dizendo que não dessem á lingua; e com razão, porque a rapariga é bem afamada e, se se principiasse agora por ahi a fallar... Sempre me ha de lembrar que quando minha mulher...

—Mas o Pedro que disse á sahida?

—Não disse nada. Parecia nem dar por a gente. Ia assim a modo de estarrecido. Se lhe parece! Sempre um homem ás vezes se encontra n'ellas boas! Uma occasião tinha eu ido...

—Mas então está bem certo que era a Margarida a que...

—Ora se era! Pois eu não conheço a Margaridita? Ainda o pae era vivo, que eu, indo com elle um dia a uma patuscada... que nós davamo-nos muito; ahi está que, faz pelo S. Martinho doze annos... D'antes é que o S. Martinho era S. Martinho... Lembra-se, snr. João, d'aquella vez que nós fomos todos?.. que tempo! Ainda era vivo o tio André de Mortosa... Que homem tão divertido! Aquillo era uma cousa por maior... pois quando elle ia de serandeiro ás esfolhadas! D'antes sim,

é que se faziam esfolhadas!.. Agora já se não fazem que prestem... Ahi está que eu fui no outro dia á do Damião... pois senhores parecia-me um enterro... Elle tambem teve fraco S. Miguel este anno... O homem não sabe dar o amanho ás terras... As terras querem-se bem tractadas, não ha que vêr... É como uma pessoa; quem não tem o sustento preciso, não póde medrar. Olhem aquella rapariga, filha do João ferreiro...Quem a viu e quem a vê...

E, de incidente em incidente, corria á véla cheia o pensamento do Manoel do Alpendre pelo vasto mar das suas recordações, afastando-se cada vez mais do assumpto primitivo e cada vez desesperando mais a curiosidade do auditorio.

O sachristão cortou o fio da digressão.

—Mas ahi vem quem nos póde dar informações exactas —disse elle, vendo entrar na loja uma nova personagem.

Era uma mulher côr de cera, muito macilenta, de olhos meio fechados e sorriso de beatitude nos labios. Usava o cabello curto, penteado para diante da testa, a qual ficava coberta por elle até ás sobrancelhas; cingia-lhe a cabeça um lenço branco, posto á maneira de barrete; sobre o primeiro, outro de côr escura, atado por baixo da barba e puxado para diante até deixar-lhe o rosto como no fundo d'uma gruta, e, ainda por cima, uma capa de baeta, sem cabeção.

Das mãos pendia-lhe constantemente um comprido rosario.

Era emfim um d'esses typos de beata, communs nas nossas aldeias;—mulheres, cuja vida se passa em devoções contínuas, em novenas e vias-sacras e em perenne confissão; obra dos gordos missionarios, que deixam a outros o cuidado de desbravar a gentilidade das nossas possessões, para andar na tarefa mais commoda de tolher o trabalho e a actividade na casa do lavrador.

Imbuindo o espirito das mulheres de preceitos de devoção absurda, afastam-as do berço dos filhos, da cabeceira do marido enfermo, do lar domestico, para as trazer ajoelhadas pelos confessionarios e sachristias; com uma brava eloquencia, perigosa para quem não tiver o senso preciso para a achar ridicula, incutem-lhes falsas doutrinas, desmentidas e condemnadas em cada pagina do Evangelho, tão severo sempre contra phariseus e hypocritas.

N'uma localidade, não muito distante do Porto, ainda ha pouco um d'esses apostolos, que andam por ahi reformando escandalosamente a moral dos povos, prégou do pulpito «que

a salvação d'um homem casado era tão difficil, como o apparecimento d'um côrvo branco.»

É triste e desconsolador o aspecto da terra, onde esta praga pharisaica tem feito maiores estragos. A alegria do povo, esse reflexo da alegria das mulheres, porque das mães se reflecte nos filhos, das esposas nos maridos, das raparigas nos amantes, desapparece pouco a pouco.

Com os trajos escuros, os cabellos cortados, os olhos baixos, as mulheres teem por peccado o rir, o cantar como um crime; ou se cantam, são umas certas cantigas ao divino, ensinadas pelo missionario, nas quaes a austeridade do conceito nem sempre é mais respeitada do que a euphonia da fórma. Algumas ouvi eu, em que a vinda dos missionarios era saudada com um *vigor* de imagens, quasi oriental; eram arremêdos grosseiros do Cantico dos Canticos, que fariam rir, se se lhes não percebessem peiores intenções.

E no meio d'estas ostentações de ascetismo, quantas vezes se esconde folgada a devassidão, que não duvida ornar o pescoço de camandulas e bentinhos, e vê na excitação nervosa, produzida pelos jejuns, um alimento a favorecel-a?

O horror ao escandalo, eis o que caracterisa esta moral de Tartuffo. Salvem-se as apparencias, resem-se as devoções todas, e a culpa será attenuada.

Traz-se, por exemplo, o pulso cingido por uma cadeia de aço, benzida de certa fórma—distinctivo das *escravas de Nossa Senhora*—cadeia milagrosa, que, asseguram os missionarios por lá, tem a propriedade de se alargar ou apertar de per si, de modo a andar sempre justa ao braço, quer este engorde quer emmagreça; e já o diabo não se atreve, contra quem usa d'esse talisman.

Ora digam se, quando não seja senão para aperriar o diabo, não dá logo vontade de experimentar a efficacia da cadeia, commettendo um delicto?

Era pois a senhora Josepha da Graça a mais famigerada vergontea d'este viveiro de aspirantes a sanctas, que se estava organisando na aldeia. O reitor, que não era para imposturas, tractava-as a todas com aspereza, o que não lhe grangeava muitas sympathias n'este beato congresso.

—Louvado seja Nosso Senhor Jesus Christo—disse ao entrar na loja, e com uma voz, dolentemente melodiosa, a sancta de que fallamos.

—Para sempre seja o Senhor louvado—respondeu-lhe, menos beatamente, a snr.ª Thereza.

—Faz-me favor de me vender duas velinhas de cera para uma promessa, que fiz ao Divino Coração de Maria, snr. João, e que seja pelas Divinas Chagas de Nosso Senhor Jesus Christo.

João da Esquina satisfez promptamente a requisição, mas emquanto o fazia, perguntou:

—Então que houve esta noite lá pelas suas visinhanças, ti' Zefa?

—Eu sei, filho? Eu de portas para fóra, nada posso dizer. Já não é pouco tractar cada um da sua alma e dirigil-a no caminho do céo. O padre José ainda hontem o disse.

—Pois sim; mas, quando se faz muito barulho na rua, sempre se abre um cantinho da janella—disse João da Esquina, piscando o olho para o sachristão, que lhe sorriu em resposta.

—Abrir a janella? Para que ha de uma pessoa abrir a janella? Para se metter em trabalhos? Não que eu, filho, todas as noites reso ao meu devoto padre Sancto Antonio, para que me livre de perigos e de trabalhos, de maus visinhos de ao pé da porta e de ferros d'el-rei.

—Mas pelos modos o Sancto não a tem ouvido, porque emquanto a maus visinhos...

—Nem por isso a deixam dormir, não é assim, ti' Zefa? —perguntou a snr.ª Thereza, entrando na conversa.

—Visinhos... o que se diz visinhos, não tenho eu; a casa mais perto é a das pequenas do Meiadas e d'essa á minha ainda é um bocadinho.

—Mas ouvia-se de lá o barulho?—perguntou o sachristão.

A beata fez um gesto affirmativo e accrescentou:

—Olhe, snr. Joaquim, peccados d'este mundo, sabe?

—Vamos lá. A ti' Zefa, sempre tem uma inclinação pelas raparigas. São suas conhecidas ha muito tempo, e por isso...

—Eu?! Olhe, ainda esta manhã o disse ao padre José, aquillo são tentações do demonio; sabe o snr. João da Esquina o que são tentações do demonio? pois é aquillo. Não que dizem que não valle nada ser escrava de Nossa Senhora. Não, não valle. Lá se está a vêr. As cousas estão a saltar aos olhos.

—Mas, a final que houve? O caso foi com a Clara ou com a irmã?

A pergunta era feita pelo sachristão, por quem a beata tinha suas contemplações, e por isso respondeu:

—Foi com a Margarida, snr. Joaquim. Aquillo estava de vêr! Então admirou-se? Pois olhe, eu... A gente não deve murmurar do seu proximo, mas emfim... isto é por conversar e não passa d'aqui. Aquella rapariga vai mal; ainda hoje m'o

disse o padre José; tirando lá a sua missa ao domingo, já ninguem a vê mais na igreja. Olhe a snr.ª Thereza que, alli onde a vê, não quiz pertencer á confraria do Sagrado Coração de Maria! Já viram? Mas, como disse o snr. padre José, e é assim, a culpa não é d'ella.

—O nosso reitor é que a aconselha — insinuou João da Esquina.

—Julgo que sim, snr. João, e... Emfim cada um sabe de si, e Deus de todos, mas a fallar a verdade...—isto não é agora por dizer mal do snr. reitor, que é muito boa pessoa, assim não fosse aquella zanga que elle tem ao padre José e á confraria; mas que elle não as traz bem guiadas, isso não traz, e...

—Mas vamos a saber—disse, interrompendo-a, a snr.ª Thereza, e tomando um tom de intima familiaridade, que provou admiravelmente em soltar a lingua á beata—mas se o caso era com a Margarida só, como é então que o Pedro quiz matar o irmão? Que tinha o Pedro com isso?

—Pelos modos—disse o jornaleiro que estivera calado; elle julgou ao principio que era a Clara, e... Faz-me lembrar quando, ha de fazer tres annos...

—Nada, não, senhor, não foi isso—emendou a beata.—O que me disseram foi que a Margarida quiz lançar as culpas á Clara, e que foi então que o Pedro espetou a navalha no irmão.

—Então elle espetou-lhe alguma navalha?—perguntou a menina Francisca.

—Pois não espetou? E diz que, por pouco, lhe chegava ao coração...

—Sancto nome de Jesus! Isso é crime de degredo, pelo menos.

E dizendo isto, a snr.ª Thereza, parecia satisfeita por o escandalo ir assumindo maiores proporções.

O jornaleiro observou do lado:

—Ó ti' Zefa, isso é que me não parece verdade. Eu julgo que elle nem o feriu.

—Pois eu não vi, snr. Manoel?

—Com as janellas fechadas, ti'Zefa?!

A beata mordeu os beiços.

—Vi esta manhã o sangue, é o que eu queria dizer. E por signal que não era tão pouco.

—Quem havia de dizer que aquella sonsinha da Margarida...—observou o tendeiro.

N'este ponto entraram na loja mais alguns freguezes, que,

já informados do que se passára, prestaram logo ouvidos á conversa.

Entre elles achava-se tambem a criada de João Semana, a qual viera comprar arroz para o jantar do seu amo.

Não foi de todo o auditorio a menos attenta esta nossa conhecida; mas uma contracção de labios e sobrancelhas e o olhar que fixou na beata mostravam que não era de animo satisfeito, que ella escutava os boatos d'aquella manhã.

A confessada do padre José continuava:

—Olhe, snr. João da Esquina, isto de viver assim ao Deus dará, não é lá grande cousa. Aquillo n'aquella casa é uma republica, sabe? Falta alli uma pessoa de juizo e de temor de Deus. O snr. reitor... emfim, eu não quero dizer mais nada.

—Pois é pena—resmungou a snr.ª Joanna.

—É assim, ti' Zefa, é assim. O snr. reitor dá toda a liberdade áquellas raparigas. Aquillo mais tarde ou mais cedo estava para succeder—disse a snr.ª Thereza.

—Melhor tu olhasses por o que te vai por casa—continuava a resmonear Joanna.

—Olhem que mestra de creanças!—observou uma gorda oleira, que viera comprar uma quarta de sabão—Não, filha minha não mandava eu lá.

—Deixa estar, que comtigo havia de aprender boas prendas—commentava ainda Joanna.

—Não ha de ser a minha que ha de lá voltar.

—Nem a minha.

Disseram algumas das mulheres presentes.

A snr.ª Joanna principiou a ser accommettida d'uma tosse sêcca, tão significativa, que desviou para ella as attenções.

Mas a snr.ª Joanna, na qualidade de governante do velho cirurgião, era na terra uma potencia, com que poucos se atreviam a arrostar. Fizeram-se por isso desentendidos.

—E quem vê aquillo então!—disse João da Esquina—Toda de mantos de sêda, toda Sanct'Antoninho onde te porei.

—Tentações do inimigo mau, sabem? tentações do inimigo mau, e é o que é. Não que dizem que não serve de nada confessar-se a gente a miudo e resar as orações dos missionarios...

—Ai, serve para livrar de maleitas depois da morte—respondeu, já em voz mais alta, a snr.ª Joanna, preparando-se para sahir.

A beata, fingindo não entender, continuou:

—Ainda esta manhã o padre José...

—Oh!—disse expressivamente a criada de João Semana, já da porta.

A beata fitou n'ella uns olhos chammejantes de cólera. Aquella interjeição irritára-lhe os nervos.

—A snr.ª Joanna tem alguma cousa que dizer do snr. padre José?

—E você que lhe importa?—retorquiu-lhe Joanna embespinhada, voltando para dentro.

—Eu sempre queria saber...

—Ora metta-se com a sua vida, que não é de muitas canseiras, e não tome tanto fogo pelo que se passa nas casas alheias. Não esta mau o descôco! Olhem agora o estafermo!

—Não se zangue, snr.ª Joanna; lembre-se que a ira é o quarto peccado mortal.

—Dê conselhos a quem lh'os pedir, que eu, quando precisar d'elles, sempre hei de ter, graças a Deus, outras barbas melhores que as suas, para m'os dar.

—Presumpção e agua benta, cada qual toma a que quer —disse a beata, com um sorriso de sarcasmo.

O nariz da snr.ª Joanna afogueou-se de vermelhidão, signal de borrasca imminente.

—Ó snr.ª Zefa da Graça, repare bem com quem se mette. Olhe que eu não sou das da sua igualha, para tomar commigo esses ares de confiança. Veja que lhe póde sahir caro o risinho.

—Ninguem fallava com a snr.ª Joanna. Quem não quer ouvir as cousas...

—Então, então, isso não valle nada—disse, intervindo pacificamente, a mulher de João da Esquina.

—Que não valle nada, sei eu—continuou Joanna—por que tenho bastante juizo para receber as cousas, como da mão de quem vem. Mas na verdade que lá custa a uma pessoa estar ouvir semiscarunfias d'estas a pôrem a baba na fama d'uma rapariga, de quem um só cabello da cabeça valle por todas as beatas fingidas d'esta terra, por todas de cambalhota, e por o tal padre tambem.

—Veja o que diz! depois não se queixe se ouvir...

—Que hei de eu ouvir, sua desavergonhada, sua papa-novenas, que hei de eu ouvir?—exclamava, já de punhos cerrados e olhar scintillante, a irascivel Joanna—Eu não tenho medo das verdades, e para as mentiras tenho estas mãos desempenadas, graças a Deus. Diga o que sabe, diga para ahi.

Não, minha amiga, a mim não me engana você. Cuida que o rosario é uma fieira de alcatruzes que a ha de levar ao céo? Está servida.

—Quem chega á missa depois do credo... não póde fallar...—murmurou, já intimidada, a beata...

—E você, sua rata de sachristia, tem alguma cousa com isso? Que lhe importa se eu chego tarde, ou cedo? Não que eu não tenho a sua vida, sabe? Deus, que lê nos corações, bem conhece que não é de proposito que eu... Mas vejam esta sanctinha com que attenção está á missa, que repara para quem entra e quem sahe. São todas assim. Estas e outras cousas é que ellas vão dizer ao confessor. E ha de ser isto que ha de pôr a bocca em Margarida?

—Então julga que é peta o que toda a gente sabe por ahi já?

—Não, a verdade deve dizer-se—observou João da Esquina.—É facto que esta noite...

—Historias! isso não ha de ser tanto como dizem. Sabem que mais? Eu só lhes desejo, aos que tiverem filhas, que Deus lhes dê a ellas um bocadinho do juizo da Guida do Meiadas. Adeus.

E a snr.ª Joanna ia a retirar-se.

—Espere, espere—exclamou a snr.ª Thereza offendida —isso que quer dizer?

—Não posso estar a taramelar das vidas alheias, que tenho a olhar por a minha.

E sahiu.

Não lhe ficaram fazendo muito boas ausencias as mulheres, que se conservaram na loja.

A beata sobre tudo espalhou todo o seu fel em palavras acerbas, apesar da costumada doçura de pronuncia, com que lhe sahiam dos labios.

A final retirou-se tambem da loja para ir contar a outra parte o escandalo da noite passada, já mais ampliado talvez.

Dentro em pouco, não se fallava em outra cousa na aldeia. Cada imaginação se encarregava de variar o boato.

Houve quem désse Daniel quasi morto e o irmão fugido; outros que pelo contrario ungiam Pedro e desterravam Daniel.

De Margarida dizia-se que tinha querido sacrificar a irmã e que esta a punha fóra de casa, deixando-a assim a pedir esmola; e mil outras variantes, que o leitor póde conjecturar.

—Este rapaz não acaba bem. Ora verão—concluiu, no fim de tudo isto, o snr. João da Esquina.

A snr.ª Thereza apenas observou:

—Mas como lhe deu para olhar para aquella rapariga? Vejam agora as grandes bonitezas!

A menina Francisca, inclinada sobre o mostrador da loja, escrevia n'elle distrahidamente, com um gancho do cabello, differentes palavras sem nexo, e no fim suspirou.

XL

A tarde d'esse dia empregou-a o reitor em casa de José das Dornas, onde, com a sua diplomacia, conseguiu evitar as difficuldades da primeira entrevista entre os dous irmãos.

Pedro, cheio de remorsos, abraçava Daniel, e este, que com mais razão os estava sentindo, a custo podia supportar essas provas de arrependimento d'uma culpa imaginaria.

Repugnava-lhe affectar maneiras de quem perdoa, quando uma força interior o impellia a ajoelhar, e a confessar-se culpado. Por mais d'uma vez esteve para revelar tudo; susteve-o o olhar que o reitor, presentindo esta tentação, nunca d'elle desviava.

—Mas—dizia Pedro, já n'um ponto adiantado da entrevista—se tu gostas da Margarida, porque não has de casar com ella?

—E julgas que ella o consentiria?—perguntou Daniel.

—Porque não? Não te estima tambem? Eu julgo que bem claro t'o mostrou ainda hontem.

Daniel achava-se embaraçado. A observação do irmão era, na apparencia, tão rasoavel, que elle não sabia o que havia de responder. Valeu aqui a tactica do reitor.

—Ora que sabes tu dos outros, Pedro?—disse elle — Tem graça! Cada um sabe de si, e é quando Deus quer, que, ás vezes, nem de nós sabemos tambem. O melhor é fallarmos em outra cousa, ou tractar cada qual da sua vida.

Daniel da melhor vontade seguiu o conselho do reitor, e a conferencia terminou.

Porém, quando o padre ia para transpôr o limiar da porta da rua, Daniel aproximou-se d'elle.

—E Margarida?—perguntou-lhe com certa anciedade.

—Margarida? Margarida está boa.

—Fallou-lhe depois que hoje nos apartamos?
—Fallei.
—E persiste na sua resolução?
—Que resolução?... Na de salvar a irmã?... pois está de vêr que sim.
—Não fallo d'isso.
—Então?—perguntou o reitor, com affectada simplicidade.
—Na recusa que esta manhã...
—Ah!... já me nem lembrava... Não se fallou mais em tal.
Daniel baixou a cabeça. O reitor julgou perceber-lhe no rosto signaes não simulados de tristeza e condoeu-se d'elle.
—E nós cá—disse batendo-lhe no hombro—como vamos? A que paixão se traz agora aforado o coração? Ahi nunca póde medrar cousa que preste; é um terreno movediço, como o das areias.
—As plantas de fundas raizes tambem as sabem prender.
—Mas levam um tempo!... E nem sempre vingam. Ahi está que bem antiga foi a primeira sementeira d'essa, que traz agora no coração, se é que a traz, mas não vingou d'essa vez, ao que parece.
—Que quer dizer?—perguntou Daniel, olhando para o reitor, a quem não entendia.
—Homens que não teem sempre presentes os tempos de creança, os mais felizes e os mais innocentes tempos da vida... Deus me livre d'elles. Ha de haver dez annos...E de repente, parecendo interromper o pensamento, que ia exprimir, o reitor sahiu e, já da rua, cantou a meia voz, e afastando-se lentamente:

Andava a pobre cabreira,
O seu rebanho a guardar,
Desde que rompia o dia,
Até a noite fechar.

—Ah!—exclamou Daniel, como se n'aquelle instante lhe occorrera um pensamento inexperado.
O reitor tinha já desapparecido.
Aquella exclamação abriu no espirito do antigo companheiro de Guida uma longa succcssão de memorias e de pensamentos, aos quaes o deixaremos entregue.
Ás dez horas da manhã do dia seguinte, o parocho, pas-

sando por casa de Margarida, resolveu entrar, não obstante saber serem aquellas horas de occupação para a sua pupilla.

O reitor muitas vezes gostava de assistir ás lições das creanças e até de auxiliar Margarida, tomando algumas tambem.

Com este projecto subiu vagarosamente as escadas; ao subil-as, estranhou o silencio que havia em casa, de ordinario, áquella hora, ruidosa de vozes infantis.

—Isto será mais tarde do que suppunha?—disse o reitor, parando no patamar e consultando o relogio—Dez horas. Só se o relogio se atrazou; mas esta manhã ainda...

As pancadas sonoras da campainha d'um pequeno relogio de sala interromperam-lhe o monologo.

—Quatro, cinco, seis, são dez não ha que vêr—dizia o reitor contando-as—sete, oito... é isso; nove, e dez. São dez horas, são. Mas então...

E subia, mais apressado já, um segundo lanço de escadas.

—Margarida estará doente? Porém, se fosse de cuidado, tinha-me mandado parte e não sendo, não era ella a que por qualquer cousa...

E entrou na primeira sala. Escutou—o mesmo silencio.

—Ou! Estou admirado!

D'esta sala passou á do trabalho.

Estava deserta, postas de lado as pequenas cadeiras das creanças, arrumados os cestos de costura e os livros, e na sala aquelle ar de tristeza que parecem ter, quando desertos, todos os logares ordinariamente concorridos.

Sentiu esta impressão o reitor; foi agitado de secreto receio que atravessou os corredores e abriu a porta do quarto de Margarida.

Encontrou-a sentada, a lêr, com a fronte encostada á mão, o semblante sereno, mas abatido, e nos olhos vestigios de lagrimas, enxugadas de pouco.

—Que significa isto?—disse o reitor, dando ás suas palavras um tom jocoso, mas conservando no olhar a mesma vaga inquietação—E' hoje dia de suéto?

Margarida fechou o livro, ergueu-se para beijar a mão ao reitor e com uma voz, onde, quem estivesse exercitado em estudal-a, podia perceber ainda um desvanecido tremor, respondeu:

—As mães das minhas discipulas quizeram dar-me tempo para o arrependimento e para a penitencia. Dispensaram.

me dos meus serviços. E eu... aproveitei o conselho, que me deram, assim. Veja.

E mostrou o livro que lia. Era o dos *Psalmos*.

O reitor bateu impetuosamente com a bengala no chão.

—Mas isso é indigno! isso é... é... Ora deixa estar que eu lhes vou fallar...

—Não vá. Eu já esperava por isto. De que se admira? Porque as censura? Então não era da sua obrigação fazer o que fizeram?

—Margarida, isto é de mais! É preciso dar-lhe algum remedio, ou então...

—E ahi voltamos á nossa demanda—disse Margarida, sorrindo.—Não sabe já que não ha melhor remedio a dar-lhe?

—Ha de haver; isso é que ha de haver por força, que t'o digo eu. Tu estás a obrigar o teu coração a cousas, que não são para corações humanos. Has de acabar por o esmagares. Sabe Deus o que elle padece já!

—Ora diga, quando o coração padece, póde-se estar a sorrir, como eu? Vê?

E Margarida obrigava-se a sorrir.

—E as lagrimas de hontem?—proseguiu o reitor—E as de hoje? Terás coragem para, olhando bem para mim, me affirmares que ainda hoje não choraste, quando eu t'as estou a vêr nos olhos?

—É certo. Chorei.

—Ah!

—Mas de saudades. Cerrou-se-me o coração de tristeza ao pensar que me separavam d'aquellas creanças, que todas me queriam, que eu via crescer, que eu ensinava a fallar. Mas... paciencia! A tudo se costuma o pensamento e dentro em pouco...

—Nada, nada—continuou o reitor—não entendo eu isso de tal fórma. Tudo tem seus limites. Isso agora bole-me com a consciencia. Eu vou perguntar a essa gente...

—O que lhe vai perguntar?

—O que significa este desaforo? Quero lançar-lhe em rosto os seus escrupulos patetas e estupidos. Olhem as presumidas!

—Não faça isso.

—Margarida, é um peccado levar as cousas tão longe. E cuidas que tua irmã, sabendo d'isto...

—Clara não o saberá. Para que o ha de saber? Tinha sa-

hido, quando eu recebi o recado d'essa pobre gente. Eu lhe direi.

—Que lhe has de tu dizer?

—Qualquer cousa... o que me lembrar. Dir-lhe-hei que estou cansada d'esta vida a final; que lhe dou agora razão... e que acceitarei... a... caridade... de minha irmã.

E a estas palavras a commoção dominava outra vez Margarida.

—A caridade! Quem falla de receber caridades? Tu, que foste prodiga de beneficios? tu, que te despojaste da tua capa para cobrires com ella os hombros nús de tua irmã? Ai, Margarida, que é isso menos abnegação, que orgulho já. Não, d'esta vez não cederei. Vem, filha, vem commigo.

—Eu?! Aonde?...

—Vem; encosta-te ao meu braço. Quero vêr agora quem se atreve a murmurar d'aquella que passa apoiada ao braço do seu reitor. Sempre quero vêr.

—Não me obrigue a...

—Vem, Margarida; tens os pobres do costume a visitar e entre elles... e até, se queres ainda despedir-te do teu mestre, não deves adiar a tua visita, porque...

—Pois está peior?!

—Está proximo a obter o allivio de todos os seus males. Ora então vem, e veremos se elles tambem... essa pobre gente, que soccorres, recusa a esmola, que lhe offereces, as consolações que lhe sabes dar.

—Mas... Jesus, meu Deus! não sei se terei forças agora...

—Pede-as á consciencia. Ella t'as dará. Não me recuses o que te peço, Margarida; ou então Clara saberá tudo. Eu te prometto que isto não fica assim como está.

O parocho mostrou-se d'esta vez exigente. Margarida cedeu ás suas reiteradas insistencias.

Passados momentos, iam ambos silenciosos pelos caminhos da aldeia.

A apprehensão, de que se possuira Margarida, fazia-lhe vacillar os passos. Teve de segurar-se por isso ao braço do seu velho amigo e protector.

Chegaram assim ao largo, onde morava o enfermo.

Á sombra das arvores brincava, a saltar e a dançar, um bando de creanças, a cujas vozes joviaes respondiam da copa da alameda os gorgeios das aves escondidas.

As creanças, ao vêrem aproximar-se Margarida, mestra

de quasi todas, correram, soltando gritos de alegria, a beijar-lhe a mão.

As mães, porém, que estavam sentadas, fiando e conversando, na soleira das casas, que circumdavam o largo, obrigaram-as a parar a meio caminho.

—Vem cá, Luiza!—bradou uma d'ellas.

—Ó Maria, onde vaes tu? Para aqui, já; corra!—exclamava outra.

—Ó Anna, ó Anna! então isso é o que eu te disse? Salte para casa. Ande!

—Ó Ermelinda, não ouves? Não ouves, Ermelinda? Olha se queres que eu vá lá?

E no mesmo sentido partiram de todos os lados vozes, que constrangeram as creanças a pararem irresolutas.

A significação injuriosa d'aquellas palavras, d'aquellas ordens maternas, foi logo comprehendida por Margarida e por o reitor.

Aquella tremeu e instinctivamente apertou o braço do seu velho tutor; este tremia tambem, mas de indignação.

—Ólá!—bradou elle, não lhe soffrendo o animo mais reservas—ólá, Luiza, Maria, Ermelinda, Anna—aqui já, já, todas aqui já!—Então, não ouvem?

As creanças aproximaram-se timidas. Elle continuou, com voz rija e alterada pela coléra:

—Já que as vossas mães vos ensinam a ser desobedientes e mal creadas, aqui estou eu para vos dar a educação. Beijem a mão á sua mestra, já. Ouvem-me?

—Senhor!—murmurou Margarida.

—Deixa-me—respondeu o reitor, desabridamente.—Então, vamos!

As creanças tomaram a mão de Margarida e beijaram-a com timidez. Margarida abraçou-as, soluçando.

—E vocês lá!—continuou o padre, dirigindo-se ás mães —Tudo a pé! Que modos são esses de estar diante do seu reitor?!

As mulheres levantaram-se respeitosas e mudas.

—Agora aproximem-se e venham aqui pedir por favor a esta rapariga, á minha pupilla, entendem?—á minha pupilla; venham pedir-lhe que lhes abençoe as filhas. Vamos!

O orgulho feminino revoltou-se contra a intimação.

—Essa agora!

—Era o que me faltava!

—Olhem os meus peccados!

—Não, que elle não ha mais!

—D'isso a livrará o Senhor.

—Não ha de ser a filha de meu pae.

—Para longe a tentação...

—Que é? que é? que é lá isso?—exclamou o reitor, interrompendo este zum-zum de má vontade e insubordinação. Que virtuosissimas creaturas sois vós todas? Olhem lá que não manchem os labios a pedir! não vos custa manchal-os a jurar em vão o sancto nome de Deus, não se vos importa manchal-os, a assoalhar as vidas alheias, a calumniar as amigas, a insultar as visinhas; mas fazeis escrupulos de os empregar, a pedir a benção para vossos filhos, a quem, mais e melhor do que vocês todas juntas, lh'a póde e deve dar.

—Ora!—disseram algumas vozes.

—Ora! Ora o quê? Saibam então que todas, todas vocês, nem são dignas de lhe beijarem as bordas dos vestidos. O que sabeis é engrolar padre nossos e roçar com a testa pela chão das igrejas; mas não tendes coração para a doutrina do Senhor, não. Vós, as sanctas creaturas, envergonhai-vos de pedir, como se vos deshonrasseis com isso? Pois eu não me reconheço tão puro; sou um pobre peccador e por isso não devo ter essas soberbas de bem-aventurados.

E o padre, dominado pela exaltação que se lhe apoderára do espirito irritado, curvou-se, descobrindo-se; e tomando a mão de Margarida, levou-a respeitosamente aos labios, apesar dos esforços d'aquella.

A assembleia feminina baixou toda os olhos de confusão.

As creanças rodearam a sua joven mestra e d'esta vez espontaneamente lhe cobriram de beijos as mãos.

Margarida, banhada de lagrimas, baixou-se e uma por uma as apertou ao seio, sem poder fallar de commovida.

—Bem, minhas filhas, bem—disse o reitor.—Daes assim um nobre e bello exemplo a vossas mães; é de certo a mão de Deus, que vos tocou os corações. Quem se recusará a imital-as?

—Eu não—disse uma voz por detraz do reitor.

Este voltou-se e viu José das Dornas, que se aproximára havia alguns momentos e assistira á scena, que descrevemos.

O velho lavrador, depois de responder assim ao parocho, aproximou-se tambem de Margarida e pegando-lhe na mão, disse:

—Minha filha, eu tenho setenta annos. Desde que minha mãe morreu... ha cincoenta annos quasi, nunca mais bei-

jei a mão a ninguem. Pois digo-lhe que o faço agora ainda com mais respeito, do que o fazia então.

E o rude, mas generoso lavrador, baldando a resistencia de Margarida, imprimiu-lhe na mão um beijo, em que ia toda a franqueza e lealdade d'aquelle caracter.

Ao endireitar-se, achou-se nos braços do reitor.

—Bravo, José! bravo, meu homem! Isso esperava eu de ti, que te conheço ha muito. Bravo! bravo!—dizia elle enthusiasmado até ás lagrimas.

O exemplo obrigava. Algumas mulheres aproximavam-se já de Margarida e houve uma, que lhe segurou a mão.

Margarida porém retirou-lh'a e, esquecida da injuria passada, recebeu-a nos braços.

As outras, livres assim da acção, que mais lhes magoava o orgulho de mulher, correram já de boa vontade a abraçarem a pupilla do reitor.

Emquanto se passava esta scena, o padre, chamando á parte José das Dornas, perguntára-lhe:

—Então soubeste?...

—Esta manhã foi que m'o disseram. Creia, snr. reitor, que não puz más suspeitas na rapariga. Eu sei de que diamante é feito aquelle coração. Corri a procural-a para lhe dizer isto mesmo; soube que tinha sahido com o snr. reitor; vim-lhes na pista e...

—E então que pensas tu de tudo isto, José?

—O que penso? Já o tenho dito por ahi. Eu não sei lá como as cousas se passaram, porque, segundo o costume, cada um conta a historia a seu modo; mas que a culpa é toda do Daniel, isso para mim é de fé. Tem diabo o rapaz! Já vejo que é impossivel deixal-o ficar aqui na terra. Lá me custa, que sempre é filho; mas não ha outro remedio. Que vá para o Brazil.

Estas palavras chegaram aos ouvidos de Margarida, e fizeram-a estremecer.

—Para o Brazil?—disse o reitor, abanando com a cabeça em signal de desapprovação—Então que ha de ir o rapaz fazer para tão longe?

—Póde enriquecer por lá, que é terra para isso. Que dúvida? E pelo menos escusa de andar por aqui a desacreditar as raparigas da aldeia. É sestro que não perde, ao que estou vendo. Escuso de me arriscar a mais desgostos.

—Mas...

—Para que diabo lhe havia de dar! Logo então esta, a mais sisuda, a mais sancta das nossas raparigas!

—E se os casassemos?—disse em voz baixa o padre a José das Dornas.

—O quê?!—perguntou este, espantado com o alvitre.

—Sim, que dúvida? Pois que melhor noiva pódes querer para teu filho, do que aquella, a quem já pensaste poder beijar a mão?

—De certo, mas... Não conhece o rapaz, snr. reitor? Aquillo casado! Ó sancto nome! E então com esta!... Pobre rapariga!

—Emfim pensaremos e conversaremos. Olha que a difficuldade parece-me ainda mais d'ella, do que d'elle.

—Que diz?!

Apesar do elevado conceito, em que José das Dornas tinha o caracter de Margarida, não podia conceber como fossem possiveis as repugnancias, da parte d'ella, por um casamento tão vantajoso.

—Então que queres?—disse o reitor—orgulhos de pobre... Não comprehendes isto?

E tomando o braço do lavrador, como quem tinha a communicar-lhe alguma cousa importante, afastou-se com elle um pouco para o lado.

Depois de darem assim juntos alguns passos, voltou-se de novo o reitor e dirigindo-se a Margarida, disse-lhe:

—Olha lá; se queres, vai agora visitar o teu mestre, emquanto eu converso aqui com o José das Dornas. Quando sahires vem ter comnosco á alameda, que lá andamos.

E caminhando na direcção da alameda indicada, proseguiu na sua conversa com o lavrador:

—Pois é o que te digo, José. Eu tenho pensado n'este negocio, e tão embrulhado o vejo que não sei d'outra sahida melhor, do que essa que te disse. Mas emfim, pensa tu e se te lembrares d'alguma preferivel...

Não obstante as tolerantes disposições de espirito, de que fazia assim ostentação, o reitor estava preparado para achar pessima toda a solução, que não concordasse com a sua.

Deixando-os no passeio da alameda e na conferencia, tão promettedora de importantes resultados, que iam encetar, seguiremos antes Margarida, a qual, ainda sob o dominio das ultimas e violentas impressões recebidas, entrou em casa do seu mestre.

XLI

Havia na sala uma grande obscuridade e um silencio profundo.

Parando, até habituar a vista áquella pouca luz, Margarida chamou, a meia voz, a mulher, a quem ella e sua irmã pagavam para tractar do doente.

Ninguem lhe respondeu.

—Pois teria a crueldade de o deixar assim, n'este estado! —pensou Margarida.

E apertava-se-lhe o coração só com a lembrança de tal abandono.

—Maria!—repetiu, elevando mais a voz.

O mesmo silencio em resposta.

—Só! coitado!... Só! Que coração o d'esta gente, meu Deus!

E, com as lagrimas nos olhos, encaminhou-se para a alcôva.

Guiava-a o respirar ancioso do enfermo. Mais acostumada já á obscuridade da sala, conseguiu Margarida aproximar-se do leito, em que elle jazia.

Com a sollicitude d'uma filha, inclinou-se a observar o estado do pobre velho; e dando ás suas palavras aquella inflexão carinhosa, que é o segredo sabido das mulheres ao velarem por um doente estremecido, disse-lhe, unido quasi o rosto ao rosto macilento do moribundo:

—Deixaram-o aqui só? Como se sente? Dormia talvez, e eu vim acordal-o.

E, ao examinar-lhe assim de perto as feições, estremecia de susto.

N'aquella pallidez, n'aquelle olhar, no movimento dos labios entreabertos, havia de facto uma significação de assustar.

—Então não se acha melhor? — repetiu Margarida no mesmo tom de voz e limpando-lhe compassiva a fronte, da qual um suor frio corria em abundancia.

O velho volveu para ella um olhar que, apesar de amortecido, reflectia ainda bem evidente a mais viva expressão do seu entranhado affecto e, por um movimento de cabeça, respondeu negativamente á pergunta.

—Coitado!—proseguia Margarida, ageitando-lhe a roupa do leito—Padece muito, não padece?

O doente moveu os labios como para articular algumas palavras, mas tão sumido lhe sahia já o som, que não se podia distinguir d'um suspiro.

Margarida palpou-lhe as mãos; estavam frias, d'essa frialdade de cadaver, que desperta em nós uma repulsão instinctiva. Apesar de toda a sua corajosa affeição a este velho, a compadecida rapariga, ao sentil-as assim, ia a retirar as suas; mas impediu-a a contracção violenta com que lh'as segurou o agonisante.

Por pouco rompia um grito do seio de Margarida. Figurou-se-lhe, no primeiro momento, que um cadaver a ia prender ao sepulchro.

Venceu-se porém, e deixando a sua mão entre as mãos geladas do velho, e com a outra arredando-lhe da fronte os cabellos brancos, que em desordem a cobriam, continuou:

—Jesus, que soube o que é padecer, ha de ter compaixão de si. Elle lhe dará o allivio.

O velho fez um esforço, e fitando em Margarida um olhar, ao mesmo tempo de dôr e de saudade, murmurou a custo e com voz cortada pela respiração:

—Sim... allivio, na morte.

—Não diga isso.—replicou Margarida, procurando sorrir, mas tremendo-lhe os labios de compaixão—Como perdeu assim a esperança? Pois não se lembra de, ainda ha dias, combinarmos dar uns passeios, que lhe hão de fazer muito bem? Havemos de ir breve; vou eu, a Clara, e o snr. reitor tambem vai, que já m'o prometteu. Ha de ser á ermida da Senhora da Saude. Se soubesse como lá é bonito! A vista segue, segue por cima de campos, de devezas, de aldeias, e tão longe, tão longe, que só pára no mar. Não se póde estar doente alli; verá.

Um sorriso, sorriso de gratidão e de amargura tambem, se desenhou nos labios descórados do velho, um sorriso como póde ser o dos agonisantes—triste, desalentado, desconsolador.

—Então parece-lhe que não ha de gostar do passeio?—proseguiu Margarida, a quem fazia mal vêl-o sorrir assim—Que medos são esses agora? Quantas vezes tem já estado, como está hoje? senão peior ainda; e depois melhora. Olhe, vou dizer-lhe uma cousa. Está para poucos dias o casamento de Clara. É preciso pôr-se bom para esse tempo.

O doente tomou uma expressão e agitou os labios, como procurando fallar.

Margarida inclinou o ouvido attenta, para conseguir percebel-o. Entendeu-lhe estas palavras mal distinctas:

—Não, nunca senti isto...

—Que o afflige então?—perguntou Margarida.

—Não sei... é aqui...—e com difficuldade elevou a mão ao peito; depois accrescentou:—É a morte.

E, dizendo isto, fechou os olhos, como se extenuado pelo esforço.

—Bem sei tambem do que ha de ser isso—proseguiu Margarida, depois de uma pequena pausa—É de estar assim tão sumido pela cama abaixo. Quer que o levante?

O velho fez um signal de assentimento.

Margarida segurou então por baixo dos braços aquelle corpo enfraquecido e descarnado; e suavemente, com um cuidado de mãe, com a arte instinctiva na mulher, elevou-o para a cabeceira. Mas o aspecto que iam tomando as feições do doente, á medida que ella o levantava assim, intimidou-a e tanto, que precisou de fechar os olhos com medo de que lhe falhassem em meio as forças, a que a piedade déra alento.

A pallidez augmentava n'aquelle rosto desfigurado; afastavam-se-lhe os labios para respirar; cada expiração era acompanhada d'um gemido.

—Está peior?—dizia Margarida, sobresaltada com a mudança — Sente-se mais mal? Falle. Porque está assim afflicto? Estava melhor na posição que tinha? Quer que o ajude outra vez a descer?

E inquieta, aterrada por aquella agonia silenciosa, Margarida juntava as mãos, irresoluta no que devia fazer.

O moribundo parecia que a não escutava. Cahiu pouco a pouco n'um abatimento extremo. A mão, que Margarida lhe tomára entre as suas, já não dava signal de movimento, nem de vida.

Dissera-se, ao vêl-o agora desfallecer gradualmente, que a morte se aproximaria lenta, suave, sem paroxismos; como um adormecer, que se não presente.

De subito porém alterou-se esta placidez enganosa.

Animado d'uma energia, que contrastava com a depressão que, momentos antes, lhe paralysava os membros, tocados pelo dedo da morte, afastou impaciente a roupa e, elevando as mãos, cruzou-as sobre o peito, ao mesmo tempo que inclinava para traz a cabeça, como n'um espasmo violento.

Margarida julgou-o morto.

Apoderou-se então d'ella um terror subito e profundo. Assustou-a aquella escuridade, aquelle silencio, aquella agonia, e, soltando um grito, correu á porta para pedir soccorro.

Ao abril-a achou-se inexperadamente em face de Daniel, que, por acaso, passava alli tambem n'aquelle momento.

Estava muito agitado o espirito de Margarida, para que a presença de Daniel produzisse n'ella a impressão, que, em outras quaesquer circumstancias, produziria.

No homem, que mais podéra influir-lhe no coração, ella só viu, n'aquelle momento, o medico, o soccorro que lhe enviava talvez a Providencia; e, com as lagrimas nos olhos e as mãos juntas, caminhou para elle, sem hesitação, sem timidez, cheia de confiança.

—Por amor de Deus, snr. Daniel, acuda a este infeliz, que morre!—dizia ella, commovida.

Daniel, surprehendido ao principio pelo inexperado apparecimento de Margarida, n'um instante recebeu o contagio abençoado da generosidade d'aquella alma.

A mais leviana cabeça curva-se diante da manifestação sincera d'uma dôr assim; o coração mais voluvel deixa-se penetrar do influxo mysterioso da sympathia e cerra-se a outros motores menos desinteressados.

Daniel comprehendeu toda a nobreza d'aquelle sentimento e sentiu-se arrastado por ella.

—Que aconteceu, Margarida?—perguntou elle, olhando com attenção para aquellas feições, que se recordava já ter conhecido na infancia, e agora duplamente realçadas pela poesia dos vinte annos e pela poesia da tristeza—O que a assusta assim?

—Venha, venha—respondeu Margarida;—foi Deus, que o trouxe aqui! E tomando-lhe a mão por um movimento, ao qual a menor vacillação de suspeita não alterava a firmeza, conduziu-o á cabeceira do moribundo.

—Veja!—disse ella então, deixando a mão de Daniel—e salve-o, se poder.

A agonia de morte, com que n'aquelle momento luctava o ancião, não permittia conceber esperanças; um simples olhar revelou a Daniel toda a verdade.

—Salval-o?!—murmurou, sorrindo tristemente e apalpando-lhe o pulso, quasi sumido.

—Allivial-o ao menos!—disse Margarida—Pois não haverá nada, que lhe diminua esta ancia?

—As suas orações talvez, Margarida. Tente.

Margarida cahiu logo de joelhos, e com as mãos erguidas e os olhos, d'onde lhe corriam as lagrimas, fitos no rosto do agonisante, murmurou uma prece fervorosa.

Daniel, em pé, do outro lado do leito, contemplava-a com affecto. Não havia muito tempo que, n'aquelle mesmo logar, elle tinha visto Clara; mas que diversa e mais profunda era a sensação, que recebia agora!

A dôr, a compaixão, a fé pareciam transfigurar o melancolico vulto de Margarida; dar vida áquellas feições de ordinario serenas; fulgor, áquelles olhos, languidamente scismadores; movimento aos labios, que de costume a meditação contrahia.

A vida latente d'essa natureza delicada e sensivel revelava-se em occasiões d'estas. Como que um raio de luz divina descia então sobre aquella belleza, que a luz da terra illuminava mal.

Sentia-se vontade de ajoelhar diante d'ella; a alma toda ia n'esta contemplação, quasi extatica. Nunca mais se apagava da memoria a imagem da sympathica rapariga, vista uma vez sob tão prestigioso aspecto.

Luctando entre a paixão e o respeito, entre o amor que sentia nascer em si, vehemente como nunca, e um vago enleio de timidez, novo para elle, Daniel não podia tirar os olhos d'aquella saudosa figura de virgem em oração, que lhe parecia quasi sobrenatural.

A agonia do velho acalmou, como se por effeito das preces de Margarida. Foi, pouco a pouco, decahindo da anciedade n'um profundo abatimento; a respiração fazia-se a custo e com grandes intervallos; a cabeça pendia-lhe desfallecida. Depois os olhos, já embaciados, voltaram-se lentamente para o logar, onde Margarida resava ainda; agitaram-se-lhe os labios como a balbuciarem um nome—o d'ella—; um sorriso de suave placidez cobriu aquellas feições como do reflexo da felicidade suprema, e uma lagrima, a ultima, rolou-lhe pelas faces, vagarosa, solitaria.

—Veja, veja—disse em voz baixa Margarida para Daniel, sem desviar o olhar do rosto do velho, onde estas mudanças se succediam rapidas.

Daniel inclinou-se sobre o peito do moribundo, e conservou-se por algum tempo assim.

Ao erguer de novo a cabeça, apenas disse:

—Está morto.

Ao ouvir esta fatal palavra, Margarida, suffocada de pranto, apoderou-se da mão do seu velho amigo, cadaver já, e cobriu-a de beijos e de lagrimas.

Reinou por algum tempo o silencio na sala. Interrompia-o apenas o soluçar da affectuosa rapariga.

—Margarida—disse-lhe emfim Daniel, que estivera presenciando mudo aquella dôr generosa—é diante d'este cadaver, que lhe vou fallar agora. Foi Deus que me trouxe a esta casa. Disse-o ha pouco, não disse? E foi; creio agora que foi. O logar é para mim tão sagrado, como o interior de um sanctuario. Não é verdade que ninguem teria coragem para mentir aqui, Margarida? Não é verdade que ninguem póde receiar do seu coração, quando o interroga n'um momento como este, e o sente forte? É pois aqui, é n'este momento, que eu lhe repito, que eu lhe venho jurar que a amo, Margarida.

—Oh! cale-se, cale-se!—exclamou sobresaltada Margarida, sem levantar o rosto para elle.

—Para que me manda calar? Levará tão longe a sua desconfiança, que possa acreditar que até n'este momento lhe minto, que nem a promessa, feita sobre este leito, para mim consagrado pela sua generosidade, que nem essa saberei respeitar?

—Por compaixão, por misericordia, cale-se—dizia, com maior vehemencia, Margarida, elevando agora para elle as mãos juntas e os olhos banhados de lagrimas.

—Margarida!—repetia Daniel.

—Não vê que é um sacrilegio quasi isso que está a dizer? Repare, veja onde está; olhe o que nos separa. Oh! cale-se!

—É a solemnidade do logar e do momento, que me anima a fallar-lhe. Não duvide de mim, Margarida. Será preciso que lhe lembre o tempo passado? será preciso, que lhe falle da infancia, Guida! da infancia que passamos juntos?

—A mim? Serei eu a que preciso de avivar lembranças? —disse involuntariamente Margarida, n'um tom quasi de amarga exprobração; mas, reprimindo este movimento, que não soube disfarçar a tempo, accrescentou com desespêro:—Que quer de mim?

—A sua confiança, a sua estima; juro-lhe que a mereço. Pela primeira vez, faço sem hesitar este juramento. Alguma cousa se passou no meu coração, que me fez outro homem. Acabou o louco sonho de dez annos, que andei sonhando. Despertei hontem. Agora sou o mesmo Daniel, que d'aqui partiu, deixando na aldeia alguem, que do alto dos montes olhava

com tristeza para a estrada, que o constrangeram a seguir, estrada que, elle tambem, regou com lagrimas de saudades. Guida, não me perdoará as loucuras d'este sonho mau? Não m'as perdoará em nome do passado? Falle.

Margarida não respondia.

—Diga, que devo eu fazer para adquirir de novo essa estima, que perdi? Peça-me sacrificios, peça-me provas; mas não me feche assim de todo o coração. É generosa para com todos, e só para mim...

—Que quer?—disse Margarida, afastando com as mãos tremulas os longos cabellos negros, que se lhe haviam desprendido pelos hombros—Que me vem pedir aqui? Para que vem lembrar-me o passado, que primeiro do que eu, deixou esquecer? Deseja a minha estima, a minha confiança... Confiança em quê? No seu caracter?... bem sabe que não desconfio da nobreza d'elle; no seu coração?—e a voz tremia-lhe ao accrescentar:—ai, no seu coração... para que deseja que eu me occupe do seu coração, Daniel? Por piedade não me falle assim! Se soubesse o mal que me faz, se soubesse... Ó meu Deus! eu a dizer isto e este cadaver a pedir-nos orações! Daniel... snr. Daniel, peço-lhe que me deixe resar.

—E vai resar com a alma cerrada aos sentimentos de piedade, Guida?

—Daniel!—repetia Margarida, quasi supplicante.

N'aquella posição, com aquelle olhar, pronunciando-lhe assim o nome, tão sentida e singelamente, a sympathica pupilla do reitor acabou por dominar de todo o coração de Daniel.

—Margarida!—exclamava elle—não vê que essa desconfiança me mata? Por piedade!

Margarida julgou perceber não sei que de sentido e de apaixonado na voz e no gesto, que a imploravam assim.

Olhou algum tempo para Daniel, irresoluta; ia talvez estender-lhe a mão, e revelar emfim o seu segredo de tantos annos; o mesmo pensamento porém, que a obrigára a guardal-o até alli, fel-a recuar mais uma vez.

Mas Daniel tinha-lhe percebido já a hesitação; bastou-lhe um instante para convencer-se de que não era com a indifferença, que teria a luctar. Alentou-o esta ideia. Emquanto que Margarida recuava, elle, cada vez mais proximo, ia de novo a repetir a supplica.

N'este momento as mãos, que o velho Alvaro conservava ainda cruzadas sobre o peito, desunidas agora pela morte, vieram cahir inertes no leito, de cada lado do corpo.

A esta apparencia de animação no cadaver, a este movimento inexperado como para separal-os, Daniel recuou, estremecendo, e Margarida soltou um grito, occultando o rosto com terror.

N'este tempo abria-se com violencia a porta da sala e apparecia no limiar a figura do parocho.

—Que é isto?—perguntou elle, ouvindo o grito de Margarida, e alternando um olhar inquieto entre ella, ajoelhada ainda, e Daniel, pallido e em pé, do outro lado do leito.

—É uma vida de tormentos que findou—respondeu Daniel, indicando com um olhar o cadaver do velho.

Então o padre caminhou lentamente até junto do leito, onde um feixe de luz, entrando pela porta que ficára aberta, vinha illuminar a cabeça do morto; contemplou-a por algum tempo com tristeza; depois, ergueu os olhos e as mãos para o céo, e principiou com voz pausada e clara a recitar:

—*Requiem æternam donne ei, domine! Lux perpetua luceat ei. Requiescat in pace. Amen.*

Cedendo á influencia da voz, do gesto e da sincera compuncção do reitor, ao recitar a oração mortuaria, Daniel ajoelhára.

O reitor continuou por algum tempo resando ainda em voz baixa. Depois baixou melancolicamente os olhos outra vez para a physionomia serena do morto; consolou-o aquelle reflexo de felicidade, que julgou perceber n'ella. Em seguida, voltando as vistas para Daniel e Margarida, que se conservavam ainda ajoelhados, suspirou.

Cedo porém veio um sorriso illuminar as feições do parocho. Ergueu novamente as mãos, como a invocar a influencia do céo, e sem que os dous o presentissem, cobriu-os com a sua benção.

Quando, passado algum tempo, sahiu com a sua pupilla da casa, em que estas scenas se passaram, ia a sorrir de satisfação o reitor. É que lá lhe parecia que tinha sido uma inspiração divina aquella benção dada alli, e que não podia deixar de ser efficaz, para o que elle meditava.

XLII

Muito antes da hora, á qual o reitor viera encontrar Margarida abandonada das suas discipulas e, possuido de indigna-

ção, a constrangera a acompanhal-o em passeio pelos caminhos da aldeia, sahia Clara do cemíterio parochial, onde fôra visitar a sepultura de sua mãe. Caminhava, vagarosa e pensativa, a irmã de Margarida, por a alameda contigua, e tão distrahida ia que, ao passar pela porta lateral da igreja, não reparou que uma sua conhecida, e nossa tambem, a estava observando de lá.

Era a snr.ª Joanna, que, achando-se com vagar aquella manhã, resolvera cumprir uma antiga promessa a Santa Luzia, que a livrára, havia mezes, d'uma impertinente doença d'olhos. Outra causa porém além d'esta, e menos piedosa, a impellira a uma devoção tão matinal.

Depois da altercação, que valentemente sustentára na vespera com a tia Josepha da Graça, a criada de João Semana, de volta aos lares domesticos, lembrou-se de muita cousa, que lhe podia ter dito, e que na occasião não lhe occorrera.

Isto, que succedeu a Joanna, quer-me parecer que ha de ter já succedido tambem ao leitor; quasi sempre as grandes, as boas lembranças, os argumentos mais felizes para fazer emmudecer adversarios, veem-nos extemporaneos, quando a discussão findou; salteam-nos á mesa do jantar, visitam-nos á cabeceira do leito, luminosos, mas tardios.

A snr.ª Joanna ganhou pois vontade de ter novo encontro com a sua contendora, para a mimosear com a formidavel *addenda* de amabilidades, que lhe estavam occorrendo, a todo o instante, e cada vez mais preciosas.

Frustou-se porém este plano, porque a beata tinha sido chamada aquella manhã por suas devoções a uma outra igreja.

Joanna ia já a retirar-se desconsolada, quando avistou Clara na alameda.

Vendo que não era percebida por ella, chamou-a.

—Falle á gente. Então que modos são esses agora? Passa por uma pessoa, como um cão por vinha vindimada!

—Não a tinha visto—disse Clara, parando á espera d'ella.

E ambas continuaram depois por o mesmo caminho.

—Então que doudices foram aquellas lá por casa?—perguntou Joanna, que não era para rodeios e ia logo direita ao fim que tinha em vista—Aquillo é cousa que se faça? Ainda se fosse comsigo não me admirava eu tanto, mas com a Guida!

Clara ficou surprehendida, com o que ouviu a Joanna. Margarida, para acalmar á irmã os escrupulos em acceitar o sacrificio, dera-lhe a entender que, á excepção de Pedro, nin-

guem mais na aldeia suspeitava a scena do quintal. Agora adquiriu ella a certeza do contrario.

—Então você sabe?...—perguntou timidamente, não ousando olhar para Joanna.

—Se eu sei! E quem não o ha de saber, filha, se por ahi não se falla em outra cousa?

—Que diz, Joanna?!

—Pois que cuidava? Ai, está bom, está! é o que eu digo! Ahi tem que hontem... Mas a mim ainda me custa a crêr!... pois a Guida?...

—Joanna! por quem é, não falle d'essa maneira. Se soubesse...

—Pois não fallo, não... Ainda que de eu fallar não é que vem o mal. Assim não andassem por ahi outras linguas damnadas...

—Então dizem?... Ó meu Deus! meu Deus!

—Dizem tudo, e mais alguma cousa; é o costume. Pois ainda ahi está? Bem o digo eu!

—Jesus Senhor! E fallam da Guida?!

—Que dúvida! Ha lá manjar mais doce para estas boquinhas cá da terra, do que uma novidade d'aquellas? Fállam d'ella, e d'um modo, que já me fizeram ferver o sangue. Olhe que estive para obrigar uma das taes a engulir a lingua peçonhenta, a vêr se a envenenava com ella. Ora imagine a Zepha da Graça a contar a historia e veja lá o que não diria!

Clara occultou o rosto com as mãos; a dôr e a desesperação estavam-a torturando.

—E então o peior não é isso—continuava Joanna.—O peior é que a essas desalmadas metteu-se-lhes em cabeça, que as filhas corriam perigo, continuando a ser ensinadas por a sua irmã; e é de crêr que já hoje... Mas veja aquellas tolas, que o mais que sabem é estragar os filhos com maus exemplos e com más palavras, a fazerem-se agora de escrupulos! Impostoras!

—Oh! isto é de mais!—bradou Clara, tremendo de indignação.

—A Rosa alfaiata, por exemplo—proseguiu Joanna.—Ora digam-me se não é mesmo d'uma pessoa perder a paciencia, ouvir aquella desbocada com medos de que lhe estraguem a filha? a filha, que se não sahir das que nem o demonio quer, não ha de ser por falta de diligencias que faça a mãe para isso.

Clara não podia já reter as lagrimas.

—E a Joaquina do Moleiro? Pois não querem vêr aquella senhora tambem com delicadezas? Ora isto! Isto é d'uma pessoa morrer com riso. A Joaquina do Moleiro, que eu conheci... Cala-te bôcca.

E por esta fórma continuou a snr.ª Joanna fazendo a severa critica das suas escrupulosas patricias e augmentando, sem o saber, a grande afflicção, em que estava Clara.

Ao separar-se da velha governante de João Semana, ia Clara com uma resolução formada, a qual se lhe podia adivinhar na firmeza do olhar e na expressão do semblante.

—É de mais—murmurava ella—vou procurar Pedro; vou dizer-lhe tudo; quero que todos saibam...

Ia pensando n'isto, quando se achou em frente dos dous irmãos, que se aproximavam, conversando affectuosamente. Daniel vinha pallido; voltava n'aquelle momento da entrevista, que inexperadamente tivera com Margarida.

Ao vêl-o assim de subito, faltou a Clara coragem para cumprir o que tinha resolvido.

Só com Pedro teria animo para a confissão, mas, diante d'ambos!... Era de mais para as suas forças. Calou-se.

Passadas algumas horas, voltou ella a casa e entrou na sala, em que estava já Margarida, o reitor e José das Dornas.

Este ultimo tinha ares meditabundos, como se estivesse ponderando ideias graves e não sei que mysteriosos planos.

Clara foi direita á irmã. Trazia ainda no rosto toda a indignação causada por o que tinha ouvido a Joanna e depois vira confirmado já. Tinham-lhe contado a offensa que a irmã recebera aquella manhã, não lhe apparecendo discipulas; conservava ainda vermelhos os olhos de tanto que, por isso, havia chorado.

Chamando Margarida á parte, disse-lhe com voz tremula de raiva:

—Margarida, estou resolvida a acabar com isto. Não devo, não posso, não hei de consentir que assim te percas por mim. Vou dizer tudo. Se tu és forte, eu tambem tenho forças; menos para isto, para te vêr assim insultar, Guida, minha pobre Guida!

E as lagrimas saltavam-lhe dos olhos, ao abraçar a irmã.

—Cala-te, cala-te, não digas loucuras. Se soubesses?... Olha, já estou de bem com essa gente toda, essa pobre gente, que é boa no fundo a final, coitada. Ainda agora...

E Margarida contou, com sorrisos, toda a scena do largo.

—Pois sim—disse Clara depois de ouvil-a—mas ficarão

suspeitosos; ouvirás ditos, viverás debaixo das desconfianças d'esses, que, todos juntos, te não valem, Guida; e isso não me deixaria socegar. Ora dize-me se, por alguma cousa no mundo, acceitarias de mim um sacrificio tamanho?

—Quem sabe?—disse Margarida, fazendo por sorrir e depois accrescentou:—Outra cousa me afflige n'este momento mais, bem mais, que tudo isso. Não sabes que morreu o nosso pobre amigo?

—Sei; soube-o de Daniel, que vinha de lá.

—Pois fallaste-lhe?—perguntou Margarida, baixando os olhos, por se lembrar da scena, que no capitulo antecedente descrevemos.

—Fallei. Foi elle que me disse que tinha morrido aquelle infeliz. Fui-lhe resar junto do leito. E lá, outra vez, aconselhou-me Deus, que não abandonasse a minha ideia.

—Então que ideia tiveste tu?—perguntou Margarida.

Clara continuou:

—Guida, agora isto em mim é decidido. Ou tu acceitas o offerecimento de Daniel, ou eu digo tudo.

—Douda; nem me falles n'isso.

—Agora, juro-te, pela salvação da minha alma, que é tenção firme, e que te não darei ouvidos, Guida.

—Clara!

—Juro-t'o.

—Queres fazer-me desgraçada?

—Quero fazer-te feliz.

—Matavas-me.

—Á morte te estás tu a dar com esse teu genio, Guida. Esse teu bom coração consome-se assim. Queres fingir-te mais forte do que és. Escondes-te para chorar. E olha, quando se não chora, parece que as lagrimas nos cahem todas cá dentro e queimam; e o padecimento é então de morte.

—Estás enganada, Clara; a gente costuma-se a final a tudo, até á tristeza.

—Para que estás tu a mentir-me assim? Aprendi mais de ti n'estes dous dias, do que em tantos annos, que te conheço. D'antes eu dizia como todos:—Esta minha irmã é feliz no meio das suas tristezas; vai tanto socego n'aquella alma, que a vida para ella deve ser como um dormir de creança, em que se não fazem sonhos maus; mas hontem, ó Guida, como te vi eu hontem! Eu, que tenho este genio forte, nunca me senti assim. Imaginei o que ia pelo teu coração n'aquelle momento, minha boa irmã, e assustei-me! Mas inda isso não

era nada. Que horas terão havido na tua vida de vinte e tres annos, minha pobre Guida? o que terá ido lá por dentro, n'esse coração, que não abres a ninguem?! Nem a mim, Guida, que precisei de advinhar-t'o, se quiz. É mal feito. Mas, cada vez que penso n'isto, cada vez que me lembro de quanto terás chorado, escondida, de quanto terás penado, calada, sinto quasi que terror. Não era sem causa essa distracção, em que tantas vezes cahias, e que me fazia rir. Que cega, que eu era, e que má, sem o querer ser, ao rir assim! Quantas vezes estarias tu soffrendo, como eu nem penso que se soffra, e eu a rir-me! Perdoa-me, Guida, perdoa-me aquella maldade; mas bem vês que eu não te conhecia bem. Não, tu não és de gêlo, como dizias. Quem sabia perdoar, como tu, e desde bem pequena principiaste a fazel-o! quem sabia como tu estimar e proteger uma irmã, podia lá ter fechado o coração para o mais? para o amor? E que amor que lá guardas, ha tanto! e que inda agora queres abafar; como julgas que o has de fazer, douda? Que has de tu pôr no logar d'elle?

—A tua amizade, Clara—redarguiu Margarida, beijando-a, sensibilisada.—Essa me bastará. Amava-te já muito, minha filha, mas agora sinto que inda hei de vir a amar-te mais. Até aqui, estremecia-te como a uma creança bonita, meiga, carinhosa e—accrescentou com um leve sorriso—com suas perrices tambem. Tudo o que nos agrada, que nos enfeitiça nas creanças, agradava-me, enfeitiçava-me em ti. Mas agora, Clara, appareces-me outra. Como se aquelle momento de dôr, que passaste, te fizesse de repente mulher, fallas-me, como ainda te não ouvira; sentes, pensas, e... adivinhas até, como julguei que nunca o farias. Agora sim; vejo que terminou a minha tarefa de protectora, a tarefa, de que tua mãe me encarregou. Estás uma mulher, Clarinha. Agora posso tomar-te por confidente e conselheira até. Tens direito a sel-o, tu, a unica pessoa, que me adivinhou. É teu o meu segredo... porque m'o roubaste, vamos. Vê, que já me não envergonho de dizer-te, que me adivinhaste. Sim, é certo que este... esta loucura viveu commigo, cresceu commigo e quem sabe até se commigo morrerá? é uma companhia a que me affiz, mas nunca deixei de a conhecer pelo que ella é, uma louca. Estou como aquella viuva do Outeiro que rodeia de cuidados e amor o filho doudo que tem. E queres agora que vá assim arriscar o meu futuro, o futuro do meu coração, que é o que eu mais préso, para satisfazer esta loucura? Dize: não, tu não has de exigir isso de

mim. Promette-me sempre a tua amizade de irmã, e eu serei... feliz...

—Não serás; nunca o foste. Agora sou eu, que devo ordenar. A minha tenção é firme.

—Então, Clara!

—Escolhe. Não sejas má comtigo e com elle.

—Com elle!—repetiu Margarida, sorrindo amargamente.

—Com elle sim, que te ama.

—Para que affirmas o que sabes que é mentira?

—Não é. Ha pouco vi-os, como te disse; vi-os, a Pedro e a Daniel, encontrei-os por acaso. Ai, Guida, que momento aquelle! Se soubesses como tremia! Eu a vêr Pedro constrangido diante de mim! sem poder dizer-me uma palavra; ai, como me custou fingir! Não sei o que me não deixou lançar-me aos pés d'elle e pedir-lhe perdão. Depois o Pedro retirou-se para o lado. Daniel então fallou-me de ti, disse que viera conversando com o irmão a teu respeito. Pedro teimava com elle para que casasse comtigo; e Daniel respondia-lhe, commovido, que seria para o seu coração grande ventura, mas que tu recusáras. Que elle via agora a razão porque tão de repente te amára assim...

—Deve ser uma razão, bem conhecida d'elle, que tantas vezes a tem sentido com outras—observou Margarida, com a mesma expressão de amargura.

—Não digas isso, má. Daniel recordava-se de tu teres sido a sua companheira, em creança; lembrava-se que fôra quem te ensinára a lêr, quando te ia procurar ao monte, onde, sósinha, passavas os teus dias a guardar os rebanhos de nossa casa.

Margarida suspirou, ao vêr assim avivadas as imagens d'aquelle tempo.

—De tudo se lembrava Daniel, e tudo me repetia, o que cantavas, o que lhe dizias, os vossos projectos e até os vossos arrufos. E affligia-se o pobre rapaz tanto, que se o visses, Guida, se o visses... depois, quando se recordava da maneira porque respondeste ao seu pedido, e de como havia pouco, dizia elle, o tinhas outra vez rejeitado; quando pensava em que o não amavas já, ficava tão triste, que mettia pena. E eu então... disse-lhe:

—O quê? meu Deus!

—Disse-lhe... que tu o amavas.

—Ó Clara! que foste fazer?—exclamou Margarida, juntando as mãos.

—O que devia. De que servem esses fingimentos? Pois não o amas tu devéras?

—Ai, Clara, Clara; não te perdôo isso, não.

—Nem eu quero que m'o perdoes, has de agradecer-m'o. Se visses como elle ficou quando eu lhe contei tudo; porque eu contei-lhe tudo. O teu chôro d'hontem de manhã, como eu te fui achar, o que te disse, o que me respondeste, tudo emfim. Parecia-me um louco, o rapaz; abraçava-me, ria... Depois eu propuz-lhe que viessem, elle e o irmão...

—Que viessem?...

—Que viessem commigo.

—Aonde?

—Aqui.

--Aqui e então?

—E então vieram. Estão n'aquella sala, esperando.

—Ó Clara!

—Pois não fiz bem? Agora vaes dizer que sim, quando elle de novo te propozer...

—Não, nunca o direi.

—Como quizeres. Mas lembra-te do que eu te jurei.

—Clara!... Clara!... minha irmã!... minha amiga!... repara ao que me queres obrigar. Pois força-se alguem a uma cousa assim? Dize: Queres que eu me abaixe a...

N'este ponto foram interrompidas por José das Dornas e pelo reitor, que, depois de muito conferenciarem, se aproximaram d'ellas.

—Vocês perdoem, se eu lhes interrompo a conversa, raparigas; mas é que tenho que fallar a Margarida—disse José das Dornas, afagando com as mãos a copa do chapéo, e dando mostras de embaraçado.

As duas irmãs olharam attentas para o velho lavrador, que proseguiu:

—Margarida, o meu filho Daniel é um estouvado.

Margarida desviou os olhos, perturbada.

José das Dornas, vendo isto, julgou que teria principiado mal, e dirigiu ao reitor uma interrogação muda. O padre fez-lhe signal que continuasse, e elle continuou:

—Desde creança o conheci assim. A quem sahiu é que eu não posso saber. Lá que com os seus estouvamentos e as suas estroinices désse cabo da saude e da legitima materna, era uma pena, mas emfim...—accrescentou, encolhendo os hombros—entre Deus e elle se decidisse esse negocio. Mas agora, que venha perder e inquietar os outros com as suas

asneiras, isso é que é muito feio; e eu não estou resolvido a soffrer-lh'o. Muito menos então, quando essa outra pessoa é a perola cá da nossa terra... Todos o dizem. Escusa a menina de fazer esse signal com a cabeça; que não se precisa cá do seu consentimento para nada.

E ao dizer isto, José das Dornas olhava, sorrindo, para o reitor, em cujo semblante havia tambem um sorriso de satisfação.

O lavrador proseguiu:

—Ora muito bem. Mas o rapaz é que não entendeu isto assim e pelos modos...

—Bem, bem; adiante. O que aconteceu todos nós sabemos, vamos adiante—atalhou o reitor, que vira formar-se na fronte de Clara uma ruga, que elle julgou prudente alisar a tempo.

—É verdade; pois agora de duas uma, ou elle, para remediar o mal que fez, lhe vem aqui pedir para a menina o acceitar por marido e, se a menina lhe quizer fazer esse favor, tudo se remedeia e eu recebo por filhas, logo d'uma assentada, as duas melhores moças da terra, ou então... ou então, ao poder que eu possa, parte-me já o rapaz para o Brazil ou para fóra d'aqui pelo menos; porque já não estou para vêr por causa d'elle alguma desgraça cá na terra.

Clara inclinou-se ao ouvido da irmã para lhe dizer:

—E lembra-te que o culpado, que tens de sentenciar, não está longe d'aqui.

—Ora é preciso que se saiba—accrescentou o lavrador—que isto não é só lembrança minha; não, senhores. Deus me livre de lhe querer dar á força um noivo, que a não estimasse, como merece; mas, pelos modos, o rapaz tem sua inclinação por a menina, porque emfim...—e aproveitou esta reticencia para um sorriso benevolente—foi geito que tomou em pequeno. Amores antigos... Lembra-se, snr. reitor, que por causa d'esta é que o rapaz não nos canta hoje missa? porque dizia elle, já então, que havia de casar com a menina.

—É verdade, é verdade—respondeu o reitor em tom igualmente jovial—tinha cousas o rapaz!

E os dous velhos desataram a rir, com todas as véras do coração.

—Pois emfim—disse em seguida o lavrador—ás vezes são cousas talhadas por Deus. Deixe lá. O casamento e a mortalha... lá diz o rifão. Eu cá tenho o meu palpite, que, se a menina acceitar, o rapaz toma emenda, o que para elle era

uma felicidade, porque, a Margaridinha bem o sabe, isto de cirurgiões e medicos quer-se gente séria, ou não fazem nada. Por isso, resta saber se a menina acceita, porque se não, adeus! faço uma figa ao amor de pae e não descanso sem pôr o rapaz fóra d'aqui. Pense n'isto a menina, e quando Daniel voltar...

—Nada de pensar mais tempo—exclamou Clara, não podendo já reprimir a alegria, que lhe tinham causado as palavras do lavrador.—As cousas querem-se decididas depressa; tambem é mau pensar de mais. Vem-nos de Deus ás vezes certas lembranças, que se perdem, se pensamos muito... Eu vou buscar o noivo.

E aproximando os labios dos ouvidos de Margarida, a qual se conservava ainda calada e com os olhos fitos no chão, disse-lhe:

—Vê lá agora o que vaes fazer; olha que tu a dizeres que não e eu a contar tudo, como foi. Ouviste?

E, sem esperar resposta, correu á porta e fez signal para dentro da sala immediata.

D'ahi a pouco, entraram Pedro e Daniel.

—Ah! estavam ahi?! Pois melhor!...—disse José das Dornas, ao vêl-os.

O reitor sorria de esperanças.

Daniel aproximou-se de Margarida, que tremia, sobresaltada.

—Margarida—disse Daniel com timidez—venho renovar um pedido, que hontem lhe fiz aqui mesmo e que já hoje lhe repeti; peço-lhe...

—Ai, pois elle já?...—disse José das Dornas para o reitor.

—Já, já; mas cala-te, homem—respondeu este, ancioso por ouvir a resposta da sua pupilla.

Durante esta interlocução dos dous, havia Daniel acabado de formular o seu pedido.

Margarida ficou por algum tempo silenciosa. Ergueu lentamente os olhos para Clara, viu-a pallida e notou-lhe no rosto um ar de firmeza, que a assustou. Conheceu que era inabalavel a resolução, que ella formára. Margarida dirigiu-lhe ainda um gesto de supplica; Clara respondeu-lhe com um movimento de recusa, ambos tão rapidos e tão subtis, que só por ambas podiam ser percebidos.

—Então... minha filha?—disse, quasi a medo, o reitor, já pouco tranquillo com a hesitação de Margarida.

Emfim, com voz tremula e mal percebida, ella respondeu:

—Que direito tenho eu de recusar uma proposta... tão... generosa. Acceito.

Na maneira de dizer aquelle—*generosa*—ia toda a censura.

—Ainda bem!—exclamaram os presentes, menos Daniel, porque este apoderára-se da mão de Margarida e apertando-a na sua, beijou-a com paixão.

Margarida estremeceu e...—vão lá agora acreditar na firmeza do coração humano, quando jura cerrar-se ás branduras do sentimento e ás explosões da paixão!—e, por um d'esses movimentos irresistiveis, por uma d'essas resoluções, com que se dá no amor o passo tremendo e decisivo das confidencias, correspondeu a Daniel, apertando-lhe tambem a mão.

N'este momento passou na rua uma rapariga, cantando:

De pequenina nos montes
Nunca tive outro brincar,
Nas canceiras do trabalho
Meus dias via passar.

Daniel olhou para Margarida, que d'esta vez não desviou tambem o olhar.

E agora como que o passado inteiro, aquelle passado de ambos, lhes appareceu com o prestigio da saudade e dourou-se-lhes o futuro com o fulgor das esperanças.

Estes pensamentos trouxeram-lhe sorrisos aos labios, e a confiança ao coração.

Margarida, alvoroçada com as novas sensações recebidas, voltou-se para a irmã, que sorria, porque lhe estava a lêr na alma.

Margarida córou, e retirando a sua da mão de Daniel, foi esconder a fronte entre os braços de Clara.

—Então?—disse-lhe esta ao ouvido—devo pedir perdão, ou alviçaras, minha teimosa? Ora dize-me se o que sentes agora no coração te causa grande dôr e se te obriga a querer-me muito mal, por o que fiz?

Margarida respondeu-lhe, apertando-a ao seio.

Era feliz n'aquelle momento.

N'isto ouviu-se uma voz que bradava da rua:

—Ó reitor! ó abbade! Ouves? Ó padre Antonio! Ó homem!

O reitor chegou á janella, a verificar quem era; com quanto tivesse já, pelo estylo, quasi conhecido o homem.

—Ah! és tu, João Semana? Sóbe.

—Nada, nada; desce tu, que tenho que te fallar.

E João Semana dizia isto com a voz sobresaltada e o gesto assombrado de inquietação.

—E eu digo-te que subas.

—Não subo tal; o que tenho a contar-te não se póde contar ahi.

—Ah! já vejo que ouviste tambem a historia do dia!— disse o reitor, que suspeitou do que se tractava.

—Ouvi, ouvi e o que me parece é que tu a não sabes toda, abbade; se a soubesses, não estavas ahi com tantas pachorras.

—Achas? Pois eu não me sinto hoje de maré para me afadigar. Sóbe, João Semana, sóbe.

—E se eu te disser, que emquanto tu ahi estás, muito descansado, talvez esteja a correr sangue...

—Então deixaste alguma sangria mal vedada, João Semana? Ah! ah!...

E o reitor achava deliciosa a mortificação, em que via o seu velho amigo.

—Uma figa para a graça!—disse o cirurgião contrariado —Estás hoje muito contente da vida!

—Que queres? Deu-me para aqui.

—Talvez não leves assim o dia todo. Queres saber o que ha, ou não queres?

—Quero, mas sóbe.

—Pois com os diabos, eu subo e, se a noticia estourar ahi dentro como uma bomba, a culpa é tua.

E, dizendo isto, enfiou pelo portal dentro.

Emquanto elle sóbe as escadas, direi eu ao leitor o motivo do desassocego, em que nos apparece o velho clinico.

João Semana só aquella manhã soubera do acontecido no quintal das duas irmãs, na noite da ante-vespera.

No dia antecedente andára o cirurgião por longes, aonde a fama ainda não tinha levado a noticia do escandalo. De volta a casa, Joanna, mortificando o desejo que sentia de fallar, foi d'uma discrição admiravel a esse respeito. Duas causas a moveram a isto; primeiro, o não saber ainda como poderia contar o facto, sem grande prejuizo do seu affeiçoado Daniel; depois, parecendo-lhe quasi impossivel que João Semana não soubesse já alguma cousa, deu-lhe para tomar á má parte,

o silencio, que elle guardou, e resolveu, despeitada, não ser mais expansiva do que elle.

O resultado foi sahir João Semana, no dia seguinte, ainda em completa ignorancia do occorrido. Ficou portanto surprehendido ao receber á queima roupa, em casa d'um freguez, a noticia e sob uma das feições mais pavorosas, que ella havia revestido.

Fallaram-lhe em projectos sanguinarios da parte de Pedro, na fuga de Daniel, no desespêro de Clara, sobre cuja culpabilidade havia ainda grandes dúvidas na mente do narrador.

João Semana acreditou tudo aquillo e correu a casa de José das Dornas. Perguntou por o lavrador, tinha sahido; perguntou por Daniel e depois por Pedro, obteve a mesma resposta.

Pareceu-lhe tambem vêr nos criados um ar de susto e de perturbação, que acabou de lhe fazer perder o sangue frio. Correu, em vista d'isto, a casa do reitor, tambem o não encontrou. Calculou que estaria em casa das pupillas e dirigiu-se para lá.

Imagine-se pois se o não irritaria a presença de espirito, o ar de gracejo, com que lhe respondeu o reitor! Subiu as escadas, disposto a pôr de parte todas as cautelas, e a dar a novidade sem lhe importar as consequencias.

Ao entrar na sala ficou porém immovel de admiração, com o que viu.

José das Dornas, sentado, limpava uma lagrima de satisfação; a uma janella, Pedro e Clara entretinham-se, conversando amigavelmente; a outra, Margarida escutava Daniel, que lhe estava fallando do passado e do futuro, da maneira desordenada porque se falla, em occasiões assim.

O velho cirurgião olhava boquiaberto para uns e para outros, sem saber o que pensar d'aquillo tudo; a final olhou para o reitor, que lhe pregou uma risada.

—Isto que quer dizer?—perguntou João Semana, conseguindo emfim fazer uso da lingua.

—Quer dizer, que estás convidado, desde já, para duas bôdas—respondeu o reitor, designando com os olhos os dous grupos, taes como os ultimos acontecimentos os tinham formado.

—Então, que diabo me tinham dito?...

—Ora! e tu d'essa idade ainda a engulir todas as pilulas que te impingem! É bem feito, que tambem ás vezes as recei-

tas de calibre de granada. Então contaram-te cousas horrorosas? Eu logo vi. Estava a lêr-t'as na cara; pois agora conta tu o resto da historia a essa gente e que façam o favor de se calarem por uma vez com isso.

—Melhor foi assim—disse João Semana, um pouco envergonhado da sua credulidade—já vejo que não faço nada aqui, adeus!

E ia a retirar-se.

—Espera, onde vaes tu com tantas pressas? Então não se te alegra o coração com estes espectaculos?

—Alegra, alegra... mas os meus oitenta annos é que são de mais para a alegria dos noivos. Eu, tu e José das Dornas deviamo-nos retirar, porque elles estão agora persuadidos que nunca envelhecem nem morrem, e nós estámos aqui a bradar-lhes com os nossos cabellos brancos: *Memento... et cætera, et cætera*. Diz tu o resto do latim, se quizeres.

—Isso era bom se elles se lembrassem de nós. Mas parece-me que nem deram por ti ainda. Demora-te pois, João, demora, que me has de acompanhar, e mais ao José das Dornas, em uma saude aos noivos.

—Pois vá lá—respondeu João Semana—ainda que saudes aos noivos, feitas por velhos... Sabes o que dizia o prior de S. Domingos?

Não podemos saber o que era, porque João Semana disse-o só ao ouvido do reitor, o qual não pôde suster o riso, ainda que, com um gesto de má vontade, observou ao jovial clinico:

—Valha-te Deus, homem!... quando te deixarás d'essas historias?

E o reitor, usando da familiaridade que tinha em casa, foi, elle proprio, buscar a garrafa e os copos, para a saude combinada.

N'este ponto, ouviram-se passos apressados na escada, e á porta da sala assomou a figura offegante da snr.ª Joanna, a quem não soffreu o animo, que não viesse procurar Margarida.

Encontrando tanta gente na sala e o seu amo incluido no numero, a boa mulher parou embasbacada.

—Ahi vinha outra ás vozes, como tu—disse o reitor a João Semana.

—Você que faz por aqui, mulher?—perguntou este á criada.

—Eu?...

E Joanna não sabia o que dissesse.

—Esturro tenho eu hoje no arroz—disse João Semana, rindo.

—Não ha de ter, se Deus quizer.

Clara correu a Joanna e abraçando-a com alegria, disse-lhe:

—Fez bem em vir. A Margarida vai ser feliz—olhe.

Joanna olhou e comprehendeu tudo.

—Ora, sim senhor; teve juizo uma vez aquella cabeça—disse ella, referindo-se a Daniel, de quem se aproximou, e depois em tom de familiaridade perguntou-lhe:—E então a tal senhora, que havia de mandar vir da cidade, de vestido a arrastar e não sei que mais? Olhe que esta não tem os cem mil cruzados que queria.

—Mas não vale mais que todas as outras, Joanna?

—Ora, boa pergunta! A fallar a verdade, não a merecia muito, não.

E, afastando-se um pouco de Daniel e Margarida, pôz-se Joanna a olhar para elles ambos, com ar de contentamento—dizendo depois em voz alta:

—Não que parece que foram mesmo talhadinhos um para o outro.

Os tres velhos e Pedro, Clara e Daniel riram da observação de Joanna; Margarida sorriu tambem, mas córando.

E a saude projectada entre o reitor, João Semana, e José das Dornas, fez-se, conforme o estylo, tomando tambem parte n'ella Joanna, cujo *toast* não foi o menos eloquente.

—Nunca fiz um casamento com tanta vontade!—disse o padre, esfregando as mãos.

—E fica tudo n'uma familia—observou José das Dornas, todo satisfeito.

—Isso é que é o diabo; se as duas me dão agora as avenças d'uma só!—resmungou João Semana, de maneira que todos o ouvissem, fingindo-se apprehensivo com isto.

José das Dornas, com quanto bem conhecesse que era aquillo um gracejo do cirurgião, assegurou-o que as avenças redobrariam.

Pedro, achando-se perto de Daniel, abraçou-o com expansão de alegria.

—Ou a noite de antes d'hontem, ou o dia de hoje, irmão!—dizia elle, quasi lagrimejando.

—Agora sim!—exclamou o reitor, vendo aquelles contentamentos—Agora, quando Deus me chamar a si, posso

dar contas limpas aos paes d'estas raparigas. Estou certo que deixo felizes as minhas duas pupillas.

O leitor concordará por certo em que devemos fechar por aqui a narração.

As suaves alegrias das nupcias imaginem-as, pelo que sentiram, os felizes, que na vida as gosaram já; os outros phantasiem-as pelo que tantas vezes sonham, ao pensarem no futuro.

FIM